

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA

**Congresso Nacional da Juventude Proletária, Estudantil e Popular:
A construção da organização juvenil comunista brasileira (1924-1936): questões
políticas, econômicas, organizacionais e programáticas**

Orientador: Prof^o Dr. Luiz Bernardo Murcinho Pericás.

MESTRADO

FERNANDO GARCIA DE FARIA

2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA

**Congresso Nacional da Juventude Proletária, Estudantil e Popular:
A construção da organização juvenil comunista brasileira (1924-1936): questões
políticas, econômicas, organizacionais e programáticas**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História Econômica pelo Programa de Pós-Graduação em História Econômica, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação do Prof^o Dr. Luiz Bernardo Murtinho Pericás.

FERNANDO GARCIA DE FARIA

2022

“— E quisera dizer-lhe também que estou contente por morrer criança, porque se eu vivesse muito, minha irmã que está no céu talvez me não conhecesse mais ou me esquecesse; é melhor que nos encontremos lá em cima.”

Oliver Twist, de Charles Dickens

Você tem que assumir o comando!
Frequente a escola, você que não tem casa!
Adquira conhecimento, você que sente frio!
Você que tem fome, agarre o livro: é uma arma.
Você tem que assumir o comando.
Elogio do aprendizado, de Bertolt Brecht

“— Ainda acredita na vitória da Comuna?

— Claro.

— Ele ainda acredita? Ele ainda acredita na vitória da Rússia? — pergunta o chefe alemão, e o comissário alto traduz.

— Claro. Isto não pode terminar de outra maneira.”
Reportagem sob a força, de Julius Fučík

“Quais sentimentos e quais capacidades humanas pode conservar à altura dos trinta anos aquele que desde jovem trabalhou doze ou mais horas por dia, fabricando cabeças de pregos ou limando rodas dentadas e vivendo nas condições de um proletário inglês?”

A situação da classe trabalhadora na Inglaterra, de Friedrich Engels

“As gerações maduras e mais velhas *não sabem*, frequentemente, como se dirigir à juventude, pois a juventude chegará ao socialismo de *um modo diferente, por outros caminhos, com outras formas, em outras circunstâncias* que seus pais.”

Internacional da Juventude, de Vladimir Ilitch Ulianov (Lênin)

“A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.”

O 18 Brumário de Luís Bonaparte, de Karl Marx

Sumário

Agradecimentos	06
Resumo	08
Abstract	09
Abreviaturas	10
Introdução	12

Capítulo 1: Organização internacional de jovens a partir da tradição socialdemocrata/ comunista europeia: preâmbulos e pilares (1866-1935)

1.1 A questão social como alavanca da participação política juvenil	22
1.2 A Internacional da Juventude Socialista (IJS)	36
1.3 Lênin: autonomia e preparo da juventude.....	46
1.4 A Internacional da Juventude Comunista (IJC)	57

Capítulo 2: A construção da Juventude Comunista do Brasil (JCB) — 1924-1928

2.1 Movimento juvenil antecedente e encontro de jovens anarquistas com organizações políticas	79
2.2 Organização da Juventude Comunista do Brasil, sob Luiz Peres	88
2.3 Reorganização da Juventude Comunista do Brasil, sob Leôncio Basbaum	105

Capítulo 3 — “Os meninos e povo no poder” — a FJCB e o CNJPEP — 1929-1936

3.1 Contextualização do ciclo de industrialização	133
3.2 A proletarização à brasileira da Federação da Juventude Comunista do Brasil	139
3.3 A abertura na concepção do trabalho juvenil comunista, o CNJPEP e o fim da FJCB	199

Considerações finais 220

Fontes e referências bibliográficas 225

Anexos

Estatuto do Centro dos Jovens Proletários do Brasil (1928) 237

Relatório Geral da Federação da Juventude Comunista do Brasil (1929) 242

Tese do Birô Sul-Americano da Internacional Juvenil Comunista à Federação
da Juventude Comunista do Brasil (1931-32) 246

Informe da Federação da Juventude Comunista do Brasil apresentado pelo camarada
Arnaldo no Secretariado da América do Sul e do Caribe do Comitê Executivo da IJC em 24 de
março de 1933 266

Informe do c. Marques no VI Congresso da IJC (1935) 280

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao Prof^o Dr. Luiz Bernardo Pericás que orientou esta dissertação, foi um conselheiro de primeira ordem e muito generosamente partilhou comigo a sua experiência como pesquisador, autor e historiador – algumas das lições mais importantes que tive nessa jornada do Mestrado.

À Universidade de São Paulo, reduto de resistência da educação pública, gratuita, de qualidade, laica e centro privilegiado de produção de ciência, tecnologia e inovação. Aos funcionários, agentes públicos que mediam excepcionalmente a relação dos alunos com a Universidade.

À professora Vera Lúcia Vieira que incentivou o tema e deu contribuições fundamentais. Aos professores Antônio Rago Filho e Madalena Guasco Peixoto que leram num estágio inicial e fizeram comentários que garantiram a continuidade do trabalho.

Aos colegas de sala Guilherme Sá, Luccas Maldonado, Jussaramar da Silva, Marcelle Soares com quem dividi os desafios e, juntos, passamos pela experiência do início desta jornada.

Aos professores Alexandre de Freitas Barbosa e Bernardo Ricupero que, em diálogo, sugeriram abordagens e bibliografia que enriqueceram o processo desta dissertação.

Aos componentes da banca de qualificação Prof. Antônio Carlos Mazzeo que, além de alargar o nosso campo de visão para que o desenvolvimento do texto ficasse mais adequado, também contribuiu com bibliografia e a sua vasta experiência com a história dos comunistas. E o Dr. Danis Karepovs que é um pioneiro deste tema, há mais de uma década nos ajuda com documentos, perspectivas, bibliografia, autores; e sempre aponta a importância de se tratar a história dos trabalhadores.

Aos colegas, companheiros e companheiras do Centro de Estudos e Memória da Juventude (CEMJ) Euzébio Jorge, Larissa Miho, Marcos Paulo, Karen Castelli, Livia Cândida Silveira, que conservam importante acervo da trajetória política e cultural da juventude brasileira.

Aos diretores e quadros da Fundação Maurício Grabois Adalberto Monteiro, Leocir Costa, Julio Vellozo, Altair Freitas, Javier Alfaya, Rubens Diniz, Ana Prestes, Walter Sorrentino, Nilson Araujo, Rosanita Campos, Pedro Oliveira agradeço a compreensão para o tempo de pesquisa e redação deste trabalho.

À Nereide Saviani, Renata Mielli, Ricardo Alemão Abreu, Aloísio Sérgio Barroso que em gestos, palavras e ações contribuíram para que o prosseguimento da pós graduação fosse mais leve.

Desde a confecção do projeto e por todo o processo de pesquisa e redação tivemos vários tipos de contribuições que precisam ser mencionadas. Não posso deixar agradecer ao João Quartim de Moraes a leitura atenta, os apontamentos ao projeto e as digressões que iluminaram diversas vezes os passos seguintes.

Agradecer ao Dioge Konrad pela bibliografia complementar e dicas de fontes. Aos documentos, indicação de arquivos José Luiz Del Roio e Vladimir Sacchetta. E a Ana Carolina Ramos – que leu, fez anotações e ajudou com os primeiros passos da caminhada.

Aos colegas do Centro de Documentação e Memória (CDM), pois ali apuramos o uso de documentação primária, o manuseio de fundos e coleções da história dos comunistas como ofício diário: Soraya Moura, Raisia Marques, Felipe Spadari, Breno Moreno, Luis Fernando, Maria José Borges e tantos outros que passaram por ali.

Aos pesquisadores do CEDEM Luiz Alberto Zimbarg que recomendou a “Bobina 8”, mais tarde tivemos a imensa contribuição de Solange Sousa e, mais recentemente, de Renata Cotrim.

Ao Jamil Murad e à Julia Roland, que ajudaram num momento difícil desta pesquisa.

Ao Augusto Buonicore, amigo e companheiro de CDM, com quem tanto aprendi sobre o ofício do historiador. Que fez apontamentos ao projeto, incentivou a pesquisa, cobrou o andamento, sugeriu fontes e abordagens. Não tivemos tempo para conversar sobre o resultado final.

Ao Renato Rabelo que, com sua vasta experiência política, ensina há décadas a perseverar por transformações profundas, sem prescindir da juventude como setor estratégico.

À minha família. Meus pais, Regina (*in memoriam*) e Euclides que deram as primeiras lições, a base e o apoio para que este trabalho se tornasse realidade. Ao meu irmão, Felipe, pela compreensão e pelo diálogo.

À Mariana, minha companheira e camarada: leitora rigorosa deste trabalho, apoiadora e interlocutora.

Resumo

Esta dissertação tem por objetivo descrever, sistematizar e analisar o trabalho do Partido Comunista do Brasil (PCB) entre a juventude, nos anos de 1924 a 1936. Foram utilizados três critérios de análise ao longo desse período: a composição social da organização juvenil comunista; sua tática, como forma de atrair mais jovens para o seu projeto político; e a relação da organização juvenil com o partido comunista. Buscaram-se origens da inserção desse setor nas lutas de classes, ainda no século XIX, sobretudo a partir da exploração do trabalho de jovens. As reivindicações por melhores condições de trabalho, educação e às possibilidades de uma guerra de grandes proporções, levaram à articulação de uma instância internacional de organizações juvenis de caráter socialista, em 1907. E a luta pela paz foi a principal até o início da 1ª Guerra. Após a revolução russa, a fundação da Internacional Comunista (IC) e a sua Internacional Juvenil Comunista (IJC), foi possível coordenar o trabalho dos jovens comunistas em todo o globo, inclusive no Brasil. A industrialização brasileira, submetida à divisão internacional do trabalho no período do imperialismo, suscitou uma classe operária com singularidades e diferente do processo europeu. O PCB desde a fundação, em 1922, teve a intenção de organizar “as juventudes comunistas”. O início foi de dificuldades e em seguida alcançou maior influência dos comunistas entre o proletariado juvenil e maior articulação internacional. A partir de 1929, a organização passou a chamar Federação da Juventude Comunista do Brasil (FJCB). Com a “bolchevização”, a FJCB passou por um período de sectarismo e logo fez um giro tático que colocou a luta contra o nazi-fascismo no centro da política. Com maiores possibilidades de alianças e as necessidades de organizar as reivindicações imediatas deste setor social, a FJCB protagonizou a organização do 1º Congresso Nacional da Juventude Proletária, Estudantil e Popular (CNJPEP). Fez-se uma plataforma de direitos e iniciou-se o desenho de uma organização nacional que representaria toda a juventude brasileira. Etapas estaduais se realizaram, mas a nacional foi impedida pela polícia. Experimentaram diversas formas e métodos de atuação, politizaram parcelas de estudantes e trabalhadores; lutaram por direitos e deixaram herança que influenciou gerações seguintes na elaboração da revolução brasileira.

Palavras-chave: juventude comunista, proletariado juvenil, Partido Comunista do Brasil, juventude socialista

Abstract

This dissertation aims to describe, systematize and analyze the work of the Communist Party of Brazil (PCB) among the youth, from 1924 to 1936. Three criteria of analysis were used throughout this period: the social composition of the communist youth organization; its tactics as a way of attracting more young people to its political project; and the relationship of the youth organization with the communist party. The origins of the insertion of this sector in the class struggles were sought, in the 19th century, especially from the exploitation of youth work. Demands for better working conditions, education and the possibility of a major war led to the articulation of an international instance of youth organizations of a socialist nature in 1907. And the struggle for peace was the main one until the beginning of the 1st World War. After the Russian revolution, the founding of the Communist International (Comintern) and its Young Communist International (YCI), it became possible to coordinate the work of young communists across the globe, including in Brazil. Brazilian industrialization, subjected to the international division of labor in the period of imperialism, gave rise to a working class with singularities that was different from the European process. Since its foundation in 1922, the PCB had the intention of organizing “the communist youth”. The beginning was difficult and afterwards it reached greater influence of the communists among the youth proletariat and greater international articulation. In 1929, the organization was renamed the Federation of Communist Youth of Brazil (FJCB). With the “bolshevization”, the FJCB went through a period of sectarianism and soon made a tactical turn that put the fight against nazi-fascism at the center of its politics. With greater possibilities of alliances and the need to organize the immediate demands of this social sector, the FJCB was the protagonist of the organization of the 1st National Congress of the Proletarian, Student and Popular Youth (CNJPEP). A platform of rights was created, and the design of a national organization that would represent the whole Brazilian youth got started. State rallies were held, but the national one was blocked by the police. They experimented with different ways and methods of acting, politicized portions of students and workers; they fought for rights and left a legacy that influenced subsequent generations in the elaboration of the Brazilian revolution.

Keywords: communist youth, youth proletariat, Communist Party of Brazil, socialist youth

“National Congress of the Proletarian, Student and Popular Youth: The construction of the Brazilian communist youth organization (1924-1936): Political, economic, organizational and programmatic issues.”

Abreviaturas

AIB — Ação Integralista Brasileira

AIT — Associação Internacional dos Trabalhadores

ANL — Aliança Nacional Libertadora

ASMOB — Archivio Storico del Movimento Operaio Brasiliano

BOC — Bloco Operário e Camponês

BP — Birô Político

BSA-IC — Birô Sul-Americano da Internacional Comunista

CC — Comitê Central

CCE — Comissão Central Executiva

CDM — Centro de Documentação e Memória (FMG)

CE — Comissão Executiva

CEDEM — Centro de Documentação e Memória (Unesp)

CEIC — Comitê Executivo da Internacional Comunista

CGT — Confederação Geral do Trabalho

CGTB — Confederação Geral do Trabalho do Brasil

CNJPEP — Congresso Nacional da Juventude Proletária, Estudantil e Popular

CR — Comitê Regional

ELI — Escola Leninista Internacional

FEDE — La Federación Juvenil Comunista

FJC — Federação da Juventude Comunista

FJCB — Federação da Juventude Comunista do Brasil

FJJSS — Federación de Juventudes Socialistas

FMG — Fundação Maurício Grabois

FVE — Federação Vermelha de Estudantes

IC — Internacional Comunista

IJC — Internacional da Juventude Comunista

IJS — Internacional da Juventude Socialista

IS — Internacional Socialista

ISV — Internacional Vermelha Sindical

JC — Juventude Comunista

JCB — Juventude Comunista do Brasil

JJCC — Juventudes Comunistas

JOC — Juventude Operária Católica

KIM — sigla transliterada de Коммунистический интернационал молодёжи, КИМ (Internacional da Juventude Comunista)

KOMSOMOL (Комсомол) — sigla transliterada para União da Juventude Comunista (Коммунистический союз молодёжи)

SPD — Sozialdemokratische Partei Deutschlands

PC — Partido Comunista

PC-SBIC — Partido Comunista — Seção Brasileira da Internacional Comunista

PCB — Partido Comunista do Brasil

PCUS — Partido Comunista da União Soviética

PS — Partido Socialista

PSD — Partido Social Democrata

PSI — Partido Socialista Internacional

POSDR — Partido Operário Socialdemocrata Russo

SSA-IJC — Secretariado Sul-Americano da Internacional Juvenil Comunista

UJCR — União da Juventude Comunista da Rússia

UTG — União dos Trabalhadores Gráficos

YCI — Youth Communist International

Introdução

Esta dissertação se debruça sobre o trabalho que o Partido Comunista do Brasil (PCB) desenvolveu para aproximar sua política, sua organização e seu programa da juventude nas décadas de 1920 e 1930. Para isso, são apresentados sumariamente os preceitos sobre as questões que envolveram a juventude — desde suas demandas ligadas ao trabalho, elaboradas pela Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) —, suas implicações políticas nos primeiros partidos socialdemocratas europeus; e suas iniciativas em diversos países que serviram de experiência para organizar articulações no âmbito das Internacionais Socialista e Comunista. Essas experiências e acúmulos influenciaram e orientaram as tentativas de construção da organização juvenil comunista no Brasil, assim como em dezenas de outros países.

O texto pretende perseguir três aspectos dessa construção: a relação que se estabelece entre o partido e a organização juvenil; a composição social da organização juvenil nas mais variadas fases; e as táticas adotadas para aumentar sua influência num espectro maior de jovens.

Consideramos que esses três aspectos têm direta relação causal com as políticas adotadas — nas diversas instâncias do movimento operário, socialista, comunista e — nos primeiros anos do PCB. Em linhas gerais a política adotada pela juventude é a mesma adotada pelo partido comunista, seja no conteúdo político, nas táticas ou na forma de organização. Nesse momento, a organização juvenil se desenvolve como um departamento da organização partidária, e, sendo assim, não há independência entre os entes. É uma relação onde o partido contém a organização juvenil e a organização juvenil está contida no partido, num todo uno; onde o geral e o específico, o todo e a parte se condicionam através de suas particularidades. Estabelece-se uma relação onde os entes fazem parte do mesmo organismo político partidário.

Valemo-nos da elaboração sobre partido comunista e, dentro dessa, sobre a organização política dos jovens comunistas feitas por Vladimir Ilitch Ulianov, o Lênin, ao longo de sua obra. Essa elaboração sobre organização de jovens comunistas está fragmentada em dezenas de trechos de textos do revolucionário russo. Ele advoga que a organização juvenil comunista tem que ser um ambiente de aprendizagem para o jovem. Não deve seguir as mesmas características das outras organizações comunistas e que é necessário paciência, por parte dos demais quadros partidários, no trato com essa parcela de militantes.

No entanto, a trajetória dessa tentativa de inserir setores juvenis na política de forma mais ampla, através de partidos políticos, mostrou que a juventude tem especificidades. E que a tentativa de tratar — no âmbito da política e da organização — os militantes jovens da mesma forma que os militantes “adultos” pode restringir possibilidades de atingir maiores parcelas de jovens, tanto na política como na organização. Foi sob essa observação que Lênin advertiu, em 1916, que essa aproximação entre a juventude e o socialismo deveria ser “*de um modo diferente, por outros caminhos, com outras formas, em outras circunstâncias* que seus pais”. Como se deram esses “modos”, “caminhos”, “formas” e “circunstâncias” é o que pretendemos apresentar no que tange as tentativas de construção da organização juvenil comunista brasileira entre os anos de 1924 e 1936.

No que pese a juventude ser um tema tratado desde a fundação do PCB — como fica patente no estatuto aprovado no 1º Congresso — entendemos que a questão da organização juvenil sobressai, com mais força, nos preparativos do 2º Congresso que se inicia em 1924. Resulta daí a justificativa do recorte temporal inicial. Mas é por deliberação do 2º Congresso (1925), que se constituiu uma organização, chamada Juventude Comunista do Brasil (JCB), para desenvolver o trabalho específico de levar a política dos comunistas para os jovens e aproximar os jovens do partido comunista. Os três aspectos citados acima, para analisarmos essa construção, se realizaram à luz da construção do próprio PCB. A relação entre a direção partidária e os militantes/dirigentes da JCB (e depois da FJCB) amadureceu ao longo dos treze anos analisados, mas passou seu período inicial sem elaborações específicas. A composição social não conseguiu se diferenciar, de início, das próprias características de outras áreas de atuação do partido, mas a juventude talvez tenha sido uma das primeiras a diversificar seu público. A elaboração sobre como recrutar maiores parcelas de jovens não fez parte das preocupações iniciais do trabalho dos comunistas entre a juventude, já no final do período descrito e analisado esse item aparece como dominante. Ou seja, articulados, os três aspectos pelos quais este trabalho se debruça, sofrem modificações entre o início e o final do período analisado.

O primeiro capítulo trata dos antecedentes internacionais que fizeram da juventude trabalhadora um ente importante da tática e da estratégia do movimento operário, a partir da Europa do fim do século XIX. A política voltada aos jovens mostrou-se, num primeiro momento, de caráter apenas programático. A Associação

Internacional dos Trabalhadores (AIT) apontou, em sua plataforma, uma política que contém a preocupação sobre o trabalho infanto-juvenil. Não houve nesse momento qualquer consequência que tenha levado a alguma organização de entidades de jovens, mas de atenção à relação do trabalho e da educação. Este capítulo inicial também trata da trajetória da Internacional da Juventude Comunista e de sua relação e orientações às organizações juvenis dos países. Nos primeiros anos da Internacional Socialista pulularam organizações juvenis de trabalhadores em toda a Europa. Essa profusão demandou, em 1907, uma organização juvenil socialista ligada à 2ª Internacional que desenvolveu grandes campanhas entorno da paz (e contra a guerra), de questões ligadas ao mundo do trabalho e, em alguma medida, de questões educacionais.

Imbuída desse acúmulo, em 1919, surgiu a Internacional Juvenil Comunista (IJC). Lastreada na 3ª Internacional e na revolução soviética de outubro de 1917, esta experiência teve maior êxito e se refletiu num maior número de países. Tinha também, como apoio, os partidos comunistas nacionais que eram orientados a organizar as juventudes comunistas de acordo com as diretivas gerais da IJC. Assim poderemos ver sob quais aspectos, conjunturas e processos originam as referências que a organização juvenil comunista brasileira está se colocando como parte constitutiva. O intuito deste primeiro capítulo é traçar o panorama e a conjuntura do tema que, em última instância, terá como resultado brasileiro as organizações tratadas nos segundo e terceiro capítulos.

O segundo capítulo focaliza a experiência brasileira desde as efêmeras organizações anarquistas — ainda sem o trato da especificidade do tema juvenil — e dois momentos da primeira tentativa de organização de jovens comunista. Aquele feito, entre janeiro de 1924 e maio de 1927 — protagonizado pelo vassoureiro Luiz Peres —, e a experiência que teve à frente o estudante de medicina Leôncio Basbaum, entre maio de 1927 e fins de 1929. É possível ver que nesta fase a organização juvenil comunista tem uma relação completamente dependente da direção partidária, colocando nesta, inclusive, a responsabilidade da solução dos problemas de seu “departamento”.

Uma das diferenças entre os dois momentos da construção da JCB foi a composição das direções montadas pelos dois dirigentes comunistas. A primeira inteiramente composta de jovens operários e apontava uma política juvenil para jovens operários. A segunda composta majoritariamente por estudantes com uma perspectiva de constituição mista de estudantes e jovens operários.

As formas de crescimento numérico de militantes estão associadas diretamente ao desenho de funcionamento da organização de jovens, ao programa com o qual ela se apresenta ao conjunto da juventude e às atividades de caráter juvenil que ela organiza aliando propaganda do programa, crescimento da organização e, às vezes, simplesmente de caráter lúdico.

O terceiro capítulo desenvolve a organização, agora com outro nome — Federação da Juventude Comunista do Brasil (FJCB) — sem perder a perspectiva de articular a relação entre organização partidária e organização juvenil; a composição social da FJCB; e os artifícios usados para o crescimento numérico e a influência política que a entidade desenvolve nessa outra etapa.

Esta dissertação culmina na preparação de um congresso juvenil que não chegou a se realizar, por conta da perseguição policial (após o fechamento da Aliança Nacional Libertadora), o 1º Congresso Nacional da Juventude Proletária, Estudantil e Popular (CNIJEP). Apesar de não realizado, a sua organização à luz da conjuntura dos anos de 1934 e 1935, revela um acúmulo de experiência das três questões articuladas durante todo o trabalho: caráter da organização, composição social e formas de se apresentar ao conjunto da juventude. Ao fim de 1936 a FJCB foi encerrada para que os esforços partidários fossem concentrados para a sobrevivência da organização e de seus militantes, diante das perseguições policiais (em decorrência da tentativa de levante militar em 1935) — marco que justifica o recorte temporal final escolhido para o foco desta dissertação. Pretende-se dar a condição de conjunto a esses treze anos de tentativas de organização da juventude comunista pelo PCB (desde janeiro de 1924 a dezembro de 1936), como um todo que, apesar de diversas contradições pontuais, apresenta coerência interna e articula os três aspectos citados acima.

A juventude, enquanto tema de investigação, seguiu caminhos em que se forma importante tradição nas áreas como educação, psicologia e sociologia. Quanto aos temas mais ligados à história é mais recente. Há, sim, alguma tradição quanto a história do movimento estudantil — em seus vários aspectos — e ligada a temas culturais, educacionais ou mesmo comportamentais, mas a história da trajetória dos jovens comunistas ainda dá, em alguma medida, seus primeiros passos, também no Brasil. Isso não significa que não haja trabalhos sobre este tema, mas que ainda são minoritários.

Já a bibliografia sobre o Partido Comunista no Brasil é mais tradicional, conhecida e utilizada de forma mais ampla na história social brasileira. Esta dissertação

contou com alguns dos trabalhos que criaram os fundamentos da historiografia sobre o tema, seja pela promoção de documentos, seja pela importância das análises¹; memórias e autobiografias²; biografias³; coletâneas de artigos e ensaios⁴, coletâneas de documentos⁵, análises sobre aspectos da história do Partido Comunista⁶. Também foram

¹ Entre tantos outros e sem pretensão de ordem de importância: PEREIRA, Astrojildo (1962) *Formação do PCB*, Rio de Janeiro: Editorial Vitória; SODRÉ, Nelson Werneck (1984) *Contribuição à história do PCB*, São Paulo: Global Editora; DULLES, John W. Foster (1977) *Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935)*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira; CARONE, Edgard (1989) *Classes sociais e movimento operário*, São Paulo: Editora Ática; e _____ (1991) *Brasil — anos de crise (1930-1945)*, São Paulo: Editora Ática; ZAIDAN Filho, Michel (1988) *O PCB e a internacional comunista (1922 — 1929)*, São Paulo: Vértice; e _____ (1989) *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*, Belo Horizonte: Oficina de Livros; VIANNA, Marly de Almeida Gomes (2007) *Revolucionários de 1935 — sonho e realidade*, São Paulo: Expressão Popular; KONDER, Leandro (2009) *A derrota da dialética*, São Paulo: Expressão Popular; DEL ROIO, Marcos (1990) *A classe operária na revolução burguesa — A política de alianças do PCB: 1928-1935*, Belo Horizonte: Oficina de Livros; PINHEIRO, Paulo Sérgio (1992) *Estratégia da ilusão — a revolução mundial e o Brasil 1922-1935*, São Paulo: Cia. das Letras; SEGATTO, José Antônio (1989) *Breve história do PCB*, Belo Horizonte: Oficina de Livros; PACHECO, Eliezer (1984) *O Partido Comunista Brasileiro (1922-1964)*, São Paulo: Editora Alfa Ômega; BUONICORE, Augusto C.; RUY, José Carlos (2012) *Contribuições à história do Partido Comunista do Brasil*, São Paulo: Editora Anita Garibaldi/ Fundação Maurício Grabois.

² BEZERRA, Gregório (2011) *Memórias*, São Paulo: Boitempo Editorial; BASBAUM, Leôncio. (1976) *Uma vida em seis tempos*. Alfa-Ômega, São Paulo; LIMA, Heitor Ferreira (1982) *Caminhos Percorridos*, São Paulo: Brasiliense; CASTRO, Moacir Werneck de (2000) *Europa 1935 — uma aventura de juventude*, Rio de Janeiro: Editora Record; MARTINS, Ivan Pedro de (1994) *A flecha e o alvo — a intenciona de 1935*, Porto Alegre/ Cachoeirinha: Instituto Estadual do Livro/ Editora Movimento/ Editora IGEL.

³ VIANNA, Marly de Almeida Gomes; CARVALHO, René Louis de; CASTRO, Ramón Peña (2012) *René France de Carvalho — uma vida de lutas*, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; PRESTES, Anita Leocádia (2015) *Luiz Carlos Prestes — um comunista brasileiro*, São Paulo: Boitempo Editorial MORAES, Denis de; VIANA, Francisco (1997) *Prestes — Lutas e autocrítias*, Rio de Janeiro: Mauad; FEIJÓ, Martin Cezar (1990) *Formação política de Astrojildo Pereira (1890-1920)*, Belo Horizonte: Oficina de Livros; _____ (2001) *O revolucionário cordial — Astrojildo Pereira e as origens de uma política cultural*, São Paulo: Boitempo Editorial; PERICÁS, Luiz Bernardo (2016) *Caio Prado Júnior — uma biografia política*, São Paulo: Boitempo Editorial; ROSE, R. S; SCOTT, Gordon D. (2010) *Johnny — a vida do espião que delatou a rebelião comunista de 1935*, Rio de Janeiro: Editora Record; WERNER, Ruth (1987) *Olga Benário — a história de uma mulher corajosa*, São Paulo: Editora Alfa Ômega; MORAIS, Fernando (1985) *Olga*, São Paulo: Editora Alfa Ômega;

⁴ PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln (2014) *Intérpretes do Brasil — clássicos, rebeldes, renegados*, São Paulo: Boitempo Editorial; KONDER, Leandro (1991) *Intelectuais brasileiros & marxismo*, Belo Horizonte: Oficina de Livros; CASTRO e CASTRO, Flávia Augusta de (1982) *Memória e história — Cristiano Cordeiro*, São Paulo Livraria Editora Ciências Humanas; MELLO, Maurício Martins de (1981) *Memória & história — Astrojildo Pereira*, São Paulo Livraria Editora Ciências Humanas;

⁵ CARONE, Edgard (1982) *O PCB (1922-1943)*, São Paulo: DIFEL; _____ (1979) *Movimento operário no Brasil (1877-1944)*, São Paulo: DIFEL; VIANNA, Marly de Almeida Gomes (Org.) (1995) *Pão, terra e liberdade — memória do movimento comunista de 1935*, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional/ Ministério da Justiça; JEIFETS, Victor; JEIFETS Lazar (orgs.) (2015) *La Internacional Comunista en América Latina — en documentos del Archivo de Moscú*, Buenos Aires/ Santiago: Clacso/ Ariadna Ediciones.

⁶ KAREPOVS, Dainis (2006) *A classe operária vai ao parlamento*, São Paulo: Alameda Editorial; MAZZEO, Antonio Carlos (1999) *Sinfonia inacabada — A política dos comunistas no Brasil*, São Paulo: Boitempo Editorial. VINHAS, Moisés (1982) *O Partidão — A luta por um partido de massas (1922-1974)*, São Paulo: Editora Hucitec; BRANDÃO, Gildo Marçal (1997) *A esquerda positiva — as duas almas do partido comunista (1920-1964)*, São Paulo: Editora Hucitec; PERICÁS, Luiz Bernardo (2019) *Caminhos da revolução brasileira*, São Paulo: Boitempo Editorial; e tantos outros.

de grande valor a coleção organizada pelos professores João Quartim de Moraes, Marcelo Ridenti e Daniel Aarão Reis Filho, *História do Marxismo no Brasil*, principalmente os dois primeiros volumes; também o monumental glossário de biografias *América Latina en Internacional Comunista (1919-1943) — Diccionario Biográfico*, organizado por Lazar Jeifets e Victor Jeifets; e o *Dicionário do movimento operário — Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920 — militantes e organizações*, organizado por Cláudio H. M. Batalha. Como o tema juventude ainda está disperso nas análises, relatos, citações, referências — e quase na totalidade aparece como questão secundária, ou menos que isso —, a gama de materiais a consultar é vultuosa.

Os documentos disponíveis que tratam do trabalho dos comunistas entre a juventude brasileira são relativamente poucos. Não cobrem todas as atividades da época e, por eles, muitas dúvidas ficam ao jugo das especulações, pois não respondem diretamente a todas as questões postas. Aqui, em grande medida, é levada em conta a “Bobina 8” dos documentos da IC microfilmados que se encontram no Centro de Documentação e Memória da UNESP. Também dos documentos traduzidos pela União da Juventude Comunista da Inglaterra, no calor da hora (décadas de 1920 e 1930). Contamos com trechos sobre juventude nos documentos gerais da IC e de partidos comunistas, inclusive o do Brasil.

Das análises sobre o trabalho dos comunistas entre a juventude⁷, sobretudo IJS e IJC, Shirley Weller, Victor Pivalov e Richard Cornell são de extrema importância. No que pese Privalov e Cornell serem autores que elaboram sob a égide da guerra fria (um soviético e o outro norte-americano, respectivamente), ambos trazem informações, referências e análises importantes para o tema. Os comentários de Sazónov também ajudam sobre o que os soviéticos pensavam para o trabalho de juventude⁸. Sobre a 2ª Internacional e o seu departamento juvenil, os documentos publicados pela Fundação Friedrich-Ebert-Stiftung são primordiais. Ali se encontram os originais digitalizados sobre todo o primeiro período da IS, manuscritos, datilografados, tabelas, relatórios que ajudam a compor o processo de organização dos trabalhadores de viés socialista em âmbito internacional na Europa.

⁷ WELLER, Shirley (1946) *History of the International Socialist Youth Movement to 1929*, Nova Iorque: “The Young Socialist”; PIVALOV, Victor (1971) *The Young Communist International and its origins*, Moscou: Progress Publishers; CORNELL Richard (1965) *Youth and communism — a historical analysis of International Communist Youth Movement*, Nova Iorque: Walker and Company;

⁸ SAZÓNOV, V. (1986) *Lênin e “As Tarefas das Uniões da Juventude”*, Moscou: Edições Progresso.

Sobre esse tema no Brasil, afora⁹ o movimento estudantil, foi pouco estudado e aqui cabe ressaltar o ineditismo dos trabalhos de Dainis Karepovs, que fez uso de grande parte dessa documentação de forma tão criativa e perspicaz e abriu caminhos importantes para a investigação sobre a construção da organização juvenil comunista no Brasil; além de promover no país uma bibliografia, autores e obras completamente desconhecidos até então. O trabalho que, apesar de não tratar diretamente de juventude, contém parte do trabalho juvenil dos comunistas — sobre esporte proletário —, de Cláudia Emília Aguiar Moraes também é um apoio, sobre esse tema correlato que fez parte das atividades, do dia a dia e das resoluções, tanto da JCB, quanto da FJCB e do PCB.

Há também os trabalhos que tratam do movimento estudantil, mas que partem da ação dos comunistas de alguma forma, como os do professor André Luiz Rodrigues de Rossi Mattos e da pesquisadora Raisia Luísa de Assis Marques¹⁰. Sobre a juventude de esquerda na Europa do século XIX, há um ensaio importante de Sérgio Luzzatto¹¹

Das análises sobre o trabalho dos comunistas entre a juventude em outros países¹² procuramos mesmo que superficialmente — já que não se trata de um trabalho comparativo entre as experiências — matizar o que poderia ser geral ou particular na experiência em foco. Desses os trabalhos de Lilian Vizcaíno e Zenaida Gómez foram imprescindíveis para um panorama do trabalho juvenil em Cuba, nas décadas de 1920 e 1930. Sobre a juventude comunista na Argentina valemo-nos da grande reportagem de Isidoro Gilbert¹³. Além de Rolando Álvarez e Manuel Loyola, traça os primeiros passos

⁹ KAREPOVS, Dainis (2009) A Juventude Comunista do Brasil na era da Internacional Comunista, Em: *The International Newsletter of Communist Studies*, Online XV, nº 22; _____ (2013) *A Manhã e a "Campanha dos 50%"*, Em: Revista Perseu: São Paulo: Fundação Perseu Abramo; _____ (2010) *A Federação da Juventude Comunista do Brasil na era da III Internacional*, V Jornada Nacional de História do Trabalho, Florianópolis: UFSC; _____ (2010) *A Nação e a Juventude Comunista do Brasil*, Em: *Cadernos AEL*, v. 17, nº 19, Campinas: Unicamp, p. 183-241; MORAES, Cláudia Emília Aguiar (2007) *Esporte proletária: uma leitura da imprensa operária brasileira (1928-1935)*, Dissertação de mestrado, Florianópolis: UFSC.

¹⁰ MATTOS, André L. R. de Rossi (2014) *Uma história da UNE (1945-1964)*, Capinas: Pontes Editores; MARQUES, Raisia L. de Assis (2015) *Do espontâneo ao organizado: O papel da Juventude Comunista no processo de construção da União Nacional dos Estudantes (1935-1938)*, Dissertação de mestrado, Universidade Salgado de Oliveira.

¹¹ LUZZATTO, Sérgio (1996) *Jovens rebeldes e revolucionários: 1789-1917*, Em: LEVI, Giovanni & SCHMITT, Jean-Claude (1996) *História dos jovens*, São Paulo: Companhia das Letras.

¹² ÁLVAREZ, Rolando; LOYOLA Manuel (2014) *Un trébol de cuatro hojas — Las Juventudes Comunistas de Chile en el siglo XX*, Santiago: Ariadna; NEUMANN, Matthias (2011) *The Communist Youth League and the Transformation of the Soviet Union, 1917-1932*, Londres/ Nova Iorque: Routledge — Taylor & Francis Group.

¹³ VIZCAÍNO, L.; GÓMEZ, Z.; PÉREZ, A.; FERRER, C. (1987) *Apuntes para la historia del movimiento juvenil comunista y pioneril cubano*, Havana: Editora Política. GILBERT, Isidoro (2011) *La Fede* —

das Juventudes Comunistas de Chile. E Matthias Neumann (Rússia) e a existência de acessos mais facilitados dos documentos das organizações juvenis comunistas da Inglaterra e dos EUA contribuem para cobrir temas, períodos e congressos. Essas perspectivas de outros países, no mesmo período abordado por esta dissertação, ajudam a construir um panorama com maior número de elementos a serem considerados.

Sobre juventude e o movimento estudantil¹⁴ se sobressaem a referência da história do movimento universitário, de Artur José Poerner, *O Poder Jovem* e a coletânea de ensaios sobre a história da juventude organizada por Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt, *História dos Jovens*, o segundo volume. O livro do Poerner é um panorama original da trajetória dos estudantes na vida política brasileira e tem importantes referências e relatos do movimento estudantil do período trabalhado por esta dissertação. A coletânea de Levi e Schmitt traz alguns ensaios que cobrem temas importantes para a história da juventude europeia, sobretudo francesa, como: juventude militar (Sabrina Loriga), trabalhadores jovens nas fábricas (Michelle Perrot), liceus e escolas (Jean-Claude Caron), juventude italiana fascista (Laura Malvano), juventude nazista (Eric Michaud), juventude aldeã (Daniel Fabre); e o que é principal para este trabalho, sobre os jovens rebeldes e revolucionários entre a revolução francesa e a revolução russa (Sérgio Luzzato).

Através dos periódicos foi possível encontrar a trajetória, a crônica do dia a dia, as necessidades e revelações mais cotidianas. É possível captar aspectos importantes das atividades, da elaboração das tentativas de construção da organização juvenil comunista, tanto em âmbito nacional quanto internacional. Dessa forma o jornal diário — oficioso e de maior circulação, que os comunistas viram em muitos anos —, *A Nação* publicou entre janeiro e agosto de 1927 um panorama de como foi o “fazer-se” da organização juvenil comunista brasileira naquele momento. Campanhas, fichas de aderência, notícias, vida dos jovens operários nas fábricas etc. O esforço de construir a IJC foi divulgado no *International Press Correspondence*, publicação da IC entre 1921 e 1934 que pautou o dia a dia dos comunistas em nível internacional, portanto da juventude também. Os principais pontos da vida da IC se consagraram ali nas edições que consultamos. E sua correspondente latino-americana, *La Correspondencia Sudamericana*

Alistandose para la revolución. La Federación Juvenil Comunista (1921-2005). Buenos Aires: Sudamericana.

¹⁴ LEVI, G & SCHMITT, J. (1996) *História dos jovens*, vol. 2, São Paulo, Cia das Letras; POERNER, Artur José (1995) *O Poder Jovem*, Centro de Memória da Juventude, São Paulo.

que focava este continente promovendo troca de informações, campanhas, orientações e comunicação entre as organizações comunistas da região. Já o jornal *A Classe Operária* foi o periódico oficial do PCB e refletiu ali as tentativas, principalmente em 1928 de montagem do seu trabalho juvenil. Os periódicos anarquistas que foram consultados são muito ricos para mostrar a imensa miríade de lutas, campanhas, greves, grupos, ideias dessa matriz ideológica que esteve à frente do movimento operário brasileiro entre 1906 e 1920. Destes, destacam-se *A Plebe*, *A Lanterna*, *O Protesto*. Entre os periódicos das próprias organizações juvenis comunistas brasileiras estão *O Jovem Proletário*, *Boletim e Juventude* que são fontes insubstituíveis de como se construíram essas entidades. Com a abertura tática implementada nos anos 1934 em diante, o número de jornais não considerados de esquerda a tratarem das campanhas, eventos, confrontos que têm a juventude comunista como um dos protagonistas, aumenta.

A pouca bibliografia sobre as organizações juvenis comunistas brasileiras dessas décadas de 1920 e 1930, sobrecarrega a importância da análise de fontes primárias. Este trabalho se serviu delas, acima citados, em vários arquivos como o Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual de São Paulo “Julio de Mesquita” (CEDEM/UNESP). O Centro de Documentação da Juventude (CEDOJ) do Centro de Estudos e Memória da Juventude (CEMJ), que ajudamos a constituir entre 2004 e 2009. As consultas à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional contribuíram muito com a pesquisa de periódicos e documentos. Também no Centro de Documentação e Memória da Fundação Maurício Grabois (CDM/ FMG), onde coordenamos, desde sua fundação em 2009, o desenvolvimento da organização, catalogação e uso dos documentos ligados às atividades dos comunistas brasileiros e às lutas populares. O Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP) que concentra os arquivos policiais e seus departamentos de investigação, sobretudo DEOPS, que perseguiu e caçou tantos brasileiros, principalmente os comunistas. Aqueles agentes de Estado que relatavam as atividades dos comunistas — e às vezes os levavam à prisão, tortura e morte — produziram documentos que tanto ajudam nas pesquisas. Foram de grande valia os arquivos digitais ligados à Young Workers (Communist) League of America, da Young Communist League e os, já citados, arquivos da Fundação Friedrich-Ebert-Stiftung (FES), sobre a 2ª Internacional.

Foi necessário utilizar referências da documentação para embasar as proposições do texto dissertativo. Nesses casos optamos por atualizar a ortografia. Nos textos

estrangeiros foram feitas traduções livres para o português. E ao final, um conjunto de anexos foram dispostos para uma possível associação mais completa da materialidade da descrição e análise que o texto dissertativo apresenta.

Capítulo 1: Organização internacional de jovens a partir da tradição socialdemocrata/ comunista europeia: preâmbulos e pilares (1866-1935)

1.1 A questão social como alavanca da participação política juvenil

A juventude trabalhadora, sobretudo operária, foi o principal setor social que criou e compôs imensa maioria do efetivo das organizações socialistas em dezenas de países entre a chamada segunda revolução industrial e o fim da Segunda Guerra Mundial. Todo esse período, de um século, iluminou — sobre o palco social, político e econômico — algumas gerações que tiveram maiores condições de resolver os seus problemas de forma coletivas. A partir da centralidade do trabalho, entendemos que sob determinadas circunstâncias, os jovens proletários foram lançados à cena da luta de classes; foram sujeitos e objetos de grandes transformações.

No período da revolução industrial, e como consequência dela, houve imensas modificações no quadrante dos hemisférios norte e ocidental, basicamente América do Norte e Europa. As transformações — de uma realidade rural e agrária para urbana e industrial — em algumas décadas converteu o modo de vida das nações; destruiu e modificou formas de organização social existentes e criou novas. A Inglaterra é uma síntese de referência de como se deram essas transformações — sobretudo como características das mudanças no modo de produção capitalista e não a partir da sua formação social e econômica — sendo possível, a partir dela, traçar alguns pontos de como se deram essas mudanças na sociedade burguesa, como um todo. No estudo feito por Friedrich Engels (um dos pioneiros do uso da expressão “revolução industrial”), *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, fez uma comparação entre um período de décadas anterior e o momento que estava escrevendo (1845), as transformações naquela nação.

(...) essa é a história da indústria inglesa nos últimos sessenta anos — uma história que não tem equivalente nos anais da humanidade. Há sessenta ou oitenta anos, a Inglaterra era um país como todos os outros, com pequenas cidades, indústrias diminutas e elementares e uma população rural dispersa, mas relativamente importante; agora é um país ímpar, com um capital de 2,5 milhões de habitantes, imensas cidades industriais, uma indústria que fornece produtos para o mundo todo e que fabrica quase tudo com a ajuda das máquinas mais complexas, com uma população densa, laboriosa e inteligente,

cujas duas terças partes estão ocupadas na indústria e constituem classe completamente diversa das anteriores.¹⁵

Essa indústria moderna criou o operário moderno, assim como, afirma Engels, “o movimento operário evoluiu *pari passu* com o movimento industrial”.¹⁶ Essa dinâmica — que tem como parte constitutiva a promoção da juventude que ascende a setor social politicamente ativo — conviveu, num primeiro momento, com as lutas estudantis, democráticas e nacionais — e aos poucos as lutas juvenis ligadas ao trabalho foram sobressaindo em importância. E só apenas no início do século XX é que as ânsias políticas específicas da juventude conseguiram ganhar terreno decisivo ao lado das reivindicações gerais — dos “adultos” — e solidificar organizações específicas juvenis, sobretudo na Europa.

Na primeira metade do século XIX o contraponto à juventude era o conjunto de gerações anteriores, como diziam, em outras palavras: os “velhos”, as gerações antecedentes. As diferenças etárias uniram jovens em torno de bandeiras imediatas e muitas vezes contraditórias. Movimentos de unificação tanto da Alemanha, quanto da Itália tiveram como coparticipantes agrupamentos juvenis: “Jovem Alemanha” e “Jovem Itália”. Neste último, por exemplo, do revolucionário Giuseppe Mazzini, apontava-se “quarenta anos como idade máxima para a admissão de membros.”¹⁷ Traziam na renovação de gerações ocupantes do poder a analogia da renovação dos rumos de suas nações.

Em paralelo às grandes movimentações de conformação das nações, a classe operária dava base material para essa nova realidade; e as condições sociais desse operariado — não só da Inglaterra — foram a alavanca principal para assentar bases do movimento operário. A precariedade na vida do operariado (tanto o jovem como o adulto) não estava apenas nas condições de trabalho. Sua vida extra fábrica não contava nem com a estrutura mínima de sobrevivência: alimentação, moradia, saneamento, espaço público, lazer, qualidade do ar que respiravam e tantos outros itens da vida cotidiana desses trabalhadores não chegavam perto da civilidade mais básica. Engels

¹⁵ ENGELS, Friedrich [1845] (2007) *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, São Paulo: Boitempo Editorial, p. 58.

¹⁶ ENGELS, [1845] (2007), p. 63.

¹⁷ LUZZATO, Sergio — Jovens rebeldes e revolucionários: 1789-1917; Em: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (1994) *História dos jovens*, vol. 2, São Paulo: Companhia das Letras, p. 219-220.

apresenta inúmeras situações que revelam as condições dos bairros operários em diversas cidades inglesas:

Habitualmente, as ruas não são planas nem calçadas, são sujas, tomadas por detritos vegetais e animais, sem esgotos ou canais de escoamento, cheias de charcos estagnados e fétidos. A ventilação na área é precária, dada a estrutura irregular do bairro e, como nesses espaços restritos vivem muitas pessoas, é fácil imaginar a qualidade do ar que se respira nessas zonas operárias — onde, ademais, quando faz bom tempo, as ruas servem aos varais que, estendidos de uma casa a outra, são usados para secar a roupa.”¹⁸

Esse fenômeno não se deu apenas na industrialização da Europa. Nos Estados Unidos teve os mesmos sintomas da segunda revolução industrial europeia, como por exemplo, no norte estadunidense, as fábricas com suas chaminés produziam uma poluição nunca vista e marcava a aparência daqueles que estavam mais próximos da produção, sobretudo trabalhadores, como relata o irônico Paul Groussac na sua viagem do Prata ao Niágara, no capítulo sobre o importante polo industrial de Chicago:

Algumas vezes o carbono do ambiente encontrava as mucosas e prejudicava um pouco a aparência, mas um leve perfil de fogueira não desonrará a ninguém; e ouvi dizer — em Chicago — que uma atmosfera composta por partes iguais de fumaça espessa e um leve pó é excelente para o pulmão (...)¹⁹

As cidades que passam pela urbanização à base das fábricas, indústrias e oficinas têm uma atmosfera com alto índice de fuligem e com isso não só os foguistas das locomotivas ou dos fornos industriais, ou os mineiros, mas quaisquer que passam ou permaneçam nesses conglomerados são marcados por ela.

Seria necessário separar essa parte da cidade, em industrialização, e segundo Engels, a urbanização da cidade de Manchester, por exemplo, foi idealizada para que houvesse distância e falta de acesso entre os bairros burgueses e os bairros proletários, apartando-os o máximo, pois a situação miserável era inconveniente para a burguesia — sendo possível “residir nela durante anos, ou entrar e sair diariamente dela, sem jamais ver um bairro operário ou até mesmo encontrar um operário”²⁰.

Esses bairros são repletos de alojamentos baratos onde, em poucos metros quadrados, vive mais de uma família de forma insalubre, em cômodos sem móveis,

¹⁸ ENGELS, [1845] (2007), p. 70.

¹⁹ GROUSSAC, Paul (1897) *Del Plata al Niágara*, Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, p. 324.

²⁰ ENGELS, [1845] (2007), p. 88.

inabitáveis. As casas, as ruas, todo o bairro eram malcheirosos de todo tipo de miasmas orgânicos e de produtos químicos industriais. Os bairros pobres cresceram concomitante aumentou o número de indústrias nas principais capitais dos países industrializados, vieram com elas a lama, excrementos, restos pelas ruas estreitas e não planejadas que foram nascendo conforme as construções apressadas foram se erguendo.

Por regra geral, as casas dos operários estão mal localizadas, são mal construídas, malconservadas, mal arejadas, úmidas (...) O vestuário dos operários também é, por regra geral, muitíssimo pobre e, para uma grande maioria, as peças estão esfarrapadas. A comida é frequentemente ruim, muitas vezes impróprias, em muitos casos — pelo menos em certos períodos — insuficiente e, no limite, há mortes por fome. A classe operária das grandes cidades oferece-nos, assim, uma escala de diferentes condições de vida: no melhor dos casos, uma existência momentaneamente suportável (...) ²¹

Crescia exponencialmente a necessidade de lã, portanto de criação de carneiros, para os novos mercados que se abriam para o tecido. Também era necessário o aumento de energia para gerar calor e potencializar a siderurgia — que era base para a produção das máquinas, peças e estradas de ferro —, portanto o aumento de produção de carvão e extração de minério de ferro. Nesses casos e de outros produtos, o crescimento da produção e consumo nunca antes vista e o aumento de habitantes no perímetro urbano teve cifras inimagináveis até então, por exemplo, a “população de Birmingham passou de 73 mil (em 1801) para 200 mil habitantes (em 1844), a de Shelffield de 46 mil (em 1801) para 110 mil (em 1844) ²²”.

Já desde meados do século XVIII foi crescente a busca por mais baratas formas de produção e em maior escala. Essa fórmula se deu através da profunda transformação do meio de trabalho, as máquinas. Sobre isso Marx afirma ser esse o “ponto de partida para a grande indústria” e, concordando com Stuart Mill, não teria sido para “aliviar a faina de algum ser humano”. É antes de mais nada, e como:

qualquer outro desenvolvimento da força produtiva do trabalho, para baratear mercadorias e encurtar a parte da jornada de trabalho que o trabalhador necessita para si mesmo, afim de prolongar a outra parte de sua jornada, que ele dá gratuitamente para o capitalista. E a “maquinaria é o meio para a produção de mais-valor. ²³

²¹ ENGELS, [1845] (2007), p. 115.

²² ENGELS, [1845] (2007), p. 156.

²³ MARX, Karl [1867] (2013) *O Capital — Crítica da Economia Política, Livro I — O processo de produção do Capital*, São Paulo, Boitempo Editorial, p. 445.

A máquina, que havia substituído a ferramenta, agora se tornou mais complexa e deslocou a força motriz — que estava na força muscular do homem — para a própria máquina. Dessa forma:

a maquinaria converte-se no meio de utilizar trabalhadores com pouca força muscular ou desenvolvimento corporal imaturo, mas com membros de maior flexibilidade. Por isso, o trabalho feminino e infantil foi a primeira palavra de ordem da aplicação capitalista da maquinaria! E foi assim que esse poderoso meio de substituição do trabalho e de trabalhadores transformou-se prontamente num meio de aumentar o número de assalariados, submetendo ao comando imediato do capital todos os membros das famílias dos trabalhadores, sem distinção de sexo nem idade. O trabalho forçado para o capitalista usurpou não somente o lugar de recreação infantil, mas também o trabalho livre no âmbito doméstico (...)²⁴

Dessa forma, a produção foi acelerada como nunca antes havia sido. *Pari passu* houve desvalorização do trabalho, pois o valor do salário que era considerado como renda para a manutenção de toda família foi corroído, já que a soma do salário das crianças, da mulher e do marido, não seria muito maior que o salário anterior apenas do marido: “a maquinaria reparte o valor da força de trabalho do homem entre a sua família inteira”²⁵. Assim a evolução da maquinaria levou um grande número de crianças²⁶, jovens e mulheres para dentro das fábricas e mudou as relações sociais de trabalho; o que acarretou mudanças tais que não ocorreram apenas dentro da família. O serviço de um homem adulto, por exemplo, passado a poucas meninas que, com os salários somados, não chegavam ao salário inteiro do adulto substituído. Ou então que as mães de família, agora operárias, que precisavam ser substituídas nas tarefas domésticas como costura, preparo das refeições ou cuidado com as crianças menores; compromete-se, assim, a reprodução do trabalho. Com aparência contraditória, a diversificação das fontes de renda aumentaram já que se constituiu um macabro mercado: afirma Marx que o capital passa a comprar mulheres e crianças (ou pessoas desprovidas de maioridade

²⁴ MARX, [1867] (2013), p. 468. O advento da máquina a vapor, como já colocado, concentrou a localização da grande indústria no ambiente urbano e o crescimento das cidades foi um efeito. Local e condições privilegiados para o nascimento e crescimento do movimento operário.

²⁵ MARX, 2013, p. 468.

²⁶ Jornadas extenuantes para crianças foi flagrante em diversas fábricas. Engels coletou vários depoimentos, presenciou casos extremos de jornadas longas e participação de crianças na produção: “De qualquer forma, nesse setor, o trabalho mais nocivo é o dos *runners*, que são, em sua maioria, crianças pequenas, de sete anos, quando não de cinco ou quatro — o inspetor Grainger chegou a encontrar um menino de *dois anos* ocupado nesse trabalho. Seguir com os olhos um longo fio que, com a ajuda de uma agulha, deve ser retirado da trama logo que o desenho estiver concluído, é um trabalho muito fatigante para a vista, especialmente quando, como é comum, a jornada é de catorze a dezesseis horas.” ENGELS, [1845] (2007), p. 226.

plena) e os pais de família — ou pequenos empreendedores desse tráfico — vende-as como feito com escravos negros²⁷ no hemisfério sul e nos Estados Unidos.

De outra forma, a engenharia da maquinaria passou a conceber e fabricar máquinas em escala de porte menor para a operação de crianças e mulheres; não pela ergonomia, mas sim pela possibilidade de aumento da produção em menor tempo com um operariado mais diversificado. E esse desenvolvimento da máquina não previu o conjunto dos movimentos do operário deixando, ainda, parte do labor — e de forma insalubre — centrado, mesmo que em pequena parcela, na força motriz do corpo humano.

A constante necessidade de inclinar-se e a baixa altura das máquinas, nos dois tipos de trabalho, acarreta em geral um crescimento anormal da estrutura óssea; na seção da fábrica de tecidos de algodão em que trabalhei em Manchester e onde operam as *throstles* [tipo de máquina de tear ideal para mulheres e meninas], não vi uma só jovem bem constituída e bem proporcionada — eram todas pequenas, atarracadas, disformes, em uma palavra, defeituosas de corpo.²⁸

E não só a falta de ergonomia deforma o corpo de multidões de trabalhadores jovens e adultos, também os acidentes de trabalho. Desde uma falange perdida, mão, braço ou pé, não são feitos os socorros necessários; afirma Engels que mutilados, morrem de tétano, muitas vezes, ou de outras consequências do acidente. E a falta de um membro ou qualquer parte do corpo tem porcentagem alta entre os trabalhadores; os que sobrevivem formam o que parece “um exército que retorna da batalha”. No acidente que mutila o trabalhador também há as consequências às máquinas que podem perder dentes de uma engrenagem, sofrer avaria numa lâmina ou a inutilização de uma peça qualquer. Nesses casos houve diversas legislações em que, não raro, houve processo contra o trabalhador mutilado.²⁹

²⁷ MARX, Karl [1867] (2013), p. 469-470.

²⁸ ENGELS, [1845] (2007), p. 200. E mais adiante: “O trabalho, em si mesmo, é insalubre: crianças e jovens laboram em pequenos cômodos mal arejados, sempre sentados e curvados sobre os bilros. Para manter o corpo nessa posição fatigante, as meninas usam um corpete de madeira, o que, dada a sua pouca idade, numa altura em que os ossos não estão inteiramente formados, e aliado à postura curvada, deforma-lhes o externo e as costelas, provocando o atrofiamento do tórax. A maior parte delas morre tuberculosa, depois de sofrer durante certo tempo com diversos distúrbios digestivos ocasionados pelo sedentarismo numa atmosfera asfixiante.” p. 227.

²⁹ “É possível que as *self-acting mules* sejam máquinas tão perigosas quanto quaisquer outras. A maior parte dos acidentes ocorrem com crianças pequenas, e precisamente porque engatinham por baixo das *mules* para varrer o chão, enquanto as máquinas ainda estão em movimento. Diversos *minders* (trabalhadores que operam as *mules*) ‘foram processados judicialmente’ (pelos inspetores de fábrica) ‘e condenados ao pagamento de multas em razão desse procedimento, porém sem que disso resultasse qualquer benefício geral. Se os fabricantes de máquinas pudessem ao menos inventar um varredor

Mesmo o trabalhador preservado de acidente, por sorte ou circunstância, está longe de não ter impactos na sua saúde por causa do trabalho, direta ou indiretamente. As rendeiras de Nottingham, por exemplo, entre 17 e 24 anos, num total de 686 pacientes acompanhadas pela policlínica passaram de uma tuberculosa a cada 45, em 1852, para uma a cada oito, em 1860.³⁰ Grassava nos centros industriais em expansão, ainda, diversas outras doenças pulmonares, as advindas da inanição, da falta de calefação, da situação sanitária, da falta de controle das doenças infectocontagiosas e epidêmicas, as de origem nervosa e mentais, as contraídas pré-natal e logo após o nascimento. As mulheres e as meninas são as vítimas mais comuns:

Suas doenças mais frequentes são a tísica, a bronquite, as doenças uterinas, a histeria em sua forma mais horrenda e o reumatismo. Todas elas são causadas, creio eu, direta ou indiretamente pelo ar superaquecido de suas câmaras de trabalho e pela falta de roupas suficientemente confortáveis para protegê-las, ao voltarem para casa, da atmosfera úmida e fria nos meses de inverno, *Reports etc. for 31st Oct.* 1862, p. 56-7.³¹

Se houve nesse período de rearranjo das relações de trabalho em que se revolucionou a maquinaria, as cidades e a produção, esse aumento exponencial da exploração do capital sobre o trabalho — particularmente de crianças, mulheres e jovens —, houve também resistência. Revolta de toda ordem fez parte da cena da revolução industrial. Ao analisar os crimes e criminosos que se colocaram contra, principalmente, as leis de propriedade E. P. Thompson lista um panorama de:

motins ocasionados pelos preços do pão, pelos pedágios e portagens, impostos de consumo, “resgates”, greves, novas maquinarias, fechamento das terras comunais, recrutamentos e uma série de outras injustiças. A ação direta sobre injustiças particulares, de um lado, emerge nos grandes levantes políticos da “turba” — a agitação de Wilkes nos anos 1760 e 1770, os Motins de Gordon (1780), os tumultos com apupos ao Rei nas ruas de Londres (1795 a 1820), os Motins de Bristol (1831) e os Motins de Bull Ring em Birmingham (1839). Por outro lado a ação direta emerge com formas organizadas de ação ilegal contínua ou de semi-insurreição — o luddismo (1811-1813), os Motins de East Anglian (1816), a “Revolta do Último

automático, cujo uso dispensasse essas crianças pequenas de engatinhar por baixo da maquinaria, eles dariam uma bela contribuição a nossas medidas preventivas’, *Reports of Insp. of Factories for 31st October.* 1866’, p. 63”, Em: MARX, Karl [1867] (2013), p. 493.

³⁰ MARX, Karl [1867] (2013), p. 537.

³¹ MARX, Karl [1867] (2013), p. 368.

Trabalhador” (1830), os Motins de Rebecca (1839 a 1842) e os Motins de Plug (1842).³²

Nesse período, essa realidade não banha apenas a Inglaterra. A resistência dos trabalhadores que pode pender para uma estratégia mais política ou advir do mais simples sentimento de sobrevivência, pairou sobre as nações que se industrializavam aceleradamente. A França pós revolucionária, e em todo o período napoleônico, foi palco de grandes mobilizações de cunho democrático, mas que tinham também conteúdo profundamente social que se ligava direta ou indiretamente às questões da exploração do trabalho — já muito antes da Comuna. Na coletânea *Os excluídos da história*, da historiadora Michelle Perrot, é apontado que o periódico *La Gazette Tribunaux* vinha há meses rechaçando a luta das trabalhadoras têxteis que se viam desempregadas com o emprego de máquinas e, por isso, destruíam-nas. Em 12 de outubro de 1831, o periódico comenta o susto diante da turba de “viragos”:

Na maioria jovens e bonitas, elas mantinham os olhos timidamente baixos, justificavam-se balbuciando e nenhuma delas nos apresentava aqueles traços másculos e marcados, aquela voz forte e rouca, enfim, aquele conjunto de gestos, vozes, aparência e movimentos que nos parecia dever ser o tipo constitutivo da mulher-motim.³³

O rompimento das “viragos” era, além de lutar contra o desemprego e pela sobrevivência, também contra as aparências preestabelecidas de séculos de opressão, furar a tradicional divisão sexual do trabalho.

Em suma, não se trata de rever fontes que abarquem a totalidade ou grande representatividade das lutas dos trabalhadores, mas um breve anúncio de que houve resistência de diversos matizes nos países de recém industrialização; paralelizando, como abstraiu Engels, a dinâmica da evolução do movimento operário com o movimento da industrialização. Mas mesmo que haja um número grande de documentos e bibliografia que tratam da resistência dos trabalhadores, há de se constatar que essa literatura e referências estão repletas de claros. Muitas como é possível notar são oriundas da própria burguesia, carecem de interpretações que filtrem os interesses políticos, econômicos, ideológicos contidos nas informações. Um tipo de ausência é a

³² THOMPSON, E. P. [1963] (2010) *A formação da classe operária inglesa — a árvore da liberdade*, vol. 1, São Paulo: Editora Paz e Terra, p. 64-65.

³³ PERROT, Michelle (2017) *Os excluídos da história — operários, mulheres e prisioneiros*, São Paulo: Editora Paz e Terra, p. 29.

voz dos próprios trabalhadores — sobretudo no século XIX — que por razões objetivas não escreveram suas memórias e nem tiveram como publicar biografias.

Como fonte indireta, contribui para ilustrar a situação dos trabalhadores (e jovens trabalhadores), uma longa lista de obras literárias que ajudam desenhar as condições objetivas e subjetivas dos trabalhadores no início da industrialização. Enredos e personagens captam a substância plasmada na sociedade burguesa em transformação, principalmente a partir do momento em que a pobreza e a miséria saíram da dispersão do meio rural para a concentração do meio urbano; tão próximos da burguesia e dos próprios escritores que eternizaram esse clima de transformações profundas.³⁴

Foi nesse caldo de realidade complexo de exploração do trabalho, enquanto se revolucionavam as máquinas, a produção, as relações de trabalho e as cidades que operários adultos, crianças (ou “pessoas desprovidas de maioridade plena”, nas palavras de Marx) se revoltavam — em conjunto com os trabalhadores mais velhos. Foi nesse cenário que se organizaram sociedades, ligas, uniões pré-sindicais em busca de direitos, de organização de greves e para construção de plataformas políticas. Uma larga miríade de reivindicações inconciliáveis com aquele processo de industrialização que ganhou, ao longo das décadas, contornos mais nítidos e amadurecimento relativo.

A partir da década de 1850, é possível ver resultado e síntese dessa demanda anterior — pois são cumes de décadas de reclamos — nas resoluções do Conselho Geral

³⁴ Alguns dos clássicos da literatura universal abordam as condições materiais e espirituais dos trabalhadores. Seus autores e personagens que contribuem para o entendimento do desenvolvimento da classe operária na expansão industrial capitalista na segunda revolução industrial. Renato Janine Ribeiro, na Apresentação a *Os miseráveis*, de Victor Hugo, afirma: “A miséria é um tema novo, no século XIX. Como realidade, é bem antiga, mas a novidade é ela se tornar tema, isto é, aparecer como algo que causa escândalo e que, dizem cada vez mais romancistas e cientistas sociais, pode — e deve — ser superado.” HUGO, Victor (2012) *Os Miseráveis*, São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, p. 17. Outra novidade para aquele momento é a ideia de *multidão*, como afirma Maria Stella Martins Bresciani: “(...) esses autores se colocaram na posição de observadores das cenas de rua. E, nas ruas, a multidão é uma presença. Seja na sua dimensão anônima, mecânica de massa amorfa, seja na apreensão de detalhes seus exploráveis até certo ponto, o movimento de milhares de pessoas deslocando-se por entre o emaranhado de edifícios da grande cidade compõe uma representação estética da sociedade. As populações de Londres e de Paris encontram-se com sua própria *modernidade* através dessa exteriorização: admiração e temor diante de algo extremamente novo.” Em: BRESCIANI, M. S. M. (1992) *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*, São Paulo: Brasiliense, p. 9. [Grifos do original] Pois essa modernidade se depara com a junção dos dois fenômenos: a miséria da multidão. E a literatura sintetiza e abstrai esses fenômenos em enredos e personagens revelando múltiplas realidades e possibilidades de exploração nas cidades em vertiginoso crescimento. Em geral, esses escritores retratam e denunciam as mazelas produzidas pelas novas relações sociais. Victor Hugo imortaliza Jean Valjean com sua sentença penal às galés, como prisioneiro após roubar um pão, e sua vida cruza a de Cosette, uma criança que trabalha, como escrava, pesadas jornadas diárias para uma família pouco menos pobre que a sua. O que é por exemplo, *A pequena vendedora de fósforos* (1845), de Hans Christian Andersen, senão o trabalho infantil se desenvolvendo na acelerada urbanização dinamarquesa? Já o *Germinal* de Émile Zola (1840-1892), publicado em 1885, mostra a precariedade do trabalho nas minas com grande número de jovens, crianças e mulheres. Uma enorme lista de obras literárias ilustram a vida dos trabalhadores, e em alguns casos, jovens.

da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), em Genebra, de 1866: *As Instruções para os delegados do Conselho Geral Provisório. As diferentes questões*³⁵, documento redigido — a partir de discussões anteriores — por Karl Marx aos delegados da referida reunião. Tinham onze pontos que iam desde a organização da própria AIT, os créditos internacionais, o trabalho cooperativo, sobre uniões de ofício até a questão polaca, as tributações, a questão religiosa e o trabalho juvenil e infantil de ambos os sexos. A AIT admitia, na sua elaboração, o trabalho infantil e juvenil de forma específica e considerando que:

num estado racional da sociedade qualquer criança que seja, desde a idade de 9 anos, deve tornar-se trabalhador produtivo da mesma maneira que todo o adulto saudável não deveria ser eximido da lei geral da natureza: Trabalhar para comer, e trabalhar não só com o cérebro mas também com as mãos.³⁶

A AIT em seu primeiro congresso aprovou, no que tange o trabalho infantil e juvenil, um conjunto de preceitos sobre a relação do indivíduo/ trabalho. Complementarmente, outra passagem que é pilar da educação politécnica, afirma que “nenhum pai nem nenhum patrão deveria ser autorizado a usar trabalho juvenil, exceto quando combinado com [a] educação.”³⁷ E desenvolve três planos da ideia de educação: a mental, a física e a tecnológica.

No documento não há uma apologia do trabalho infantil e juvenil, mas pontos para sua regulamentação. E para isso o documento divide as crianças e jovens de 9 a 17 anos em três faixas etárias sendo:

a primeira classe englobando dos 9 aos 12; a segunda, dos 13 aos 15 anos; e a terceira compreendendo as idades dos 16 e 17 anos. Propomos que o emprego da primeira classe em qualquer oficina ou local de trabalho seja legalmente restringido a duas [horas]; a segunda classe a quatro [horas]; e o da terceira classe a seis horas. Para a terceira classe terá de haver um intervalo pelo menos de uma hora para refeições ou descontração.³⁸

Duas horas de trabalhos diários para a primeira faixa que contém quatro idades sugere mais uma iniciação ao trabalho (lembrando que está vinculado à educação) do que propriamente a exploração daquele pequeno trabalhador. As faixas vão diminuindo

³⁵ MARX e ENGELS (1983) *Obras escolhidas*, t. II, Lisboa/ Moscou: Edições Avante/ Edições Progresso, p. 79. O conclave foi realizado entre 3 e 8 de Setembro de 1866 e os onze pontos levantados pelas *Instruções* foram submetidas ao plenário.

³⁶ MARX e ENGELS (1983), p. 82

³⁷ MARX e ENGELS (1983), p. 83

³⁸ MARX e ENGELS (1983), p. 83

o número de idade, pois vão diminuindo as diferenças, aumentando o número de horas de iniciação ao trabalho (ainda bem longe das fatigantes horas submetidas pela exploração); até chegar aos 16-17 anos que, mesmo com seis horas diárias, está vinculada à educação e têm intervalo para “refeições e descontração”.

Foi proposto, então, uma regulamentação radical em que houvesse uma centralidade do trabalho ligado à educação. Essa lógica, como as próprias *Instruções* indicam, está condicionada a um “estado racional da sociedade”. Portanto, não para o estágio de exploração capitalista do momento em que foram escritas. Ou seja, a AIT não era a favor do trabalho infanto-juvenil, senão em condição social “racional”; e trabalho e educação deveriam se articular num projeto único, para a infância e a juventude.

Ao lançarem as resoluções de seu conclave em 1866, os dirigentes da AIT, esticaram os chamados também aos estudantes; e num apelo chamaram “os jovens a ajudarem na elevada tarefa do século XIX” que está na mão dos pobres a realizarem a revolução. Talvez esta seja a primeira tentativa de articulação conjunta, tão explícita, entre trabalhadores e estudantes. O mote era a “revolução”, “a unidade da raça humana”³⁹ A preocupação da AIT tinha lastro objetivo⁴⁰, pois, sobretudo na segunda metade do século XIX, a aceleração e desenvolvimento da produção revolucionou o meio de trabalho na grande indústria.

A inserção em massa de crianças, adolescentes e mulheres dentro do ambiente fabril foi um ponto alto para que jovens e mulheres estivessem no ambiente público, portanto no ambiente em que se faz reivindicações coletivas. Dessa forma há algum sentido em afirmar que a maquinaria impulsionou as possibilidades de construir plataformas de reivindicações e criação de organizações específicas de mulheres e jovens.

A prosperidade do capitalismo em expansão e em capacidade de produção decresceu no início da década de 1870, com o marco da Grande Depressão de 1873, que

³⁹ *To the Paris Students, To the Students and Young People of All Countries From the Workers of All Countries*, Em: <https://www.marxists.org/history/international/iwma/documents/1866/to-paris-students.htm>, acessado em 18 de maio de 2020.

⁴⁰ A pauta sobre o trabalho infanto-juvenil no conclave da AIT, em 1866, é resultado de reivindicações e leis que foram ganhando corpo por toda a Europa já há décadas. Como, por exemplo, a Lei de Peel, de 1802, na Inglaterra, que legislava sobre o trabalho de aprendizes em moinhos ingleses: limitava a jornada para 12h, o aprendiz não podia entrar para trabalhar antes da 6h e nem permanecer depois das 21h. Na França, em 1813, foi proibido o trabalho de menores de 18 anos nas minas de carvão, no ano seguinte a lei prolongou para esses a proibição de trabalho nos domingos e feriados. Em outros países europeus havia a reivindicação, mas sem a regulamentação como na Inglaterra e na França. Essas leis, no geral, sofreram diversos reveses durante a primeira metade do século XIX. Contudo tiveram avanços também, sendo pauta dos legisladores, dos industriais e do movimento operário.

arrasou a lucratividade e o comércio. A crise foi aguda até, pelo menos 1896, e fez do período uma importante viragem para o movimento operário, que já havia sofrido o término da AIT. E só a partir daí é que houve a formação dos partidos socialdemocratas:

(...) em meio a uma profunda depressão econômica que golpeou entre 1873 e 1896 toda a economia mundial: as formas anteriores de existência do movimento operário, associações culturais, sociedades de socorro mútuo, corporações sindicais e toda uma riquíssima variedade de núcleos associativos que reunia os trabalhadores das novas indústrias junto com os trabalhadores das velhas manufaturas foram impelidas em direção a formas de unificação, seja pela formação de estados nacionais, seja pelo desenvolvimento industrial, seja, finalmente, pela piora geral das condições de vida e de trabalho em toda a Europa.⁴¹

A fundação dos partidos socialdemocratas europeus se deu como consequência, dentre outras causas, da crise de superprodução, de 1873, e do fim da AIT. A configuração de organização coletiva condizente com esse novo estágio do movimento operário é herdeira das formas associativas anteriores e tem por plataforma a reivindicação por melhores condições de vida, mas também associadas às pautas políticas. De forma mais complexa, sua finalidade — agora com uma roupagem diferente — está mais de acordo com os desafios do novo momento. Carone sintetiza isso como:

(...) a superação dos estágios anteriores pelos quais passara a classe trabalhadora. Até a metade do século XIX temos os primeiros passos para a consolidação das estruturas organizadoras da classe — sindicatos e partidos — e de suas definições. Nesta primeira fase de sua existência, o que sobressai é o aparecimento de lideranças individualistas e a efemeridade de sindicatos e partidos — com exceção na Inglaterra. No entanto o processo de aparição e, logo depois, o desaparecimento destes organismos coletivos mostram que a classe trabalhadora tem consciência da necessidade deste instrumental e, ao mesmo tempo, comprovam a sua impossibilidade de concretiza-lo de maneira permanente.⁴²

As novas condições do trabalho, resultantes dessa etapa da revolução industrial, a crise econômica advinda da superprodução e sublucratividade; a crise política, pós guerra Franco-Prussiana, Comuna de Paris e tensões sob a efetivação das unificações

⁴¹ ANDREUCCI, Franco (1985) A difusão e a vulgarização do marxismo, Em: HOBBSAWM, Eric J. *História do Marxismo*, vol. II, São Paulo: Paz e Terra, p. 26.

⁴² CARONE, Edgard (1993) *A II Internacional — pelos seus congressos (1889-1914)*, São Paulo: Editora Anita Garibaldi, p. 11.

italiana e alemã, formaram condições objetivas para o surgimento de novas tendências de resistência na Europa como um todo.

O novo momento do movimento operário europeu sucedeu aquele que iniciou com a Primavera dos Povos em 1848 e terminou com o fim da AIT, entre 1869 e 1872. Este foi um período de menor estruturação e que a AIT, no plano de construção estratégica e de base ideológica, foi marcada pelo embate entre anarquistas e “marxistas”. Outra característica desse desenvolvimento industrial da época da AIT foi a permanência do conjunto de diferenças de compassos que os diversos países tinham nos seus movimentos operários. Em linhas gerais, é possível dizer que nacionalmente havia uma proporcionalidade entre o desenvolvimento dos capitalismo e a dinâmica dos movimentos operários. Mas na comparação entre países havia diferenças profundas tanto no desenvolvimento do capital, assim como na dinâmica de seus movimentos contestatórios. Apesar de relativa proximidade geográfica, as formações econômico-sociais, históricas, nacionais e papéis na divisão internacional do trabalho tinham ritmo e perspectivas diversas, dessa forma e em grande medida, o desenvolvimento dos movimentos operários também foram diversos.

O Partido Socialdemocrata Alemão (SPD) foi fundado com essa nomenclatura, em 1875, num congresso de unificação de duas organizações já existentes desde a década anterior. A Associação Geral dos Trabalhadores Alemães, fundada por, entre outros, Ferdinand Lassale, em 1863; e o Partido Operário Socialdemocrata, fundado, em 1869, por Wilhelm Liebknecht, Wilhelm Bracke, August Bebel e outros. As necessidades políticas, sob carga programática, dos dois desembocou no congresso de unificação. O Partido Operário Socialdemocrata tinha em seu programa de fundação três pontos que consideravam a juventude:

1) Facultar o sufrágio universal, igual, direto e secreto a todos os homens maiores de 20 anos (...) 6) Instrução obrigatória nas escolas públicas e instrução gratuita em todos os estabelecimentos públicos de ensino. (...) 8) (...) proibição do trabalho infantil.⁴³

São três pontos do programa que carregam temas que serão permanentes nas abordagens sobre a juventude: o voto como participação da vida democrática; a educação pública e gratuita; e sobre o trabalho infantil. A participação democrática pelo

⁴³ Programa de Eisenach (1869), Em: MARX, Karl (2012) *Crítica do Programa de Gotha*, São Paulo: Boitempo Editorial, p. 84.

voto é uma tendência a consagração da juventude enquanto setor político ativo, mesmo que ainda esse jovem tivesse no mínimo 20 anos — há uma tendência de diminuição da idade sufragista. Ao mesmo tempo são só os “*homens* maiores de 20 anos”, ou seja, se é possível considerar que a conquista do voto foi uma consagração da juventude enquanto setor da sociedade politicamente ativo, não o foi para as mulheres, jovens ou não. O congresso de unificação teve um esboço de programa que segue, em geral, a mesma linha:

Sufrágio universal, igual, direto e secreto para todos os homens maiores de 21 anos (...) [6] Educação popular universal e igual, sob incumbência do Estado. Escolarização universal obrigatória. Instrução gratuita. [10] (...) proibição do trabalho infantil.⁴⁴

Marx fez apontamentos sobre esse esboço que ficou conhecido como *Crítica do Programa de Gotha*, de 1875. Nele, o autor, faz referência a falta de rigor do texto ao tratar todas as matérias e ainda questiona a viabilidade política, tática e prática de alguns pontos. Dos que tangem a juventude ele inicia sobre a educação:

Educação popular igual? — pergunta Marx — o que se entende por essas palavras? Crê-se que na sociedade atual (e apenas ela está em questão aqui) a educação possa ser *igual* para todas as classes? (...) O parágrafo sobre as escolas devia ao menos ter exigido escolas técnicas (teóricas e práticas) combinadas com a escola pública (...) Absolutamente condenável é uma “educação popular sob incumbência do Estado (...) O governo e a Igreja devem antes ser excluídos de qualquer influência sobre a escola”.⁴⁵

A escola, para Marx, deve — num programa de um partido que está inscrito na sociedade contemporânea — considerar as desigualdades e não tentar nivelá-las. As condições dos estudantes filhos dos operários não eram iguais às condições dos estudantes filhos dos burgueses, considera Marx. Ao mesmo tempo em que deve ser pública e gratuita, não deve ser estatal. Mesmo, como ele considera, com “inspetores estatais”, “recursos das escolas públicas, qualificação do pessoal docente”, por parte do Estado; mas não “conferir ao Estado o papel de educador do povo!” Aqui se revela uma ideia de que a educação — que é um tema ligado direta e principalmente à juventude — passa pelo Estado, mas deve ter uma responsabilidade mais ampla da sociedade.

Dá sequência à sua crítica sobre a proibição do trabalho infantil:

⁴⁴ Programa de Gotha (esboço), Em: MARX, Karl (2012), p. 87-88.

⁴⁵ Glosas Marginais ao programa do Partido Operário Alemão, Em: MARX, Karl (2012), p. 45-46.

Aqui, era absolutamente necessário determinar o *limite de idade*.

A *proibição geral* do trabalho infantil é incompatível com a existência da grande indústria e, por essa razão, um desejo vazio e piedoso.

A aplicação dessa proibição — se fosse possível — seria reacionária, uma vez que, com uma rígida regulamentação da jornada de trabalho segundo as diferentes faixas etárias e as demais medidas preventivas para a proteção das crianças, a combinação de trabalho produtivo com instrução, desde a tenra idade, é um dos mais poderosos meios de transformação da sociedade atual.⁴⁶

As poucas leis que existiam e regulamentavam o trabalho infantil — para uma possibilidade de trâmite de processo jurídico — mencionavam a idade de proibição e regulamentação do trabalho infantil. Marx é coerente quando, acima, fala das escolas técnicas e sobre o caráter da proibição “geral”. Já nas *Instruções*, a AIT, em 1866, abordava o assunto, como mencionamos acima. A realização do trabalho produtivo aliado com a educação para a transformação social. Sem prescindir da proteção à criança era necessário formá-la desde cedo num imbricado programa de instrução produtiva. As observações de Marx não foram aceitas no congresso de 1875, mas de forma geral, o programa de Erfurt, de 1891, as acatou.

1.2 A Internacional da Juventude Socialista (IJS)

O caso do Partido Socialdemocrata Alemão serve de referência sobre o que estava acontecendo em outros partidos socialdemocratas e operários, mais ou menos radicais, mais ou menos reformistas na Europa. A pauta juvenil, as organizações juvenis que iniciaram suas experiências a partir dos anos 1880 ganharam espaço nas preocupações das direções partidárias socialdemocratas, mais por se perceber o potencial mobilizador, do que propriamente a compreensão da especificidade do setor juvenil.

Assim como as características gerais do que era um “partido socialdemocrata” (já que os países desenvolveram industrialização e movimentos operários diferenciados entre si), a ideia do que era “jovem” se dá por aproximação também. Até aqui se trabalha com uma ideia de juventude abstrata, uma faixa etária que já não se confunde com as primeiras infâncias e nem chegou ao que se tem por um adulto amadurecido. A

⁴⁶ Glosas Marginais ao programa do Partido Operário Alemão, Em: MARX, Karl (2012), p. 47-48. Grifos do autor.

ideia de jovem muda conforme o contexto temporal, territorial, histórico e é preciso levar em consideração a expectativa de vida também. No século XX, por uma questão de desenvolvimento do capital, alarga-se a faixa etária chamada juventude. Mas no período tratado aqui tem por jovem muito próximo do que era considerado aprendiz.

O aprendiz⁴⁷ tem por estatuto ser aquele que está em fase de formação profissional prática; está na operação da máquina e aprendendo o funcionamento da fábrica. Por isso, por ser aquele que está em instrução, não é considerado um operário como os outros que já são profissionais mais experientes. O capital derivou daí que o aprendiz não deveria receber pelo trabalho aprendido, pelo trabalho realizado e nem teria direitos.

As campanhas contra o trabalho estritamente de crianças de onze, doze anos, ou menos, deram certo em alguma medida. Existente e até comum, o trabalho infantil se disseminou, apesar de algumas leis reguladoras tenham tentado coibi-lo. Com isso aqueles que já deixavam a vida de crianças, mas ainda não se tornaram adultos, acabavam não tendo aquela proteção jurídica. E foi a respeito dessa lacuna etária, em grande medida, que se desenvolveram as organizações juvenis de caráter socialista.

As motivações pelas quais esses jovens se identificaram (diferente daqueles menores dos doze anos e maiores de 20), por um lado, se encontram na pauta da

⁴⁷ O educador Joaquim Faria Góes Filho em artigo que aborda um panorama da aprendizagem industrial afirma que existe essa faixa de tipos de operários desde o início dos burgos. Ao tratar dos aprendizes no período da manufatura precariamente artesanal, cita Henri Hauser (*Ouvriers du temps passé* [1927]): “Os aprendizes não exerciam nenhum direito. Gozavam apenas da proteção juranda; e, a não serem filhos de mestres, pagavam pela aprendizagem um tanto à corporação, e, em algumas cidades reais, também um tanto ao próprio rei. Não podiam abandonar os mestres e trabalhavam para eles. Em troca eram alojados, vestidos e alimentados. Os obreiros (companheiros), cujo número era indeterminado, gozavam já de certos direitos. Só eram admitidos, como tais depois de terem feito alguma obra especial e de valor. Seu trabalho era remunerado. Não podiam abandonar os mestres, mas também, não podiam ser despedidos sem razão. Os mestres gozavam de muitos privilégios. Era reduzido o seu número e, para ser preenchida a vaga dos que faleciam, requeriam-se muitas formalidades, além do eleito dever pagar um tributo à corporação e, muitas vezes ao próprio rei.” Já na fase das fábricas mecanizadas, Góes Filho mostra que: “A procura do trabalhador barato acentua-se de tal modo de que as crianças pobres são negociadas com proprietários das fábricas e aos mesmos enviadas em verdadeiros rebanhos.” A fase da grande indústria, criou nova divisão do trabalho, fragmentou a produção, teve novas matrizes de energia, mas, ao mesmo tempo, conviveu com a produção precária; Góes Filho avalia esse período para os aprendizes: “É evidente que há fábricas que oferecem outro panorama. As indústrias chamadas ‘de qualidade’ e as que fabricam máquinas para as demais são dois exemplos de tipos que apresentam maior percentagem de operários qualificados e semiqualificados (...). Mas constituem minoria. (...) A necessidade do treino de milhares de jovens que todos os dias buscam emprego em fábricas passou a ser extremamente importante, em face a complexidade mecânica do equipamento e dos processos de produção, à entrosagem de cada indivíduo em conjunto de milhares de homens, todos agindo sincronicamente, ao alto custo dos equipamentos e da matéria prima que vão ser manejados pelo novo operário (...)”. Ele avalia que o aprendiz é aquele em que “se busca manter a continuidade de um sistema que se revelou capaz de assegurar a renovação e a expansão dos quadros de trabalhadores da indústria moderna.” (p. 39-45) GÓES FILHO, Joaquim Faria (1963) A tradição histórica da aprendizagem industrial, Em: *Revista do Serviço Público*, v. 95, nº 2, p. 39-52

opressão do trabalho e por outro, contra o autoritário alistamento militar obrigatório e as pautas ligadas à educação. Essas serão referências importantes para delimitar sobre quais problemas, pautas, demandas estão inscritos os garotos e garotas que formaram as organizações juvenis. Não significa que essa referência etária ficará assim o tempo todo e nem em todos os lugares; haverá dilatação desse período de idade, deslocamento para um período de idade mais avançada etc. Os marcos são as motivações programáticas e a construção da decisão sobre qual o período etário que será de responsabilidade das organizações juvenis ligadas a esses partidos socialdemocratas.

Em meio ao agravamento dessa situação da classe operária em que floresceu problemas específicos da juventude, foi fundada a Internacional Socialista — IS (ou 2ª Internacional) —, em julho de 1889. Com o fim da AIT, a grande depressão da década de 1870, as leis anti-socialistas dos anos 1880 em vários países europeus, reacendeu a necessidade de uma articulação internacional que comportasse os movimentos operários nacionais, os partidos socialdemocratas, a emergência de vários intelectuais e teorias — que tentavam à luz de uma miríade de “marxismos” e socialismos explicar aqueles fenômenos, avançar na conquista de poder político e incorporar uma parcela maior de trabalhadores às suas lutas políticas e econômicas. De início a pauta juvenil ficou em segundo plano na nova Internacional, apesar de comparecer por iniciativa de uma ou outra delegação. A primeira tentativa de colocar as questões juvenis em pauta foi no 5º Congresso da IS, em Paris, em 1900. Não tiveram êxito. No 6º Congresso da IS, de Amsterdã, em 1904, aumentaram as possibilidades de conseguirem colocar de forma majoritária a questão juvenil para o próximo congresso.

O primeiro congresso nacional juvenil socialista da Alemanha, em setembro de 1906, decidiu iniciar as articulações para a organização que deveria reunir jovens trabalhadores de todos os países e preparariam uma conferência internacional que se realizaria em Stuttgart, após o 7º Congresso da IS, no ano seguinte. Algumas organizações europeias foram consultadas e a iniciativa foi saudada. Em janeiro de 1907 foi editado o primeiro *Boletim Internacional* provisório e em março foi composto um Birô Internacional, em Leipzig, para recolher as adesões das mais variadas organizações existentes e para dirigi-lo foram escolhidos Henri De Mann, por secretário, e seus assistentes Ludwig Frank e Karl Liebknecht⁴⁸.

⁴⁸ *L'Internationale Ouvrière & Socialiste — Rapports soumis au Congrès Socialiste Internationale de Stuttgart, v. II, Note complémentaire sur le mouvement ouvrier et d'une étude sur l'organisation internationale de la Jeunesse Socialiste*, 1907, p. 493. [Bibliothek der Friedrich-Ebert-Stiftung]

De Mann passou meses contatando organizações nacionais e recolheu relatórios de cada uma delas narrando a situação atual e como e quando surgiram. Nesses documentos é possível encontrar os números das organizações, as regiões em que atuavam, suas campanhas, periódicos, nomes de militantes, como é a relação com os partidos e sindicatos etc⁴⁹.

Os países que deram algum tipo de resposta foram Alemanha, França, Bélgica, Holanda, Espanha, Suíça, Itália, Áustria, Boêmia, Bulgária, Suécia, Noruega, Dinamarca e Inglaterra. E é possível através de suas trajetórias extrair algumas generalizações comuns que dariam corpo às elaborações das articulações internacionais das juventudes socialistas.

A primeira organização juvenil de caráter socialista foi criada a partir das greves de 1886, na Bélgica. As assíduas tentativas de contenção armada das greves levaram os jovens socialistas belgas a organizarem, em Gant, a *Jeunes Gardes* (A Jovem Guarda / De Jonge Wacht)⁵⁰ — ainda sem abranger todo território nacional — que faziam, sobretudo, intensa propaganda antimilitarista⁵¹.

A *Jeunes Gardes* belga é considerada pioneira das organizações juvenis socialistas e depois dela pulularam organizações semelhantes em vários países⁵². Em 1889, a *Jeunes Gardes* alcançou parte considerável do território e foi incorporada ao Partido Operário Belga. Em 1896 diversificou sua atuação publicando um grande número de jornais e brochuras contendo, além das campanhas antimilitaristas⁵³, a preocupação com a educação⁵⁴. Já por essa época contava com 13 mil membros organizados em 120 grupos em todo país. Participou da fundação da Internacional da

⁴⁹ *L'Internationale Ouvrière & Socialiste* p. 492-493. [Bibliothek der Friedrich-Ebert-Stiftung]

⁵⁰ KAREPOVS (2009), p. 119.

⁵¹ *Compte-rendu de la Première Conférence Internationale de la Jeunesse Socialiste* (1907), p. 12. [Bibliothek der Friedrich-Ebert-Stiftung]

⁵² YCI (1927) *A short history of the YCI*, Londres: YCLGB, p. 5. O trabalho de Shirley WELLER aponta que em 1885 houve uma organização juvenil socialista na Holanda, WELLER, p. 1.

⁵³ Quanto à juventude e o serviço militar são trabalhados diversos símbolos ligados à virtude e à pátria; Loriga afirma em seu ensaio que: “O serviço militar sanciona o ingresso do indivíduo no mundo dos adultos, sugerindo, entre outras coisas, a imagem do menino que desempenha as tarefas militares como se já fosse homem (...) a instituição militar é um *divisor de águas existencial*, que assegura a emancipação econômica, afetiva e sexual do jovem.” Em: LORIGA, Sabina (1996) *A experiência militar*, Em: *História dos jovens* (1996), São Paulo: Companhia das Letras, p. 17-18.

⁵⁴ *Compte-rendu...* cit. p. 12. [Bibliothek der Friedrich-Ebert-Stiftung]

Juventude Socialista (IJS) em 1907 com a delegação composta por Arthur Jauniaux⁵⁵ e Leon Troclet⁵⁶.

A partir dos modelos de organizações sindicais formou-se, em Viena (1894), um agrupamento juvenil de caráter socialista. Dez anos depois passou a se chamar *Fédération de Jeunes Ouvriere*. A indústria crescente da Áustria continha um número grande de aprendizes jovens — objetivo da organização juvenil em desenvolvimento. Em pouco tempo chegou a 4.200 membros reunidos em 70 grupos. Tinha um órgão mensal “de educação”, *Jugendliche Arbeiter*⁵⁷, que servia tanto como um instrumento de propaganda como de formação dos militantes (que era uma preocupação especial). Com o tempo acumulou as questões relativas aos problemas econômicos com intensa campanha antimilitarista.⁵⁸ Na fundação da IJS sua delegação era composta por Leopold Winarsky⁵⁹

De caráter federalista, a organização tcheca foi fundada em 1900. Apoiou-se nos comitês locais que formaram o Partido Socialdemocrata Tchecoslovaco e possuíam forte característica de agitação. Por volta do primeiro lustro de atuação contava com 3.500 membros divididos em 82 grupos. Vale colocar que eram independentes do partido socialdemocrata e tinham algum rigor de hierarquia que emanava orientação a partir de Praga, através de uma revista que chegou a ser quinzenal. Tinham atividades de educação e propaganda antimilitarista⁶⁰. Dos delegados em Stuttgart, em 1907, foram Emmanuel Skatula⁶¹ e Blätter Lustig.

Ao passo que na Hungria, a organização juvenil partiu da atividade sindical, em Budapeste (1894). Num primeiro momento os diversos grupos de jovens não tinham relação orgânica com o Partido Socialdemocrata, atuavam independentemente, o que levou a ação governamental ilegalizar a entidade e encarcerar dirigentes. O

⁵⁵ Arthur Jauniaux (1883-1949) foi militante socialista juvenil. Participou de diversas federações mutualistas. Destacou-se como teórico da seguridade social, sendo autor de dezenas de publicações sobre os problemas dos trabalhadores. Ao final da vida foi senador do Partido Socialista belga.

⁵⁶ Leon Troclet (1872-1946) foi um socialista da causa federalista belga, jornalista e deputado do Partido Socialista entre 1900 e 1946.

⁵⁷ MASCHKE, Fritz (1906) Socialist Organization for the Young, Em: *International Socialist Review*, v. 07 n° 05, de novembro de 1906, Chicago: Charles H. Kerr & Company, p. 269.

⁵⁸ *Compte-rendu...* cit. p. 13. [Bibliothek der Friedrich-Ebert-Stiftung]

⁵⁹ Leopold Winarsky (1873-1915) militantes socialista na Áustria. Fundador da *Fédération de Jeunes Ouvriere* e Secretário do Partido Socialdemocrata Austríaco. Deputado eleito em 1907 e reeleito em 1911. Autodidata de vasta cultura publicou diversos artigos e brochuras sobre juventude e situação social dos trabalhadores. Ligado à ala esquerda do PSDA votou contra os créditos de guerra em 1914.

⁶⁰ *Compte-rendu...* cit. p. 14. [Bibliothek der Friedrich-Ebert-Stiftung]

⁶¹ Emmanuel Skatula (1878-1966) militante socialista tcheco. Tinha prestígio internacional verificado quando Karl Liebknecht foi preso por propaganda antimilitarista, Skatula o substituiu na direção da IJS.

desbaratamento aproximou os jovens do PSD e, clandestinamente, através de organizações locais reconstruiu-se a estrutura e em 1904 conseguiram estabelecer uma revista “de educação”; e em 1907 o primeiro congresso nacional, em Budapeste. Nesse momento os focos das preocupações dessa entidade foram as campanhas antimilitaristas, a educação e a questão do trabalho. Ao mesmo tempo em que o governo não arrefeceu a repressão, as relações com o PSD se adensaram.⁶² A participação da entidade húngara na fundação da IJS foi sob a delegação de Gyula Alpári⁶³

Por volta de 1905 os diversos grupos revolucionários franceses intentaram um grupo único juvenil socialista. O empreendimento se concentrou em Paris e alguns centros industriais e a principal atividade focou nas campanhas antimilitaristas. A entidade francesa não conseguiu enviar delegação à fundação da IJS por problemas internos e “falta de fundos”.⁶⁴

A recente unificação alemã não havia amadurecido, ainda, a contento, a ideia de organização nacional no país. E também por isso havia uma organização juvenil socialista ao norte e outra ao sul do território alemão que foram fundadas no mesmo ano, 1906; mas com trabalho existente desde 1904. O agrupamento do norte, já em 1905, publicava uma revista mensal e tinha uma atuação fortemente centralizada que se pautava pelas questões educacionais e sindicais. Em alguns meses chegou a 3.500 membros. Já a do sul, também acentuadamente centralizada e com uma revista mensal logo chegou a 4.500 membros “dos dois sexos”⁶⁵ Os delegados à IJS foram Hermann Remmele⁶⁶, Tente, Eichhorn, Körner, e Lüpnitz⁶⁷.

A organização suíça foi fundada em 1900 de caráter estritamente voltado às questões de educação. Logo abrangeu também as pautas ligadas ao trabalho e as campanhas antimilitaristas.

⁶² *Compte-rendu...* cit. p. 15. [Bibliothek der Friedrich-Ebert-Stiftung]

⁶³ Gyula Alpári (1882-1944) — militante socialista húngaro. Foi dirigente juvenil, atuou ativamente na revolução húngara de 1919, expoente da propaganda contra o assassinato de Sacco e Vanzetti. Foi preso pela Gestapo na França e morto no campo de concentração de Sachsenhausen, em 1944.

⁶⁴ *Compte-rendu...* cit. p. 15 e 16. [Bibliothek der Friedrich-Ebert-Stiftung]

⁶⁵ *Compte-rendu...* cit. p. 17. [Bibliothek der Friedrich-Ebert-Stiftung]

⁶⁶ Hermann Remmele (1880-1939) metalúrgico e militante socialista. Foi membro do sindicato dos metalúrgicos, em Mannheim. Do Partido Socialdemocrata Alemão, depois do Partido Comunista, sendo secretário-geral por curto período. Dirigente da IC, foi condenado a morte pelos processos de Moscou; executado em 1939.

⁶⁷ Não foram encontradas mais informações sobre esses quatro delegados.

Em 1906 compôs uma organização nacional com 325 membros divididos em cinco localidades. Possuiu um órgão mensal de propaganda e teve ligação estreita com o partido socialdemocrata⁶⁸. Os delegados à IJS foram Bader e Kleinert⁶⁹.

O 5º Congresso da Internacional Socialista em 1900, em Paris, absorveu, em parte e pela primeira vez, a questão juvenil. Ainda aparentemente de forma instrumentalizada, mas num crescente quanto a considerar a juventude tanto como movimento mobilizador organizado, que vinha crescendo em diversos países, como setor social que progredia numericamente nas fábricas, minas e oficinas.

uma resolução, colocada por Rosa Luxemburgo, contra o militarismo e o colonialismo, expôs suas raízes e da guerra no capitalismo; e colocou tarefas concretas para a luta: primeiro, o voto contra todos os gastos militares e navais ou despesas para o colonialismo; segundo, educar a juventude para o antimilitarismo, no caso do desenvolvimento de uma crise internacional (...)"⁷⁰

Mas a principal polêmica do Congresso de 1900, que consumiu grande fatia dos debates, foi a questão da tática no concernente às possibilidades de aliança com setores burgueses; mais especificamente no *Caso Millerand*, que os franceses levaram ao 5º Congresso da IS.⁷¹ Essa foi considerada a primeira “crise revisionista” da IS; a segunda se deu no congresso seguinte (Amsterdã, 1904), como um desdobramento da questão posta por Millerand, mas agora protagonizada por Eduard Bernstein. A questão juvenil, então, não teve estofo suficiente para ocupar um espaço maior nas resoluções, mas isso — se verificará — terá sido mudado com a ampliação do número de organizações juvenis socialistas, a quantidade de jovens que aderirá a elas e o aumento crescente do raio de influência que essa pauta ganhará em torno do movimento operário como um todo.

⁶⁸ *Compte-rendu...* cit. p. 18. [Bibliothek der Friedrich-Ebert-Stiftung]

⁶⁹ Não foram encontradas mais informações sobre esses delegados.

⁷⁰ DUTT, R. Palme (1964) *The Internationale*, Londres: Lawrence & Wishart LTD, p. 111.

⁷¹ “O episódio é o seguinte: sem o consentimento do Partido Socialista, agindo individualmente, o deputado socialista A. Millerand, ativista de renome entre os companheiros de militância, aceita fazer parte do Ministério Waldec-Rousseau, em 13 de junho de 1899. Só que Waldec-Rousseau é representante da alta burguesia francesa, e, no seu Gabinete, o ministro da Guerra é o general Gallifet, um dos carrascos da Comuna de Paris (1871); Millerand ocupa o Ministério do Comércio. Imediatamente o Partido Socialista e outras facções de esquerda, contrários à situação, se reúnem e se mostram favoráveis à tática da luta de classes e não à colaboração de classes. A atitude dos radicais franceses irá refletir no Congresso Socialista de Paris que estamos analisando. No entanto, para ficar clara a sua posição, Millerand afirma que sua atitude não é nova, e que desde 1893 preconizava uma política pacífica e reformadora.” CARONE, 1993, p. 61.

A elaboração da pauta antimilitarista de Rosa e Lenin ancorou a pauta juvenil, mesmo nesse congresso que não havia grandes articulações para isso, já que a pauta da educação para os jovens, um dos pilares programáticos desde o início das mobilizações juvenis, deveria infundir “a juventude operária no espírito da irmandade das nações e do socialismo e imbuir de consciência de classe”⁷² Segundo Peter Nettl:

A influência de Lênin era evidente na conclusão. Se adotou sua emenda, e a resolução final foi um composto de partes das resoluções propostas pelos alemães, pelas seções moderadas dos franceses e pelo deliberado endurecimento e umas e outras com o acréscimo de Luxemburgo e Lênin. A emenda foi adotada a despeito da oposição de Bebel. Não era, na verdade, uma resolução mediação, mas sim uma composição.⁷³

Depois de marcado, adiado e remarcado, o 6º Congresso Socialista Internacional se realizou em Amsterdã entre 14 e 20 de agosto de 1904. O auge da guerra russo-japonesa era aos delegados um fato presente. A pauta antimilitarista era evidente e isso estava a favor da continuidade e desenvolvimento da pauta juvenil. Giorgui Plekhanov e Sen Katayama se cumprimentaram publicamente como representantes dos movimentos socialistas de seus países mostrando o caráter de classe daquele conflito armado. Outras duas pautas foram tratadas e que serão absorvidas, mais tarde, pelo movimento socialista juvenil internacional: o problema do alcoolismo⁷⁴ e o clericalismo nas escolas⁷⁵. O aprofundamento das polêmicas em torno das teses revisionistas deram, ainda, tonicidade ao conclave.

A compreensão de que a juventude era um contingente grande que ia para a guerra, perdia a vida e por isso um setor importante para a campanha antimilitarista palpitou na elaboração de Lênin e Rosa. Este foi o esteio principal da proposição, sendo a interlocutora e quem fez a defesa oral da proposta. Mais tarde, o então jovem dirigente

⁷² NETTL, J. Peter (1969) *Rosa Luxemburgo*, Cidade do México: Ediciones Era, p. 326.

⁷³ NETTL, (1969), p. 325.

⁷⁴ É denunciado o “embrutecimento alcoólico (...) que afasta as massas da propaganda socialista e do desenvolvimento cultural, paralisa a energia revolucionária dos camaradas comprometidos no movimento e abafa o estudo mais aprofundado do socialismo teórico como doutrina, assim como o desenvolvimento intelectual”, Em: *Congrès international*, Amsterdã, 14-230 Août, 1904, Genebra, vol. 14-15, Minkoff, p. 190. *Apud* CARONE, 1993, p. 73.

⁷⁵ Como resolução do Congresso constou que “o clericalismo foi sempre e será sempre o inimigo da cultura, da emancipação e da liberdade intelectual; que o sustento que lhe é dado pelos diferentes partidos burgueses constitui um atentado direto ao direito elementar de todo indivíduo à liberdade da consciência completa; e que essa ação de parte do clericalismo é ditada pelo desejo de abafar, no espírito da juventude proletária, o germe do pensamento da emancipação”. Em: *Congrès international*, Amsterdã, 14-230 Août, 1904, Genebra, vol. 14-15, Minkoff, p. 180-181. *Apud* CARONE, 1993, p. 73-74.

comunista britânico William Rust historiou os vinte anos do movimento juvenil de tradição socialista, em 1927, e sobre a origem defendeu que este:

(...) movimento de juventude floresceu como um movimento militante contra o militarismo capitalista e a terrível miséria da juventude da classe trabalhadora, particularmente os aprendizes que trabalhavam em casa e em pequenas indústrias.⁷⁶

Para Rust havia outro inimigo além do militarismo e da condição social dos jovens trabalhadores. Ele considerava que os Partidos Socialdemocratas e os líderes sindicais “procuraram evitar o desenvolvimento do movimento juvenil e privá-lo da independência organizacional e atividades próprias”⁷⁷. É preciso lembrar que Rust escrevia para a Internacional Comunista e nesse momento se construiu a política de classe contra classe, que enxergava o inimigo central na socialdemocracia — que veremos mais adiante.

Como resultado das organizações nacionais europeias (e uma nascente nos EUA), entre 24 e 26 de agosto de 1907, realizou-se o 1ª Conferência Internacional da Juventude Socialista (IJS), logo após o 7º Congresso da Internacional Socialista, na cidade de Stuttgart, capital da província Baden-Württemberg, no sudoeste da Alemanha.

Ali, confluíram-se uma diretiva que já vinha há anos se conformando como uma demanda política necessária e inevitável: a fundação da Internacional da Juventude Socialista. Participaram 20 delegados de treze países que representavam 60 mil membros de organizações juvenis socialistas.⁷⁸ E teve como primeiro principal dirigente o líder antimilitarista alemão Karl Liebknecht, que logo foi preso por conta da autoria do livro *Militarismo e Antimilitarismo* — onde sugere que o capitalismo prepara “uma casta” de pessoas desde a infância para a guerra. Este livro foi publicado seis meses antes (fevereiro de 1907), e está dividido em duas partes: a primeira é o militarismo e a segunda o antimilitarismo. Na primeira parte o autor analisa a essência, o significado, a origem, a história e as bases sociais do militarismo. Caracteriza-o a partir do contexto capitalista; onde há um inimigo externo em que o transporte ágil de guerra é o naval; em que há um militarismo colonial; deslinda sobre as possibilidades de guerra. Aponta qual é o papel do proletariado num possível confronto armado; quais são os métodos do

⁷⁶ RUST, William (1927) *20 years later: A history of the Youth International*, Londres: Executive Committee Youth Communist International, p. 6

⁷⁷ RUST, 1927, p. 3.

⁷⁸ PRIVALOV, Victor (1971) *The Young Communist International and its origins*, Moscou: Progress Publishers, p. 28.

militarismo, a formação do soldado, a burocracia, a relação com a população civil e sua singularidade de regulador político. Como Rosa Luxemburgo também já havia feito, mostra que o braço armado do Estado é um instrumento para a defesa da burguesia contra o proletariado. E ao final desta primeira parte faz um mapa da situação militar de vários países europeus, que somados, revelam o estado-da-arte da paz e da iminência de guerra no continente.

A segunda parte do livro de Liebknecht trata do antimilitarismo. Ele mostra que há uma evolução no pensamento antimilitarista em relação a anos anteriores. Aponta que há uma ameaça do militarismo contra o antimilitarismo — e isso é visto diversas vezes nesses últimos anos como foram os tratamentos dos governos e das instituições armadas contra qualquer tipo de manifestação anti-guerreira. Diferencia as táticas adotadas nas campanhas dentro e fora dos países; e as diferenças entre os socialdemocratas e anarquistas ao abordarem essa pauta. Coloca como fundamental a propaganda antimilitarista e traça as tarefas da socialdemocracia alemã nesta luta. Mas o que foi central para que Liebknecht fosse preso depois da publicação e que fizesse uma intervenção especial na reunião juvenil internacional no final de agosto de 1907, foi um capítulo que tratava particularmente sobre o militarismo como opressão à atuação da luta antimilitarista das organizações socialistas juvenis de diversos países. Conclama, ao final do capítulo, a necessidade de se instituir um movimento internacional antimilitarista. O livro termina com uma frase provocadora ao império alemão e às burguesias europeias: “Quem tiver a juventude, tem um exército.”⁷⁹

Também houve uma conferência da jovem dirigente holandesa Henriette Roland Holst sobre a educação juvenil. E ficou decidido que a relação entre a organização juvenil e os partidos e sindicatos deveriam ser de “harmonia”, “concordância”, de forma que se evitasse conflitos e a subordinação não dificultasse a independência⁸⁰. Ou seja, são organizações diferentes que têm relação de colaboração muito próxima, onde o partido e o sindicato detém superioridade.

Um dos principais resultados dessa 1ª Conferência Internacional da Juventude Socialista foi a confecção de um programa. Algumas ideias-força que seriam trabalhadas pelas organizações juvenis nacionais ajudaria a fortalecer o movimento internacional e daria substância à atuação dessa nova instância criada em agosto de

⁷⁹ LIEBKNECHT, Karl [1907] (1973) *Militarism and antimilitarism*, Cambridge: River Press.

⁸⁰ *Compte-rendu...* cit. p. 1. [Bibliothek der Friedrich-Ebert-Stiftung]

1907. Com uma pauta norteadora da atuação de todas essas organizações criaria campanhas interdependentes e possibilidades maiores de ajuda mútua. O núcleo desse programa era organização, educação e luta. Palavras ainda bem genéricas, próprias de uma organização nova. Para a organização entendiam que deveria ser específica “de todos os jovens operários e operárias e que estivessem ligadas aos partidos socialistas e aos sindicatos”. A educação tinha como mote a formação socialista de seus membros “despertar a consciência de classe de forma clara e firme, com o objetivo de criar bons combatentes da luta de classes tanto sindical quanto política, e que possa dirigir o proletariado organizado.” E, por fim, a

luta contra os principais inimigos da juventude operária: o ensino cheio de vícios e concedidos pelas classes dominantes, contra a exploração das forças produtivas pelo capitalismo sob a forma de aprendizagem e do trabalho de fábrica, contra o alcoolismo destruidor das forças físicas e psíquicas da nova geração, enfim e sobretudo contra o militarismo.”⁸¹

Dessa forma a IJS se tornou, neste primeiro momento, um departamento da IS que realizava articulações entre as organizações juvenis dos principais países industrializados da Europa. Crescentemente a principal bandeira política foi a denúncia intransigente de uma possível guerra.

Progressivamente, no âmbito da 2ª Internacional, a questão de como se devia conformar a relação entre a organização juvenil e a organização “adulta” tomou conta da pauta entre jovens e dirigentes mais antigos dos partidos socialdemocratas europeus, principalmente o alemão. A polêmica, que variava entre ampla independência, autonomia relativa e um único corpo orgânico, atingiu organizações juvenis nacionais e a própria ISJ.

O ano de 1910 segue com intensa atividade da ISJ. Afora as campanhas contra a guerra que são feitas nos países há intensa relatoria sobre as organizações nacionais, principalmente França, Alemanha, Itália e Áustria que são refletidas no *Bulletin de La Fédération Internationale des Jeunesses Socialistes*, que publicou dez números nesse ano, seis em 1911 e cinco em 1912.

1.3 Lênin: autonomia e preparo da juventude

⁸¹ *Compte-rendu...* cit. p. 2-3. [Bibliothek der Friedrich-Ebert-Stiftung]

Assim como na Europa ocidental, o movimento operário na Rússia desenvolveu preocupações específicas voltadas para a juventude em geral e particularmente para a operária. Em Moscou e São Petersburgo, na virada do século, apareceram inúmeros periódicos que tratavam da questão juvenil; e nas escolas e universidades crescia o número de círculos de estudos de questões políticas, em geral, e sobre o marxismo, em particular. Lênin estava alerta a isso e inseriu o tema na sua produção sobre o partido revolucionário. A elaboração que continha a estratégia sobre a importância de fileiras de jovens dentro do partido já compareceu no livro *Que Fazer?*, de 1902. O autor expressava preocupação com a presença de forte corrente de vulgarização economicista que — tinha ares de modismo e — poderia minar características revolucionárias do Partido Operário Socialdemocrata Russo (POS DR). Lênin já ali chamou a atenção para esse fenômeno que afetou parte dos dirigentes que “entraram na moda e angariaram uma irresistível influência sobre a massa da juventude atraída pelo movimento e que não conhecia, na maioria dos casos, mais que fragmentos do marxismo em sua forma legal.”⁸²

Ainda na mesma obra, Lênin aponta, por um lado, a força com que a juventude apresentava ao conhecer o marxismo e, por outro, os perigos da falta de trato adequado que os socialdemocratas davam aos fenômenos espontâneos, tanto no que concerne o trabalho de massa mais amplo, quanto o trabalho interno do partido. E isso influenciou diretamente no trabalho juvenil:

O movimento de ascensão espontânea das massas na Rússia foi (e segue sendo) tão rápido que a juventude socialdemocrata acabou por se revelar pouco preparada para cumprir essas tarefas gigantescas. Essa falta de preparação é a nossa desgraça comum, a desgraça de *todos* os socialdemocratas russos. A ascensão das massas se deu e se estendeu de forma ininterrupta e contínua (...) (sob influência do movimento operário, reanimou-se a efervescência da juventude estudantil entre os intelectuais em geral e até entre os camponeses). No entanto, os revolucionários *atrasaram-se* em relação a esse movimento ascensional tanto nas suas "teorias" quanto na sua atividade, não conseguiram criar uma organização permanente que funcionasse (...) capaz de *dirigir* todo o movimento.⁸³

Lênin apreendeu alguns pontos para suas sínteses de organização revolucionária observando a atuação da juventude na luta política russa no período anterior a 1905.

⁸² LÊNIN, Vladimir Ilitch (2015) *Que Fazer? — problemas candentes do nosso movimento*, São Paulo: Expressão Popular, p. 86

⁸³ LÊNIN (2015), p. 105-106. Os grifos são do autor.

Constatou que o POSDR não havia elaborado meios para transformar a potência de mobilização de massa — que eram aqueles núcleos de jovens estudantes e operários que haviam se formado em vários pontos do território russo — em instrumentos que absorvessem a política revolucionária dos socialdemocratas. A socialdemocracia russa acabou por deixar essa juventude à deriva do acaso tanto do ponto de vista orgânico, quanto do ponto de vista ideológico; e não conseguiu conter a influência aberta de ideias alheias — que não condiziam com a orientação política do POSDR — atingissem sobremaneira sua própria militância juvenil.

Os socialdemocratas russos tinham um contingente enorme de jovens como dirigentes partidários que deveriam coordenar inúmeras frentes de trabalho num momento em que a Rússia caminhava para uma situação pré revolucionária. Nas conclusões da obra *Que Fazer?*, Lênin apontou essa preocupação, atento à necessidade de trato específico para essa camada de dirigentes partidários:

A maioria dos dirigentes é constituída por jovens que ainda estavam longe, "dos 35 anos" (...). Com sua juventude, não se encontravam preparados para o trabalho prático e saem de cena com muita rapidez. No entanto, na maioria dos casos, o seu trabalho apresentava enorme alcance.⁸⁴

A condição particular dessa faixa geracional de dirigentes não podia ter apenas políticas partidárias gerais, era necessário — como foi proposto por Lênin, em 1903, na Conferência do POSDR — “uma organização partidária especial para a juventude de ambos os sexos”.⁸⁵

Em setembro de 1903, Lenin publicou no jornal *Student* uma carta (que, pelo plano inicial, deveria seguir outras), o artigo *As tarefas da juventude revolucionária*. Este artigo foi largamente difundido durante os dois próximos anos pelos estudantes revolucionários de Moscou. Nele o autor mostra que as divisões políticas que havia entre os estudantes são as divisões políticas de classe que há na sociedade:

O mundo dos estudantes não seria o que é se a sua divisão política não correspondesse à divisão de toda a sociedade. Eu entendo por “corresponder” não um sentido de proporções rigorosamente mantida entre os grupos de estudantes e os grupos sociais quanto às suas forças e aos seus efetivos, mas no

⁸⁴ LÊNIN (2015), p.249.

⁸⁵ WEBB, Sidney; WEBB Beatrice (1945) *URSS — uma nova civilização*. Rio de Janeiro: Editorial Calvino Limitada, p. 523

sentido em que existe necessária e inelutavelmente entre os estudantes, os mesmos grupos que na sociedade.⁸⁶

Após o Congresso de Stuttgart, em 1907, Lenin publicou no *Vperiod* um artigo intitulado *A propaganda antimilitarista e as organizações da juventude operária socialista*⁸⁷. Ali ele está imbuído das resoluções do congresso sobre o “problema do militarismo e, em relação com ele, a questão da propaganda antimilitarista”:

Na resolução aprovada com este lema se disse, entre outras coisas, que o congresso considera uma obrigação das classes trabalhadoras “contribuir para que a juventude operária se eduque no espírito de fraternidade dos povos e do socialismo e tenha consciência de classe”.⁸⁸

Se vinte anos antes, Bélgica e Holanda iniciavam uma fusão entre as organizações juvenis e os partidos socialdemocratas, agora, Lenin assimila o fenômeno como uma responsabilidade e uma “obrigação das classes trabalhadoras”, como um todo, a questão da consciência dos jovens operários. Há para ele um aspecto de cooperação dos mais experientes para com os menos experientes, dos adultos com os mais jovens. É a lógica de preparo da próxima geração, uma visão totalizante em que o partido comunista contém um setor juvenil. Lenin percebeu na juventude trabalhadora um dos principais agentes da campanha antimilitarista. Como eram os trabalhadores que compunham a maioria dos contingentes militares, seria possível fazer a campanha antimilitarista entre iguais:

Fazer campanha entre os soldados da ativa é extremamente difícil e, às vezes, quase impossível. A vida do quartel, a vigilância severa e as raras saídas dificultam ao extremo a comunicação com o mundo exterior; a disciplina militar e o absurdo adestramento autoritário atemorizam os soldados (...) Abordar o soldado desligado do [seu] meio habitual, só, ignorante e atemorizado.⁸⁹

No mesmo artigo, Lenin explica que eventualmente o militante da organização socialista era convocado ao alistamento compulsório e enviado para alguma base. Parte das vezes a organização e os militantes conseguiam manter o contato. Eles recebiam materiais e orientações e passavam informações e balanços de suas atividades. Era

⁸⁶ LENIN, Vladimir I. (1975) As tarefas da juventude revolucionária, Em: *A juventude e a revolução*, Lisboa: Pontos de vista, p. 46.

⁸⁷ LENIN, Vladimir I. (1976) *Acerca de la juventude*, Moscou: Editorial Progresso, p. 152.

⁸⁸ LENIN (1976), p. 152.

⁸⁹ LENIN (1976), p. 152.

comum que o soldado fosse enviado para longe de sua casa — para que os laços com a região em que vai atuar como soldado não o impedissem de, por exemplo, abrir fogo contra a multidão — e nesses casos o militante era recebido clandestinamente pela seção da organização desse novo local; e assim, pudesse voltar a receber orientações e se comunicar com a sua entidade. Nesse espalhamento e mistura de soldados era possível construir novas células e chegar onde a organização ainda não havia conseguido chegar. E só assim foi possível fazer com que: “as publicações antimilitaristas cheguem aos soldados nos quartéis, lhes são entregues nas ruas, as encontram nos cafés, nas tabernas, em todos os lugares que frequentam”.⁹⁰

Com a crise da II Internacional, quando os parlamentares socialdemocratas europeus votaram — com a anuência de seus partidos — pelos créditos bélicos e a participação na Primeira Guerra (1914-18), os membros da IJS se insurgiram contra o que consideraram uma traição a toda a série histórica do movimento antiguerreiro.

Desde o início da Internacional Socialista foi diagnosticado que havia possibilidades reais de início de uma guerra de grande monta. Todos os congressos e, em especial, o de Stuttgart (1907), houve resoluções que apontavam grandes prejuízos para os trabalhadores se houvesse uma guerra e a unidade girava em torno de questões antimilitaristas. Não houve dissensos nesta linha política. Mas, revelando uma tendência que já vinha existindo, mesmo sem força, uma bilateral entre parlamentares socialdemocratas alemães e franceses, foi colocado pelos últimos concordância em se votar pelos créditos de guerra. A concordância dos alemães levou, não sem rápida e intensa discussão interna, ao discurso no Reichstag, de 4 de agosto de 1914, em que Hugo Haase, parlamentar socialdemocrata proclamasse: “Os socialdemocratas não poderiam abandonar a pátria neste momento de necessidades!”⁹¹ Dez dias depois:

Os líderes socialistas Jules Guesdes e Marcel Sembat tornaram-se membros do governo francês: seus exemplos foram seguidos por Albert Thomas; Emile Vandervelde, líder da Internacional Socialista, tornara-se líder do governo belga, tão logo estourara a guerra. (...) na Inglaterra o Partido Trabalhista se absteve na votação dos créditos de guerra (...)⁹²

Mas, talvez, seja na crise da Internacional Socialista, no início da Grande Guerra que seja selado o ponto de encontro entre a elaboração juvenil internacional e a política

⁹⁰ LENIN (1976), p. 155.

⁹¹ PRIVALOV (1971), p. 39.

⁹² PRIVALOV (1971), p. 39.

leninista. Até aqui, Lênin havia examinado mais a fundo as questões do movimento juvenil russo, feito proposições e críticas. Com a crise posta pela cisão da Internacional Socialista, aumentou a necessidade de reorganizar os revolucionários numa instância internacional. Lênin articulou uma reunião na pequena cidade suíça de Berna para iniciar essa retomada. Num primeiro momento houve a Conferência de Mulheres, de 26 a 28 de março de 1915, em que a delegação russa enviou um documento “Projeto de resolução da conferência internacional de mulheres socialistas”⁹³, com elaboração, em grande medida, de Lênin.

O documento traça alguns pontos principais para a linha política de retomada de articulação dos revolucionários. Denuncia a ala social-chauvinista da Internacional Socialista que traiu as resoluções de Stuttgart, Copenhague e Basileia — colocando como central essas resoluções contra a guerra; toma a guerra como um evento que massacra os trabalhadores, sobretudo as mulheres; e aponta que é tarefa desses revolucionários combater o nacionalismo em seus países.⁹⁴

Esse mesmo documento, foi proposto como política basilar da Conferência Internacional da Juventude Socialista, realizada na mesma cidade de Berna, logo após a Conferência de Mulheres, de 4 a 6 de abril de 1915. Ali se reconfirmou a oposição à guerra e ao militarismo, com uma resolução final que exigia o desarmamento total; além, é lógico, da total independência da dos jovens socialistas em relação à II Internacional. Lênin estava próximo à reunião, mas não tinha credencial para participar da conferência, sendo assim, se comunicava de dentro de um restaurante com o interior da reunião, através de delegados russos (Inessa Armand e G. I. Yegorov) e de outras nacionalidades⁹⁵ que iam e vinham, levavam e traziam notícias do restaurante para o local da reunião e vice-versa. Participaram em Berna dez países (Alemanha, Bulgária, Dinamarca, Holanda, Itália, Noruega, Polônia, Rússia, Suécia e Suíça). A ordem do dia foi: “1) Eleição de um presidium e questões organizacionais; 2) informe das organizações nacionais; 3) A guerra e as tarefas face à Internacional Juvenil Socialista e outras questões.” Sendo o terceiro ponto o mais discutido.⁹⁶

Como resolução se adotou a denúncia contra o social-chauvinismo como traidores dos interesses dos trabalhadores; condenaram a traição dos líderes

⁹³ LENIN, V. (1984) *Obras Completas*, tomo 26, Moscou: Editorial Progreso, p. 215.

⁹⁴ LENIN, V. (1984) *Obras Completas*, tomo 26, Moscou: Editorial Progreso, p. 216-217.

⁹⁵ BABATTE, Gross (2007) *Willi Münzenberg, una biografía política*, Vitoria-Gasteiz: Ikusager Ediciones, p.78-79.

⁹⁶ PRIVALOV (1971), p. 39.

socialdemocratas, seus partidos e a Internacional Socialista; que a guerra era imperialista e tinha uma natureza agressiva; e era resultado da política imposta pelas classes dominantes de todos os países capitalistas. A votação (13x3) não foi unânime, foi por maioria, mas mesmo assim preocupou Lênin, pois caminhava-se para a aprovação de uma resolução vaga. Sua proposta levada por Inessa e Yegorov de fazer da guerra imperialista, uma guerra civil revolucionária não foi aprovada. Isso se dava porque uma boa parte daqueles delegados e daquelas organizações europeias estavam sob influência de certo centrismo. Essa tendência de não radicalizar as resoluções tinha por justificativa alguns dados objetivos de repressão em diversos países que perseguiam, prendiam e até sentenciavam pena de morte para quem se opusesse à guerra: “Muitos jovens foram executados por tomarem parte numa luta subterrânea contra a guerra”.⁹⁷

Mas a movimentação rebelde de afastamento da Internacional Socialista e de sua política colaboracionista com os belicistas das burguesias nacionais havia se realizado com empolgada unanimidade; a entidade internacional dos jovens socialistas se preparava para se reorganizar.

À frente da rebelião juvenil destacou-se o jovem sapateiro alemão — com trajetória de militância juvenil na Suíça — Willi Münzenberg que, junto com a líder juvenil socialista italiana, Angelica Balabanoff, e o dirigente do Partido Socialdemocrata Suíço, Robert Grimm, dirigiu a Conferência de Berna. Liebknecht insistiu que os jovens revolucionários já haviam feito algumas sínteses que guardavam atualidade, desde o congresso de Stuttgart; e resumiu um programa. Foi constituído um Birô Internacional da Juventude Socialista para executar as demandas indicadas pela resolução de Berna.

Outra deliberação foi o Dia Internacional da Juventude que, nas palavras do então professor estadunidense Richard Cornell:

Se apoiaria no Birô Internacional da Juventude Socialista no outono de cada ano e teria manifestações, comícios, reuniões, discursos que seriam utilizados para despertar a juventude de todos os países contra a guerra. Inexplicavelmente essas atividades tiveram mais sucesso em países neutros, onde as restrições não eram nem de perto tão severas como nos Estados beligerantes.”⁹⁸

⁹⁷ PRIVALOV (1971), p. 45.

⁹⁸ CORNELL, Richard (1965) *Youth and communism — as historical analysis of International Communist Youth Movements*, Nova Iorque: Walker and Company, p. 17.

O próprio professor Cornell explica o que considera inexplicável. Nos países beligerantes havia mais dificuldades de se entoar uma campanha precisamente porque não estavam envolvidos diretamente na guerra, não tinham compromisso em manter o país em alerta militar, contra possíveis espiões, sabotadores etc. Nos “países neutros”, nas palavras dele, as restrições eram menores já que pairava certa normalidade com relação à guerra, podendo haver maiores possibilidades para campanhas contra a guerra.

Por sua vez, o soviético Privalov complementa apontando que no Dia Internacional da Juventude houve uma palavra de ordem que acompanhou as manifestações antiguerra que caracterizaram o evento. Foi no 3 de outubro de 1915 que em diversos países que os jovens militantes socialista entoaram “Abaixo a guerra imperialista!”, sobretudo na Suécia, Dinamarca, Suíça, Noruega, Holanda, Estados Unidos, Rússia, Romênia e Portugal, envolvendo por volta de 120 mil jovens.⁹⁹ Uma mesma palavra de ordem, no mesmo dia, com o mesmo intuito é um feito possível, inclusive, por existência de uma articulação internacional de organizações de juventudes socialistas.

Münzenberg ficou responsável por criar um periódico como resolução da conferência. Foi quando Lênin o conheceu e a outros outros dirigentes da IJS independente; e passou a refletir sobre aquelas polêmicas acerca a questão juvenil. O dirigente russo havia ganho a simpatia daqueles dirigentes, o que levou:

Münzenberg e muitos jovens socialistas se sentiram atraídos por Lênin, já que este defendia uma organização juvenil que formasse suas próprias ideias políticas e tomasse decisões de forma independente. Lênin estava convencido de que aqueles jovens haviam desempenhado um papel importante no teatro político de seu tempo (...)¹⁰⁰

Entre abril e setembro foram efetuadas articulações para uma reunião maior e mais abrangente que desse cabo, se não de uma organização, pelo menos de uma política unificada dessa ala de revolucionários que havia desgarrado da Internacional Socialista. Já havia sido feita experiências com duas conferências (mulheres e juventude) e, passado meses e dezenas de bilaterais, foi chamada a reunião que se realizou na cidade suíça de Zimmerwald, entre 5 e 8 de setembro de 1915.

A conferência denunciou a traição da Internacional Socialista, condenou a guerra imperialista e exigiu o seu fim. Lênin e os bolcheviques que participaram da conferência organizaram um

⁹⁹ PRIVALOV (1971), p. 59.

¹⁰⁰ BABATTE (2007), p. 84

grupo marxista revolucionário que foi subsequentemente chamado de a esquerda de Zimmerwald. Esse grupo dirigido por Lênin, propôs uma resolução que exigiria completo rompimento com os social-chauvinistas.¹⁰¹

Não havia correlação de forças nem para os centristas capitaneados por Robert Grimm, nem para Lênin ou qualquer outro grupo envolvido. A resolução foi adotada, mas alguns pontos foram colocados apenas no manifesto aprovado. Essa insuficiência de equilíbrio pra um lado ou para outro não permitiu que se avançasse na pauta. A guerra foi um entreato, um momento em que, para a organização juvenil socialista internacional, se resistia existir.

Por outro lado, a publicação que havia ficado sob responsabilidade de Münzenberg estava jogando papel na publicização das resoluções de Berna. Era publicado em alemão, italiano e sueco; e tinha uma tiragem de 50 mil exemplares. “Através da revista Lênin, Karl Liebknecht, Alexandra Kollontai e outros proeminentes líderes do movimento operário expuseram aos jovens os principais aspectos do movimento revolucionário dos trabalhadores e a luta contra a guerra imperialista.” E na primeira edição contou com um artigo de Alexandra Kollontai que aventava uma:

Terceira Internacional e as tarefas em face da juventude trabalhadora em tempos de guerra. “A Terceira Internacional Socialista não é uma utopia, e não é uma ‘esperança vazia’ de otimistas incorrigíveis. Os fatores que a construção estão presentes entre nós e têm gerado constantes crises (...)”¹⁰²

Dentre muitos dos “fatores” que Kollontai não se refere diretamente, provavelmente estão a articulação juvenil e as condições de tempos de guerra. Este último dificulta a agilidade do Birô Internacional da Juventude Socialista e, que por isso, esfria as divergências para constituir e amadurecer a sua plataforma política. O Birô Juvenil passa a cooperar com a Comissão saída da conferência de Zimmerwald e passam a construir uma plataforma que gira em torno da repulsa à guerra e à Internacional Socialista.

Em outubro de 1916, Lênin escreve um artigo longo (*Sob a consigna do desarmamento*) que, a partir de três outros artigos analisa as tendências que assolavam parte do movimento socialista revolucionário internacional, principalmente na militância juvenil. Os artigos, publicados em diferentes periódicos socialistas, são da já

¹⁰¹ PRIVALOV (1971), p. 48-49.

¹⁰² PRIVALOV (1971), p. 52.

experiente militante juvenil holandesa Henriette Roland Holst, que pendia para a conciliação; outro de Roberto Grimm, da direção da ISJ que defendia o desarmamento; e um terceiro do marxista holandês Wijnkoop que defendia armar o povo.¹⁰³

Ali Lênin defende que a ideia de desarmamento está vincada numa perigosa opinião de que em quaisquer circunstâncias os revolucionários serão contra a guerra e que haverá uma passagem ao socialismo durante um momento de paz, necessariamente. Pois na opinião dele enquanto houver capitalismo haverá guerra e o desarmamento é uma tarefa para o socialismo. Por outro lado armar o povo é um problema de outra ordem:

Hoje a burguesia imperialista militariza não só todo o povo, mas também a juventude. Amanhã talvez comece a militarizar as mulheres. Nós devemos dizer sobre isso: “Assim é melhor! Vamos, rápido! Quanto mais rápido, mais perto estaremos da insurreição armada contra o capitalismo. Como podem os socialdemocratas deixarem se intimidar pela militarização da juventude, etc, se não esquecem o exemplo da Comuna? Esta é uma teoria que não está à margem da vida, não é um sonho, é um fato.”¹⁰⁴

Com a experiência sobre a falta de atitude perante os “modismos” relatados em *O que fazer?*, Lênin faz as críticas aos jovens, usa sarcasmo, mas aponta sua opinião explicando ponto a ponto. Tece o raciocínio de forma didática. Responde àquelas opiniões como opiniões que pairam entre os socialistas, não só os jovens.¹⁰⁵ Ele vai formando uma elaboração mais madura sobre o papel da juventude; que há de se ajudar a formação política da juventude de forma mais solidária, sem desprezo e nem arrogância.

Logo após o artigo sobre a questão do desarmamento, Lênin fez uma resenha crítica — que só foi publicada em dezembro de 1916 — sobre um texto intitulado “A Internacional da Juventude”, publicado na edição de *Jugend-Internationale* setembro de 1916, onde saudava a edição do periódico, mas criticava a influência da *Sociedade Fabiana*¹⁰⁶ e as tendências chauvinistas que o periódico poderia estar trilhando. Nesse texto, Lênin abstraiu uma das principais características, que influenciaria em grande medida as organizações juvenis comunistas:

¹⁰³ LENIN, V. (1985) *Obras Completas*, tomo 30, Moscou: Editorial Progresso, p. 158.

¹⁰⁴ LENIN, V. (1985) *Obras Completas*, tomo 30, Moscou: Editorial Progresso, p. 159.

¹⁰⁵ Coerente com a elaboração de 1903 em que considera a divisão de classe entre a juventude como a da sociedade, em geral.

¹⁰⁶ Organização reformista inglesa.

(...) Outra coisa completamente diferente são as organizações de juventude, que declaram abertamente que ainda estão aprendendo, que sua tarefa fundamental é formarem trabalhadores (...). Devemos ser pacientes com seus [da juventude] erros e nos esforçarmos por corrigi-los gradualmente sobretudo com a *persuasão* e não lutando contra eles. As gerações maduras e mais velhas *não sabem*, frequentemente, como se dirigir à juventude, pois a juventude chegará ao socialismo de *um modo diferente, por outros caminhos, com outras formas, em outras circunstâncias* que seus pais. Para tanto devemos apoiar decididamente a independência absoluta da organização juvenil, não só porque os oportunistas temem essa independência, mas também porque é a essência dos jovens.¹⁰⁷

Lênin aborda a independência no âmbito da organicidade (tendo de seguir o partido revolucionário política e ideologicamente) não só contra os, classificados por ele, como oportunistas que usavam da inexperiência da juventude para instrumentalizar manobras partidárias internas, mas também para que houvesse aprendizado político cumulativo no que se refere à autonomia de decisões, governabilidade de instâncias de decisão, exercício e criatividade no que tange o dia a dia de direção política. Assim, largo contingente de dirigentes passariam por espécie de “estágio”, criariam importante cumplicidade geracional e experiência na condução da organização em relação às demandas políticas, e quando chegassem à fase adulta teriam ampla bagagem para dirigir o partido revolucionário.

Ao mesmo tempo, há de se manter uma relação de ensino e aprendizagem das “gerações mais velhas” com os jovens, onde é necessário esforço para “corrigir” os erros da juventude através de um caminho de troca de experiência, em que haja gradação, diálogo e paciência, nas palavras de Lênin: *persuasão*. Para isso há de existir uma proximidade em que se construa legitimidade entre os mais velhos e os jovens para determinar, dentro da relação política, possibilidade desse compartilhamento de práticas vividas, ensino e aprendizagem. Portanto, para Lênin, é necessário existir uma estrutura de jovens organicamente apartada da estrutura da ‘geração mais velha’, de forma que haja — obrigatoriamente e ao mesmo tempo — identidade política, ideológica e de continuidade do partido revolucionário no tempo e no espaço.

A juventude russa participou dos principais eventos do processo revolucionário entre fevereiro e outubro de 1917. Em agosto, impulsionadas pelos bolcheviques do

¹⁰⁷ LENIN, Vladimir I. (1976) *Acerca de la juventude*, Moscou: Editorial Progreso (grifos do autor)

POSDR, as diversas organizações realizaram o Congresso das Organizações Juvenis de Toda Rússia para construir os caminhos de unificação dessas estruturas. O acirramento do processo revolucionário fez com que a pauta voltasse no final do ano de 1918 com o 1º Congresso das Organizações Juvenis de Operários e Camponeses de Toda a Rússia que teve por resolução a fundação da União da Juventude Comunista da Rússia; que passaremos a chamar de UJCR. O congresso de fundação contou com 176 delegados representantes de 22.100 membros de todo o território russo. A Rússia começava a sofrer o início da guerra civil e os ataques contrarrevolucionários duraram quatro anos.¹⁰⁸ Em 1919, o número de membros UJCR passou para 96 mil; em 1920, 400 mil, com aceleração crescente na quantidade de efetivos dessa organização.¹⁰⁹

1.4 A Internacional da Juventude Comunista (IJC)

Em março de 1919, sob a influência da Revolução Russa, o que Alexandra Kollontai aventava já em 1915, se realizara. A III Internacional, a Internacional Comunista (IC), foi uma articulação extremamente complexa e profunda de partidos socialistas, socialdemocratas convertidos a comunistas — sob forte influência e caracterização bolchevique — para a direção, facilitação e realização da revolução mundial (como estratégia) e a defesa da revolução soviética de outubro (como tática). A IC foi uma engenharia social similar ao que foram as ordens monásticas cristãs na Idade Média, como afirma Hobsbawm.¹¹⁰ Um fenômeno que se colocado no tempo será um produto do pós primeira guerra, da revolução russa e das modificações táticas e estratégicas da II Internacional.

Seguindo as experiências anteriores, “imediatamente após o 1º Congresso da IC, foi decidido criar uma organização internacional juvenil comunista.”¹¹¹ Essa foi uma insistência de Lênin. Logo depois, o:

Comitê Executivo da Internacional Comunista afirmou ser de grande importância a participação da juventude no movimento revolucionário dos trabalhadores, editou um apelo “Às Organizações Juvenis Proletárias” em que mencionou os importantes serviços prestados pelo movimento juvenil durante a guerra e chamou os jovens a se unirem em torno de uma nova base revolucionária. E afirma: “Agora é a hora de organizar a Internacional da juventude. Os jovens trabalhadores de todo o

¹⁰⁸ PRIVALOV (1971), p. 89.

¹⁰⁹ WEBB (1945), p. 524.

¹¹⁰ HOBSBAWM, 1996, p. 82.

¹¹¹ PRIVALOV (1971), p. 151.

mundo devem definitivamente escolherem o seu caminho. A Internacional Comunista fundada em Moscou, março de 1919, convoca à todas as organizações juvenis a comporem suas fileiras. Os comunistas consideram o trabalho entre a juventude como uma das mais importantes e urgentes tarefas.”¹¹²

Essa nova realidade, antes prevista, mas agora realizada, incitou o Birô Internacional da Juventude Socialista tomar uma decisão sobre o papel que teria, opinião de seus membros e reação diante desse apelo. Já era esperado que isso pudesse acontecer, mas não haviam se reunido depois da fundação da IC e do seu apelo. O Birô, que se encontrava em algum grau de desarticulação, estava desgastado. Münzenberg havia estado preso na Suíça e na Alemanha no intervalo de novembro de 1917 e junho de 1919. Desfalcado, o Birô marcou uma reunião para o mesmo mês, março, na Hungria que passava por profunda ebulição social, adiantada fase pré-revolucionária; mas a iminência de colapso revolucionário impediu que houvesse segurança numa reunião que haveria dirigentes socialistas de toda a Europa; vários deles com prisões decretadas, perseguidos, saídos de prisões, exilados, senão presos. Adiaram para agosto, em Viena.¹¹³

Ali reuniram delegações de Rússia, Alemanha, Hungria, Áustria e Polônia — e alguns observadores, jovens socialistas austríacos. Privalov afirma que elegeram um Comitê Preparatório do Congresso, composto de cinco membros e que passaria a agir como um Comitê Executivo Internacional da Juventude. Entra, o autor soviético, rapidamente na questão que apareceu na reunião sobre quais seriam os critérios que adotariam para receber as organizações juvenis nacionais; pois antes da guerra todas elas compunham o movimento internacional da juventude socialista. Mas e agora? Sob essa polêmica Privalov resolve numa frase: “(...) decidiram convidar apenas as organizações que concordavam com a plataforma da IC.”¹¹⁴

É necessário considerar que a opinião da UJCR pesava como autoridade, já que a defesa da Rússia revolucionária fazia parte do centro da tática da recém fundada IC e

¹¹² PIVALOV, (1971), p. 121.

¹¹³ Cornell acrescenta que “(...) enquanto isso um pequeno grupo, sob a égide da IC, planejava uma conferência em Moscou em que participariam apenas as organizações juvenis claramente revolucionárias. (...) A intenção foi dividir o movimento juvenil socialista internacional da mesma forma que a IC já havia feito com os partidos socialistas. Contudo, quando foi derrubado o regime soviético na Hungria, em agosto de 1919, passou ser impossível assegurar o apoio da IC à conferência de Budapeste, representantes da nova organização juvenil russa concordaram em mesclar seus esforços com os daquele Birô Internacional.” Cornell (1965, p. 19).

¹¹⁴ PIVALOV, (1971), p. 122.

era a maior e mais estruturada organização juvenil; e os russos não economizavam no peso e na força da autoridade. E diferente de Privalov, Cornell destrincha um pouco mais essa passagem da reunião de agosto em Viena:

Uma conferência, finalmente pode acontecer em Viena em fins de agosto de 1919, mas estava longe de ser uma reunião ampla do movimento internacional da juventude socialista. Dificuldades por conta do traslado restringiam a participação da organização comunista juvenil russa; as duas organizações de jovens trabalhadores austríacos — a antiga organização juvenil socialdemocrata, sob influência Centrista, e minúscula e recém criada organização juvenil comunista; os elementos grupo juvenil de Esquerda da “oposição” alemã (agora divididos a partir da antiga organização juvenil socialdemocrata em numa organização separada em que a Esquerda predominava sobre o Centro); Münzenberg e dois outros do Birô Internacional [da Juventude Socialista]; e vários apoiadores da Rússia comunista de organizações juvenis da Polônia e da Hungria. Representantes da ala de direita da juventude socialista não foram convidados.¹¹⁵

A citação de Cornell é um mapa sobre essa reunião e sobre a situação do movimento juvenil. A cisão por conta da guerra, os desdobramentos em Berna, a revolução russa e o advento da IC não foram suficientes para sanar as profundas divisões que haviam no seio do movimento juvenil socialista internacional lato sensu. Conforme, por um lado se acirravam as crises do pós guerra, as situações políticas, econômicas e diplomáticas entre as nações e a guerra civil na Rússia, formava-se um movimento operário de perspectiva socialista e revolucionária diferente daquele formatado em Copenhagen (1910) ou Basileia (1912). Uma década antes, o movimento operário internacional tinha feição completamente diferente. Isso se refletia tanto no movimento geral dos trabalhadores, como no específico da juventude. Grupos inteiros modificavam suas políticas, uns sucumbiam, outros nasciam, se transformavam e assim mudavam também a composição política, ideológica e organizacional do movimento socialista juvenil internacional.

Houve, pelo menos num primeiro momento, maior aceitação da origem e da plataforma política das organizações juvenis socialistas nacionais para integrar o congresso que fundaria uma nova organização (não houve, como com os partidos, as *21 Condições de Ingresso na IC*). E com essa flexibilização foi pactuado que criariam uma organização juvenil comunista internacional. Convidariam também, por aprovação

¹¹⁵ CORNELL, (1965), p. 19-20.

majoritária, incluindo os russos, as organizações de esquerda, assim como as de centro — não a ala direita que havia concordado com a guerra (ou pelo menos não haviam se rebelado contra ela); pois a Internacional Socialista, mesmo proclamada sua “falência”, sua “bancarrota”, ainda existia e funcionava, tendo inclusive, uma organização juvenil.

Entre 20 e 26 de novembro de 1919 foi realizado, por um comitê provisório, clandestinamente em Berlim, o 1º Congresso da Internacional da Juventude Comunista — IJC — (Коммунистический интернационал молодёжи, КИМ). Por causa da guerra civil contra a Rússia revolucionária, a IC preferiu que o congresso de jovens fosse fora da Rússia, num país de ofensiva revolucionária, como a Alemanha. Reuniu 19 delegados de 14 países (Rússia, Alemanha, Itália, Suécia, Noruega, Suíça, Áustria, Polônia, Hungria, Romênia, Espanha, Dinamarca e grupos de oposição da Tchecoslováquia) somando nas bases 229 mil membros. O principal objetivo desse congresso foi coroar um processo de fusão da organização juvenil socialista, desprendida da Internacional Socialista, com a recém-criada IC. Constituiria, assim, a Internacional Juvenil Comunista. Era necessário dar um passo na luta contra os socialdemocratas da Internacional Socialista e o conclave apontaria para esse sentido. Outro ponto importante era aquele coletivo juvenil tomasse como seu o programa da IC e que a luta, daí por diante, fosse a construção do comunismo a partir do fortalecimento da IC, da Rússia revolucionária e, mais tarde, da URSS.¹¹⁶

A pauta tratada ficou em torno de 1) informes das organizações locais; 2) situação internacional; 3) programa político básico da IC para o manifesto da IJC; 4) regimento interno; 5) informes sobre a Secretaria Internacional e o Birô de Organização; 6) tarefas das organizações juvenis durante a ditadura do proletariado; 7) eleições; e 8) diversos.¹¹⁷

No ponto organizacional foi abordada também, com realce e preocupação, a relação orgânica entre a IC e a IJC. Iniciava, em novo patamar, na prática, um assunto que marcou toda história dos partidos comunistas e das juventudes comunistas desde as primeiras discussões sobre as organizações juvenis, ainda na Internacional Socialista, em fins do século XIX. O tema foi lançado pelas representações nacionais das juventudes.

¹¹⁶ YCI (1927) *A short history of the YCI*, London: YCLGB, p. 12-13.

¹¹⁷ PRIVALOV, (1971), p. 122-123.

O CEIC absorveu a direção executiva da IJC eleita, enquanto corpo provisório de cinco membros. De uma federação internacional foi convertida para uma organização centralizada e incubada como um corpo único e permanente; sob auspício da organização comunista internacional de “adultos”. Esse novo corpo político teria, a partir de então, como principal objetivo a realização de um segundo congresso para dali alguns meses, com um número maior de organizações nacionais europeias e contato direto com organizações de outros continentes. Sem, principalmente, perder o desenho da arquitetura política traçada (e aprovada) que ditava a relação entre IJC e IC. Nesse conclave, mostrando uma tendência que vinha de décadas atrás e se desenvolveria por décadas, as organizações nacionais enfatizaram a necessidade de se aplicar uma educação especial voltada à juventude operária.

O único ponto que foi pouco trabalhado e indicado para uma próxima reunião com o intuito de amadurecer a discussão foi a posição que a IJC teria com relação ao anti-militarismo. Sob o forte impacto da guerra recém terminada e as articulações imperialistas em torno da guerra civil na Rússia revolucionária, não seria conveniente deliberar sobre um assunto delicado — principalmente porque fora pivô de um grande racha internacional, ainda recente. Mas já se colocava em xeque certo incondicional antimilitarismo, já que a Rússia revolucionária estava sofrendo uma guerra civil. Com isso, para a vitória dos comunistas era inexorável a derrota militar dos restauradores imperialistas.

Durante o primeiro semestre de 1920 foram aplicadas as deliberações do congresso anterior. Organizações nacionais que não puderam participar do conclave em Berlim logo foram inserida nas fileiras da IJC. Entre elas estão as da Iugoslávia, Bulgária, Grécia, Lituânia, Estônia e Letônia.

Outras ainda foram fundadas já sob a política recém deliberada da IJC. Dessas se destacam a da Grã Bretanha que unificou diversas pequenas organizações proletárias regionais como de Londres, Manchester e Escócia. Mas também as da Eslováquia (organização regional que não havia participado do conclave de novembro) Luxemburgo, Coreia, China, México e África do Sul. Enfrentando os problemas particulares dos diversos países, foram fundadas organizações regionais em diversos lugares: entre eles Galícia e Turquistão. Outras regiões tiveram suas organizações

comunistas juvenis estabelecidas em caráter provisório, pois o objetivo era adequar a organização juvenil tal qual a organização partidária de forma nacionalizada.¹¹⁸

O esforço mais concentrado e mais importante foi com relação às grandes organizações juvenis proletárias ligadas aos partidos socialistas europeus e estadunidense. Eram partidos que ainda estavam sendo cooptados para a IC. Para alguns deles havia a expectativa de que se integrassem à IC a partir, dentre outros esforços, da pressão interna das organizações juvenis. Sob esse esforço encontravam-se casos, ainda, de organizações juvenis independentes de partidos ou de partidos que estavam sob influência direta da II Internacional. Ou ainda de países que estavam reconfigurando suas fronteiras e determinações nacionais após a grande guerra. Dos casos mencionados podemos citar como exemplo as duas organizações na Tchecoslováquia (em regiões binacionais como alemã e checa), as organizações juvenis socialistas na França, Finlândia e estadunidense.¹¹⁹

Enquanto isso era estruturada a sede central da IJC e as seções nacionais das organizações juvenis. Tarefa difícil na crise do pós primeira guerra e auge da guerra civil na Rússia. Era difícil estabelecer um mapa fidedigno da situação organizacional das juventudes. As organizações alvo estavam, muitas vezes, esfaceladas ou em relativo patamar de reorganização. Para que as deliberações da recém fundada IJC chegassem com maior êxito às organizações nacionais, foram estabelecidos veículos de comunicação (agitação e propaganda). Além de dois jornais *Youth International* (mensal) e *International Youth Correspondence* (a cada dez dias), grande número de folhetos e panfletos foi publicado¹²⁰.

A primeira reunião do Birô Executivo da IJC foi de 9 a 13 de junho de 1920, em Berlim, e se debruçou sobre: 1) as táticas de cooptação das organizações que ainda não haviam aderido à IJC; 2) sobre a discussão do antimilitarismo iniciada no congresso de novembro de 1919; 3) deu maior precisão sobre a relação entre o partido e a organização juvenil; 4) completou a estrutura consolidando as subsecretarias na Basileia (Suíça), Viena (Áustria), Estocolmo (Suécia) e Moscou (Rússia)¹²¹. Consolidando assim a conexão entre as seções nacionais e o CEIC.

¹¹⁸ YCI, 1927, p. 14.

¹¹⁹ YCI, 1927, p. 14.

¹²⁰ YCI, 1927, p. 14.

¹²¹ YCI, 1927, p. 14-15.

Esta primeira reunião do Birô Executivo da IJC foi concluída numa conferência internacional em julho-agosto durante o II Congresso da IC. A conferência tinha por objetivo “traduzir” as deliberações do Congresso da IC para as diretivas da IJC. Agora com a preocupação de estabelecer orientações às organizações juvenis comunistas nacionais, pois a IJC estava tomando corpo de uma organização internacional consolidada. Essas diretivas às juventudes comunistas nacionais não poderiam entrar em conflito nem com as orientações da IC, nem dos partidos comunistas. Mas se havia, numa ou noutra medida, contradições entre a IC e os partidos comunistas a variável juvenil tinha poucas condições de diminuir o volume de problemas.

Dentre as principais pautas que moviam a IJC, as organizações juvenis comunistas nacionais e — para o tema juventude — a IC e os partidos comunistas era a relação entre organizações juvenis e partidos.¹²² Ao mesmo tempo em que era necessário manter os partidos comunistas num regime de características militares com alto rigor de disciplina e desenvolvido mecanismo de centralismo democrático, era necessário também apresentar o programa da IC para amplas parcelas do proletariado, adultos e jovens, homens e mulheres. Essa nuance, somada às particularidades locais e ao nível de amadurecimento das condições objetivas e subjetivas, diferenciavam-se de país para país. Essa miríade de situações pedia igualmente uma miríade de tipos de relações diferentes entre organização juvenil e partido comunista.

O debate sobre o caráter da relação partido/juventude acirrou no correr do segundo semestre de 1920. Não se deliberou nem na reunião de julho, nem na conferência durante o congresso da IC¹²³. Ficou em aberto e com opiniões que tendiam a seguir as realidades e necessidades nacionais. A organização juvenil comunista russa tinha a particularidade de já ter tido sua revolução, estar construindo o socialismo e lutar contra as investidas contrarrevolucionárias. As outras organizações, principalmente as

¹²² Cabe ressaltar que esse debate foi em grande medida estancado e, quando vinham à tona, os argumentos se mostravam, em última instância, como explicação de uma “natureza” da relação entre organização juvenil e partido comunista. O espectro variava da absoluta independência (como se viu com a II Internacional, que viu seu departamento juvenil como outra organização e, ainda por cima, adversária) até a completa subjugação da instância partidária sem variação de forma, linguagem, método no trato da orientação política *para* a juventude. A necessidade impunha repensar a relação de forma que se distanciasse tanto de um como de outro extremo e que afastasse a possibilidade de um essencialismo. Assim como a teoria do partido comunista o coloca como um ente flexível diante das condições impostas pela realidade (clandestinidade, trabalho legal, ilegal, semi-legal), a organização juvenil e sua relação com o partido comunista também deveria ser flexível na sua forma de funcionar e se apresentar, conforme a realidade. Essa elaboração está em Lênin na resenha ao jornal internacional juvenil em 1916, citado anteriormente.

¹²³ YCI, 1927, p. 16.

europeias, estavam construindo caminhos revolucionários próprios — por mais que inspirados na revolução de outubro.

Seria possível, então, estabelecer diretivas gerais que considerassem as particularidades. Em vez disso, em 1º de novembro de 1920¹²⁴, a União da Juventude Comunista da Rússia (UJCR) deliberou sobre a relação entre o partido e a juventude, antes da IJC. A decisão firmava a subordinação ao partido com pressão para que a IJC tivesse a mesma orientação. Outro tema para pressionar a IJC foi o local do II Congresso. Havia dúvida se seria em Moscou ou outro lugar. Por razões — aparentemente — de envolvimento de maior número de organização, a UJCR preferiu que se realizasse em Berlim, novamente.

O II Congresso da IJC foi realizado entre 9 e 23 de abril de 1921. Teve como lema “Se aproximar das massas, trazer maioria do proletariado”. Este II Congresso teve 120 delegados representando 36 seções nacionais que somavam na base 600 mil membros. Houve a presença de 15 delegados de outras 6 organizações nacionais que, ainda, não faziam parte da IJC. Meses depois, no III congresso da IC (junho de 1921), a questão juvenil recebeu especial atenção e predominou o ponto de vista da organização russa. Principalmente no que diz respeito à relação entre partido e juventude, que defendiam absoluta subordinação.

Cabe ressaltar que a IJC era um departamento da IC. Não havia a possibilidade de rejeitar decisões sendo uma parte daquele todo. Era possível negociar previamente, participar das decisões, ponderar, mas a lógica de funcionamento não permitia a “rebelião” departamental durante a realização da plenária final do congresso mundial. O centralismo democrático tinha seus ritos.

Dos pontos herdados da IC¹²⁵ saltam à atenção os seguintes: 1) trabalho educacional; 2) trabalho de agitação e propaganda entre os povos coloniais; 3) questão agrária; 4) jovens pioneiros; e 5) questão econômica. Esta última foi designada como uma das mais importantes esferas de atividade da IJC e se configuraram de forma mais clara o funcionamento, os limites, o programa, as pautas que deveriam ser trabalhadas pela organização juvenil comunista. A tendência foi, aos poucos, a lapidação da relação

¹²⁴ Essa resolução foi posterior ao 3º Congresso da UJCR — 2 a 10 de outubro — quando Lênin fez o discurso que ficou conhecido como “As tarefas das Uniões da Juventude”. O teor do discurso, apesar de apresentar sugestões às organizações juvenis, era para as organizações russas e não para as ligadas à IJC. As perguntas que Lênin quer responder em seu discurso são: o que a juventude pode fazer para alavancar o socialismo na Rússia? O que pode ser feito em defesa da revolução de outubro?

¹²⁵ YCI, 1927, p. 18.

entre partido/ juventude; sem perder as características gerais de “Partido mundial”, nem as possibilidades de flexibilização de acordo com as particularidades nacionais e juvenis.

Fundamento do caráter do movimento operário juvenil, já desde a AIT, a pauta econômica ressoou após o congresso e, em dezembro de 1921, o C. E. da IJC enviou um memorando para a IC e o Profintern¹²⁶ onde se debruçava sobre as demandas imediatas da juventude trabalhadora na luta contra a ofensiva capitalista. Isso atingiu a IJC e as seções nacionais de duas formas. Por um lado aumentou o efetivo de jovens proletários nas fileiras da organização juvenil comunista. A política geral investiu fundamentalmente num setor da juventude que era colocado como parte do principal sujeito do objetivo revolucionário, a classe operária. Dessa forma foi mais fácil dialogar com os jovens operários. Por outro lado amadurecia-se uma coordenação de forças do movimento juvenil para o esforço das demandas econômicas elementares da juventude trabalhadora. Ao mesmo tempo em que se pensava um programa juvenil, testava-o e avaliava-o.

Foi nesse momento (1921-22) que foram fundadas organizações juvenis comunistas na Inglaterra, EUA, Argentina, Bolívia e Uruguai. Mesmo considerando as trajetórias e histórias dos grupos anteriormente existentes, essa nova geração de organizações estaria, ainda mais, marcada sob a orientação da IC. A política da IC a partir de 1922 foi de formação de frentes únicas revolucionárias (contra a burguesia) e isso deveria ser absorvido como tática do movimento juvenil comunista internacional, também.

Essa ideia de frente única revolucionária tinha, nas palavras de Milos Hájek, limites muito acentuados, pois o próprio documento da IJC afirmava categoricamente que a socialdemocracia e os sindicatos reformistas tinham “atitudes traiçoeiras”¹²⁷, afirmação que não era propriamente de um esforço de construção de frente. No geral a frente única:

(...) tinha seus limites objetivos e subjetivos. A disponibilidade da socialdemocracia para ações comuns eram escassíssima; por sua parte, os bolcheviques não estavam dispostos a renunciar à perseguição dos mencheviques e dos socialistas revolucionários nem a admitir sua existência legal. Aqui estava o maior

¹²⁶ Departamento da IC voltado para as questões sindicais.

¹²⁷ YCI, 1927, p. 18.

obstáculo à reconciliação entre o Comintern e os socialistas europeus, particularmente à Internacional “dois e meio”.¹²⁸

De modo que a orientação geral da construção da frente única esbarrava em questões locais pilares para os partidos nacionais. Na França foi parcialmente aceita pela ala direitista. Já na Itália era criticada, à esquerda, tendo à frente Amadeo Bordiga.¹²⁹

Na III Sessão do Birô da IJC, entre 18 e 25 de março de 1922 foram pautados mais detalhadamente as discussões e decisões do II Congresso (1921). Ali tratou-se da aplicação da tática de frente única revolucionária, formulação das condições em que participaria a IJC, participação de conferências internacionais da IC, preparação do congresso mundial de jovens trabalhadores.

Essa reunião deliberou também um afinilamento mais preciso no que diz respeito à atuação das organizações juvenis comunistas entre os sindicatos de categorias ligadas diretamente à indústria. Além da atenção aos movimentos das organizações juvenis burguesas e socialdemocratas, munindo assim de elementos conjunturais para que a IJC desse com segurança os próximos passos a respeito da política de frente única.

O fortalecimento das atividades antimilitaristas passou, inclusive, pela militarização de algumas organizações juvenis comunistas (alemã, por exemplo) que entraram em batalha campal contra organizações (ganges) fascistas de seus países. A entidade francesa organizou um aparato paramilitar ilegal. Já a tcheca, tinha atividades antimilitaristas com características abertamente pacifistas, inclusive, no chamado anual de recrutamento dentro de quartéis¹³⁰.

O III Congresso da IJC foi realizado em Moscou entre 4 e 12 de dezembro de 1922. Participaram 91 delegados de 38 organizações com uma soma de 750 mil militantes em suas bases.

Perseguindo a correção de erros anteriores, o III Congresso da IJC se debruçou sobre a preocupação de organizar os jovens dentro das fábricas e a partir dali desenvolver seu planejamento. Foi então criado um esboço de programa de demandas econômicas baseado nos rumos que a reorganização do trabalho juvenil estava tomando

¹²⁸ HÁJEK, Milos (1985) A discussão sobre a frente única e a revolução abortada na Alemanha, Em: HOBSBAWM, Eric (1985) *História do Marxismo* v. VI, São Paulo: Editora Paz e Terra, p. 189

¹²⁹ HÁJEK, Milos (1985), p. 190

¹³⁰ YCI, 1927, p. 22.

na Rússia; o que ajudou a desenhar as bases de orientação da IJC para a atividade sindical das seções nacionais¹³¹.

Outra pauta bastante trabalhada foi o crescimento das contradições entre as nações na Europa e o resultado de uma possível guerra; e nesse contexto qual seria a atitude dos jovens comunistas. Lenin já havia dado algumas orientações para a delegação russa que participou do Congresso da Paz de Haia e dessa orientação aproveitava-se a argumentação de oposição ao pacifismo burguês, aos tribunais penais internacionais, ao desarmamento geral e que houvesse um cuidado ao se tratar de “greve geral”, um instrumento de luta que não podia ser banalizado e deveria ser bem preparado quando fosse o caso.¹³² O período estava sendo caracterizado por um recuo das possibilidades do avanço revolucionário e da ascensão das forças de extrema direita, com destaque da Itália fascista. A conjuntura pautaria as mudanças da tática e orientaria as prioridades para os métodos de organização. O Programa recebeu novo projeto e as decisões se distanciaram da plataforma do congresso anterior.¹³³

Não houve durante o 4º Congresso da IJC uma discussão mais aprofundada sobre a crise revolucionária que vinha acometendo a Europa Central, uma negligência grande para o desenrolar das deliberações — ou uma contenção de problemas que não se tinha ideia de solução. Foram aprovadas ainda uma uniformização e graduação do trabalho educacional com a juventude, formando um sistema educacional com evolução gradual, e a volta à reorganização de base por agrupamentos em fábricas como base da reorganização do trabalho sindical; e isso deveria ser tratado junto aos partidos.¹³⁴ A campanha antimilitarista com as perspectivas crescentes de uma nova guerra, redesenhou o trabalho anti-guerreiro. As bases deveriam partir de construção de grupos dentro das forças militares nacionais.¹³⁵

Novas esferas de trabalho iam ganhando corpo no conjunto das resoluções e discussões da IJC. Entre elas o trabalho com os jovens camponeses e trabalhadores rurais, contra a religião e a aproximação ao movimento já existente de esportes proletários.

O 4º Congresso da IJC foi realizado em Moscou de 13 a 25 de julho de 1924. A soma de militantes das organizações juvenis comunistas nacionais ligadas formalmente

¹³¹ YCI, 1927, p. 25.

¹³² YCI, 1927, p. 25.

¹³³ YCI, 1927, p. 24.

¹³⁴ YCI, 1927, p. 27.

¹³⁵ YCI, 1927, p. 27.

à IJC havia ultrapassado um milhão de membros, e chegado a 60 organizações. A situação de aparente estabilização no mundo ocidental, o crescimento das correntes de extrema direita e a derrota das possibilidades de revolução na Alemanha, no ano anterior, e a cisão interna dos bolcheviques, sobretudo após a morte de Lenin, levou a Internacional Comunista a uma viragem tática que alcançou todo o movimento comunista internacional, inclusive o trabalho juvenil.

A caracterização desse novo momento chamou-se “bolchevização”. Milos Hájek o apresentou como resultado de dois fenômenos: por um lado a incapacidade dos partidos comunistas fora do poder de travarem luta concreta para a conquista do poder e a cisão acima mencionada.

A desilusão quanto aos insucessos dos partidos comunistas ocidentais obrigou à reflexão que indicasse suas causas. Um elemento acabou por sobrepujar todos os outros: a comparação com o partido do Outubro vitorioso, a tomada de consciência de que este, por todo seu modo de ser, tinha sido construído para a conquista do poder, coisa que não se podia dizer em relação às outras seções do Comintern. Daí advinha uma conclusão lógica: o esforço para mudar segundo o modelo oferecido pelo PC(b) da URSS.¹³⁶

A bolchevização é o marco da busca da homogeneização de todos os partidos comunistas à luz do partido bolchevique. Essa caracterização artificial foi encarada das mais diversas formas pelas seções nacionais dos partidos, o que levou a deturpações, incompreensões e confusões; resultando, muitas vezes, em prejuízo do trabalho feito anteriormente.

Quanto ao congresso juvenil foi decidido que a principal tarefa seria a bolchevização da IJC. As resoluções do 5º Congresso da IC foram adotadas pelo IV Congresso da IJC, nas suas principais linhas. Isso passaria pelo estudo do leninismo; e intensificação das “lutas contra a direita e a esquerda (trotskismo, oportunismos das correntes francesa, alemã, búlgara, polonesa etc)”.¹³⁷ O insucesso das organizações juvenis nacionais foi nivelado pela explicação da falta de aprofundamento dos estudos do leninismo e das oposições internas (das seções nacionais dos partidos e das organizações juvenis). A KOMSOMOL (assim como o PCUS) era o exemplo a ser

¹³⁶ HÁJEK, Milos (1985) A bolchevização dos partidos comunistas, Em: HOBBSAWM, Eric (1985) *História do Marxismo* v. VI, São Paulo: Editora Paz e Terra, p. 197-198.

¹³⁷ YCI, 1927, p. 27.

seguido, o que acarretou uma estagnação nas possibilidades e criatividade das organizações juvenis comunistas nacionais.

A realização dessas deliberações passava pelo direcionamento imediato das atividades das organizações juvenis comunistas nacionais para a reorganização dos agrupamentos nas fábricas, aumentando as frações de jovens comunistas dentro das organizações sindicais, atuar junto com a Internacional Sindical e os partidos e acirrar a propaganda dentro das fábricas. Aprofundando a resolução do congresso anterior a IJC “também adotou uma resolução a favor da unidade do movimento de esporte proletário”.¹³⁸

O 5º Congresso da IJC foi realizado em Moscou entre 20 de agosto a 18 de setembro de 1928, após o 6º Congresso da IC. Contou com 140 delegados, sendo 121 desses com direito a voto; que representavam 43 seções nacionais e 2.157.232 membros somados nas bases (devido, sobretudo, à organização juvenil soviética). O balanço dos trabalhos entre o 4º e o 5º Congressos teve pontos positivo pelo aumento da soma de militantes na base. Consideraram que quase metade das organizações tinha que trabalhar de forma ilegal e isso dificultava muitas iniciativas do trabalho juvenil.¹³⁹

Foi levantado no 5º Congresso da IJC o crescimento numérico a partir, também, daqueles militantes que desgarraram dos partidos socialdemocratas, socialistas, além daqueles que não tinham partido. Ou seja, existia a orientação para desenvolver campanhas de recrutamento, até com aqueles que já tinham suas preferências em outras tradições políticas. Era preciso politizar a ação das organizações juvenis no trato cotidiano das questões econômicas e políticas; e buscar novas formas de trabalhos de massa e mobilizações de massas. Diferente do congresso anterior, neste foram discutidas, com mais relevância, as questões conjunturais europeias e como a relativa estabilidade do capital havia criado dificuldades para o trabalho das organizações juvenis comunistas.¹⁴⁰

À luz das resoluções do conclave da IC, a IJC deliberou, sem questionamentos, que seu esforço e das organizações juvenis nacionais teria como centralidade a luta contra a socialdemocracia. A IJC foi instruída pela IC a desenvolver questões táticas e métodos de trabalho, do ponto de vista da especificidade juvenil. Que se debruçassem sobre o empenho de atrair maiores parcelas de jovens trabalhadores e que inovassem

¹³⁸ YCI, 1927, p. 28-29.

¹³⁹ YCI, 1927, p. 38.

¹⁴⁰ YCI, 1927, p. 38.

para que essa parcela da juventude ganhasse mais consciência. As organizações juvenis comunistas deveriam estar aptas a captarem as particularidades e necessidades econômicas, políticas, culturais dos jovens trabalhadores de seus países. Elas deveriam se tornar entidades que tivessem preparo para formular lutas políticas juvenis e não se tornar “partido comunista júnior”.¹⁴¹

Apesar do saldo numérico positivo, o clima geral do congresso da IJC foi de descontentamento com os êxitos das organizações nacionais e da própria IJC. Não havia se chegado à boa execução da reorganização a partir das fábricas. O trabalho de massa não se desenvolvia, assim como não havia crescimento orgânico de jovens trabalhadores — principalmente de indústria pesada. A penetração das organizações nacionais era lenta e insuficiente. Havia, também, uma flutuação no número de aderentes e os métodos eram inadequados para as atividades de massas, que não se diferenciavam dos métodos dos próprios partidos comunistas. Tinham pouco planejamento de trabalho que levava ao excesso de concentração em um ou outro local, ou, mesmo, à dispersão; sem cálculo das ações.¹⁴²

Após o 6º Congresso da IC e o 5º da IJC, no início do segundo semestre de 1928, a conjuntura política e econômica do globo passou por profundas modificações. No segundo semestre de 1929 houve a crise na bolsa de Nova Iorque, resultado da superprodução dos EUA e baixo consumo na Europa. Crise como a de 1873 que teve desdobramentos profundos nos anos que sucederam. Entrelaçada a este fenômeno foi a ascensão do nazismo na Alemanha e o espessamento das correntes de extrema direita em todo o globo — crescia o cerco à URSS. Ao fim de seis anos, a IC havia saído da constatação de uma crise revolucionária para atestar uma ofensiva reacionária que poderia colocar em risco todos os frutos da revolução soviética de outubro.

Os anos entre o 6º e o 7º Congressos foram de eventos importantes que, três deles, poderiam inverter a tática e a estratégia dos comunistas. Na ordem cronológica — todos os três configuram consequências diretas do pós Grande Guerra (1914-18) — a ascensão de forças políticas e sociais de extrema direita durante toda a década de 1920, capitaneadas, principalmente, pelo fascismo italiano que havia subido ao poder em 1922 e a ascensão do Partido Nazista à chancelaria alemã; a grande crise estrutural capitalista de superprodução que, a partir dos Estados Unidos, teve consequências em todo o globo

¹⁴¹ YCI, 1927, p. 39.

¹⁴² YCI, 1927, p. 40.

ferindo o liberalismo em seus instrumentos políticos, econômicos e ideológicos; por fim o desenvolvimento da URSS, como consequência direta da revolução bolchevique de 1917, que em luta interna dizimou os adversários políticos, abriu janelas de prosperidade econômica, enquanto iniciava os preparativos para uma guerra de largas proporções em que era — ela mesma, a URSS —, o principal alvo. Ao cabo de sete anos entre os dois congressos, a IC morosamente girava sua tática:

Até o seu XIII Pleno, em final de 1933, a IC continuou a considerar que o capitalismo passava por crises insuperáveis, devendo os partidos europeus se preparar para dirigir os próximos e decisivos combates da classe operária por sua ditadura; a desprezar aliados numa possível frente — que via como manobra tática —; a exigir expurgos que tornassem os PCs “verdadeiramente bolcheviques”; e considerar a socialdemocracia como seu principal inimigo.¹⁴³

O 13º Pleno, de dezembro de 1933, ainda sob algumas consignas da política de *classe contra classe*, decide chamar o 7º Congresso da IC, para a metade de 1934; encarrega o Presidium do CEIC para publicar a ordem do dia até 1º de junho; envolver as seções nacionais da IC e todas as suas organizações na construção do conclave; e que todos os CCs pudessem, até 5 de junho, propor modificações e acréscimos à ordem do dia.¹⁴⁴

O incêndio do Reichstag, provocado pelos nazista para culpabilizar os comunistas — e a vitória do Processo de Leipzig —, o massacre contra a tentativa de rebelião dos operários austríacos, a crise francesa do 6 de fevereiro e “tendências análogas [que] avançavam na esquerda operária na Itália, na Áustria e logo, ao fim de 1934, também na Espanha”¹⁴⁵ e outros tantos eventos, levaram o CEIC a considerar as experiências nacionais. Broué nos lembra que é necessário levar em conta que no mesmo ano foram desencadeados no plano interno da URSS “a utilização do assassinato de Kirov para desencadear uma repressão sem precedentes, culminando com os grandes Processos de Moscou (...)”¹⁴⁶. Sendo a URSS o principal alvo de uma possível guerra, o rumo dos próximos acontecimentos estavam subordinados tanto à política exterior como a sua estratégia. Sem o aval de Stalin o giro não se realizara, mas Stalin só o faria se

¹⁴³ VIANNA, Marly de Almeida Gomes (2007) *Revolucionários de 1935 — sonho e realidade*, São Paulo: Expressão Popular, p. 56-57.

¹⁴⁴ FELICE, Franco de (1984) Introdução, Em: *Fascismo, democracia y frente popular — VII Congresso da Internacional Comunista*, Coyocán: Pasado y Presente, p. 7n-8n.

¹⁴⁵ FELICE, 1984, p. 10.

¹⁴⁶ BROUÉ, Pierre (2007) *História da Internacional Comunista — 1919-1943*, Tomo II, São Paulo: Sundermann, p. 825.

essa política contivesse materialidade para os principais partidos da IC. Os elementos internos e externos elevaram “a consciência da necessidade de que o 7º Congresso marcasse uma viragem profunda na linha seguida até aquele momento pela IC”¹⁴⁷. A mudança tática ganhou terreno no CEIC e isso alimentou o alargamento das possibilidades de ação conjunta dos comunistas e socialistas nas seções nacionais da IC¹⁴⁸. O contato entre as Internacionais, Socialista e Comunista, passaram a acontecer após 12 anos de intensa rivalidade. Em maio de 1934 passou-se: “a discutir a fundo a situação francesa, que marca a confirmação do impulso unitário das organizações de base dos partidos operários e a abertura de uma confrontação profunda entre a direção do PCF, ainda hostil a um acordo com a SFIO, e o grupo Doriot-Barbé”¹⁴⁹. O mesmo foi feito entre as seções das duas internacionais na França e Espanha. No Brasil já discutia-se uma aliança anti-imperialista e anti-latifundiária.

A pauta que ocupou maior tempo no 7º Congresso e tem maior impacto no seu desdobramento entre os partidos comunistas como um todo, sem dúvida, é a virada tática de classe contra classe — do 6º Congresso de 1928 — para a unidade das forças antifascistas. Mas “para captar o significado profundo da linha adotada e compreender como foi aplicada, há que partir do que o próprio congresso definiu a ‘*consigna central*

¹⁴⁷ FELICE, 1984, p. 7.

¹⁴⁸ “Num apelo dirigido aos operários de todos os países, datado de fevereiro de 1933, a cúpula da Internacional Operária Socialista (IOS) [2ª Internacional] declara estar disposta a entabular negociações com a IC para organizar ações comuns contra o fascismo, colocando como única condição o fim dos ataques recíprocos”. CLAUDÍN, Fernando (2013) *A crise do movimento comunista*, São Paulo: Expressão Popular, p. 196. “Diz a declaração: ‘A Internacional Operária Socialista sempre reconheceu que a luta fratricida do proletariado é a principal razão da sua debilidade e, portanto, o melhor aliado do fascismo. A Internacional Operária Socialista sempre esteve convencida de que o fim das divisões e a unidade do proletariado são as condições prévias para o completo desenvolvimento da força proletária. A Internacional Operária Socialista propõe-se à organização da ação comum sobre a base de um entendimento sincero e honesto. Em face dos perigos que os ameaçam, exortamos aos proletários alemães, aos proletários de todos os países, que ponham fim aos ataques recíprocos e lutem conjuntamente contra o fascismo. A Internacional Operária Socialista sempre esteve disposta a negociar, sobre a base de uma tal comunidade de luta, com a Internacional Comunista, e continuará disponível para tanto, desde que esta se mostre interessada’ (extraído de Jacques Fauvet, *Histoire du parti communiste français*, t.1, p. 119-120)” *Idem*, p. 196n. Sem carregar as idiosincrasias de dirigir uma potência política e econômica, a IOS pôde lançar-se à negociação. A IC, pois, não atendeu ao chamado dos socialistas num primeiro momento.

¹⁴⁹ DASSÚ, Marta (1985) Frente única e frente popular: o VII Congresso da Internacional Comunista, Em: HOBBSAWM, E. *História do Marxismo* vol. 6, 2ª Edição, São Paulo: Paz e Terra, p. 298. Sobre a França: “Durante o ano de 1934, diante do avanço nazista, Stalin procurou alianças que protegessem a URSS em caso de guerra, passando a defender o sistema de Versalhes que até então atacara duramente, e entrando para a Liga das Nações em setembro. A política do MCI foi a partir de então de defesa intransigente da URSS diante da ameaça de guerra. Em maio de 1935, Stalin sequer hesitou em apoiar posições do governo francês que desautorizavam publicamente a política do Partido Comunista Francês (PCF) (Deutscher, *Stalin*, v. 2, p. 377-379)” *Apud* VIANNA, Marly de Almeida Gomes (2007) *Revolucionários de 1935 — sonho e realidade*, São Paulo: Expressão Popular, p. 57.

dos partidos comunistas’: ‘A luta pela paz e em defesa da URSS’”.¹⁵⁰ Seguindo esta lógica, Ercoli (Togliatti), em sua intervenção — *A luta contra o fascismo e a guerra* — aponta dois grupos de interessados na paz: as grandes potências que, numa possível guerra, podiam perder suas posições entre as nações e os pequenos Estados que poderiam perder sua independência. A consigna é a síntese da estratégia que, à luz do CEIC, complementou a tática antifascista.

Sobre a juventude, Togliatti afirmou que havia atraso sobre a construção e participação das organizações comunistas de juventude nas entidades de frente única contra a guerra. A juventude nos países fascistas está vulnerável à guerra, pois era alvo da “propaganda chauvinista e sua propaganda de guerra. Por outro lado, a juventude já está presa em quase todos os países na terrível máquina de guerra, mediante a introdução de medidas de militarização.” Nos países fascistas a política juvenil é a militarização:

Na Alemanha por exemplo todas as formas de organização da juventude estão mãos ou menos ligadas a preparação militar. Na Itália, a preparação militar começa a partir do 8 anos, e recentemente, foi criada uma nova organização que engloba meninos de 6 anos. Esta organização se atribui como fim a propaganda militarista e chauvinista.¹⁵¹

A escalada guerreira com a militarização desde tenra idade pressupõe uma guerra prolongada e intensa — que a campanha antimilitarista se atrasou em atacar. Togliatti considera que enquanto largas camadas da burguesia “dos fascistas aos católicos” conseguiram “criar um amplo movimento organizado de jovens, nós, todavia, não alcançamos este fim em proporções suficientes (...) menosprezamos a influência da burguesia sobre as jovens gerações.”¹⁵²

Reverter esse atraso passa, necessariamente e aos olhos do CEIC, pela participação das juventudes comunistas das organizações de massa em todos os países onde há seções nacionais da IC. A mudança agora é a convivência em colaboração com as organizações socialistas e, dependendo do local, de ainda outras matrizes ideológicas e políticas. E para isso Togliatti frisa que “ao participar destes movimentos devemos exercer um papel de direção sem fazer muito ruído, mas conquistando a confiança dos jovens que verão em nós os mais ardentes lutadores por seus interesses vitais os

¹⁵⁰ CLAUDÍN, 2013, p. 210.

¹⁵¹ TOGLIATTI, Palmiro (1984) *La lucha contra el fascismo y la guerra*, Em: *Fascismo, democracia y frente popular — VII Congreso da Internacional Comunista*, Coyocán: Pasado y Presente, p. 343.

¹⁵² TOGLIATTI, 1984, p. 344.

defensores mais convencidos de todas as suas aspirações.”¹⁵³ Esta é uma orientação significativa. A agitação deve estar submetida à direção de fato da frente popular e o espírito de unidade contra o fascismo também impõe tensões com a socialdemocracia. Este último caso se dá com a possibilidade de crescimento dos partidos comunistas e sindicatos dirigidos pelos comunistas através dos operários oriundos da socialdemocracia.

Em seu relatório, na parte que faz um recorte juvenil, apresentado ao plenário do VII Congresso da IC, Dimitrov buscou responder as causas das vitórias do fascismo e parte do mesmo princípio que Togliatti:

O fascismo venceu ainda por ter conseguido penetrar nas fileiras da juventude, na medida em que a socialdemocracia desviava a juventude operária da luta de classe, que o proletariado revolucionário não tinha desenvolvido entre os jovens o trabalho educativo necessário e não tinha prestado a devida atenção à luta pelos seus interesses e pelas suas aspirações específicas.¹⁵⁴

Também responsabiliza os antigos principais adversários — outrora principais inimigos —, a socialdemocracia. Entende-se como ganho do fascismo a penetração entre a juventude, inclusive a operária. Que por responsabilidade de comunistas e socialdemocratas, segundo o próprio conclave, não receberam consciência para o combate ao fascismo. O fascismo “soube captar as necessidades” da juventude. Já o campo dos socialdemocratas e comunistas, não conseguiu desenvolver ações de forma eficiente. Dimitrov apresentou críticas à condução da política da IC para os partidos comunistas, mas também apresentou um aspecto organizativo para as dificuldades que a IC se auto impôs. Ainda tratando da juventude afirma:

As nossas Federações comunistas de jovens são ainda, atualmente, numa série de países capitalistas, organizações eminentemente sectárias, separadas das massas. A sua fundamental fraqueza consiste em esforçarem-se ainda por copiar os Partidos comunistas, as suas formas e métodos de

¹⁵³ TOGLIATTI, 1984, p. 345.

¹⁵⁴ DIMITROV, Giorgui (1976) *Ofensiva do fascismo e as tarefas da Internacional Comunista na luta pela unidade da classe operária contra o fascismo*. Relatório apresentado no VII Congresso da Internacional Comunista em 2 de agosto de 1935. Em: *Obras Escolhidas* v. III, Lisboa: Editorial Estampa, p. 22. O discurso segue: “O fascismo soube captar a necessidade de atividade combativa, particularmente viva nos jovens, e arrastou uma considerável parte deles nesses destacamentos de combate. A nova geração da juventude masculina e feminina não passou pelos horrores da guerra. Sente pesar-lhe sobre os ombros todo o peso da crise econômica, do desemprego e da derrocada da democracia burguesa. Na falta de perspectivas de futuro, consideráveis camadas de jovens manifestaram-se particularmente sensíveis à demagogia fascista, que lhes traçava um futuro tentador quando chegasse a hora da vitória do fascismo.”

trabalho, esquecendo que a Juventude Comunista não é o Partido Comunista da juventude. Não tem suficientemente em conta o fato de se tratar de uma organização com funções muito próprias. Os seus métodos e formas de trabalho, de educação e de luta devem ser adaptadas ao nível concreto e às aspirações da juventude.¹⁵⁵

Os erros na forma de estruturar as organizações juvenis, também haviam vindo do conteúdo imposto para a condução política. Esses problemas orgânicos residiam, entre outras coisas, no sectarismo que essas organizações juvenis praticavam. Eram sectárias na política, no programa e na organização. Se a IC, agora, criticava as organizações juvenis como “partidos comunistas da juventude” é também porque estas foram alimentadas a serem e se comportarem dessa forma em todos os outros congressos da IC e da IJC.

E reside na nova tática que há um setor da sociedade com capacidade produtiva, de participação política e que se precisa dar atenção para as suas demandas e condições específicas. Por outro lado se mostra também, principalmente para os países pós revolucionários, que as questões da juventude contribuem com os aspectos de preparação da futura geração de dirigentes e condutores da política e do Estado. A guerra que se avizinhava tinha aspecto de ter presença ou ecos por duas, três décadas; e a URSS precisaria ter contingente para dirigir esse processo.

O 6º Congresso da IJC foi o último e se realizou entre 25 de setembro e 10 de outubro de 1935, em Moscou. Assim como os anteriores foi uma extensão do 7º Congresso da IC (último também) e seguiu a mesma política geral; Dimitrov foi ao congresso da IJC e fez um discurso onde repetiu as linhas gerais do discurso que havia feito dias antes para o plenário do 7º Congresso da IC e enfatizou os aspectos juvenis da luta antifascista:

O Congresso da Internacional Comunista prestou uma atenção muito especial ao movimento da Juventude, como sendo um dos mais importantes problemas do movimento revolucionário internacional, e sabendo bem que a vitória da luta de classes dos trabalhadores depende acima de tudo do sucesso do desenvolvimento da Juventude, bem como da sua envergadura.¹⁵⁶

¹⁵⁵ *Ofensiva do fascismo...*, p. 62-63.

¹⁵⁶ DIMITROV, Giorgui (1976) *Unir todas as forças da juventude antifascista*. Discurso pronunciado na abertura do VI Congresso da Internacional da Juventude Comunista, a 25 de setembro de 1935. Em *Obras Escolhidas v. III*, Lisboa: Editorial Estampa, p. 128.

A tática de frente antifascista que se constrói aqui difere completamente do conteúdo da frente única revolucionária de década atrás. E a necessidade, por sobrevivência, da união entre juventudes socialdemocrata e comunista cria certa comoção no apelo para “realizar a união das forças de toda a juventude não fascista e em primeiro lugar das forças da juventude operária e a união com a juventude socialista”¹⁵⁷ E os problemas de caráter de organização comparecem no discurso de Dimitrov para a IJC:

Não estariam contudo em condições de atingir este fim, se as Uniões das Juventudes comunistas tendessem, como no passado, a erigirem-se em Partidos comunistas da juventude, e se se contentassem, como no passado, em levar uma vida sectária, fechada, isolada das massas.¹⁵⁸

Ao final de seu discurso, Dimitrov lembrou de forma literal aquele trecho de Lenin sobre a forma que a juventude entraria em contato com o socialismo, diferente da geração de seus pais. Lê o trecho todo e classifica-o como servir “de base às relações entre a Internacional Comunista, por um lado, e a juventude e suas organizações por outro”. A elaboração de Lenin, em 1916, se apresentava como adequada para o momento em que a orientação para uma política de frente popular e a necessidade de organizações mais autônomas se impunham.

O discurso também apontou para a diversificação dos ramos de atividade que essa união de forças antifascistas jovens deveriam atuar para ganhar a juventude como um todo em todos os aspectos de sua vida; seja na área sindical, cultural, educativa e desportiva. Dimitrov cunha, então:

Que deveriam encontrar as vias, as formas e os métodos de trabalho suscetíveis de assegurarem a formação, nos países capitalistas, de organizações de massas da juventude de um novo tipo, a que não seria estranhos os interesses vitais da juventude trabalhadora e que, sem copiarem o Partido, lutariam por todos os interesses da juventude, educando-a dentro de um espírito de luta de classes, de internacionalismo proletário, no espírito do marxismo-leninismo.¹⁵⁹

Após a intervenção do dirigente da IC iniciou de fato o encontro mundial de jovens teve como mote a luta contra o fascismo, a tática de alianças com a socialdemocracia e o impedimento da guerra. Caracteriza o estágio atual do mundo de

¹⁵⁷ DIMITROV, 1976, p. 128-129.

¹⁵⁸ DIMITROV, 1976, p. 129.

¹⁵⁹ DIMITROV, 1976, p. 129.

uma conjuntura deterioração generalizada e piora contínua da situação objetiva e subjetiva da juventude. Em que há

Uma massa imensa de desempregados, um contínuo crescimento do número de jovens que nunca trabalharam e que geralmente nunca tiveram uma oportunidade de aprender um ofício, feroz exploração dos empregados na indústria; empobrecimento dos jovens camponeses, negação de direitos políticos para a juventude e seus direitos a uma vida civilizada; forte diminuição das possibilidades de segurança para uma educação básica ou especial; perda de várias perspectivas; destruição de uma vida saudável normal da juventude, propagação de mendicância, prostituição e falta de moradia.¹⁶⁰

Essa situação objetiva é colocada como um ambiente onde o “fascismo está preparando outra catástrofe monstruosa que levará à morte milhões de jovens”. As resoluções sobre as tarefas da frente juvenil antifascista foram divididas em oito pontos. Desde sobre a necessidade de mudar as características das organizações juvenis comunistas, construir a unidade da juventude trabalhadora e suas organizações, as tarefas do movimento de massas nos países que estão sob o jugo do fascismo; até as tarefas do movimento sindical juvenil, a preparação da juventude na frente anti-imperialista, as lutas gerais contra o fascismo, pelo socialismo e por uma vida feliz para a juventude trabalhadora. Para esse giro da IJC foi necessário também modificar os estatutos.

Seria necessário, segundo o documento, atrair para a luta antifascista “as organizações de juventude não-partidárias, nem só comunistas, mas também as socialistas e sem partido, nacional-revolucionárias, pacifistas, religiosas e outros setores da juventude”. Isso requer uma “radical reorganização das federações de juventudes comunistas, que precisam “abandonar todas as formas de cópias sectárias dos partidos”. Isso não exclui o contato que deve haver com os partidos comunistas, associado com as organizações internacionais comunistas, IC e IJC.

Trataram das possibilidades de buscar esforços para levar à unidade orgânica com as organizações socialistas de juventude, pois “não há nenhuma justificativa para continuar com divisões entre a juventude trabalhadora”¹⁶¹. E explicam no documento

¹⁶⁰ 6th World Congress Young Communist International (s/d) *The tasks of the united front of the youth — resolutions adopted at the Sixth Congress*, Londres: YCLGB, p. 3.

¹⁶¹ 6th World Congress Young Communist International, p. 5.

que, os dirigentes das organizações comunistas e socialistas e das respectivas organizações juvenis é que foram os protagonistas da iniciativa de realizar essa unidade.

Para além dos jovens afiliados às fileiras comunistas ou socialistas é urgente, segundo a resolução, que haja uma “unidade de forças de todas as organizações juvenis antifascistas que estejam envolvidas na luta por liberdade, paz e direitos para as novas gerações”.¹⁶² Para isso a IJC se compromete no conclave a dar todo o apoio necessário.

Sobre as tarefas que envolvem as organizações juvenis de massas nos países fascistas deverão “defender dia a dia as demandas e necessidades da juventude, apoiar a unidade desde a base utilizando todas as possibilidades de trabalho legal e semi-legal e subordinando às organizações ilegais a esta tarefa”. Já o movimento sindical deve lutar pelas reivindicações econômicas, mas também contra o crescimento da influência fascista entre a juventude. É preciso, segundo o documento, arregimentar a juventude trabalhadora de diversas formas para o raio de influência dos sindicatos. O esporte proletário é um setor, para a resolução, que pode contribuir com a unidade das forças antifascistas.

Houve grande pressão da UC/IJC para que os partidos nacionais se alinhassem às novas diretivas. No Brasil, foi sob muita perseguição, sequestro e assassinato de jovens comunistas que chegaram estas teses.

¹⁶² 6th World Congress Young Communist International, p. 7.

Capítulo 2: A construção da Juventude Comunista do Brasil (JCB) — 1924-1928

2.1 Movimento juvenil antecedente e encontro de jovens anarquistas com organizações políticas

Antes do surgimento do Partido Comunista do Brasil, o movimento operário no Brasil já havia tido experiências de lutas reivindicatórias e sondou formas de organização. O período escravocrata rendeu importante acúmulo de organização pela resistência quilombola e de círculos clandestinos urbanos pela abolição da escravidão e pelas campanhas republicanas. Os primeiros passos do capitalismo industrial brasileiro, sobretudo na segunda metade do século XIX, suscitaram algumas greves, que para além do caráter simbólico, não tiveram consequências importantes para o conjunto da experiência. Da forma de organização ficaram como saldo as chamadas sociedades mutuárias, ligas e uniões operárias. Estas tinham caráter associativo e de solidariedade, nada para além das condições materiais e possibilidades reais daqueles trabalhadores.

Ao final do século XIX a luta reivindicatória de trabalhadores somada às experiências europeias (greves, movimentos contestatórios e as próprias teorias socialistas), vindas com a imigração e a imprensa operária — de certa pujança —, conduziram a um salto de qualidade: a formação de círculos e partidos de caráter socialista (1889, 1892, 1902)¹⁶³. Essas organizações, de orientação reformista, tiveram existência efêmera; porém, os militantes e algumas de suas ideias conquistaram hegemonia no movimento sindical.

Em abril de 1906, sob a articulação de grupos políticos, jornais operários e sindicatos foi realizado o 1º Congresso Operário do Brasil e a corrente anarquista desbancou a hegemonia reformista e assumiu, de maneira geral, a direção do movimento operário. Esse foi um momento em que pululavam grupos anarquistas, organizações de caráter sindical e periódicos operários de diversos matizes.

As reivindicações sociais ligadas ao tema do trabalho tinham sua materialidade no desenvolvimento do capitalismo brasileiro entre o final do século XIX e início do

¹⁶³ PEREIRA, Astrojildo — Silvério Fontes, pioneiro do marxismo no Brasil Em: *Revista Estudos Sociais*, nº 12, Abril de 1962, Rio de Janeiro, p. 404-410.

XX. Foi no desenvolvimento da maquinaria, na indústria brasileira, que se convocou em grande escala a mão de obra infantil e juvenil. Crianças e adolescentes trabalhavam em alguns tipos de fábricas como no ramo da tecelagem e vidraçaria. Em São Paulo, por exemplo, em 1890, “aproximadamente 15% do total de mão de obra absorvida em estabelecimentos industriais da cidade eram de crianças e adolescentes”¹⁶⁴, sendo um quarto na indústria têxtil; e em 1920 na “totalidade do estado de São Paulo, 7% da mão de obra empregada no setor secundário eram constituídos por esses trabalhadores”¹⁶⁵.

A Fábrica de Tecido Mariângela, do complexo Matarazzo, por exemplo, não só empregava um exército de crianças como tinha máquinas proporcionalmente adaptadas para o uso de trabalhadores de porte menor.¹⁶⁶

As condições de exploração desses jovens operários estavam não só nos salários menores, que podia chegar a 10% do salário de um operário adulto¹⁶⁷, mas também em surras, castigos, espancamentos, maus-tratos que tinham por motivos desde julgamentos morais de comportamento até o desempenho profissional. Flagrante herança dos maus tratos advindos do período da escravidão. Se naquele então os trabalhadores negros escravizados podiam sofrer castigos físicos por serem propriedade de seus senhores agora, no período inicial da industrialização, as crianças e adolescentes não são propriedades dos donos ou funcionários das fábricas, mas vítimas de uma cruel permissividade — dada ou não por seus pais — da violência contra a criança sob o argumento da educação ou instrução. Assim apresenta o relato de Jacob Penteado:

(...) os patrões obrigava-nos a comparecer, no dia seguinte, bem mais cedo, às cinco horas da manhã, geralmente. Como se vê, não havia organismo que resistisse a essas flutuações de horários, mormente se considerarmos que muitos dos meninos não tinham ainda alcançado dez anos. Havia-os, até, de sete anos de idade. O ambiente era o pior possível. Calor intolerável, dentro de um barracão coberto de zinco, sem janelas nem ventilação. Poeira micidial, saturada de miasmas, de pó de drogas moídas. Os cacos de vidro espalhados pelo chão representavam outro pesadelo para as crianças, por que muitas trabalhavam descalças ou com os pés protegidos apenas por

¹⁶⁴ MOURA, Esmeralda B. B. de (2016) Crianças operárias na recém-industrializada São Paulo, Em: DEL PRIORE, Mary (2016) *História das crianças no Brasil*, 7ª Edição, São Paulo: Editora Contexto, p. 262.

¹⁶⁵ MOURA, 2016, p. 262.

¹⁶⁶ MOURA, 2016, p. 264.

¹⁶⁷ LOPRETO, Christina da Silva Roquette (2000) *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*, São Paulo: Annablume, p. 79-81.

alpercatas de corda, quase sempre furadas. A água não primava pela higiene nem pela salubridade.¹⁶⁸

O depoimento de Penteado não difere, no geral, daqueles descritos por Engels e outros sobre a composição do cenário da fábrica no início da industrialização no quadrante norte ocidental. Apesar da industrialização no Brasil ter sido posterior e com características históricas completamente diferente, a cena dantesca se repete nas mais precárias condições de trabalho; somadas ao agravante da herança ainda presente da escravidão abolida formalmente pouco tempo antes. O mesmo relato aborda outro aspecto dos maus tratos com os garotos:

Vi, certa vez, um vidreiro, furioso porque a peça ficara inutilizada, despedaçá-la na cabeça do aprendiz, que berrava como louco, pois os pedaços de vidro, ainda quente, penetravam-lhe pela camiseta a dentro. E o monstro ainda ria, ao ver sua vítima pulado de dor...¹⁶⁹

O historiador Boris Fausto abstrai um conjunto de relatos recolhidos sobre os maus tratos às crianças dentro das fábricas e apresenta as condições de normalidade da violência infantil sob um “pacto desigual”, não só de força física, mas também de autoridade perante os outros trabalhadores:

(...) as acusações contra os espancamentos, a denúncia de mutilações de crianças pelas máquinas quando adormecem em serviço, demonstram a repulsa a seu emprego. Lembre-se, contudo, que o trabalhador menor é com frequência proveniente da família operária, estabelecendo-se uma espécie de triste pacto desigual entre adultos, na sua exploração.¹⁷⁰

Esse pacto, elevado a um patamar mais civilizado, teve resultado no desenvolvimento do aprendiz. Nem todas as fábricas ou oficinas admitiam esse tipo de relação entre gerente ou dono e os trabalhadores. A ideia geral de aprendiz é um misto de trabalhador e estudante. Como executor de demandas profissionais é um trabalhador, mas como recebedor de salário é estudante. A lógica era a de que esse jovem trabalhador deveria ganhar menos — ou nada — por ser ainda um aluno do ofício.

Em nome da oportunidade de adquirirem habilidade no exercício de uma profissão ou função, os aprendizes não

¹⁶⁸ PENTEADO, Jacob *Belenzinho*, 1910, 117-121; *apud* CARONE, Edgard (1979). *Movimento Operário no Brasil (1877-1944)*, São Paulo: DIFEL, p. 54.

¹⁶⁹ PENTEADO, p. 54.

¹⁷⁰ FAUSTO, Boris (1977) *Trabalho urbano e conflito social*, São Paulo: DIFEL, p. 116.

recebiam salário algum e passaram a representar a categoria mais explorada entre os trabalhadores.¹⁷¹

A justificativa do empresariado que empregava sob máxima exploração as crianças e adolescentes — mais moral do que jurídica ou trabalhista — se encontrava na filantropia ou sob o argumento da formação do jovem a partir do Liceu de Artes e Ofícios e Escolas Profissionais Masculinas e Femininas; mesmo que nem todos os jovens operários estivessem matriculados e cursando aulas nesses lugares.

A situação de saúde física desses jovens operários era condizente com as suas condições de trabalho, de moradia e de alimentação. Eram vítimas, em grande número, desde cedo do alcoolismo. Tinham com muita frequência em algum grau o raquitismo, a anemia crônica e evoluíam com facilidade para a tuberculose; afora as enfermidades contraídas por consequência dos lugares insalubres que trabalhavam. O relato de Luiz Edmundo mostra:

“(…) umas moçoilas pálidas, cheias de olheiras e sardas que trabalham cosendo para o Arsenal de Guerra e que vivem queixando-se de pontadas no lado do pulmão, tonteiras e falta de ar (...) cheias de melancolia, de rugas e de cabelos brancos.”¹⁷²

Vários dos jornais operários consultados, das primeiras décadas do século XX, fizeram campanhas contra o alcoolismo¹⁷³. Para esses periódicos além da pornografia, a religião e o alcoolismo são males de mesma grandeza, como se pode ver neste trecho de *A Lanterna* que tem como chapéu “Religião e alcoolismo”:

Entre religião e alcoolismo há estreito parentesco. Segundo John P. Arnold, na sua história da cervejaria, publicada em Chicago, foram as religiões que inventaram o alcoolismo, que iniciaram o uso dos licores espirituosos, para produzir as sensações do êxtase religioso. Foi depois disso que se espalharam as bebidas inebriantes, que tanto contribuem hoje graças às miseráveis condições econômicas em que vegeta o

¹⁷¹ MOURA, 2016, p. 273.

¹⁷² EDMUNDO, Luiz, (s/d) o Rio de Janeiro do meu tempo, v. 1, p. 214-220; *apud* CARONE, Edgard (1979). *Movimento Operário no Brasil (1877-1944)*, São Paulo: DIFEL, p. 32.

¹⁷³ *A Lanterna — Folha Anti-Clerical de Combate* nº 163 (2/11/1912), p. 2. [ASMOB — CEDEM/UNESP] Nesta edição são publicados os números que o governo alemão conseguiu reduzir no consumo de álcool: “Em 1908 esse consumo era de 2.650.000 de hectolitros; e de 1.510.000 em 1911”. O mesmo jornal dias antes (edição nº 161 19/10/1912, p. 4) publicou a notícia do Congresso da Juventude Sindicalista, ocorrido em Paris, em outubro: “O Congresso declara também 1: que o alcoolismo engendra as mais terríveis consequências, torna o homem inconsciente, incapaz de compreender os seus direitos e deveres, perdendo-o para uma causa da emancipação.”

proletariado, para a decadência física e intelectual da humanidade.¹⁷⁴

Os anarquistas “perdiam” para o alcoolismo muitos dos operários que haviam demonstrado aptidão para a luta contra a exploração. Como esta citação, diversas outras, induzem essa visão de vínculo do álcool com outros inimigos do movimento operário.

Os baixos salários, as moradias precárias, indignas condições de trabalho, a saúde combalida, vícios, maus tratos, falta de escola, extensa jornada de trabalho, exploração desde tenra idade, falta de “delegacias de saúde”, ausência do poder público em geral são algumas das características que se repetiam nas casas das famílias operárias, nos bairros e cidades inteiras. Essas condições de exploração, sem regulação, podiam atrapalhar as condições de desenvolvimento do capital. E como solução (insuficiente até para o pleno avanço do capital) aventaram-se algumas leis de regulação.

A evolução das leis trabalhistas no Brasil foi arrastada e só dava passos em direção aos direitos dos trabalhadores quando havia paralisações, greves, algum tipo de movimentação operária. Em 1904 o deputado Medeiros de Albuquerque apresentou um projeto de lei para regulamentar indenização por acidente. Outros casos apareceram como o de 1911:

Projeto de lei dos deputados Figueiredo Rocha e Rogério Miranda, fixando a jornada de oito horas, recebeu a pecha de “anárquico, subversivo e imoral”. No âmbito regional, o estado de São Paulo introduziu algumas medidas nos anos dez, anteriormente a 1917; em 1911, foram incluídos no Regulamento do Serviço Sanitário do Estado (...) dispositivos sobre condições de higiene nas fábricas, proibindo-se também atividades dos menores de 10 anos e o serviço noturno dos menores de 18 (...)¹⁷⁵

Afora o movimento estudantil, que tinha um caráter não proletário no século XIX e início do século XX, os jovens brasileiros não conheciam organização de especificidade juvenil. Em 1910, um “Círculo Instrutivo dramático-recreativo, de propaganda anticlerical”¹⁷⁶ foi organizado em São Paulo. Há notícias do Grupo Jovens Incansáveis¹⁷⁷, do qual fez parte José Iñiguez Martinez, assassinado pela polícia durante

¹⁷⁴ *A Lanterna — Folha Anti-Clerical de Combate* nº 164 9/11/1912, p. 4 [ASMOB — CEDEM/UNESP]

¹⁷⁵ FAUSTO, 1977, p. 224.

¹⁷⁶ *A Lanterna — Folha Anti-Clerical de Combate* nº 17 (5/2/1910), p. 4. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

¹⁷⁷ *A Plebe*, nº 6 21/7/1917, p. 4. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

a greve geral de 1917; um auto intitulado Grupo de Jovens Libertários¹⁷⁸ — entre 1912 e 1914 — e um Grupo Libertário de Jovens Polacos¹⁷⁹. Nesse período, ainda uma das primeiras organizações a assim se caracterizar foi o Centro Feminino de Jovens Idealistas, de caráter anarquista, fundado em 1913¹⁸⁰, em São Paulo. Esta organização lançou um manifesto contra a violência policial, em setembro de 1917 reclamando dos ecos do arbítrio resultados da greve de meses antes.¹⁸¹

Esses grupos criavam vínculos entre os jovens por meio de ideias anarquistas e realizavam piqueniques, apresentações teatrais, reuniões abertas, excursões, quermesses, bailes, apresentações de conjuntos musicais. Não há marcadamente nenhum vestígio da discussão sobre a especificidade juvenil no mundo do trabalho ou educacional. O jornal *A Plebe* publicou em sua edição nº 118 a chamada para uma “reunião de propaganda” da Juventude Anarquista em que haveria “interessante palestra sobre assuntos sociais”¹⁸². De mesmo nome, mas sem indício de ser a mesma organização, um Grupo Juventude Anarquista lançou em julho de 1921 o jornal *O Protesto*. O periódico se coloca na luta dos anarquistas contra aqueles que se tornaram ex-anarquistas e em grande parte engrossaram as fileiras dos que defendiam a ditadura do proletariado. Um dos artigos, ilustra bem esse conflito, critica o jornal *A Vanguarda* por seguir certa tendência de “trilhar fora dos princípios libertários”¹⁸³.

Não se encontrou vestígio de ligação entre essas organizações juvenis anarquistas e grandes articulações internacionais, quer seja socialista, juvenil ou de outro tipo. Alguns grupos ou jornais mantiveram relações com seus equivalentes de outros países e constituem, até, certo nível de cooperação, mas sem articulações orquestradas.

Já o movimento estudantil brasileiro teve momentos de mobilizações de pouca envergadura, mas com importância simbólica. Desde a expulsão de tropas francesas, em 1711, quando o estudante Bento Amaral Gurgel comandou tropas contra o general Duclerc ou José Joaquim da Maia que atuava em conciliábulo, a partir da França, com

¹⁷⁸ *A Lanterna — Folha Anti-Clerical de Combate* nº 153 24/8/1912, p. 3/ nº 195 14/6/1913, p. 3 / nº 196 21/6/1913, p. 3 / nº 266 24/10/1914, p. 3. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

¹⁷⁹ *A Lanterna — Folha Anti-Clerical de Combate* nº 54 22/10/1910, p. 2. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

¹⁸⁰ *A Lanterna — Folha Anti-Clerical de Combate* nº 198 (5/7/1913), p. 4. E *A Plebe* nº 56 13/3/1920, p. 4. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

¹⁸¹ *A Lanterna — Folha Anti-Clerical de Combate* nº 714 (21/9/1917), p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

¹⁸² *A Plebe*, nº 118 21/5/1921, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

¹⁸³ “A campanha derrotista d’*A Vanguarda*” Em: *O Protesto* s/nº 14/7/1921, p. 1-2. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

os membros da inconfidência mineira, buscando apoio de outras nações para ajudar na independência do Brasil. Lutas de independência, abolição da escravidão, luta contra a monarquia e campanha civilista contaram com participação de estudantes. As lutas que tiveram estudantes à frente, em geral, tinham características de lutas nacionais e algumas de caráter democrático. Raras exceções, até o fim da República Velha, os estudantes se juntaram aos trabalhadores para ganhos dos trabalhadores ou de lutas de caráter estritamente social.

O posicionamento de classe dos estudantes se revelou contra os trabalhadores em vários momentos do início da República. Um, deveras simbólico, foi durante a greve de 1917. Artur José Poerner no seu livro de história do movimento estudantil, *O Poder Jovem*, narra esse episódio através de Paulo Nogueira Filho, segundo o autor, este seria uma “fonte indispensável para o estudo do desinteresse da juventude de seu tempo pelo movimento operário”¹⁸⁴. A fonte relata que:

“Ouvi contar, mais de uma vez, que, no princípio do segundo semestre de 1917, os operários, na preparação de um gigantesco movimento grevista, procuraram elementos jovens que se tinha como líderes. Buscavam os trabalhadores se não a adesão, ao menos uma declarada simpatia dos estudantes às suas reivindicações. Ao que consta um dos moços, assustado com a envergadura do planejado movimento, pediu ao seu progenitor, personagem de alto prestígio, que alertasse o governo do estado sobre os perigos de que estava ameaçada a cidade de São Paulo.”¹⁸⁵

O relato aponta que havia disposição do proletariado grevista em ampliar sua base de apoio social, ou, pelo menos, neutralizar um setor que, se entrasse em campanha, poderia contribuir, tanto contra como a favor da greve. O relato cita “adesão” ou “simpatia”, o que leva à possibilidade dos grevistas não contarem com a oposição dos estudantes diante do caráter das reivindicações e das possibilidades de conagração daquele movimento.

Durante a greve, que foi geral mesmo, paralisando 70 mil trabalhadores, houve estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo que chegaram a se oferecer para substituir os motorneiros grevistas. Apesar da disposição estudantil para a redução dos efeitos da greve, as autoridades não puderam se esquivar ao atendimento de uma parcela das reivindicações dos trabalhadores. (...) “Diante disso” — pergunta Paulo Nogueira Filho — “o que fizeram os mocinhos burgueses da Faculdade de Direito, aspirantes à liderança nacional? Entraram em

¹⁸⁴ POERNER, p. 101.

¹⁸⁵ POERNER, p. 102.

contato com os condutores do proletariado? Em suas arengas, nas organizações em que militavam (...) focalizaram, porventura, problemas sociais como estes que sacudiam a nossa terra? Propuseram-se, ao menos, estudá-los seriamente? Nada!¹⁸⁶

Por outro lado, houve, por parte dos estudantes, militância contrária à greve. Paralisação, esta, que tinha uma porção de caráter democrático, mas era profundamente de modernização das relações de trabalho. Longe de mudar as estruturas do regime ou do modelo econômico, até por conta da composição do movimento operário, tinha um vetor civilizatório. Essas duas citações acima mostram como no Brasil os estudantes — não a totalidade, mas uma parcela importante — encarava a “questão social” face aos problemas das relações de trabalho e condição de vida dos operários.

Essa oposição de classe contra os operários por parte dos estudantes foi radicalizada dois anos depois. No dia 31 de outubro de 1919 um grupo de estudantes, sobretudo da Faculdade de Direito de São Paulo, empastelou o jornal *A Plebe*. O periódico que estava nos últimos meses se esforçando para se tornar um diário ficou mais de vinte dias sem conseguir nova tiragem. O estopim da fúria estudantil contra o jornal anarquista foi uma matéria do dia 30 de outubro que, lembrando a greve de 1917, chamava os estudantes:

(...) a se prepararem para substituírem uma nova classe que se ia declarar em greve. Mas, que mal havia nisso? Não foram eles que substituíram os motorneiros e condutores da *Light*? É verdade que quando foi a greve dos lixeiros não se lembraram de pegar na pá e na vassoura para virem limpar as ruas, mas este é um fato passado, não serve de argumento. Do que nós os operários estamos convictos, é que de ora avante, sempre que tenhamos que abandonar o trabalho para reclamar, dos capitalistas estrangeiros que nos exploram, mais um pouco de pão, teremos, além das acariciadoras espaldeiradas no lombo, os acadêmicos (...) a nos substituir, trocando (na bela frase do *Jornal do Commercio*) as suas limpas casacas pelas nossas sujas blusas.¹⁸⁷

O tom extremamente irônico do texto conflita com o teor dos outros artigos da edição. Com a metade do tamanho, o jornal retomou atividades ativo e com pesadas críticas à polícia, a volta aos esculachos à lei Adolpho Gordo e uma homenagem, atrasada, aos dois anos da revolução russa.

¹⁸⁶ POERNER, p. 102.

¹⁸⁷ *Respondamos aos acadêmicos*, de Guarany, Em: *A Plebe*, número extraordinário 22/11/1919, p. 2. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

Já na Argentina, depois de um longo processo de unificação do movimento estudantil, em 1918, ocorreu uma reunião em Córdoba que pontuou um programa liberal de caráter político para a educação daquele país. Aos poucos, aqueles pontos foram emanando para outros países e se tornaram referência para o movimento estudantil no continente. No Brasil teve pouco eco, mal atingiu o insipiente movimento estudantil daquele período, menos ainda o conjunto da juventude brasileira.¹⁸⁸

O país da Reforma universitária em 1918 já vinha com importantes agitações operárias desde o fim do século anterior. Diferente do Brasil, o movimento operário argentino tinha muito contato com a literatura socialista e marxista, relação mais estreita com a Internacional Socialista, teórico socialista nacional importante (Juan Bautista Justo) e já havia amalgamado um partido socialista antes da Grande Guerra. Desse partido e todo esse caldo de cultura socialista também se articulou uma Juventude Socialista: “em 7 de agosto de 1912, Juan Clerc, secretário do Centro Socialista do Norte, pediu autorização ao Comitê Executivo do Partido Socialista (PS) para a organização do movimento juvenil em nível nacional.”¹⁸⁹ Logo depois foi fundado do Partido Socialista Internacional (PSI), em janeiro de 1918 que se adequaria aos ventos da revolução de outubro tornando-se o Partido Comunista da Argentina. Diferente da maioria dos países, quando se fundou o PSI, também foi fundada a Federación de Juventudes Socialistas (FJSS); que em 12 de abril de 1921, se tornaria a Federación Juvenil Comunsita (La Fede). Foi fundada “por resolução do Comitê Central do Partido Comunista da Argentina.”¹⁹⁰

Um dos comunistas latino-americanos que se preocuparam com a universidade, a escola e os estudantes — na década de 1920 — foi, destacadamente, o cubano Julio Antonio Mella. Nascido em 1903 foi assassinado em 1929, antes de completar 26 anos. Fundou o Diretório de la Federación de Estudiantes de la Universidad de La Habana, em 1922. Fundou o Partido Comunista de Cuba, em 1925, e ao lado de Carlos Baliño e

¹⁸⁸ Nos anos seguintes a Reforma de Córdoba, o movimento juvenil comunista na América do Sul se opôs àquele elaboração de política educacional considerando-a aliada da Doutrina Moroe e adversária da juventude trabalhadora. Essa visão se revela no resumo da conferência proclamada por P. Gonzalez Alberti, pelos 10 anos da Reforma de Córdoba: *Interpretación marxista de la reforma universitaria — la pretendida dirección de movimiento revolucionario de America por los hombres de “la nueva generación” universitaria*, Em: La Correspondencia Sudamericana nº 4 de 15/9/1928, p. 5-9. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

¹⁸⁹ GILBERT, Isidoro (2011) *La Fede — Alistándose para la revolución. La Federación Juvenil Comunista 1921-2005*, Buenos Aires: Editorial Sudamericana, posição 909 (de 15.833).

¹⁹⁰ GILBERT, 2011, posição 896.

José Miguel Pérez, compôs aquele comitê central. Mella já tinha militância estudantil onde tentava conciliar as lutas de teor nacional com as demandas democráticas da universidade. É o que se pode perceber no *Manifiesto de la Federación Estudiantil Universitaria*, de janeiro de 1923, no qual foi o seu principal redator. Ali, os estudantes se colocaram como “convencidos de que as universidades são sempre um dos mais firmes expoentes da civilização, cultura e patriotismo dos povos”.¹⁹¹

A militância de Mella no PC de Cuba potencializou sua luta estudantil, agora mais radicalizada. A questão social se faz presente, por exemplo, no trecho do artigo *Los estudiantes y la lucha social*, em que se tenta aproximar reforma e revoluções:

Desde 1918 (...) a juventude universitária vem lutando em um movimento que denominou Reforma ou Revolução Universitária. Este movimento tem caráter continental. (...) Como ontem a Revolução Francesa, a Russa estenderá sua projeção na América. Os atos sociais da Revolução Universitária na América Latina são indícios terminantes da futura transformação política. Não houve movimento universitário puro que não se vincule com as camadas sociais e seus problemas.¹⁹²

Não há, como é possível ver até aqui, uma homogeneidade ideológica, política e organizativa entre as várias frações da juventude até a década de 1920 no Brasil e no seu entorno. A facilitação do uso de máquinas, inclusive no Brasil, foi um fator menor que levou jovens e crianças para dentro das fábricas e os inseriu no núcleo da contradição capital/ trabalho — pois foi o surto industrial que exigiu toda e qualquer mão de obra (leia-se até jovens, mulheres e crianças), principalmente nas cinco décadas seguintes após a abolição formal do trabalho escravo. Essa nova condição de trabalhador levou à associação, como sua forma mais primitiva, à organização de entidades que compartilharam tática e estratégia com outros segmentos, sem deixar de tratar das questões específicas de sua condição de jovem.

2.2 Organização da Juventude Comunista do Brasil, sob Luiz Peres

As greves de 1917-1920 foram de grandes mobilizações para os operários em geral, ainda que longe de vencer todo o programa de reivindicações. Mas as ideias dos principais dirigentes anarco-sindicalistas não conseguiam apresentar perspectiva para

¹⁹¹ GUANCHE, Julio Cesar (2009) *Vidas rebeldes — Julio Antonio Mella*, Querétaro: Ocean Sur, p. 27-28.

¹⁹² GUANCHE, p. 32-34.

novas vitórias. Astrojildo Pereira e outros anarquistas iniciaram, sob forte impacto da revolução russa de 1917, uma guinada política, programática e ideológica da condução de suas vidas militantes. Certo “entrismo” foi feito por esses inconfidentes, ao que José Oiticica classificaria mais tarde de “cavilação manhosa”¹⁹³ que Astrojildo fazia com os militantes anarquistas.

Novas questões teóricas foram visitadas e revisitadas por Astrojildo e outros ex-anarquistas (e futuros ex-anarquistas) para compreender as mais diversas dinâmicas e aspectos dessa modificação nas bases da compreensão da sociedade e os rumos que deve-se seguir. As leituras de Marx, Engels, Lenin, Bukhárin, Trotsky, se fizeram presentes¹⁹⁴. A compreensão das bases que se dariam essa revolução no Brasil começava a ter maior importância. Trata-se de um momento de viragens múltiplas, de forma mais panorâmica sobre a década de 1920:

Vale lembrar que aquele decênio foi muito importante para o país: nele ocorreram a Semana de Arte Moderna em São Paulo, a fundação do PCB, os levantes tenentistas, a longa e épica marcha da Coluna Prestes e o ápice da atividade de Lampião e seus cangaceiros no sertão nordestino. O proletariado também passou a ser considerado um importante ator nas elaborações teóricas de reconhecidos intelectuais que escreviam naquele momento.¹⁹⁵

Esse giro foi intensificado pela organização de grupos comunistas que culminariam na fundação do Partido Comunista do Brasil¹⁹⁶, entre 25 e 27 de março de

¹⁹³ “Bem feito”, de José Oiticica, Em: *Ação Direta*, nº 113 de dezembro de 1956, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

¹⁹⁴ “As fontes marxistas na época da fundação do PCB (março de 1922) são, assim, variadas. Elas se baseiam em literatura vinda da Rússia, ou difundidas através de edições soviéticas, mas impressas na Suíça, em francês; ou no material argentino. Mas, se as publicações da IC e ISV ainda continuam por muito tempo a serem imprimidas em Moscou e Berlim (até 1926), as literaturas analíticas e geral vão encontrar, num segundo momento, editoras francesas que irão difundir-las. Repetindo, as primeiras edições dos livros de Lenin, Trotsky, ou o material sobre o I, II e III Congressos da IC ou as informações jornalísticas sobre a Rússia Soviética etc. são editadas na Rússia e em francês — e também em inglês, alemão etc. (fato esse que não tem relação com o nosso caso). Ao redor dos anos 20, todavia, esta literatura teórica e circunstancial começa a ser composta na própria França.”, Em: CARONE, Edgard (1986) *O marxismo no Brasil (das origens a 1964)*, Rio de Janeiro: Dois Pontos Editora, p. 37-38.

¹⁹⁵ PERICÁS, Luiz Bernardo (2019) *Caminhos da revolução brasileira*, São Paulo: Boitempo Editorial, p. 14.

¹⁹⁶ Sobre o nome do partido fundado: tem-se no relatório assinado por Abílio de Nequete e Astrojildo Pereira sobre “(...) definitiva constituição do Partido Comunista do Brasil.” [p. 2]; do “(...) Congresso constituinte do Partido Comunista do Brasil (...)” [p. 2]; estabelece como segundo ponto de pauta o exame dos “Estatutos do Partido Comunista do Brasil” [p. 3] e, ao final, o término dos “trabalhos preliminares de fundação do Partido Comunista do Brasil” [p. 3] Em: *Relatório dos trabalhos de preparação e realização do congresso constituinte do Partido Comunista do Brasil*, de Abílio de Nequete e Astrojildo Pereira, de 29 de março de 1922. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0104] No *Diário Oficial* de 7 de abril de 1922, na página 6.977, na seção de Sociedades Cívicas, foi registrado o Estatuto “[da sociedade civil] Centro do Partido Comunista do Brasil, *mas que será chamada Partido Comunista, Seção Brasileira da Internacional*

1922, no Rio de Janeiro e Niterói. Ali no congresso de fundação foram analisadas e aceitas as 21 condições de ingresso na IC e, entre outras deliberações, um estatuto que contém no seu capítulo dois “Dos Centros”:

Artigo 11º — E dever de cada centro organizar uma juventude comunista constituída por jovens menores de 18 anos. Os que ultrapassem essa idade podem permanecer na juventude, com a obrigação, porém, de se filiarem diretamente ao Partido.

Art. 12º - As juventudes comunistas, para serem reconhecidas como tais, devem aceitar os princípios fundamentais do Partido e adotar estatutos concordes com os mesmos, sob o controle da Comissão Central Executiva e dos centros. Quanto ao mais, gozam de plena autonomia, quer no concernente à sua constituição interna como sobre a forma de desenvolver sua propaganda.¹⁹⁷

Esse documento inaugural dos comunistas brasileiros mostra que desde o primeiro momento a questão da organização juvenil foi pautada. Havia isso no estatuto argentino, usado como modelo para a criação do estatuto dos comunistas brasileiros, era um tema constitutivo da própria IC e existia demanda local de trabalhadores que estavam na faixa etária daqueles que não eram mais crianças e ainda não eram adultos constituídos. Mesmo sendo uma pauta posta desde o primeiro momento, só um ano e meio depois é que a pauta começará a se realizar.

Comunista.” (Grifo nosso) [CDM/FMG] No estatuto aprovado no congresso de fundação, em março de 1922, o nome do partido tem uma explicação: “Art. 1º - Fica fundada, por tempo indeterminado, uma Sociedade Civil, no Rio de Janeiro, ramificando-se por todo o Brasil, tendo por título — Centro do Partido Comunista do Brasil [Fórmula exigida pela lei brasileira], *mas que será chamada* Partido Comunista, Seção Brasileira da Internacional Comunista.” Em: *Movimento Comunista*, nº 7, junho de 1922, p. 184 e 192. (Grifo nosso) [ASMOB — CEDEM/UNESP] Em carta datilografada e assinada por Abílio de Nequete e Astrojildo Pereira, em 29 de março de 1922, endereçada “Ao Comitê Executivo da Internacional Comunista” [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic- 0001] não é dito que é uma “Seção da IC”, pois não haveria como autoproclamar-se, o partido criado dois dias antes, como uma “Seção Brasileira da Internacional Comunista”, já que a própria IC ainda não o havia admitido como parte de sua estrutura planetária. Havia um processo de quarentena, troca de impressões e correspondências para que houvesse a aprovação (Antônio Bernardo Canellas será enviado ao 4º Congresso da IC exatamente para dar prosseguimento a essa admissão e não terá o êxito esperado). No congresso, o partido aceitou as “21 condições”, mas isso não significa que a IC o tenha admitido como membro; e consta como “Seção da IC”, no estatuto de fundação, como uma perspectiva a se realizar [“(…) *mas que será chamada* (…)”]. Nessa carta, que informa ao CEIC sobre o congresso de fundação, o aceite das 21 condições e credencia Canellas a participar do próximo congresso da IC, é explícita a perspectiva: “Com o nosso mais firme e sincero desejo de adesão total à vanguarda revolucionária do proletariado mundial, organizada na Internacional Comunista (…).” Dessa forma, aparece no cabeçalho da correspondência de Astrojildo e Nequete o nome “Partido Comunista do Brasil”. Ao lado, em cima, um carimbo circular em que é visível um ornamentado cruzamento de foice e martelo, com folhas de louro e raios de sol vindos do horizonte — bem à estética anarquista; com o nome em volta: “Partido Comunista do Brasil / Comissão Central Executiva — Secretaria”. O carimbo se repete no canto inferior esquerdo, logo abaixo das assinaturas manuscritas dos dois remetentes.

¹⁹⁷ *Movimento Comunista*, nº 7, junho de 1922, p. 186. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

Na arquitetura construída por esse primeiro estatuto, o PCB era organizado por “centros locais ou distritais” o que não figurava uma estrutura nacional de um país continental. A “fórmula” de composição partidária se revela presente na elaboração dos comunistas quando dizem que para as juventudes comunistas “serem reconhecidas como tais, devem aceitar os princípios fundamentais do partido”, ou seja, não há ainda uma centralização elaborada previamente que faça surgir da estrutura partidária a organização juvenil a partir de critérios gerais.

Os jovens comunistas que militavam na juventude comunista seriam aqueles que tivessem idade menor de 18 anos. Trata-se de uma elaboração importante, pois há um recorte etário que as organizações anarquistas não tinham, em sua maioria. O estatuto toca nessa questão sensível e afirma que para a propaganda “gozam de plena autonomia”.

Outro ponto do estatuto que demonstra aflorar desconhecimento de como é o funcionamento do “partido de novo tipo” está no sexto capítulo: “Art. 34º - Os estatutos dos centros, núcleos e juventudes comunistas são redigidos sob modelo apresentado pela Comissão Central Executiva, dependendo sua redação final da aprovação da mesma Comissão Central Executiva.”¹⁹⁸

As juventudes (o plural só é explicado dada a preservação autônoma que havia entre os grupos de jovens que se considerassem comunistas) têm plena autonomia na propaganda e podem ter um estatuto próprio. Ou seja, é um ente independente, enquanto organização, mas só pode existir como juventude comunista se “aceitar os princípios fundamentais do partido”. Levado às últimas consequências, esse funcionamento poderia dar muitos problemas de compreensão. Não foi o caso, pois esse formato não se realizou.

Por conta do tamanho continental do Brasil, da quartelada de 5 de julho, da forte tradição anarquista desses novos comunistas e ainda uma situação de não terem sido confirmados como uma Seção da Internacional Comunista, os primeiros meses, o primeiro ano, de existência do PCB não conseguiu colocar à contenda todos os itens de orientação da IC — uma delas a organização da juventude comunista.

Dos nove delegados que fundaram o Partido Comunista havia um operário vassoureiro, Luiz Peres. Era o mais novo dos delegados e tinha alguns anos de experiência na militância sindical. Na foto clássica dos delegados daquele conclave ele

¹⁹⁸ *Movimento Comunista*, nº 7, junho de 1922, p. 191. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

se encontra de pé, entre João da Costa Pimenta e José Elias da Silva, tem um lenço claro no bolso do paletó e o rosto de traços mais juvenis. Naquele Congresso de fundação Peres foi eleito para a Comissão Central Executiva junto com Abílio de Nequete, Astrojildo Pereira, Antônio Bernardo Canellas e Antônio Gomes Cruz Júnior (eram suplentes desta instância partidária Cristiano Cordeiro, Rodolpho Coutinho, Antônio de Carvalho, Joaquim Barbosa e Manuel Cendón)¹⁹⁹. Luiz Peres tinha a confiança de Astrojildo Pereira, participaria da instância que deliberaria as principais decisões dos comunistas brasileiros e ficou encarregado de dirigir as frações comunistas²⁰⁰.

O vassoureiro também vinha da linhagem anarquista e o início de sua militância se deu quando já havia a crise que declinou o movimento anarquista no Brasil. Era filho de um vassoureiro anarquista espanhol. Havia já participado da articulação da União dos Operários Vassoureiros e Artes Correlativas em 1919²⁰¹ o que lhe valeu a possibilidade de tanto ser delegado como organizador do 3º Congresso Operário Brasileiro em fins de abril de 1920²⁰².

Participou da reunião que fundou o Grupo Comunista do Rio, em 7 de novembro de 1921 (no quarto aniversário da revolução soviética)²⁰³; secretariou aquele encontro e era quem concentrava o recebimento de correspondência do Grupo. Dias depois (15/12) assinou como “Secretário” uma circular que apresentava a fundação do Grupo Comunista do Rio, incentivava a fundação de grupos semelhantes em outras localidades do país. Esta profusão de agrupamentos em vários estados foi a base para, em breve, a fundação do Partido Comunista, que logo será a Seção Brasileira da Internacional Comunista²⁰⁴.

Nos preparativos para o segundo congresso, já em fins de 1923²⁰⁵ e início de 1924 a questão da organização da juventude comunista reapareceu sem ter quem

¹⁹⁹ DULLES, John W. Foster (1977) *Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935)*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, p. 148.

²⁰⁰ BRANDÃO, Octávio (1978) *Combates e batalhas*, São Paulo: Alfa Ômega, p. 225.

²⁰¹ “União dos Operários Vassoureiros e Artes Correlativas”, Em: *A Razão* nº 862 26/4/1919, p. 5. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

²⁰² “Aos trabalhadores do Brasil”, Em: *A Voz do Povo* nº 76 23/4/1920, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

²⁰³ CANALE, Dario (2013) *O surgimento da Seção Brasileira da Internacional Comunista (1917-1928)*, São Paulo: Editora Anita Garibaldi/ Fundação Maurício Grabois, p. 199

²⁰⁴ RODRIGUES, Edgar (1972) *Nacionalismo e cultura social (1913-1922)*, Rio de Janeiro: Laemmert, p. 408

²⁰⁵ Em circular de 26 de novembro de 1923, a CCE chamando uma sessão ampliada para os principais centros partidários do país (São Paulo, Santos, Rio de Janeiro, Pernambuco e Rio Grande do Sul) anunciando uma ordem do dia de nove pontos. Destes, a “Organização das Juventudes Comunistas” seria

assumisse a responsabilidade de direção. Nesse mesmo período o “PCB tentou organizar o Comitê Nacional do Socorro Operário”²⁰⁶ e foi violentamente impedido. Vários comunistas foram presos e entre eles estava Luiz Peres que foi “esbofeteado na prisão”²⁰⁷.

Com os acontecimentos de rebelião em São Paulo em cinco de julho de 1924, por ocasião do aniversário de dois anos dos “18 do Forte de Copacabana”, a repressão desbaratou as tentativas de atividade dos comunistas forçando-os à clandestinidade ainda maior. Com isso o 2º Congresso do PCB só pode acontecer em maio de 1925. Astrojildo no seu *Formação do PCB* afirma que:

A criação da Juventude Comunista fora já decidida desde janeiro de 1924, em sessão ampliada da CCE. O II Congresso constatando que só no Rio se havia iniciado sua organização, insiste que a questão fosse encarada seriamente por todo partido²⁰⁸.

E durante o 2º Congresso do PCB foi deliberada uma resolução sobre a Juventude Comunista que diz ter um contingente de 14 militantes em 1925. Astrojildo contabiliza ter entrado mais 13 em 1926²⁰⁹ — resultando 27 jovens comunistas —, todos menores de 21 anos²¹⁰. O jornal *A Classe Operária* nº 11 de 18 de maio de 1946 reproduz as resoluções do 2º Congresso e, na íntegra, coloca a resolução sobre a “organização das juventudes comunistas”:

Não é preciso mais insistir sobre a importância das Juventudes Comunistas para o movimento proletário. A importância da criação da vanguarda dos jovens militantes é tanto maior agora, quanto a sua organização obedecendo à mesma orientação da organização do partido, isto é, sendo feita à base de células, vai conquistar os jovens obreiros e proletários dentro das próprias oficinas e locais de trabalho.

Já na conferência da CCE ampliada do PCB em janeiro de 1924, foi tratado o assunto e se recomendou às seções que cuidassem da organização da JC.

o terceiro deles. Logo após essa reunião, Astrojildo redigiu um relatório: “A CCE e os Centros devem cuidar, desde já, da formação de agrupamentos iniciais de jovens proletários para a futura constituição da Juventude Comunista do Brasil. Um aderente do Partido, indicado pela CCE, será encarregado de orientar e coordenar os esforços dos Centros neste sentido. A questão deverá constar da ordem do dia do II Congresso do Partido, que estatuirá sobre a organização definitiva da JC entre nós.” Em: *Relatório trimestral do PC Brasileiro*, de Rio, 6 de janeiro de 1924, remetido ao Executivo da IC, p. 4. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0143]

²⁰⁶ BRANDÃO, p. 246.

²⁰⁷ BRANDÃO, p. 246.

²⁰⁸ PEREIRA, Astrojildo (1962) *Formação do PCB*, Rio de Janeiro: Edições Vitória, p. 70.

²⁰⁹ PEREIRA, A. (1962), p. 131

²¹⁰ DULLES, J. F. p. 248n.

Infelizmente, só no Rio se tratou disso e isso mesmo de modo deficiente. No entanto, avulta, cada vez mais, a necessidade de se encarar a questão da organização das JC.

O II Congresso do PC recomenda às seções, uma redobrada energia neste ramo da propaganda e organização do PC.

Em tempo a CCE fará circular o material informativo sobre o assunto²¹¹.

Foi nesse momento do 2º Congresso que houve uma particular confluência de dois fenômenos: por um lado foi o momento, até então, naturalmente, de maior maturidade de direção — aliado a renovação de diretrizes, característico de um após congresso — por outro a singularidade de, por razões diversas, ter maior familiaridade com as resoluções do 4º Congresso da IC (o de 1922)²¹². No momento do 2º Congresso do PCB os comunistas brasileiros já estão bem convencidos da importância de se constituir uma organização juvenil. Tentativas foram feitas e existe até um pequeno balanço, ainda desfavorável, no que pese a resposta do Rio de Janeiro e de outros estados sobre o que foi feito a respeito deste assunto. A resolução coloca o trabalho juvenil como um “ramo da propaganda e organização do PC”, deixando evidente quais seriam os papéis dos jovens comunistas. Não teriam o papel de elaborar um corpo organizativo que desenvolvesse um ambiente político de aprendizagem e de auto reconhecimento como um setor social em si.

Em agosto de 1925, por meio de uma correspondência à Executiva da IJC, Luiz Peres leva àquela instância a notícia de cumprimento da resolução do 2º Congresso do

²¹¹ Trecho das resoluções do II Congresso do PCB, p. 22. E também publicado no jornal *A Classe Operária* nº 11 (3ª fase) de 18 de maio de 1946, p. 2. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

²¹² De modo panorâmico, Mazzeo abordou a dinâmica de direção colocada entre o II e o III Congressos de forma que se refletiu diretamente no trabalho de juventude também: “Assim, em linhas gerais, a elaboração teórica dos comunistas estava basicamente de acordo com as diretrizes da IC. Entretanto, o que nos parece interessante é que são visíveis as influências das resoluções do IV Congresso, que acentuava a necessidade da independência do proletariado em face da pequena burguesia nacionalista e das alianças com a burguesia ‘progressista’ e anti-imperialista, num período em que, no MCI [movimento comunista internacional], vigoravam resoluções do V Congresso. Nesse sentido, podemos concluir que essa formulação é produto do esforço do partido em construir uma direção política, tentando levar em consideração os elementos constitutivos da realidade específica do país, sem a interferência direta da IC, apesar de toda a influência da experiência do Kuomintang e da ideia de construir o ‘Kuomintang brasileiro’. De modo que não podemos ceder a reducionismos mecanicistas, que atribuem as formulações do PCB, realizadas no período 1922-1927, à interferência direta do Komintern. É somente depois da instalação do SSA-IC e da I Conferência dos PCs da América Latina que será efetivada a interferência explícita nas linhas políticas dos partidos latino-americanos. Portanto o PCB realiza seu III Congresso, em 1928 (sob a égide do VI Congresso da IC), no qual apesar de todas as críticas de que é alvo — fundamentalmente pela diluição do partido na frente de massas — o BOC é reafirmado, assim como a necessidade de estreitamento de uma aliança política com os tenentes revoltosos. Em última análise, confirma-se a linha que vinha sendo implementada, com algumas ‘correções’ de rota”. Em: MAZZEO, Antonio Carlos (1999) *Sinfonia inacabada — a política dos comunistas no Brasil*; Boitempo, p. 56.

PCB, em que se dá início o trabalho “de organização e propaganda entre os jovens operários do Brasil” e:

Depois de termos algumas adesões constituímos um Comitê Central Executivo, provisório, o qual deverá entregar seu mandato, logo que estiver organizada a federação nacional dos jovens. Escusado é dizer, que esse grupo de jovens trabalha numa estreita e íntima colaboração com o PCB.²¹³

O relatório afirma que de início foi possível montar uma primeira geração de jovens operários comunistas e até se constituiu um corpo de direção, mesmo sendo bastante vago e telegráfico. Essa organização desembocaria numa “federação nacional”, que seria bastante difícil num país continental onde a maioria das instituições políticas não tinha âmbito nacional (partidos políticos, federações sindicais etc). Como veremos esse primeiro estímulo de construção das organizações partidária e juvenil esbarrará no problema da distância entre os centros de crescimento industrial do país. Outro ponto revelador está na ideia de “estreita e íntima colaboração com o PCB” em que apresenta o desenho institucional, ou seja, não há, aparentemente, autonomia para a organização juvenil. Ao final, a legenda da assinatura, aponta-o como secretário geral “pela CCE da Juventude Comunista do Brasil”.

Outro indício dessa ideia geral de qual o papel da organização juvenil como parte do partido comunista em que Luiz Peres se dedica a explicar o que é o Comitê Central Executivo provisório:

(...) cuja tarefa principal consiste em agrupar em torno de si os jovens operários que mais se interessavam pelo movimento revolucionário e, com esse, organizamos um grupo da JC do B²¹⁴.

Neste relatório, sem data, mas que podemos deduzir que foi escrito entre o segundo semestre de 1925 e o primeiro semestre de 1926, Luiz Peres apresentou diversas dificuldades com a tarefa de organizar a juventude comunista. Entre elas estava a falta de resposta dos encarregados dos estados em relatar como andavam (e se andavam) os trabalhos de organização juvenil. Os informes revelam os locais que eram feitas as tentativas: São Paulo, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Bahia e no próprio Rio de Janeiro. O reclamo perpassa por “inércia, descaso, desleixo,

²¹³ Carta de Luiz Perez *Aos camaradas da Executiva da Internacional Comunista de Jovens*, de 8 de agosto de 1925. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1006]

²¹⁴ *Relatório do encarregado do serviço da JC na CCE do PCB*, de Luiz Perez, sem data. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1007]

desinteresse daqueles que assumem compromissos”. Peres fez uma contabilidade de dezenas de cartas que enviou e não recebeu respostas. Ele parece se sentir, então, isolado na construção da organização juvenil.

O relatório explicita mais uma vez a concepção de organização juvenil que a direção partidária tinha pelas palavras de seu encarregado de juventude. Luiz Peres havia marcado um curso para dez novos militantes da juventude comunista, mas foi necessário suspender: “porque, na mesma época, teve início um curso para a Juventude, dirigido pela CCE do PC, que era feito aos domingos, justamente nos dias em que podíamos reunir a JC”²¹⁵. E noutro ponto:

Dadas as dificuldades da situação atual, não nos tem sido possível desenvolver um trabalho mais amplo de propaganda, e recentemente, como desejamos. Devido a isso, nosso grupo é numericamente pequeno. Achamos portanto que ainda é cedo para elaborarmos os estatutos da JC. De resto, podemos ainda por muito tempo prescindir dos mesmos, porque temos para nos orientar, nas questões de organização, os estatutos da Internacional das Juventudes Comunistas [*sic*] e do nosso PC, no tocante à organização, células etc.²¹⁶

Se havia um curso marcado pela organização juvenil, porque a CCE do PC marcou outro curso para mesmo horário com o mesmo público? Se havia uma organização (ou mesmo um departamento) juvenil, como o curso foi planejado sem o conhecimento dela? Esse foi um ponto chave para o desenvolvimento de práticas que resultou, por exemplo, no adiamento da confecção do estatuto da organização juvenil. Não havia, ao que parece, um esforço de autonomia por parte da organização juvenil e nem o interesse por parte da direção partidária.

Em dezembro de 1926, uma reunião da CCE da JC teve presentes além de Luiz Peres, Hugo, Mollares e Duran. Foi feito um informe com novos aderentes e Mollares apresenta a dificuldade de fundar uma célula por conta de “falta de comparecimento dos que a devem compor”²¹⁷. Hugo está arrecadando informações dos estados e Peres é indicado para conversar com a CCE do PCB para ajudar nas dificuldades financeiras da Juventude Comunista.

²¹⁵ *Relatório do encarregado do serviço da JC na CCE do PCB*, de Luiz Perez, sem data. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1007]

²¹⁶ *Relatório do encarregado do serviço da JC na CCE do PCB*, de Luiz Perez, sem data. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1007]

²¹⁷ *Ata da reunião da CCE da JC*, de 13/12/1926. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

Havia uma confluência de preocupações entre a CCE da JC e sua instância imediatamente superior, o Secretariado Sul-Americano da Internacional Juvenil Comunista, SSA-IJC. Em outubro o SSA-IJC havia feito uma reunião em que resultou numa circular de janeiro de 1927 em que se apresenta a nova instância continental e se dirige “aos CC CC das Federações Comunistas de Jovens da América do Sul”:

A missão do Secretariado não será apenas de fiscalizador, será de direção e auxílio dos diversos movimentos nacionais. Para poder fazê-lo com maior eficiência é necessário que todas as organizações Juvenis colaborem em nossa tarefa, que, não duvidamos, será grandemente favorável ao movimento comunista da Juventude Sul-Americana.²¹⁸

A orientação do SSA-IJC foi asseverada com maior realce. Há uma diferença posta em fiscalizar e dirigir e o SSA-IJC, diz a carta, faria as duas coisas. O acompanhamento da direção continental será feito com a colaboração das instâncias nacionais a desenvolver o movimento juvenil na região. Colocam-se de forma mais madura no trato de direção.

(...) de 15 em 15 dias deve chegar-nos informações das atividades realizadas e do estado da Federação. Devem constar as informações, que dados concretos, os problemas de organização, de agit-prop, desportivos, etc. Para poder realizar este trabalho com toda regularidade, os CC CC designarão um encarregado especial cujo nome nos deve ser comunicado imediatamente, para nos pormos diretamente em comunicação com ele.

Dado que a ICJ [*sic*] reclama de nós uma informação concreta sobre a situação atual, é indispensável que o camarada que seja designado na primeira reunião nos enviem imediatamente uma, na qual se observem situação geral dessa organização.²¹⁹

O SSA-IJC impôs desde o início um ritmo de procedimentos com periodicidade, responsável e sugestões para conteúdos das informações que deveriam ser apresentadas. Apontou um desenho e fluxo de funcionamento da orientação e como essa direção seria alimentada de informações para melhor dirigir e fiscalizar. O raciocínio, no entanto, tinha dinâmica dentro da lógica do centralismo democrático.

²¹⁸ Correspondência do *Secretariado Sul Americano da Internacional Comunista de Jovens aos CC CC das Federações Comunistas de Jovens da América do Sul*, de 27 de outubro de 1926 [tradução registrada em 3/1/1927]. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

²¹⁹ Correspondência do *Secretariado Sul Americano da Internacional Comunista de Jovens aos CC CC das Federações Comunistas de Jovens da América do Sul*, de 27 de outubro de 1926 [tradução registrada em 3/1/1927]. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

Nessa carta foram pedidas também as publicações que as seções nacionais editam (jornais, manifestos etc) que deveriam ser enviadas em quantidade “não só para arquivo, como para ser enviado às demais organizações operárias da América do Sul”. Ou seja, criar-se-ia uma regulação entre as organizações do continente, em que ao mesmo tempo se faria uma troca de experiências — uma conhecendo as atividades da outra — e também certa fiscalização entre as organizações nacionais. Por último consta na carta que as entidades nacionais deveriam “coleccionar” informações sobre a juventude operária e camponesa de seus países, provavelmente para que houvesse uma elaboração radiográfica da situação juvenil no continente.

As solicitações da SSA-IJC foram tratadas em reunião da CCE da JC em 27 de março de 1927 em que participaram Luiz Peres, Hugo, Mollares e Duran. Um deles, apontado como “camarada Organizador” foi escolhido para responder e fazer a ligação com a SSA-IJC. A ata da reunião revelou que havia uma dinâmica mais consolidada — sem, contudo, apresentar grandes dificuldades — em São Paulo, Santos, Rio de Janeiro e Pernambuco. Sobre o trabalho neste último, discute-se o envio de verba para o trabalho localizado na Escola Operária de Fernandinho. Foi planejada a publicação de um boletim e o reforço ao encarregado de organização, que será feito pelo “Roitman”.

Desde janeiro o jornal *A Nação*²²⁰ estava publicando matérias sobre a situação social dos jovens operários. Essa reunião, aproveitando a ocasião, também aprovou “pleitear-se junto *A Nação* duas colunas mensais dedicadas à Juventude e dirigida por um membro da mesma”²²¹.

Havia demanda objetiva para existir um espaço no jornal para as questões ligadas à juventude proletária, seja nos assuntos ligados à política, à organização ou à situação social e de condições de trabalho. Já desde janeiro artigos, cartas e reportagens estavam articulando esses diversos temas sobre os quais Karepovs desenvolveu importante trabalho.²²²

Dentre alguns deles, as telefonistas, grande parte jovens, tinham também especificidade de condições precárias de trabalho que foram noticiadas, em *A Nação*. As

²²⁰ O jornal dirigido por Leônidas Rezende dedicou-se a partir de janeiro de 1927, à linha editorial congruente com as opiniões do Partido Comunista do Brasil. Modificou o *lay-out* do cabeçalho para comportar a foice e o martelo, e o dístico “Proletários de todos os países, uni-vos!”; além da estrofe “Não há direitos para o pobre, ao rico tudo é permitido”, do hino *A Internacional*.

²²¹ *Ata da reunião da CE da JC de 27/3/1927*. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

²²² KAREPOVS, Dainis (2010) *A Nação e a Juventude Comunista do Brasil*, Em: Cadernos AEL, v. 17, nº 19, Campinas: Unicamp, p. 183-241.

jovens trabalhadoras da estação Beira-Mar visitaram a redação do jornal para relatar os desmandos e má condição de trabalho. O salário baixo, quando foi aumentado carregou junto o aumento de jornada de seis para nove horas diárias. Somou-se aos desmandos autoritários da chefe e de sua auxiliar que inclusive “tratam as telefonistas com rigor absurdo. Fala-lhes com aspereza, às vezes segurando-as pelo braço!”²²³ No dia seguinte, pressionadas pela repercussão (e pela direção da estação) outro grupo de telefonistas foi ao jornal para que fosse “desmentidas” as “calúnias” publicadas. O jornal não recuou.

Maus tratos eram, como já colocado, frequentes, e apareciam sempre nas notícias. Os pequenos jornalheiros, trabalhadores muito vulneráveis — jovens vendedores de rua que não tinham nenhum tipo de segurança ou garantia —, tiveram publicada sua situação no relato de um que foi agredido por um chefe de trem da Central do Brasil. A pequena notícia asseverava: “Cuidado, seu chefe! Tocar num desses pequenos é tocar em nós. Não mexa em casa de marimbondos!”²²⁴ Em matéria de capa, em 28 de janeiro, publicaram as dificuldades que as crianças engraxates tinham ao tentar alguns trocados na rua. Os engraxates oficiais, com cadeiras registradas pela Prefeitura do Rio de Janeiro chamavam a guarda-civil para quebrar os apetrechos de engraxar dos garotos²²⁵.

Com mais dificuldade, nos locais fechados também se colhiam informações sobre arbítrios contra crianças. Em uma metalurgia, segundo o jornal, havia uma “bastilha metalúrgica” que denuncia um mestre chamado Portugal: “é um carrasco e um explorador”. A jornada na pequena metalúrgica, para as crianças, era de onze horas diárias, com 45 minutos de almoço e mais 15 de café. Se alguma criança pede para sair mais cedo “o homenzinho vira bicho e estrebucha”²²⁶.

As condições precárias de trabalho também levavam aos acidentes no período de expediente. O garoto de catorze anos, Waldemar Silva, servente de estucador, “pendurado em um andaime mal seguro no 14º andar, Waldemar, ao dar aviso para funcionar o elevador, teve necessidade de encostar-se a um sarrafo. Este não estava bem

²²³ “Triste sorte das telefonistas” Em: *A Nação* nº 272, 5/1/1927, p. 5. [Biblioteca Nacional]

²²⁴ “Como são tratados os pequenos jornalheiros” Em: *A Nação* nº 274, 7/1/1927, p. 2. [Biblioteca Nacional]

²²⁵ “Maldade e inconsciência — Por que perseguir os pequenos engraxates?” Em *A Nação* nº 292 28/1/1927, p.1. [Biblioteca Nacional]

²²⁶ “As crianças proletárias — Abaixo a exploração na metalurgia!” Em: *A Nação* 29/1/1927, p. 4. [Biblioteca Nacional]

pregado e a infeliz criança, perdendo o equilíbrio caiu daquela altura.”²²⁷ A matéria acompanha uma foto do corpo do jovem trabalhador estatelado no chão. Dias depois, Bernardo Braúna, em artigo, se indigna sobre a repercussão do caso Waldemar entre “jovens burgueses” e suas “palavras sentimentais”. O autor compara as situações diferentes das juventudes burguesas e proletárias e clama para a organização “da poderosa e coesa Juventude Comunista que, ao lado do Partido Comunista, o único e genuíno partido dos operários do país, que nos dirigirá na batalha contra os ricos”²²⁸.

No início de fevereiro, o jornal iniciou uma campanha contra a militarização da juventude que está ligada à campanha internacional; já tradicional na luta das organizações juvenis de linhagem socialista. O texto, que de fundo receava uma nova guerra, denuncia a farsa do sorteio para a arregimentação militar. Quando se isentam estudantes e oficiais de instrução, não se isentam os trabalhadores; apenas “filhos de burgueses”. Os documentos pedidos para isentar os arrimos de família não estavam ao alcance dos “verdadeiros arrimos de família”²²⁹. A lei ainda diz que o arregimentado teria um ano de voluntariado sem soldo, ou seja, o jovem (entre 17 e 30 anos) deixa de trabalhar para a sua família e se torna um voluntário compulsório da militar.

Outra denúncia é a que aborda a lógica que o Estado tem de colocar na possibilidade de linha de frente da guerra não aqueles que podem ocupar cargos ligados à vida burocrática da administração Estado: “Os cargos públicos devem ser ocupados pelos mais capazes intelectualmente e moralmente, e não pelos mais ‘guerreiros’”²³⁰. Proletários, considerados brutos, então, teriam mais condição de serem guerreiros.

Logo no dia 4 de janeiro uma notícia com foto se destaca anunciando “a organização da União da Juventude do Comércio e da Indústria”²³¹. Eram trabalhadores desempregados que há pouco trabalhavam em serviços ou fábricas e na perspectiva de um desemprego mais duradouro (já dois ou três meses sem emprego) se juntaram em associação. Dois dias depois o jornal *A Nação* publicou a continuação daquela matéria e

²²⁷ “Trágico!!! Caiu do alto de um arranha-céu ao solo — a vítima é um menino operário de catorze anos, apenas” Em *A Nação* nº 300 7/2/1927, p. 6. [Biblioteca Nacional]

²²⁸ “Jovens proletários de pé! — o caso do menor Waldemar”, de Bernardo Braúna, Em: *A Nação* nº 303 10/2/1927, p. 4. [Biblioteca Nacional]

²²⁹ “O militarismo no Brasil — a lei do sorteio não é para todos, mas somente para o proletariado” Em: *A Nação* nº 297 3/2/1927, p. 2. [Biblioteca Nacional]

²³⁰ “O militarismo no Brasil — A lei do sorteio é também imoral arma de suborno” Em: *A Nação* nº 298 4/2/1927, p. 1-2. [Biblioteca Nacional]

²³¹ “Viva a União da Juventude do Comércio e da Indústria!” Em: *A Nação* nº 271, 4/1/1927, p. 6 [Biblioteca Nacional]

trata da “tragédia dos pequenos proletários”²³² que têm dificuldades de arranjar emprego. Quatro dias depois anunciam uma reunião na sede de um sindicato.²³³ O jornal, com suas notícias, se esforçava para cumprir o papel de organizador da juventude proletária.

Em artigo de Antonio R. Sobrinho, em 19 de janeiro, a organização — União da Juventude do Comércio e da Indústria — já expressa ares de maior elaboração. Ele apresenta a tática de entrar nos sindicatos para “fazer uma frente única contra a burguesia exploradora”. Finaliza o texto sugerindo a leitura de “obras marxistas para compreenderes como haveis de fazer para acabar com a burguesia exploradora.”²³⁴ Três dias depois uma nova matéria chamando à organização desses jovens²³⁵.

No dia 7 de janeiro a assinatura de um texto aparece como uma novidade: “um jovem tecelão comunista”. O artigo versa sobre o desequilíbrio do capital em relação ao trabalho no ramo da tecelagem. Apresenta sumariamente o “Bloco Têxtil” e clama aos jovens tecelões a aderirem à União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Ao final, em seu brado de vivas, afirma; “Viva a juventude operária organizada!”²³⁶ — que aponta algum apetite político na seara da entidade juvenil. O esforço de Luiz Peres nos dois últimos anos vai se afunilando — agora com maior arejamento político — em algumas ações.

Neste contexto aparecem as comparações com a juventude soviética. No artigo de Antonio Durão Domingues coloca-se a situação do jovem trabalhador: aos “14 a 16 anos trabalhamos” — a primeira pessoa do plural é entendida como “nós, jovens trabalhadores de todo o mundo” — “4 horas por dia, de 16 a 18, trabalhamos 6 horas. Nos locais de trabalho temos clubes, bibliotecas”²³⁷. O que parece se voltar aos objetivos do programa da AIT, em 1866.

E edição de 22 de janeiro faz uma homenagem a Lenin, pelo aniversário de três anos de seu falecimento. E uma chamada é feita a “todos os aderentes e simpatizantes da Juventude Comunista do Brasil (...) a assistirem ao ‘meeting’ promovido pelo PCB,

²³² “A Tragédia dos pequenos proletários” Em: *A Nação* nº 273, 6/1/1927, p. 3. [Biblioteca Nacional]

²³³ “Aos jovens proletários do comércio e da indústria” Em: *A Nação* nº 275, 8/1/1927, p. 3. [Biblioteca Nacional]

²³⁴ “Pela juventude operária”, de Antonio R. Sobrinho Em: *A Nação* nº 284, 19/1/1927, p. 3. [Biblioteca Nacional]

²³⁵ “Viva a União da Juventude do Comércio e Indústria”, de Artur Ribeiro, Em: *A Nação* nº 287, p. 3. [Biblioteca Nacional]

²³⁶ “Aos jovens em fábricas de tecidos” Em: *A Nação* nº 274, 7/1/1927, p. 3. [Biblioteca Nacional]

²³⁷ “Aos jovens operários”, de Antonio Durão Domingues, Em: *A Nação* nº 286 21/1/1927, p. 3. [Biblioteca Nacional]

comemorativo ao aniversário do [ilegível] querido Lenine”²³⁸. A JCB aparece publicamente em plena atividade, apesar de todas as dificuldades, e a campanha de aderência segue tomando vulto. Novamente Antonio Durão Domingues, em artigo, apresenta a situação de inópia da juventude trabalhadora e faz o chamado de “fortalecer o Partido Comunista — o primeiro e único partido operário do Brasil. Precisamos aderir à sua seção para os jovens — a Juventude Comunista do Brasil”²³⁹. Em 20 de março, por ocasião ao aniversário da Comuna de Paris, o PCB promoveu um ato público no Centro Cosmopolita onde falaram Octávio Brandão, Paulo Lacerda e o “camarada Vargas”, como representante Juventude Comunista; que enfatizou a honra aos “jovens revolucionários e às mulheres operárias, cuja colaboração é indispensável na grande obra proletária mundial”²⁴⁰.

O jovem alfaiate, Heitor Ferreira Lima, assina um artigo em que foca a apatia como um “grande erro da juventude”. Aconselha a juventude operária a praticar esporte “como deveria” e se organizar contra a incultura em torno de “palestras, bibliotecas e reuniões de educação proletária” para logo estar “à altura dos operários dos outros países”²⁴¹. Revela-se aqui parte de um projeto: ser como os jovens operários dos outros países. Ou seja, em torno das reivindicações, da luta contra os desmandos e maus tratos, da aquisição de cultura e saúde física, está um projeto de sociedade que se coaduna com o programa da IJC, da IC, da URSS. Cabe salientar que este projeto visa um grau de superioridade, nas condições objetivas e subjetivas — superação da incultura, do ócio, do vício —, ao vivido por aqueles jovens.

É possível inferir, a partir da documentação, que a direção partidária tinha preocupações com o andamento da organização juvenil dirigida por Luiz Peres. No ano anterior Astrojildo Pereira já apostava em outra frente de possibilidade com um recém aderente ao PCB, o estudante de medicina Leôncio Basbaum. Pernambucano, havia chegado no Rio de Janeiro em 1924 para estudar na Faculdade de Medicina, situada na Praia Vermelha. Tinha ideias radicais e perambulando pela cidade conheceu vários revolucionários, entre eles Manuel Cendón, Octávio Brandão e Astrojildo Pereira. Na

²³⁸ “Jovens comunistas, comemoemos Lenine!”, Em: *A Nação* nº 287, 22/1/1927, p. 2. [Biblioteca Nacional]

²³⁹ “Aos jovens operários”, de Antonio Durão Domingues, Em: *A Nação* nº 288, 24/1/1927, p. 3. [Biblioteca Nacional]

²⁴⁰ “Comemoração da Comuna de Paris — Jornada Internacional da MOPR” Em: *A Nação* 21/3/1927, p. 1-2 [Biblioteca Nacional]

²⁴¹ “À juventude operária” Em: *A Nação* nº 274, 7/1/1927, p. 6. [Biblioteca Nacional]

sua pensão morava também o alagoano Abelardo Nogueira que em maio de 1926 lhe entregou a papeleta de aderência ao partido para assinar.

Sua primeira reunião partidária foi dirigida por Astrojildo — note-se e não por Luiz Peres. Importante dizer que participavam também o pernambucano João Celso de Uchoa Cavalcanti — irmão do membro do Estado Maior da Coluna Prestes-Miguel Costa, João Alberto — e Manuel Karacik, amigo de Leôncio.

Nós três formamos então a primeira célula comunista da Faculdade de Medicina. E vim conhecer mais alguns jovens que eram do Partido, pois não havia ainda Juventude Comunista: os irmãos Antunes, Heitor e Savio, estudantes de engenharia e Henrique Schechter, que devia ter 15 anos, ainda usava calças curtas e era estudante do Colégio Pedro II.²⁴²

Ele afirma em suas memórias que “não havia ainda Juventude Comunista”, em maio de 1926. Astrojildo pode ter omitido a informação de que construíam uma organização juvenil anteriormente, por deliberação de janeiro de 1924; ou aqui nos deparamos de forma cabal com a fragilidade da produção da memória tantos anos depois e a dificuldade do uso dessa fonte como documento primário para a construção do conhecimento histórico. Entre uma possível omissão de Astrojildo ou, da parte de Basbaum, o esquecimento real ou premeditado, ficou nas memórias deste a sugestão de que não havia trabalho juvenil organizado em meados de 1926. Outra informação importante neste trecho é que, diferente do contingente que Luiz Peres trabalhava, aqui se encontram apenas estudantes com “célula” em faculdade e um militante secundarista. É a primeira vez que os comunistas conferem organicidade a esta parcela de jovens, os estudantes.

O início do ano de 1927 parecia iniciar um período de menores dificuldades para os comunistas já que em 1º de janeiro havia terminado o estado de sítio que o governo Bernardes havia cultivado por quatro anos; o Partido Comunista tem seus primeiros meses de legalidade relativa. Em fevereiro o BOC reelegeu João Batista Azevedo Lima para Câmara dos Deputados e em abril foi fundada a Confederação Geral do Trabalho (CGT). Mesmo nesse ambiente de maiores possibilidades de militância entre os trabalhadores e a população em geral, a tentativa de Luiz Peres em organizar a juventude comunista estava em franca dificuldade. Provavelmente Luiz Peres não se

²⁴² BASBAUM, Leôncio (1976) *Uma vida em seis tempos*, São Paulo: Editora Alfa Ômega, p. 39. Henrique (ou Hersch) Schechter será o Rocha que atuará em Moscou após sua deportação em 1930.

adaptou ao ambiente de maior liberdade política e nem soube usar a aparente abertura para aperfeiçoar e adaptar os métodos de trabalho.

Em maio do mesmo ano a CCE da JC reuniu-se mais uma vez e agora com uma composição diferente. Além de Duran, Hugo e Luiz Peres, não esteve Mollares e esteve presente Leôncio Basbaum. Nessas atas todas aparece com ares de autoridade a figura do “organizador”, às vezes, inclusive, com o “o” inicial maiúsculo. Geralmente é quem, nos encaminhamentos da reunião, fica com a incumbência mais importante. Em geral, Luiz Peres é o organizador, e nesta reunião de 7 de maio não foi diferente²⁴³.

Mas quem secretariou a reunião não foi o organizador, Luiz Peres. Tudo indica que foi Leôncio Basbaum. No primeiro ponto de pauta não foi possível realizar o combinado, aprovar a ata da reunião anterior, pois “o organizador não havia trazido a ata”. No segundo ponto de pauta o organizador afirmou “não ser possível, momentaneamente a publicação de um boletim mensal” que havia sido aprovado na reunião anterior. No quarto ponto de pauta houve uma diferença de opinião entre o tesoureiro Hugo e o organizador, Luis Peres, sobre quanto deveriam repassar em dinheiro para o jornal *A Nação*; já que não haviam recebido as mensalidades esperadas. No quinto ponto de pauta o organizador apresentou a necessidade de sair do Rio de Janeiro com urgência e propôs Leôncio a substituí-lo, que foi aceito por todos. O sexto ponto de pauta expressou um balanço das atividades de Leôncio em que todas foram realizadas com muito sucesso. Ao final:

O cam. Peres, organizador, lembra que faltam ainda organizar alguns membros que trabalhando ou morando em lugares afastados, representam um obstáculo para a organização. Diz que espera se consiga fazer alguma coisa nessa importante questão [a organização da juventude comunista], e termina agradecendo os serviços prestados pelos camaradas pedindo que na sua ausência tratem da Juventude, como verdadeiros comunistas.²⁴⁴

O registro apresentou uma reunião em que Luiz Peres perde força política pautada a pauta. Não o apresentou com plena capacidade de construir uma organização juvenil comunista nos tempos de relativa abertura política quando seria o momento de realizar o trabalho com mais condições do que antes, durante o estado de sítio. Ao final, à caneta de pena, com a letra que lhe será particular, está assinado “Leôncio Basbaum, o

²⁴³ *Ata da reunião de 7/5/1927*, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

²⁴⁴ *Ata da reunião de 7/5/1927*, p. 2. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

organizador”. Leôncio, por orientação ou por impulso de seu próprio ativo, deslocou Luiz Peres de sua posição e cargo, e conquistou para si o protagonismo de direção para a construção de uma organização juvenil comunista.

Esta foi a última reunião registrada no conjunto de documentos da juventude comunista que teve a presença de Luiz Peres. O primeiro dirigente da juventude comunista no Brasil apresentou dificuldades de não saber *como* coletar as informações que precisava para realizar a contento sua tarefa. Não teve a colaboração das direções partidárias regionais (os Centros) e nem dos principais dirigentes. Pesou sobre seus insucessos a carga da tradição anarquista, com sua aversão à direção, e a falta de exemplos de partidos de caráter operário, popular e socialista na história política do Brasil; como aponta Karepovs:

A excepcionalidade do partido brasileiro foi a de que seu núcleo originário veio das fileiras anarquistas, em um país no qual as ideias socialdemocratas eram pouco conhecidas. Convertidos ao comunismo, os neófitos militantes tinham diante de si enormes tarefas: superar sua própria herança anarquista e propor uma nova política entre os trabalhadores brasileiros, política esta, destaque-se, concebida pela Internacional Comunista (IC) tendo em vista a experiência socialdemocrata europeia, sem que, no entanto, houvesse algo historicamente semelhante no Brasil.²⁴⁵

Essa excepcionalidade refletia também na construção da juventude comunista, que ainda agravava o peso da inexperiência dos jovens envolvidos e da falta de organizações juvenis, sobretudo proletárias.

2.3 Reorganização da Juventude Comunista do Brasil, sob Leôncio Basbaum

Em suas memórias, Leôncio Basbaum apresentou o resultado da possível manobra com elementos causais diferentes. Pediu uma licença das suas atividades — ainda em fins de 1926, depois de passar nos exames de final de ano do terceiro ano do curso de medicina — para passar o fim do ano com sua família em Recife e ir ao casamento de seu irmão José, em Salvador.

Mas antes de embarcar tive uma longa conversa com Astrojildo. Disse-me que era tempo de que o Partido organizasse uma Juventude Comunista, como havia em outros países. Havia no Comitê Central um companheiro encarregado dessa tarefa.

²⁴⁵ KAPREPOVS, Dainis (2010) *A Nação e a Juventude Comunista do Brasil*, Em: Cadernos AEL p. 185.

Chamava-se Perez, vassoureiro de profissão, um dos fundadores do Partido, mas que, por motivos de família, se havia retirado para o interior de São Paulo e por isso quase nada pudera fazer.²⁴⁶

Por conveniência ou não — e os documentos apontam que ele conhecia a JCB dirigida por Luiz Peres —, a síntese apresentada por Leôncio desconsidera a existência de um trabalho, mesmo que precário, de organização da juventude comunista com ligação internacional, pelo menos cinco estados envolvidos e algumas poucas dezenas de aderentes. Cumriu-se o combinado com Astrojildo. Leôncio com endereços dos contatos da CCE para que ele “fizesse uma experiência em Recife, onde havia um forte núcleo do partido, que me poderia auxiliar. E eu poderia começar arregimentando os filhos dos próprios membros do partido.”²⁴⁷ Como estudante de medicina e comunista, Leôncio aliou a experiência clínica com a necessidade de organização partidária e foi aos bairros operários de Recife. Suas memórias relatam a precariedade das moradias, as doenças e os vícios. E com ajuda de José Francisco (ligado ao professor Cristiano Cordeiro, um dos fundadores do PCB, em 1922) conseguiu aglutinar alguns jovens operários e durante dois meses frequentou os mocambos:

procurando interessar os meninos e rapazes nas tarefas que me haviam sido designadas. Não era fácil enfiar problemas políticos na cabeça deles. Mas alguma coisa consegui. Compreendi que era preciso primeiro uni-los em torno de alguma coisa: o mais prático era organizar um time de futebol. Uma vez reunidos, alguma prelação sobre a Rússia e a diferença entre a vida deles e a vida na Rússia, dentro do socialismo.²⁴⁸

Deixou seu irmão Artur assistindo ao “comitê regional, o primeiro no Brasil da futura Juventude Comunista”²⁴⁹. Nesse trecho podemos ver que ele continua ignorando o trabalho realizado por Luiz Peres. Já em Salvador, até porque ficou menos tempo, Leôncio não teve o mesmo sucesso, além de que a juventude soteropolitana com quem ele teve contato foi hostil à politização.

O 1º de maio de 1927 houve intensa mobilização na Praça Mauá no Rio de Janeiro. Diversas categorias se organizaram para fazer uma enorme manifestação com extensa pauta de denúncias, campanhas e reivindicações. Os trabalhadores da marinha

²⁴⁶ BASBAUM, Leôncio (1976) *Uma vida em seis tempos*, São Paulo: Editora Alfa Ômega, p. 42.

²⁴⁷ BASBAUM, 1976, p. 42.

²⁴⁸ BASBAUM, 1976, p. 43.

²⁴⁹ BASBAUM, 1976, p. 44.

mercante publicaram no dia da efeméride um manifesto que sintetizou ao anseios do momento remetendo uma longa lista de ascensões de regimes ditatoriais na Europa e diversas outras partes do mundo. Liga isso às deportações de sindicalista feitas pelo governo brasileiro para o exterior e para Clevelândia, no extremo norte do país; apresenta uma lista de marinheiros que foram presos e/ou assassinados e se coloca contra a perseguição ao PCB.²⁵⁰ Sem o estado de sítio o clima é de denúncias e manifestações.

Astrojildo falou em nome do PCB, apresentou algumas das lutas dos partidos comunistas em vários países e o que o PCB defende no Brasil. O deputado Azevedo Lima, pelo BOC, falou sob efusivos aplausos, segundo a matéria de *A Manhã*, e defendeu que a questão fundamental do movimento operário é a unidade da sua organização”. Octávio Brandão, se pronunciou em nome do jornal *A Nação* abordando as lutas de Spartacus e Lênin. E pela juventude: “O brilhantíssimo discurso do jovem estudante Hélio Vargas, em nome da Juventude Comunista”, versou principalmente sobre a luta anti-imperialista na China e sobre a ofensiva do imperialismo anglo-americano na América Latina.” O conjunto musical “*É da pontinha!...*”, composto apenas de operários, entoou o hino *A Internacional* nos intervalos das intervenções.²⁵¹

Durante a mobilização para o 1º de maio houve intercorrências de estudantes com professores na Escola de Medicina. O diretor, Sr. Rocha, que graduou os dois professores foi autor de frase denunciada pelos estudantes em manifesto: “quem não tem dinheiro, não deve estudar!”²⁵² Um docente insinuou que os estudantes comunistas coadunam com “obra de exploração de estrangeiros perniciosos” e outro

“teve o cinismo de nos chamar atenção sobre o ensino da Instrução Moral e Cívica, instituída pela reforma do ensino, e que afirma aos opressores o direito de oprimirem e os oprimidos a obrigação de se resignarem! (...) nós exigimos o direito de livre manifestação de pensamento, afirmando a nossa inflexível vontade de luta, embora não alimentamos a menor ilusão sobre a natureza bestial dos nossos governantes”²⁵³

²⁵⁰ O 1º de maio e os marinheiros, Em: *A Manhã* nº 422 de 1º de maio de 1927, p. 1. [Biblioteca Nacional]

²⁵¹ Indescritível, o entusiasmo da grande massa que compareceu ao comício da Praça Mauá, Em: *A Manhã* nº 422b de 3 de maio de 1927, p. 8. [Biblioteca Nacional]

²⁵² Manifesto aos estudantes — a juventude comunista das escolas manifesta, Em *A Manhã* nº 422b de 3 de maio de 1927, p. 4. [Biblioteca Nacional]

²⁵³ Manifesto aos estudantes — a juventude comunista das escolas manifesta, Em *A Manhã* nº 422b de 3 de maio de 1927, p. 4. [Biblioteca Nacional]

Seja pelo fim do estado de sítio, pela efervescência social no primeiro semestre de 1927 ou pelo talento dos novos membros da direção, a JCB conseguiu se colocar frente às manifestações, teve maior número de aderentes, conseguiu se comunicar melhor com outras regiões e com a direção do PCB. Somado a isso, provavelmente havia um clima desfavorável para Luiz Peres — pelo menos no conjunto dos altos dirigentes partidários —, pois outro, em entrevista, Octávio Brandão, também se referiu à saída de Peres de forma pouco generosa²⁵⁴. E em suas memórias: “Fraco politicamente. Militou nos primeiros tempos. Mudou-se para Taubaté, melhorou de condições e desapareceu.”²⁵⁵

A versão sobre a passagem de Luiz Peres à frente da construção de uma organização juvenil comunista ficou a cargo de Leôncio Basbaum, mesmo. A obra de referência de Dulles (tão comentada na referida entrevista de Octávio Brandão) — que, ao que tudo indica, não conheceu a ata da reunião de 7 de maio de 1927 — também, de forma geral e a partir da referência de Leôncio, apontou que:

No começo de 1927 a Comissão Central Executiva do PCB andou à procura de alguém que assumisse a responsabilidade pela organização do setor juvenil do Partido. Por um lado Luiz Peres, jovem co-fundador do Partido Comunista, encarregado da tarefa, retirara-se, por razões pessoais, do Rio de Janeiro para o interior de São Paulo.²⁵⁶

Três semanas depois da saída de Luiz Peres, uma reunião da CCE da JC foi realizada já com mudança fundamental na composição de seus participantes. Estavam ali, segundo a ata, Duran, Leôncio, Manuel, Mollares e Henrique Schechter²⁵⁷. Basbaum se refere também como membro desse núcleo de direção que inicia a reorganização da Juventude Comunista do Brasil, a Francisco Mangabeira, estudante do curso de direito. A reviravolta não está apenas nas pessoas que compõe a nova direção, mas principalmente nas suas origens de classe. Se num primeiro momento, dirigido por Luiz Peres, não havia notícia de estudantes, apenas de operários ou trabalhadores do serviço,

²⁵⁴ Em entrevista ao CPDOC da Fundação Getúlio Vargas para Maria Cecília Velasco e Cruz e Renato Lessa, em 1977, Brandão usa do escárnio ao responder sobre Luiz Peres: “Agora, Luís Peres, Astrojildo disse que era operário, não era operário, era artesão vassoureira. Fazia vassoura — ele e o pai — na rua general Pedra. Boa pessoa. Prestou serviço naqueles primeiros anos, mas foi para Taubaté, e lá uma moça... Sempre as mulheres são perigosas. Apaixonou-se, e casou-se e ficou em Taubaté e desapareceu até hoje.” p. 102.

²⁵⁵ BRANDÃO, 1978, p. 224.

²⁵⁶ DULLES, John W. Foster (1977) *Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935)*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, p. 268.

²⁵⁷ *Ata da reunião da Juventude Comunista do Brasil de 24/5/1927*, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

agora a maioria é composta por estudantes, que não têm, exatamente, uma origem social operária. Mas são efusivos jovens militantes comunistas que estão colocando suas vidas ao dispor do PCB.

Por outro lado, se foi uma aposta de Astrojildo, começou a dar frutos importantes, pois sem os vícios da militância anarquista esse novo contingente de dirigentes juvenis estava conseguindo operar certo ritmo de trabalho parecido com o que o SSA-IJC havia proposto meses antes. Na reunião de 24 de maio “Leôncio explica os motivos pelos quais não pode organizar a ata da sessão anterior”, o mesmo problema foi identificado de forma mais severa na reunião em que o malogrado foi Luiz Peres. E o expediente seguiu com a discussão das circulares enviadas pelo SSA-IJC sobre a comemoração da Semana da Criança Operária, sobre a realização de um curso, as pautas da coluna no jornal *A Nação*, e a organização da “Juventude Operária” (talvez um apelido, que realça o teor de classe da JCB), principalmente no tocante a uma direção regional no Rio de Janeiro.

Se por um lado, Leôncio imprimiu ritmo à construção da organização juvenil, por outro apresentou o novo método de direção que ainda não garantia a dinâmica de autonomia. Ao final da reunião, a ata registra que:

Por fim o camarada Leôncio refere-se à organização da Juventude Operária e diz que antes de tratar do assunto, pois já tem um plano de organização, pretende entender-se com o camarada Astrojildo.²⁵⁸

A solução para a construção da “Juventude Operária”, então, já existia como ideia de Leôncio e seria tratada com a direção partidária; e só então os membros da direção da Juventude Comunista iriam tomar parte para executar as tarefas que coubessem a cada um. A solução seria tratada via cúpula sem que o coletivo dirigente juvenil exercitasse a tentativa de erro e acerto numa decisão coletiva no seio da instância de direção. Dessa forma as questões juvenis seriam tratadas no âmbito de um paternalismo partidário onde o mais jovem obedece ao que o mais velho e mais experiente sugere/ manda.

A reunião do dia 3 de junho discutiu longamente, sobre as atividades da Semana da Juventude, como se daria o fluxo de informação e de orientações com as bases, que ainda iniciavam suas atividades; e o teor da circular que chegaria ao demais militantes.

²⁵⁸ *Ata da reunião da Juventude Comunista do Brasil de 24/5/1927*, p. 2. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

E ao final o “organizador lê uma carta que recebeu de Peres, lembrando das nossas atividades nas fábricas”²⁵⁹. Peres, já fora da estrutura de direção, lembrou uma importante atividade, as fábricas. Sua saída foi, de alguma forma, mostrando que o simbólico, mas parco, legado que deixara apontava a importância para o trabalho entre jovens operários.

A circular de 6 de junho explica sucintamente o que seria a Semana da Juventude que era uma orientação a ser seguida vinda do SSA-IJC. Estaria a cargo dos locais elaborarem de que forma se dariam as atividades da Semana. E os pontos abordados nessas atividades deveriam ser três pontos principais: “Importância e papel da Juventude Proletária no movimento revolucionário internacional; Contra a guerra e contra o imperialismo; e a juventude na Rússia.”²⁶⁰ Deveriam ser sete dias de “intensa propaganda em prol da organização da Juventude Operária do Brasil”²⁶¹. A ideia se encaminhava para que houvesse alguma consequência de crescimento orgânico, que a organização fosse mais conhecida e propagandeada entre os possíveis participantes daquela Semana da Juventude que aconteceu entre 27 de junho e 3 de julho de 1927.

Na reunião de 9 de junho, apenas com Leôncio, Manuel e Mollares, foi discutida a carta de Peres que pede para que haja nas colunas de *A Nação* mais notícias sobre a vida dos jovens operários nas fábricas. A ata revela que a explicação a essa falta se dava por conta da dificuldade de ainda não terem “membros que possam ir buscar informações diretamente das fábricas.”²⁶² Com a organização do Comitê Regional seria possível ter efetivo para esse tipo de demanda.

Dois dias antes do início da Semana da Juventude saiu na primeira página de *A Nação* um pequeno chamamento, efusivo, para que os leitores participassem daquele acontecimento.

Há muito chegou o momento em que teríamos todos de unificar as nossas forças, no combate à opressão capitalista.

A Juventude Comunista do Brasil vem pois, por esse meio, lançar o grito de “união” nessa grande multidão, multidão dispersa de jovens trabalhadores, e apela para que os operários adultos conscientes a auxiliem nessa organização!²⁶³

²⁵⁹ *Ata da reunião da Juventude Comunista do Brasil de 3/6/1927*, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

²⁶⁰ *Juventude Comunista do Brasil — Circular n/ II — Rio de Janeiro, 6 de junho de 1927*, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

²⁶¹ *Juventude Comunista do Brasil — Circular n/ II — Rio de Janeiro, 6 de junho de 1927*, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

²⁶² *Ata da reunião da Juventude Comunista do Brasil de 9/6/1927*, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

²⁶³ “Semana da Juventude Proletária — A todos os trabalhadores do Brasil” Em: *A Nação* nº 417, 25/6/1927, p. 1. [Biblioteca Nacional]

Com a dificuldade da organização de chegar aos jovens trabalhadores, a Semana da Juventude se reduziu a um conjunto de textos sobre a juventude no jornal *A Nação* e algumas reuniões ampliadas para outros poucos jovens.

No dia anterior ao início da Semana da Juventude, domingo, 26 de junho, à tarde a Comissão Executiva, ampliada, se reuniu para tratar dos detalhes de véspera do início do evento. Passaram a limpo a programação, sobre os convidados e como fariam as panfletagens. Octávio Brandão foi colocado em uma das conferências.²⁶⁴

A relativa abertura política se colocou desde o início do ano, paradoxalmente, com reservas e ameaças. Havia também a reação que impunha dificuldades diante das greves e reclamos dos trabalhadores. Foi nesse clima que se deu a Semana da Juventude e que diante das ameaças era preciso, segundo a direção da JCB, fazer com que mais jovens aderissem à organização juvenil:

À reação que se avizinha, como devemos nós, aderentes da Juventude Comunista, responder?

A nossa resposta deve ser um redobramento de atividade, de tenacidade e abnegação, a serviço da Juventude Comunista!

Dia a dia devemos dedicar-nos à organização da juventude operária. Temos por dever indeclinável invadir as grandes fábricas, conquistar a vanguarda da juventude para as nossas fileiras!

Só apoiada pela juventude das fábricas é que a Juventude Comunista será indestrutível!

Cada aderente da Juventude deve ter nítida a ideia da finalidade da nossa organização: fazer dos jovens operários a grande reserva dos batalhões da nossa classe!²⁶⁵

O texto é assinado por Bernardes Braúna, provavelmente codinome de Octávio Brandão e tem um teor mais próximo às necessidades de organização e propaganda da juventude comunista. Outro texto, na mesma página, chamava para a Semana da Juventude Proletária, uma corruptela do nome do evento que pede aos leitores que vão ao último dia da Semana da Juventude à:

sessão de encerramento da Juventude Proletária. É preciso também que levem a esta sessão os amiguinhos e irmãozinhos para que concorra à sessão maior número de jovens possível.²⁶⁶

²⁶⁴ *Ata da reunião da Juventude Comunista do Brasil de 26/6/1927*, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

²⁶⁵ “Aos jovens comunistas — em resposta à reação, organizemos a juventude operária” Em: *A Nação* n° 419, 28/6/1927, p. 2. [Biblioteca Nacional]

²⁶⁶ “Semana da Juventude Proletária” Em: *A Nação* n° 419, 28/6/1927, p. 2. [Biblioteca Nacional]

Durante a semana de atividades, numa reunião, Leôncio expõe sua conversa com Astrojildo em que, a partir de opinião deste, a juventude deveria se organizar através de Comitês de Fábricas. A sugestão foi bem vinda e a operação de fundar esses comitês teria manejo dos encarregados de organização e movimento sindical do Comitê Regional da JC e do encarregado de Juventude do Comitê Regional do PCB. Um desenho institucional de como deveriam se dar os procedimentos, organizadamente, ia sendo esboçado. Discutiram, também, detalhes do encerramento da Semana.²⁶⁷ Dois dias depois foi feita mais uma reunião de controle da atividade de encerramento.²⁶⁸

A semana seguiu com artigos temáticos da situação do jovem operário seja em relação ao tema educação²⁶⁹, trabalho²⁷⁰, organização e defesa da URSS²⁷¹ com papeletas de adesão para que fossem recortadas, preenchidas e enviadas à sede da JCB: “Peço a minha admissão à Juventude Comunista do Brasil” para preencher com o nome, idade, profissão, endereço e local de trabalho. E o encerramento foi na União dos Trabalhadores Gráficos (UTG) onde estiveram dezenas de operários jovens e adultos, cantaram *A Internacional* no início, também ao final, ouviram algumas intervenções e:

Por último falou o camarada Paulo, que transmitiu à juventude operária do Brasil um recado que há muito lhe confiara, para ele, um pioneiro (jovem comunista menor de 11 anos) da Rússia, por ocasião de uma visita a uma escola, nos arredores de Moscou, quando esse camarada lá esteve, representando nosso Partido.

Disse o pioneiro ao nosso camarada:

— “Quando o camarada voltar, diga aos jovens proletários do Brasil que o seus irmãos da Rússia enviam-lhes a sua solidariedade e auguram-lhes que chegue breve o dia em que possam viver felizes como vivemos nós aqui.”²⁷²

O balanço talvez não contasse com a vultuosidade planejada, mas em um ano contava com alguns pontos de crescimento e desenvolvimento da organização juvenil comunista no Brasil. O apelo de colocar um *pioneiro* na matéria tinha objetivos claros. Por um lado, iniciava-se a campanha internacional por uma Semana da Criança

²⁶⁷ *Ata da reunião da Juventude Comunista do Brasil de 27 de junho de 1927*, p. 1-2. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

²⁶⁸ *Ata da reunião da Juventude Comunista do Brasil de 29 de junho de 1927*. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

²⁶⁹ “A educação da juventude operária” Em: *A Nação* n° 420, 29/6/1927, p. 2. [Biblioteca Nacional]

²⁷⁰ “A juventude proletária e a revolução social”, Em: *A Nação* n° 421, 30/6/1927, p. 2. [Biblioteca Nacional]

²⁷¹ “Semana da Juventude Proletária”, Em: *A Nação* n° 422, 1/7/1927, p. 1-4. [Biblioteca Nacional]

²⁷² “A sessão solene realizada para encerramento da Semana”, Em: *A Nação* n° 425, 5/7/1927, p. 4. [Biblioteca Nacional]

Operária a ser realizada em agosto próximo e, por outro, havia uma pressão para que fosse construída no Brasil uma organização de Pioneiros também.

O impulso de realização de Semanas temáticas sobre criança, juventude proletária e outras atividades concentradas em agosto de 1927 foi em dezenas de países e teve como mote os vinte anos da Conferência de Stuttgart. No periódico sul-americano da IC foi feita uma matéria saudando a data e explicando os motivos dessas atividades. A efeméride está sustentada na “jornada que foi decidida durante a guerra, na Conferência de Berna, pelos representantes do movimento da juventude proletária e se deu o caráter de jornada de luta contra a guerra imperialista e contra a traição dos líderes dos partidos socialdemocratas.”²⁷³

A linha editorial coaduna com o histórico feito por William Rust (1927) e traça um pequeno histórico das lutas juvenis de matriz socialista desde antes da conferência de 1907, o caráter antibelicista dos movimentos de juventude e a fundação da IJC, em 1919. Dois outros documentos são publicados. Um manifesto da IC “à Internacional Juvenil Comunista e aos jovens trabalhadores revolucionários de todos os países”, em que aponta a IJC como “a verdadeira herdeira das grandes tradições revolucionárias de luta das Internacionais de Juventudes Socialistas fundada há 20 anos em Stuttgart.” E eleva a IJC como “indissolúvelmente ligada com as ideias revolucionárias de Lenin e Liebknecht”.²⁷⁴ O outro documento é um trecho do manifesto de fundação da IJC (1919), bem marcado com o período de ascensão revolucionária em que incentiva “insurreição armada” como meio de luta, além de “greves gerais, criação de conselhos operários e camponeses”.

Em suas memórias, Basbaum afirma que após a fundação da JCB foi enviada uma carta para a IJC pedindo adesão e um

dia chega a resposta e, ao mesmo tempo, ofereciam uma bolsa de estudos para a Escola Leninista, que então fora fundada [sic] a um jovem pertencente, é claro, à JCB. Depois de muitos debates nossa escolha recaiu sobre um jovem alfaiate chamado Heitor Ferreira Lima, de 21 anos, por nos parecer inteligente, sério, além de ser um militante ativo no seu sindicato²⁷⁵

²⁷³ La semana internacional de la juventud proletária, Em: *La Correspondencia Sudamericana* nº 30-31 de 15/9/27, p. 19-21. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

²⁷⁴ La semana internacional de la juventud proletária, Em: *La Correspondencia Sudamericana* nº 30-31 de 15/9/27, p. 21. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

²⁷⁵ BASBAUM (1976), p. 49-50.

Heitor Ferreira Lima afirma que ao saber da existência da Escola, mostrou interesse a Paulo de Lacerda que é quem imagina ter sido o fiador da proposta. Nas duas primeiras semanas de outubro, quatro cartas seguiram do Rio de Janeiro para Moscou. Duas de Astrojildo Pereira. Uma para CEIC e outra para o Reitor da Escola Leninista Internacional. A primeira é uma credencial²⁷⁶ para Heitor participar representando o PCB do aniversário de dez anos da revolução de outubro que acontecerá dias depois. A segunda é uma ficha que contém as características e perfil do futuro aluno:

O camarada Lima membro do Partido há mais de três anos. Operário alfaiate, trabalhando em pequena oficina. (...) na última eleição para a direção do sindicato, foi Lima eleito para Secretário Geral e redator do órgão corporativo, *O Alfaiate*. É um autodidata, naturalmente inteligente. Possui qualidades para ser um militante de primeira ordem (...) ²⁷⁷

Uma outra missiva era uma credencial de Joaquim Barbosa (encarregado da Seção Sindical do CC do PCB) em que habilitava Heitor para “representar as minorias sindicais revolucionárias do Brasil nas comemorações do 10º aniversário da Revolução Russa”²⁷⁸. A última correspondência era um termo de compromisso do próprio Heitor afirmando que conhece “as instruções e os regulamentos da Escola Leninista Internacional, conforme me foram mostrados na cópia remetida à CCE pelo Secretariado Sul americano da JC.”²⁷⁹

Fundada em 1926, como um desdobramento da política de bolchevização, a Escola Internacional Lênin²⁸⁰ foi elaborada pela IC e estava sob a sua jurisdição; e não sob os auspícios da IJC. Era um projeto de formação de quadros de forma homogênea em escala mundial.

A linha do CEIC de formar quadros nacionais em um único centro, necessitava do funcionamento da Escola de quadros em Moscou, evitando, assim, os possíveis desvios que podiam surgir no interior dos partidos nacionais. Todos os partidos, do ponto de vista de Moscou, careciam de quadros dirigentes

²⁷⁶ *Carta de Astrojildo Pereira para o CE da IC*, de 14 de outubro de 1927. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0181]

²⁷⁷ *Carta de Astrojildo Pereira para reitor da ELI*, de 7 de outubro de 1927. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0179]

²⁷⁸ *Credencial de Joaquim Barbosa para Heitor Ferreira Lima*, de 14 de outubro de 1927. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0180]

²⁷⁹ *Carta de Heitor Ferreira Lima para “camaradas do CE”*, de 14 de outubro de 1927. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0182]

²⁸⁰ Международная Ленинская школа (МЛШ)/ Internationale Lenin-Schule (ILS) — Teve entre seus “reitores Bukharin, depois Klavdia Kirsanova, companheira de Iaroslavsky, Wilhelm Pieck, mais uma vez Klavdia Kirsanova, Vlko Tchervenkov, enfim, e o búlgaro Mikhailov, em Kuchnarenkovo, durante a guerra.” BROUÉ, 2007, vol. 2, p. 789.

adequados e instruídos no marxismo bolchevique. Para este fim, em 1926, foi criada a ELI que começando em seu primeiro ano com 50 estudantes, em 1935 registrou em torno de 500, distribuídos em 21 setores (por idioma), de mais de 40 países. As experiências que antecederam a Escola foram a Universidade Comunista dos Trabalhadores do Oriente (1921) e a Universidade Comunista das Minorias Nacionais do Ocidente (1922). No 4º Congresso da IC (1922), se tomou a decisão de criar cursos internacionais, além de impulsionar uma rede de escolas nacionais para militantes e quadros dirigentes. Este esforço, porém, não foi suficiente. O 5º Congresso (1924) decidiu por em marcha cursos de dois anos de duração em Moscou. Aí esteve a origem da Escola Leninista, que, como tal, começou a funcionar depois da decisão formal do 6º Pleno do CEIC, em fevereiro/ março de 1926.²⁸¹

Heitor, em suas memórias, afirma ter feito um “exame de admissão” que constava “perguntas sobre livros”²⁸²; e segundo Broué, pelos poucos depoimentos que se tem sobre a ELI, a “estadia começava por um estágio numa fábrica casado com aulas de russo”.²⁸³ O corpo docente e as matérias se alteraram do início para o fim da experiência da ELI, assim como a política da IC. Heitor, o brasileiro que ficou em Moscou entre novembro de 1927 e outubro de 1930, recorda que

As matérias ensinadas eram *O Capital* de Marx; história universal partir da Revolução Francesa de 1789; história do movimento operário internacional, desde os cartistas ingleses; história da revolução e do Partido Comunista russos; filosofia, iniciando-se com os dialéticos pré-socráticos; estrutura de Partido, consistente no seu sistema de organização, funcionamento, estratégia e tática; movimento sindical e agrário (...) Tivemos ainda alguma instrução miliar: como aprender a ler mapas militares, como organizar um estado-maior militar, medidas de proteção na marcha de um exército, desmontagem e montagem de metralhadoras Otkis e pistolas belgas e tiro ao alvo, com metralhadoras e pistolas.²⁸⁴

Os quadros que ministravam as aulas da ELI que “não brilhavam por suas qualidades de professores, mas, mais frequentemente, por suas qualidades como agitadores”, se deparavam com “um baixíssimo nível de escolarização da grande

²⁸¹ SCHELCHKOV, Andrey (2016) El marxismo militante: La Escuela Internacional Leninista y los cuadros de la Internacional Comunista en America Latina, Santiago: *Izquierdas*, nº 28, p. 228. Em: <https://scielo.conicyt.cl/pdf/izquierdas/n28/art09.pdf>. Acessado em 6 de dezembro de 2021.

²⁸² LIMA, Heitor Ferreira (1982) *Caminhos percorridos — memórias de militância*, São Paulo: Brasiliense, p. 82.

²⁸³ BROUÉ (2007, vol. 2 p. 790).

²⁸⁴ LIMA, Heitor Ferreira (1982) *Caminhos percorridos — memórias de militância*, São Paulo: Brasiliense, p. 82.

maioria dos estudantes” e isso “causava grandes problemas pedagógicos”²⁸⁵. Heitor assistiu às aulas do russo L. Segal (economia política); do polonês Maletzki (história universal e filosofia); do búlgaro Khristo Kabatchev; do russo Tchirkof (estrutura do PC russo); do russo Mayorski (história do PC russo), viu conferências de Bukharin e do historiador Yaroslavski.²⁸⁶ Schelchkov lembra das dificuldades dos latino-americanos com a falta de falantes de língua espanhola, nos primeiros anos; sendo comum um tradução simultânea para o francês. Os alunos deviam ter entre 20 e 35 anos, conhecer as quatro operações, ter espírito revolucionário provado, aguentar mudança de clima e ser um operário ou um camponês.²⁸⁷

Broué encontrou apenas três depoimentos sobre alunos que passaram pela ELI; além de Heitor Ferreira Lima, o francês Albert Vassart e o inglês Harry Wicks. Mas outros brasileiros estiveram em Moscou como alunos na ELI, como apresenta Schelchkov (p. 19-20). Em JEIFETS, V.; JEIFETS L. (2015) há importante rol de informações sobre os alunos brasileiros na ELI. Entre 1927 e 1930-31: Heitor Ferreira Lima (Mario Silva); José Mollares Lago (Antonio Gonzales)²⁸⁸, como ouvinte; Grigorio Berezin (Grigory Grishin)²⁸⁹; Gary Schechter (Arturo Rocha; Henrique Schechter). Entre 1931 e 1932-33: Alan Tellez da Cunha (Herculano Odim)²⁹⁰; Alfredo Prudencio dos Santos (Marcos Vidas)²⁹¹; Sebastiao Ferrera (Caramuro Rossi)²⁹²; Carlos Augusto

²⁸⁵ BROUÉ (2007, vol. 2 p. 790).

²⁸⁶ LIMA, Heitor Ferreira (1982), p. 82.

²⁸⁷ BROUÉ (2007, vol. 2 p. 790).

²⁸⁸ Espanhol, nascido em 1898, filho de camponês, teve educação primária, trabalhou em restaurantes e hotéis. Emigrou para o Brasil e ingressou no PCB em 1923. Foi delegado brasileiro no 4º Congresso da Profintern (1928). Foi membro do CC do PCB. Assistiu à 2º Conferência Sindical Latino Americana onde fez uma apresentação sobre o movimento sindical brasileiro. Foi delegado, com voz e voto, ao 6º Congresso da IC. Deportado do Brasil em 1929. JEIFETS (2015, p. 381).

²⁸⁹ Ucraniano, nascido em 1900, filho de comerciantes. Estudou em escola religiosa judia. Foi anarquista e voluntário no Exército Vermelho (entre 1918 e 1919). Chegou ao Brasil em 1921, trabalhou como metalúrgico e participou da base de fundação do PC do Brasil, foi de sua direção nacional entre 1925 e 1926, sendo da comissão de organização. Foi do Comitê Regional no Rio de Janeiro e membro do CC do PCB. Voltou à Europa, trabalhou como serralheiro na Bélgica e seguiu para Moscou para ser aluno na ELI. JEIFETS (2015, p. 93).

²⁹⁰ Paulistano nascido em 1909. De pais operários foi sapateiro e metalúrgico e fez apenas a escola primária. Ingressou na JCB em agosto de 1928. Foi secretário do regional paulista da FJCB e responsável juvenil da Federação Operária de São Paulo, onde contribuiu para a organização de pioneiros. Realizou trabalho antimilitarista e foi enviado para a ELI. JEIFETS (2015, p. 670).

²⁹¹ Pernambucano nascido em 1901. De família operária, teve apenas educação primária. Fez serviço militar e foi metalúrgico, atuando no seu sindicato. Entrou no PCB em 1928 onde foi do departamento de agitação e propaganda. JEIFETS (2015, p. 564).

²⁹² Fluminense nascido em 1905. Filho de trabalhadores rurais, foi metalúrgico, desde os 15 anos. Teve educação primária incompleta. Ingressou no PCB em 1929 e foi do sindicato dos metalúrgicos. JEIFETS (2015, p. 231).

da Silva (Nicrinton Lunin²⁹³). Entre 1933 e 1935: Silo Meireles (José Mendoza)²⁹⁴; José María de Souza (Felício)²⁹⁵; Jaime Ferreira (Arnoldo Suarez)²⁹⁶. Entre 1935 e 1938, com vários intervalos: Valduvino Loureiro (Marques)²⁹⁷. Houve os nomes indicados pelo PCB que foram negados pela reitoria da ELI, como o de Elias Reinaldo da Silva. A maioria deles não só operários ou trabalhadores rurais, mas de origem operária e de extratos populares. Não só as profissões são proletárias, mas as famílias. Com uma exceção (Silo Meireles), mas que era de formação militar sólida. Dois deles (Valduvino e Jaime) chegaram aos postos mais altos da FJCB, mesmo num momento — como veremos adiante — em que há uma abertura ainda maior para a adesão de estudantes oriundos da classe média.

No 1º de maio de 1928, o PCB retomou a publicação do jornal *A Classe Operária*. A página dois das primeiras edições contou com uma coluna sobre juventude, com o mesmo teor do jornal *A Nação*. No número inaugural, uma espécie de editorial do que seriam as próximas colunas, atribuía algumas qualidades para o trabalho entre os

²⁹³ Carioca nascido em 1898. Filho de sapateiro, teve apenas a educação primária. Foi fogueiro ferroviário e depois linotipista; em ambos os casos membro do sindicato. Ingressou no PCB em 1925 e foi enviado a Moscou para estudar na Universidade Comunista dos Trabalhadores do Oriente (1929-1931) e depois na Eli. Sua estadia foi marcada pela participação na reunião ampliada SSA-IC, onde se discutiu a “questão brasileira”. JEIFETS (2015, p. 645).

²⁹⁴ Pernambucano de Ribeirão, nasceu em 1900. Filho de um engenheiro que gerenciava uma fábrica. Estudou em colégio militar e era católico convicto. Ajudou Prestes a organizar a Liga de Ação Revolucionária em 1930, rompeu com Prestes e ingressou no Partido Comunista Uruguaio, onde atuou no Socorro Vermelho. Atuou como técnico do BSA-IC (aparato ilegal e imprensa). Ingressou no PCB em 1933 e participou de sua delegação ao 3º Plenum do BSA-IC. Participou da 3ª Conferência dos Partidos Comunistas da América do Sul e Caribe. Foi membro do grupo de estudo da experiência militar na China. Ajudou na preparação dos materiais sobre América do Sul ao 7º Congresso da IC. Ajudou na insurreição da ANL no nordeste, quando foi preso. JEIFETS (2015, p. 455-456).

²⁹⁵ Maranhense de Caxias, nasceu em 1907. De família de operários, fez o curso primário incompleto. Trabalhou como metalúrgico desde os 15 anos. Ingressou na FJCB em agosto de 1929. Atuou no sindicato da sua categoria no Rio de Janeiro. Foi preso em Porto Alegre, ficou seis meses encarcerado. Participou de reuniões de direção do PCB e de diversas reuniões ampliadas do CC da FJCB. Em 1932, foi detido, novamente, e enviado à Ilha Grande onde ficou oito meses. Foi da Comissão ilegal de Organização do CR da FJCB no Rio de Janeiro. Atuou na organização da FJCB no Rio Grande do Sul. Foi encarregado sindical do CC da FJCB e representante da FJCB no CC do PCB. Chegou em Moscou em setembro de 1933. JEIFETS (2015, p. 658-659).

²⁹⁶ Paulista de Santos, nasceu em 1909. Filho de família de trabalhadores rurais. Trabalhou como ferreiro. Ingressou no PCB em 1927. Foi membro do sindicato da sua categoria. Secretário da FJCB em São Paulo e membro do seu CC. Foi aluno da Escola Continental do BSA-IC. Em 1932 foi eleito Secretário Geral da FJCB e representante juvenil no CC do PCB. Foi a Moscou em 1933 para trabalhar na Seção Latino Americana da IJC, quando estudou na ELI. Regressou ao Brasil e foi professor na Escola do partido em São Paulo, em 1934. JEIFETS (2015, p. 230).

²⁹⁷ Fluminense de Quissamã nascido em 1902. Filhos de trabalhadores rurais, foi marceneiro de móveis. Recebeu apenas a educação primária. Ingressou na FJCB em 1933 e no PCB em 1934. Logo ascendeu a Secretário Geral da FJCB e ao Birô Político do PCB. Foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Marcenaria, dirigindo a fração dos comunistas (1933-34). Pertenceu à delegação brasileira que participou da 3ª Conferência dos Partidos Comunistas da América do Sul e Caribe, em 1934. Foi delegado brasileiro ao 7º Congresso da IC e 6º Congresso da IJC — que se realizou logo em seguida —, onde fez importante pronunciamento. JEIFETS (2015, p. 74-75).

jovens proletários. Inseria a juventude na luta do proletariado contra o capitalismo, aponta que o proletariado é formado por jovens e adultos e lamenta que a participação da juventude nas lutas proletárias têm sido incompreendida pelos adultos. O jornal, sendo uma publicação para formação (no sentido de instrução) e informação, explica o mecanismo da exploração da juventude: “O capitalismo utiliza o trabalho da Juventude para baixar os salários dos operários, pois os jovens recebem salários mais baixos e não reclamam.”²⁹⁸

Esta era a primeira vez que o jornal oficial partidário se pronunciava após a promulgação do Código de Menores. No intertítulo “A burguesia e o Código de Menores” classificou o processo de confecção do conjunto de leis como “comédia” ao expor que a preocupação que predominou nas discussões se concentrava na proibição ou não da entrada de menores de idade em teatros ditos “imorais”. Segundo o texto, o processo contou com longo debate entre o Executivo e o Judiciário sobre se a proibição era ou não inconstitucional. O Executivo classificando como proibição necessária e o Judiciário afirmando como restrição inconstitucional, “uma imoralidade para a essência do regime”. A discussão reflete um conteúdo de classe, pois esse tipo de diversão não poderia ser hábito de trabalhadores que ganhavam três mil réis diários, trabalhavam dez, doze horas por dia e não tinham consolidados direitos como descanso semanal ou férias.

Já se lembrou, porém, a burguesia, tão preocupada com as crianças burguesas, que o Código de Menores trata também das crianças operárias?

Não, nem ela por si só se lembrará. Lembrou-se da confecção do Código somente para que se acreditasse nos Congressos Internacionais que o Brasil cuida da proteção do jovem operário. Ora, é preciso desmascarar essa balela.

Os jovens proletários trabalham 9 a 10 horas diariamente; apesar da proibição expressa do Código de Menores, são obrigados a trabalhar em serviços perigosíssimos à saúde, como as fábricas de vidros e de fósforos, de noite, nas piores condições de conforto.²⁹⁹

E ao afirmar que não era só a parte do Código de Menores concernente ao proletariado que não era cumprida; as leis que garantiam alguns direitos do trabalhador, em geral, não se cumpriam. O raciocínio do texto teve desfecho na campanha que continuou a permear o trabalho juvenil dos comunistas, a adesão dos jovens proletários

²⁹⁸ “Juventude Proletária” Em: *A Classe Operária*, nº 1 (2ª fase), 1/5/1928, p. 2. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

²⁹⁹ “Juventude Proletária” Em: *A Classe Operária*, nº 1 (2ª fase), 1/5/1928, p. 2. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

aos seus sindicatos. Sob a síntese “a organização é a união e a união é a força” conclui que “a burguesia só cede pela força”.³⁰⁰ Conclui-se daí que seria necessário, para a força, a união a partir da organização da juventude comunista.

O número seguinte traz o panorama da manifestação de 1º de maio. O editorial do jornal mostra que a data foi disputada por vários grupos políticos e haveria, segundo o texto, uma “mistificação” da data — por parte da imprensa burguesa — ao colocar que o dia comemoraria uma “confraternização das classes”. No fundo, para o editorial, isso era um reconhecimento da “força proletária”. Outro ponto que o jornal aborda é o comício organizado pelo Partido Democrático em Bangu, caracterizado como de “colaboração de classe; e incursão da demagogia democrática nos meios operários” e o diversionismo de uma manifestação que dividiria o proletariado.³⁰¹

A notícia principal traz a crônica do evento e afirma que um dos principais oradores, na manifestação da praça Mauá, representante do Bloco Operário e Camponês, foi Octávio Brandão e tinha um número maior de trabalhadores que as outras manifestações “anti-proletárias”; a já citada em Bangu e a dos anarquistas na Praça Onze. A cobertura dos jornais não proletários foi favorável dada a presença “do proletariado consciente do Rio”. A primeira página do jornal traz três fotografias do comício e é possível perceber, num dos enquadramentos, a presença de poucos trabalhadores idosos, uma metade de meia idade e alguns mais jovens. A presença de negros é explícita; e também de uma mulher.

O comício foi aberto pelo representante da Federação Sindical Regional do Rio que estendeu-se sobre a “situação deplorável em que se encontram os operários brasileiros” e chamou-os à organização sindical. O representante dos marmoristas abordou a política antidemocrática do atual governo que “fechou associações, prendeu nas masmorras das fortalezas e das ilhas distantes, operários que, apenas, mantinham pensamentos diversos”; e citou o caso do operário preso Domingos Passos.

O discurso de Octávio Brandão apontou a necessidade dos trabalhadores se tornarem eleitores para elegerem um “programa puramente proletário”, se precaverem “contra os embusteiros políticos” para “levar ao Parlamento brasileiro vozes autênticas do proletariado”. O representante da juventude falou, outros oradores falaram e seguiu-

³⁰⁰ “Juventude Proletária” Em: *A Classe Operária*, nº 1 (2ª fase), 1/5/1928, p. 2. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

³⁰¹ “O 1º de maio de 1928” Em: *A Classe Operária*, nº 2 (2ª fase), 5/5/1928, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

se, cantando o hino *A Internacional*, em passeata, da Praça Mauá à sede da União dos Trabalhadores em Padarias; e lá o presidente do BOC, Azevedo Lima discursou. Foi o primeiro comício de 1º de maio que o BOC tem essa densidade de articulação, com fortes oradores. Foi um adensamento maior para a experiência dos comunistas em articularem as diferenças (mesmo que ainda pouco percebidas) entre o organismo partidário, o movimento sindical com várias ramificações e a empreitada parlamentar. Essa diversificação de raciocínios que somados resultaram na ação política dos comunistas foi em alguma medida absorvida pelos jovens que davam os primeiros passos na militância.

O representante dos jovens, por sua vez, não discursou em nome da JCB, mas em nome da coluna Juventude Proletária do jornal *A Classe Operária*. Uma representação curiosa, inclusive, porque já é o segundo número dessa fase do jornal que não se atribui à JCB o foco do trabalho dos comunistas entre a juventude. JCB que fora fundada oito meses antes. O discurso aponta a juventude como um setor a se somar à luta mais geral:

Neste dia de protesto, em que todos os trabalhadores conscientes se unem para protestar contra a reação burguesa, contra o fascismo, contra o imperialismo tirânico (...), a juventude operária não podia deixar de vir aqui, a este comício, de se dirigir ao protesto do operariado adulto de todo o mundo.³⁰²

Para o senso comum do jovem comunista, a partir dos textos, a “juventude operária” seria um ente de existência independente aos trabalhadores em geral, e por isso, poderia se somar àquela manifestação. Isso mostra como que se elaborava o desenvolvimento orgânico do PCB e da JCB. Noutro ponto do discurso o representante jovem diz aproveitar do ensejo para:

mostrar que os trabalhadores jovens não se interessam só pelo futebol — e que se tal sucede, a culpa é toda dos operários adultos, que não tem sabido guiá-los e educá-los convenientemente abandonando-os no caminho da inércia e da indiferença.³⁰³

A autonomia relativa da JCB, neste início, era bastante restrita. O alto grau de dependência orgânica apresentado pelo “representante da juventude” se manifesta na

³⁰² “Discurso do representante da Juventude na Praça Mauá” Em: *A Classe Operária*, nº 2 (2ª fase), 5/5/1928, p. 2. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

³⁰³ “Discurso do representante da Juventude na Praça Mauá” Em: *A Classe Operária*, nº 2 (2ª fase), 5/5/1928, p. 2. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

representação de uma coluna do jornal da organização principal — no caso o PCB —; e também no pouco senso de oportunidade de destrinchar uma crítica interna em ambiente público, extramuros partidários.

De qualquer forma o momento pedia e seria de bom talante debater ou apresentar os assuntos que interessavam a todos ou os temas de importância pública. Ou seja, no geral, não compreendiam a possibilidade de recrutar outros jovens para a luta proletária, fazer a propaganda das ideias comunistas entre os jovens ou encarar a juventude como um setor em si mesmo; pois tratou como um ente dependente e de dinâmica atrelada à organização dos adultos. Logo depois, noutra passagem, foi reafirmado isso:

A juventude operária de hoje é o proletariado adulto de amanhã. Ela deve aprender desde hoje a lutar e a protestar contra a reação burguesa e quando for necessário passar para a ofensiva! Ela deve aprender na vossa experiência a manter-se firme no terreno da luta, para que amanhã tenhamos um proletariado, mais maduro, mais enérgico e mais consciente e que se saberá opor com a necessária violência os desmandos da burguesia!³⁰⁴

Uma forma de negar um setor social em si é projetando-o para outro momento. Por ser transitória, a juventude, já não teria as mesmas características quando se torna adulta. Projetando o jovem como ente importante no futuro — “a juventude operária de hoje é o proletariado adulto de amanhã” — faz diminuir a importância como um setor social em si; que tem características, anseios, especificidades, particularidades. A política dos comunistas varia em enxergar a juventude como um ente que tem, por um lado, no presente, sua importância, especificidade e capilaridade e, por outro, guarda aspectos de reserva de futuro, como peça de reposição. Outro orador do 1º de maio, de nome Dyster, é também um militante jovem e sua declamação tinha uma representação mais consubstanciada; representava os trabalhadores marítimos e remadores.

Em setembro de 1928 a Juventude Comunista do Brasil esteve representada no 5º Congresso da IJC, por Leôncio Basbaum. Nesse evento ele usou o codinome de Pereira, o que induziu o erro de alguns pesquisadores em achar que Astrojildo é quem teria representado a organização comunista brasileira. Com direito a voz e voto, Basbaum fez uma intervenção preparada e lida em francês. Oito páginas onde ele expõe a partir do prisma brasileiro as impressões de como a política da IC/IJC estavam

³⁰⁴ “Discurso do representante da Juventude na Praça Mauá” Em: *A Classe Operária*, nº 2 (2ª fase), 5/5/1928, p. 2. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

impactando nos jovens comunistas no Brasil e passando, para o plenário composto por delegados de dezenas de países, a situação em seu país e como o PCB estava elaborando os acontecimentos políticos, econômicos e sociais. Afirmou que o “Brasil é caracterizado pela IC como um país semicolonial. Que não atravessa o período de estabilidade que caracteriza atualmente os países capitalistas da Europa”. Que passa por uma “efervescência revolucionária” e por isso “aumenta sua importância internacional do ponto de vista econômico e político.” Podia-se chegar a uma revolução democrático burguesa que teria condições se conduzir à uma revolução socialista, tanto no Brasil como em toda América Latina.³⁰⁵

Seguiu expondo a situação do trabalhador brasileiro. Que eram 12 milhões de trabalhadores, 10.000.000 no campo, dois milhões nas cidades e 20% disso jovens que trabalhavam sem cessar nas piores condições nas minas, nos campos, nas fábricas. Desses, nem um por cento era da FJCB. Muitas crianças de oito anos trabalham em indústrias perigosas, como as de fósforo. “Numa grande indústria têxtil onde trabalham entre 300 e 400 jovens, foram admitidas crianças entre oito e dez anos com registro de como se tivessem 14 ou 15 anos”, para que não houvesse problemas com a lei. O governo faz vistas grossas sobre a fiscalização das indústrias sobre esta lei, que impede menores de 14 anos trabalharem nessas situações. Os proprietários, em geral, não têm pruridos de mudar as idades das crianças nos registros. Não há no Brasil “organizações burguesas voltadas para os jovens proletários, mas existem as ligas católicas as quais pertencem expressivo número de trabalhadores pequeno burgueses e até mesmo burgueses”. E os jovens trabalhadores não estão sob sua influência. Da mesma forma não há no Brasil organizações de jovens trabalhadores com viés reformista, talvez porque o movimento comunista seja bem restrito. “Nossos jovens trabalhadores são indiferentes à política, mas se nós acordarmos-los, tornar-se-ão comunistas”. Eles não têm consciência de classe, por conta da péssima situação econômica e também há dificuldade da FJCB se aproximar deles por conta da ilegalidade. Fora isso, com uma boa agitação e propaganda, eles se tornariam comunistas. “Sua única preocupação é o futebol, muitos dos jovens trabalhadores jogam. A burguesia começa a atrair a atenção dos jovens trabalhadores, sobretudo crianças, para organizar pequenos grupos de escoteiros católicos”, sem uma estatística, mas os cálculos concluem que há muitas

³⁰⁵ *Delegation du Brésil (Pereira)* — 6 de setembro de 1928, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1003]

crianças operárias pobres que pertencem à esses grupos. “talvez uns 40% dos jovens trabalhadores estejam ligadas às sociedades religiosas e não nos sindicatos”,³⁰⁶

Em seguida, Basbaum liga esse problema ao de organização se perguntando: por que a JCB é um pequeno grupo e não é uma organização de massas? E ele mesmo responde de forma dura: “porque o Partido jamais fez coisa alguma para a juventude”. A própria IJC através de seu SSA fez falta quando mais precisaram, quando uma lei jogou a organização na ilegalidade. Sem a experiência necessária e sem os conselhos e orientações da IJC. “E mesmo quando, sem sucesso, nós editamos, um mês depois, um jornal como resposta à lei reacionária.” E desde esse momento não houve uma linha, do SSA ou da IJC e “tivemos que dirigir nós mesmos o nosso trabalho”. A JCB foi organizada sem essa ajuda. Em junho o SSA enviou uma carta dizendo que em maio era para organizar a Semana da Juventude Operária e somente em julho chegaram os materiais. Não foi possível fazer a comemoração dos 20 anos da Conferência de Stuttgart no Brasil. “E recebi uma carta e um manifesto datado de agosto onde nossos camaradas nos diziam que iriam ao Brasil comemorar a Semana da Juventude Operária, sem considerar que a organização está na ilegalidade”. A orientação continuou sendo para que a comemoração fosse feita em julho e agosto, mesmo com os outros países do mundo realizando em setembro. Por isso que a JCB ficou tão apartada das orientações da IJC. E se isso aconteceu a partir de uma instância continental “significa que a IJC não presta a atenção suficiente ao nosso país e à América Latina em geral.”³⁰⁷

E a crítica de Basbaum segue dura com a instância superior: “A IJC não deve considerar as federações apenas por sua importância numérica, ela deve também considerar a situação pré-revolucionária que respiramos em todos os [países] coloniais e semi-coloniais”. “Não são as federações que devem ir à IJC, como tem sido feito, mas é a IJC que deve ir até as federações.” Continua pontuando suas críticas, agora sobre o balanço feito pelo Comitê Executivo da IJC, dizendo crer que “os números apresentados pelo camarada Schouler³⁰⁸ [sic] sobre a situação da IJC são muito otimistas.” Pois se os

³⁰⁶ *Delegation du Brésil (Pereira)* — 6 de setembro de 1928, p. 2. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1003]

³⁰⁷ *Delegation du Brésil (Pereira)* — 6 de setembro de 1928, p. 3. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1003]

³⁰⁸ Schüller, Richard, dito Joan, Lucien, Max (1901-1957), filho de advogado, dirigente dos liceais socialistas em Viena, fundador e secretário da JC da Áustria em 1918. Membro do Executivo do KIM. Responsável de seu Birô do Sudeste, é o segundo na hierarquia, até 1928, depois de Lazar Chatskin. Em: BROUÉ (2007, vol. 2 p. 1.315).

números apresentados são verdadeiros, “a influência da IJC não está do tamanho correspondente”.³⁰⁹

Ele reafirma sobre a importância de considerar a socialdemocracia como inimigo, a tese central do 6º Congresso da IC, terminado dias antes. E considera que a FJCB tem sido um ente de apoio ao PCB; constituiu células, editou jornal, ajudou na campanha eleitoral, como qualquer outro militante comunista, mesmo sob ilegalidade. “Em maio passado, quando o nosso jornal chegou ao cume de tiragem, 10 mil, foi decidido suspende-lo.”³¹⁰ O PCB suspendeu.

Seguiu tratando de “um ponto muito característicos de quase todas as federações: a flutuação.” Era muito difícil, não só no Brasil, ter um núcleo de quadros jovens comunistas permanente, que consiga passar por aprendizados e experiências que possam ser acumulados, vividos e desenvolvidos para garantir no presente e no futuro dirigentes experimentados. Basbaum opina sobre as causas desse fenômeno que é geral e quem vinha acontecendo no Brasil em toda essa breve história de trabalho juvenil dos comunistas; repetindo a frase de Kitarov³¹¹: “Nós trabalhamos como os partidos, não temos procedido de forma específica para a juventude. É difícil de dizer os motivos desta flutuação. Eu mesmo conheço pessoalmente quase todos os membros da nossa pequena federação.” E passa a abordar sobre novos métodos de trabalho que as organizações juvenis deveriam adotar de forma a atrair e manter essa juventude atuando nas federações; com agitação, transformando-as em organizações de luta e estando dentro de clubes recreativos, o que não tem sido a tendência da IJC. “Esses métodos de agitação exigem recursos que as pequenas federações não têm condições de ter.”³¹² E que há diferenças psicológicas da juventude na atuação legal para a ilegal.

Aborda também, novamente, sobre a língua dos materiais que chegam da IJC “nós falamos português” e a juventude brasileira não entende o espanhol. E finaliza reforçando duas das principais tarefas que a IJC tem no próximo período:

- 1) Prestar mais atenção nas federações dos países latino-americanos, dos países coloniais e semi-coloniais, nos seus meios de imprensa, formas de arrecadação, pela sua importância atual do ponto de vista revolucionário; 2) combater mais

³⁰⁹ *Delegation du Brésil (Pereira)* — 6 de setembro de 1928, p. 4. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1003]

³¹⁰ *Delegation du Brésil (Pereira)* — 6 de setembro de 1928, p. 5. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1003]

³¹¹ Provavelmente Rafail Kitarov, membro da direção da IJC entre 1928 e 1932.

³¹² *Delegation du Brésil (Pereira)* — 6 de setembro de 1928, p. 6. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1003]

energicamente todas as frações que infelizmente ainda existem nas nossas federações, liderar luta incansável contra as frações que são inimigos piores que os mais hábeis socialdemocratas ou os líderes mais reacionários, que estão dentro de nós mesmos, os parasitas que vivem dentro de nós nos impedindo de desenvolver.³¹³

Basbaum no seu discurso faz pesadas críticas aos métodos da IJC, mas se mostra favorável à linha política. Os dois pontos finais que finalizam a sua intervenção mostram nitidamente que o problema de acompanhamento das instâncias internacionais tem sido precário e que o PCB não tem uma política própria para a JCB.

De volta ao Brasil é com essa linha política que se preparava o 3º Congresso do PCB e que, dentre várias reuniões, a de 11 de novembro de 1928 (chamada no último dia 2, com aparente preocupação a respeito do tema, já que as dívidas financeiras que a JC acumulava com o Partido começavam a restringir o potencial de mobilização para o congresso e desenvolvimento das atividades próprias), constam diversos pontos de organização do conclave. Dentre eles, o relatório do SSA, cartas a serem respondidas e publicadas, o trabalho sindical de várias categorias e uma campanha de recrutamento que deve se desdobrar em uma campanha própria da organização juvenil e outra específica para o Comitê Eleitoral das Mulheres Trabalhadoras. No ponto específico da juventude, foi tratado que:

“a J.C. realizará o seu Congresso logo depois do P. preparando desde já suas teses; procurar ligações com o representante do KIM em B.A. [Buenos Aires]; tratar da fundação da Liga da J.O., organizando grupos nos sindicatos e locais de trabalho; fazer com que suas células de empresa trabalhem de acordo com as do P.”³¹⁴

Nesta reunião, há menos de cinquenta dias do conclave, participaram os membros da CCE do PCB e três dos integrantes da CCE da JCB. Além da campanha de recrutamento, os dirigentes juvenis fariam a articulação internacional do congresso no que tange os pontos sobre a juventude — item importante em que se aferrariam as pautas sobre a JCB com os imediatos internacionais e o desdobramento da pauta, a organização de uma “Liga da JC”. O item da pauta juvenil que diz respeito à organização traz uma ênfase que deve ser reparada: “fazer com que as suas células de

³¹³ *Delegation du Brésil (Pereira)* — 6 de setembro de 1928, p. 7-8. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1003]

³¹⁴ *Ata da reunião da CCE do PCB em 11 de novembro de 1928*, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0414]

empresa trabalhem de acordo com as do P.”, significa que há uma retomada do vínculo mais próximo do desenvolvimento orgânico da entidade juvenil e da organização partidária. O período imediatamente anterior à Lei Celerada foi de trajetos relativamente — e em alguns momentos — paralelos, com número menor de pontos de aproximação entre a atuação geral do partido com a da organização juvenil. Um reflexo da política do 3º Congresso, seja por questões postas pela IC, seja pelas necessidades conjunturais do PCB, foi essa reorientação da relação entre organização juvenil e direção partidária.

Basbaum, ainda como Secretário Geral da JCB, enviou um relatório ao KIM³¹⁵ — nas vésperas do 3º Congresso do PCB —, relatando as últimas atividades da organização juvenil e a perspectiva de em 5/1/29 realizar o congresso. Relata o aumento da inserção entre jovens trabalhadores dentro das fábricas, a construção de células, as dificuldades da ilegalidade, a fundação do Centro de Jovens Proletários (curiosamente no subcapítulo de Agit-Prop e não de organização), do Comitê pró-Federação Nacional de Esportes Proletários, do Centro de Jovens Anti-imperialistas e de um periódico para marinheiros. Alega, assim como Luiz Peres anos antes, que uma “insuperável dificuldade” é a falta de materiais em língua portuguesa.

No final de dezembro iniciou o 3º Congresso do PCB. Astrojildo Pereira, principal dirigente comunista, deixou suas impressões no livro *Formação do PCB 1922/1928 — notas e documentos*, publicado no 40º aniversário de fundação do PC do Brasil, em 1962. Já com sua análise madura, após mais de trinta anos do ocorrido, ele ressalta que a análise do congresso sobre a situação econômica, social e política era embaralhada e cheia de incompreensões: “o 3º Congresso ouvia o galo cantar, mas não sabia onde”, sintetiza Astrojildo. E continua o julgamento rigoroso da política que foi coautor:

É difícil resumir as teses políticas adotadas pelo 3º Congresso, justamente pelo que há nelas de confuso e contraditório. Elaboradas sob a influência de concepções errôneas, como a da ‘terceira revolta’, que se previa como continuação histórica necessária dos movimentos de 1922 e 1924-26, elas estavam fadadas a completo fracasso quando postas aprova pelo movimento real de 1930. Acertada, aliás, fora a caracterização das causas que provocariam o movimento de 1930 (...)³¹⁶

³¹⁵ Ao Secretariado de Organização do KIM, 7 de dezembro de 1928. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1009]

³¹⁶ PEREIRA, Astrojildo (1962) *Formação do PCB 1922/1928 — notas e documentos*, Rio de Janeiro: Vitória, p. 115.

Astrojildo foi um quadro que fez diversas autocríticas (às vezes carregou na tinta) e aqui se notabilizou pela compreensão da contradição entre a realidade e a abstração que se fez dela.

Essa caracterização, ao final da citação, estava na injunção das crises econômicas oriundas da tentativa de estabilização monetária artificial, da queda do preço internacional do café e da crise política que já se anunciava na segunda metade do governo Washington Luís. Para Astrojildo essa análise foi meritória. No entanto, a resolução (trecho reproduzido pelo autor) se atém, no item “Defeitos e insuficiências” sobre a “desproporção existente entre a influência ideológica e a política do Partido e as suas forças orgânicas. Aquela desenvolve-se muito mais rapidamente do que esta última.”³¹⁷

A dificuldade do PCB de captar os fenômenos políticos, econômicos e sociais, sob a ilegalidade e diante de um movimento comunista internacional cindido foi, é e será uma realidade em todo o período analisado por esta dissertação. Essa construção partidária que envolve uma arquitetura e uma engenharia política será um desenvolvimento contraditório, ou como afirma João Quartim de Moraes:

(...) toda revolução no Ocidente e no Oriente, é muito difícil, já que não há “harmonia preestabelecida” entre um *projeto* histórico (inclusive o da classe operária) e o curso objetivo do *processo* histórico. É preciso ser profundamente (isto é, filosoficamente) materialista para compreender e aceitar que sendo um mero produto da evolução natural, o homem, enquanto espécie pode fracassar. Nada *garante* que consiga resolver numa síntese superior as contradições da evolução social.”³¹⁸

A teleologia e a construção do presente a partir de um futuro preestabelecido são prováveis consequências na análise da realidade quando feitas por uma corrente política que se impõe o papel histórico de transformação radical. Se não há maturidade suficiente tanto na sua preparação e bagagem política quanto teórica para se debruçar sobre o tema, essa análise pode — e esteve muitas vezes no caso do PCB — submetida à supremacia da vontade (nada materialista), do casuísmo e longe do curso do processo histórico. Por outro lado dois méritos se constituem nesses primeiros anos da corrente comunista no Brasil: 1) a tentativa de criar uma interpretação do processo histórico

³¹⁷ *Idem*, p. 127.

³¹⁸ MORAES, João Quartim (1995) A evolução da consciência política dos marxistas brasileiros, Em: MORAES, João Quartim (Org.) *História do Marxismo no Brasil, vol. II Os influxos teóricos*, Campinas: Edunicamp, p. 55.

brasileiro à luz do marxismo (sobretudo em *Agrarismo e industrialismo*, de Octávio Brandão; e em alguns aspectos das resoluções do 3º Congresso); e na constituição da própria corrente comunista brasileira materializada no Partido Comunista do Brasil.

Nos nove anos incompletos desde a fundação em março de 1922, o PC do Brasil fez três congressos, todos tendo à frente Astrojildo Pereira como, senão o principal, um dos principais organizadores. Como vimos até aqui, todo esse período, ora mais, ora menos, a organização da juventude esteve pautada entre as fundamentais preocupações da agremiação.

Nas resoluções deste 3º Congresso a juventude teve destaque na sua apreciação. O tom do documento é de autocrítica e apreensão.³¹⁹ Alguns pontos sobre a relação entre partido e juventude foram repisados, o que reflete a preocupação durante o processo de construção congressual. Por mais de uma vez aparece nas resoluções que a “I — A Juventude Comunista é uma organização auxiliar do Partido.”³²⁰ Ou seja, foi necessário retomar qual é o desenho que retrata a relação entre partido e juventude. Por mais que haja autonomia da estrutura da organização juvenil, esta faz parte da estrutura partidária, ela é “auxiliar”.

Do 2º para o 3º Congresso, mostra esta resolução que houve amadurecimento na elaboração e apresenta a perspectiva da juventude ser ente de preparo de gerações dirigentes futuras: “II — Ela [a Juventude Comunista] tem grande importância na preparação de militantes teórica e prática, e constitui uma reserva do Partido.”³²¹ Em documento congressual, foi raro até aqui, colocar de forma explícita a importância estratégica da juventude de salvaguarda do PCB, seja para o curto ou médio prazo.

Ao mesmo tempo que se enfatiza que a JCB é “uma organização auxiliar”, entende-se, por outro lado que “III — Os jovens em geral, tendo uma mentalidade diferente da dos adultos, têm método e trabalhos diferentes dos destes, sendo por isso

³¹⁹ Num documento, aparentemente feito exclusivamente para o informe do 3º Congresso ao SSA-IC, o CC carrega um pouco mais na autocrítica: “Insuficiente atenção também, até agora, deu o Partido à organização da Juventude comunista. O 3º Congresso também neste ponto estabeleceu diretivas claras, exigindo maior apoio vigilante ao que já foi realizado e sobretudo às que devem realizar os camaradas da JC. Sem uma forte e combativa organização da JC, ao lado do Partido, este não poderá jamais desempenhar sua função de guia das massas.” *La Correspondencia Sudamericana*, nº 09 de 1º de abril de 1929, Buenos Aires, p. 10. [ASMOB — CEDEM/UNESP] E em CARONE, Edgard (1982) *O PCB (1922-1943)*, São Paulo: Difel, p. 75-76 a mesma referência se apresenta com uma cópia em português oriunda dos arquivos de Astrojildo Pereira com a data de “Rio, 11 de fevereiro de 1929”.

³²⁰ Teses e resoluções adotadas pelo III Congresso do Partido Comunista do Brasil, p 22. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0388]

³²¹ *Teses e resoluções adotadas pelo III Congresso do Partido Comunista do Brasil*, p 22. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0388]

mesmo organizados à parte, embora sob o controle político do Partido.” Assim, o raciocínio vai se compondo através de ideias mestras: “auxiliar”, “reserva” e “sob controle político do partido” (mesmo que “organizados à parte”). Era preciso, pois, conforme vislumbravam os desafios que avizinhavam, construir, nas palavras de Zinoviev, “uma organização compacta, monolítica e fortemente centralizada”. Para tanto, a organização juvenil deveria estar à postos, entrelaçada com as necessidades e dentro do projeto geral do partido; sem conflitos e nem tergiversações.

A resolução segue revelando um histórico do trabalho juvenil, através da organização de juventude, desde 1925. Apresenta seus números, crescimentos e reflexos, tanto de membros como de células, nas empresas e nas cidades; sem citar nomes, aponta a saída de Luiz Peres e a incorporação de Lêoncio Basbaum; a criação de *O Jovem Proletário*, sua tiragem e distribuição; a *Semana da Juventude Operária*, o formato de relação entre partido e juventude; o crescimento numérico e as relações internacionais.

Mas é no último ponto, intitulado “Tarefas” que se apresentam os principais temas e se revelam as preocupações:

A JC não é um partido em miniatura, não é um Partido de jovens. A organização que dirige politicamente o movimento de emancipação da classe trabalhadora, é o Partido Comunista. A JC é uma organização auxiliar do Partido. As suas normas de trabalhos, diversas das do Partido se concretizam nas seguintes palavras: *luta, educação, distração*. Em torno dessas palavras que se move a JC.³²²

A explicação sobre a organização juvenil se dá pela afirmação e pela negação, pelo que ela é e pelo que ela não é, desde o primeiro ponto. Fica mais uma vez exposto que ela não é um organização alheia, independente — aproveita-se para dizer que é o partido quem dirige. E apresenta-se uma síntese como “norma” que o jovem comunista tem por objetivo lutar, se formar e atuar politicamente nas atividades de lazer (vide por, exemplo, o Centro de Jovens Proletários).

Estes pontos são desenvolvidos no decorrer do documento: “Por ser uma organização auxiliar do Partido, este deve, antes de tudo, empregar o máximo de seus esforços para a sua organização forte, quer orgânica, quer ideologicamente.” E cada vez fica mais complexo o papel da organização juvenil, pois para a resolução:

³²² *Teses e resoluções adotadas pelo III Congresso do Partido Comunista do Brasil*, p 24. Grifos do original. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0388]

A JC deve adaptar o seu trabalho não só à psicologia da juventude operária, mas ainda às condições objetivas do país. Por isso, todo o seu trabalho deve ser no sentido anti-imperialista e antimilitarista. Mas por isso mesmo que são comunistas, auxiliar o Partido na Revolução proletária na edificação socialista, é o seu objetivo final.³²³

A repetição da ideia de que a organização juvenil é “auxiliar do partido” sugere um reparo do percurso, um momento de maior rigidez e de perspectiva mais dura dos enfrentamentos que estão pela frente. Tanto que Astrojildo, com visível orgulho dessa parte do documento, ressalta que “os comunistas se colocaram sempre na vanguarda da luta contra o fascismo”, pois há um item no documento “Sobre a luta contra o fascismo” em que se classifica o fenômeno: “é a reação burguesa, é a ditadura de classe da burguesia sem a máscara oficial das ‘formas democráticas’”, E dada a perspectiva política de crescimento do fenômeno fascista, o 3º Congresso (sob influência patente da IC, é claro) traduz para a forma organizativa o tipo de estrutura que será necessária para o enfrentamento dessa nova forma de ditadura.

Cabe ressaltar, como já citamos Mazzeo, que não se trata de uma apropriação cega das orientações internacionais. Congresso a congresso, os comunistas amadurecem a mediação entre a orientação geral das instâncias superiores e as necessidades concretas da luta em curso no terreno político do país. E este é o congresso que, para o trabalho juvenil, traçou contornos mais nítidos para essa mediação.

Por outro lado, destrinchando a parte da luta antimilitarista e anti-imperialista (pois a luta entre nações caminhava para um novo conflito armado — por isso que esses dois itens caminham juntos em várias das resoluções e materiais impressos) necessitava de: “um plano de reivindicações para militares, fazendo o máximo de propaganda pela desagregação do exército, da marinha burguesa, organizando os soldados e os marinheiros à serviço da Revolução.” Aqui um exemplo em que a mediação entre a orientação internacional não se coaduna com o curso político nacional, pois a palavra de ordem é, ainda, a mesma, uma influência mecânica das *Teses de Abril*, de Lênin.

Mas do ponto de vista do planejamento da capilarização dos jovens comunistas nas organizações temáticas ligadas ao seu programa houve maior perspicácia: “Ampliar

³²³ *Teses e resoluções adotadas pelo III Congresso do Partido Comunista do Brasil*, p 23. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0388]

as organizações de massas, principalmente esportivas e culturais”³²⁴; ou seja, a politização da “distração” (aqui entendida amplamente como lazer) como vetor de inserção dos comunistas entre as massas de jovens proletários e a possibilidade de aumento das fileiras das organizações comunistas (seja partido e/ou juventude). Prioritariamente, na politização do lazer, estava o Centro de Jovens Proletários.

Esse ponto sobre a capilarização ainda se desdobrou na necessidade de criação de seções juvenil nos sindicatos, nas Ligas Antiimperialistas, nas Ligas Anti-Fascistas e em todas as organizações de massas que os comunistas atuavam. Com uma orientação importante: que se fizesse reivindicações específicas juvenis “apoiando-se sempre às [sic] reivindicações dos adultos, com ligações estreitas com estes, ainda que atuando por processos diferentes”³²⁵. Mais uma vez a ideia de “auxiliar”, “reserva” e “sob controle político do partido”.

Outra preocupação foi o Bloco Operário e Camponês. Com a relativa ampliação do BOC para setores que não se identificavam diretamente com o PCB havia o receio de que se perdesse o controle do bloco eleitoral para segmentos alheios aos comunistas. Dessa forma era necessário que os jovens comunistas se colocassem como protagonistas do departamento juvenil do BOC e de sua direção.

Os três últimos parágrafos do item sobre juventude da resolução do 3º Congresso do PCB, tratam especificamente da relação partido e juventude. Se não havia ainda ficado claro quais eram as diretivas para essa relação entre a parte e o todo, ficaria cristalino com este desfecho da pauta juvenil:

A ligação com o PCB deve ser a mais estreita possível, não havendo limitação mecânica de idade. Os membros do Partido que tiverem menos de 23 anos deverão ser também membros da JCB, serão uma garantia da direção política do Partido na base da JC.

Além disso, a mais estreita ligação mútua em todas as instâncias do Partido desde as células até o CC.

O Partido deve fazer compreender aos seus membros que a organização cada vez mais forte da Juventude Comunista é uma das suas principais tarefas e que as suas instâncias, os comitês e as células devem desenvolver o máximo de sua atividade no sentido da propaganda entre os jovens e da sua arregimentação,

³²⁴ *Teses e resoluções adotadas pelo III Congresso do Partido Comunista do Brasil*, p 23. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0388]

³²⁵ *Teses e resoluções adotadas pelo III Congresso do Partido Comunista do Brasil*, p 23. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0388]

tanto nos sindicatos e outras organizações de massa, como na JC.³²⁶

Este ponto traduz o que de fato quer dizer “auxiliar”, “reserva” e “sob controle político do partido”. Por questões externas e/ou internas faz-se um movimento de contração na estrutura da organização partidária. Se antes havia algum tipo de autonomia, ou por inexistência de orientação se chegou a formatos mais autônomos de relação entre partido e juventude, agora a orientação é clara e de recolha. Os pontos de aproximação entre uma e outra organização estão bem ditos, a função de uma e de outra também. A abrangência da orientação é vertical, das instâncias mais altas à base; sem exceção.

Não se trata de dar valor ou julgamento sobre a autonomia da organização juvenil ou a falta dela. Trata-se de apresentar a relação sob determinada situação. Seja ela de luta interna no movimento comunista internacional, ou avanço das forças de extrema direita em todo o mundo, as crises que abalam as grandes potências e o Brasil, o desarranjo político que se desenvolvia no fim do governo Washington Luís; ou mesmo pela inexperiência e fraqueza dos pilares teóricos e ideológicos do pequeno grupo de comunistas que se alçavam a vanguarda operária num país que não havia alavancado a indústria; e culturalmente oprimido após quase quatrocentos anos de escravidão, apenas trinta de República em consolidação e pesada exploração colonial e imperialista de séculos. A soma do processo histórico de um país colonial com a conjuntura, em confluência de diversos fatores críticos, ensejava necessidades de determinada forma, o desenho da estrutura do PCB.

A rápida trajetória antecedente de autonomia e a falta de orientações claras para a relação entre partido e juventude passava por um crivo de tentativa de mudança com funções e papéis melhor delineados; em comparação ao período anterior. E para uma nova orientação, uma nova organização.

³²⁶ *Teses e resoluções adotadas pelo III Congresso do Partido Comunista do Brasil*, p 23. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0388]

Capítulo 3 — “Os meninos e povo no poder” — a FJCB e o CNJPEP

3.1 — Contextualização do ciclo de industrialização

Enquanto o quadrante norte ocidental radicalizava a industrialização com todas as consequências vistas no primeiro capítulo, o Brasil mantinha ainda forte vitalidade colonial e escravista, mesmo após a independência e a abolição do tráfico de escravos. Parte deste viço residia nos ecos da lei que impediu a industrialização de 5 de janeiro de 1785³²⁷ — como fiadora dos ecos do pacto colonial. Essa industrialização proibida é a da maquinofatura, da revolução industrial; pois o Brasil esteve ligado ao capitalismo europeu, desde as primeiras extrações e através da indústria do açúcar, num primeiro momento. Com a chegada da família real e os antecedentes da independência a prioridade foi o comércio internacional após a abertura dos portos.

Não somente se abriram os portos, mas permitiu-se que as mercadorias estrangeiras viessem concorrer no mercado brasileiro em igualdade de condições com a produção interna, graças a tarifas alfandegárias muito baixas (*15% ad valorem*) que se mantiveram até 1844. As débeis manufaturas brasileiras, já tão embaraçadas pelas precárias condições econômicas e sociais do país, sofrem com isso um golpe de morte.³²⁸

Segundo Caio Prado Jr., afora os obstáculos oriundos da situação colonial, a insuficiência de fontes de energia, sobretudo carvão de pedra, e lenha, forças motriz da água e vento não alimentariam o impulso industrial. Mas o principal, segundo esse autor, seria a insuficiência de mercados consumidores. A legalidade da escravidão impedia o desenvolvimento do capital no território nacional tornando o Brasil um longínquo subproduto do capitalismo em expansão, ficando atrás do que estava se tornando México, Paraguai, Argentina e Chile. Ainda, agravando a possibilidade de qualquer faísca industrializante, as grandes áreas de território despovoado, sem divisão de terras aos lavradores, atraíam a monocultura para a exportação — nutrindo alargada vertente do pensamento brasileiro, vigente até os dias de hoje, que proclama o Brasil ser

³²⁷ “Eu, a rainha (...) hei por bem ordenar que todas as fábricas, manufaturas ou teares de galões, de tecidos, ou de bordados de ouro e prata; de veludo, brilhantes, cetins, tafetás, ou de qualquer outra qualidade de seda; de belbutes, chitas, bombazinas, fustões, ou de qualquer outra qualidade de fazendas de algodão ou de linho, branca ou de cores; e de panos, baetas, droguetes, saetas, ou de qualquer qualidade de tecidos de lã (...) sejam extintas e abolidas em qualquer parte onde se acharem nos meus domínios do Brasil.” Esta lei só será revogada em decreto real de 1º de abril de 1808. Apesar de ser uma lei que durou apenas vinte e três anos, foi determinante para que se criassem tendências acerca da industrialização brasileira.

³²⁸ PRADO Jr., Caio [1945] (2017) *História Econômica do Brasil*, São Paulo: Brasiliense, p. 257.

uma país de “vocação agrícola”. Toda essa conjuntura era inconveniente para qualquer desenvolvimento manufatureiro. Em que pese a extração de ouro não estivesse nas especifica es da indústria manufatureira, formava uma imensa indústria extrativista que enviou para a Europa, na primeira metade do século XIX, “um volume de ouro equivalente a 50% de todo o ouro produzido no mundo, nos três séculos anteriores e igual a toda a produ o apurada na América de 1493 a 1850”.³²⁹

A urbaniza o e o crescimento demográfico marcadamente após a vinda da família real para o Brasil, contribuiu para que se começassem a criar algumas condi es objetivas para a industrializa o posterior. Em 1798 a popula o brasileira estimada era em torno de 3.250.000 habitantes e em 1819 (portanto após a vinda da família real) passou para 4.396.132.³³⁰ Em que pese essa dinâmica social maior, ainda não estavam postas as injun es necessárias.

Para Roberto Simonsen, no Primeiro Império houve também outros aspectos de tolhimento manufatureiro: “Na primeira metade do século XIX, a inexistência de fatores favoráveis   industrializa o do Brasil, a política livre-cambista que adotamos e a concorrência das manufaturas inglesas impediram a nossa industrializa o”³³¹. Para o mesmo autor, o Brasil havia sido descoberto pela revolu o comercial, mas a indústria brasileira não caminhou junto com a revolu o industrial. Tardia, esparsa, pouco intensa, sem políticas específicas que a alavancassem, sem mercado consumidor que a alimentasse, esse primeiro suspiro no período independente:

Eram [de] fábricas pequenas, usando poucas máquinas, que ainda eram muito caras, mas que apresentavam produtos de notável acabamento, embora fossem de âmbito apenas local, não se realizando quase intercâmbio de manufaturados entre as Províncias.³³²

Em 1843, num contexto de ofensivas tributárias sobre suas col nias a Inglaterra criou também impostos para países fora dos seus domínios estritamente coloniais. Para o Brasil foi para a importa o de a u ar em 63 *shillings*. O Ministro da Fazenda, Manuel Alves Branco, então, criou uma tarifa que dobrava a taxa (30%) para os produtos não produzidos em território nacional e variava entre 40% e 60% para aqueles

³²⁹ SIMONSEN, Roberto (1973) *Evolu o industrial do Brasil e outros estudos*, São Paulo: Companhia Editora Nacional e Editora da USP, p. 6.

³³⁰ SIMONSEN, Roberto (2005) *História Econômica do Brasil*, Brasília: Senado Federal, p. 344n.

³³¹ SIMONSEN, 1973, p. 11.

³³² LIMA, Heitor Ferreira (1976) *História Político-Econômica e Industrial do Brasil*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, p. 264.

que eram produzidos no Brasil. Como o Brasil não tinha indústria variada e de bens de produção, a medida tinha menos um caráter protecionista — o entendimento tradicional do conceito — e mais um caráter fiscal³³³:

As necessidades do Tesouro impuseram, contudo, um moderado protecionismo de caráter fiscal que, aliado às barreiras naturais e às dificuldades de comunicação, permitiu que vegetasse uma pequena indústria de artefatos grosseiros, pouco exigente quanto a qualidade da mão-de-obra e requerendo apenas pequenos capitais.³³⁴

Simonsen aponta registros, em 1850, de duas fábricas de tecido, dez de alimentação, duas de caixas e caixões, cinco de pequena metalurgia, sete de produtos químicos, sete mil contos de capital empregado. Já em 1866 — mesmo ano das resoluções do Conselho Geral da AIT, em Genebra —, há registro de nove fábricas têxteis com 14.875 fusos, 385 teares mecânicos, em que trabalhavam 768 operários produzindo 125.000 quilos de fios e 3.944.600 metros de pano. A indústria têxtil foi a que se desenvolveu mais rápido. Passados alguns anos, em 1881, o número de têxteis já havia passado para 44, 62.528 fusos, 1994 teares, 20 milhões de metros de panos, mais de três mil operários.³³⁵

Um arcabouço tributário se levanta nas duas últimas décadas da monarquia. Em 1869, a tarifa Itaboraí, que reclassifica mercadorias e taxas, completando a Alves Branco. Em 1874, a tarifa Rio Branco isentou a entrada de diversas máquinas. A tarifa Assis Figueiredo taxou o contrabando no centro-sul do país, em 1880. A Belisário de Sousa foi uma tarifa que atendeu à demandas de industriais, assim como, gerou receita para o Tesouro, em 1887. A última tarifa da monarquia, de janeiro de 1889, foi a João Alfredo que favoreceu a indústria de algodão e juta.

Esse impulso industrializante contou com a absorção de trabalho de crianças e jovens. Não como na evolução da maquinaria, como no processo europeu, mas na incorporação da manufatura como, em parte, mão-de-obra. Com caráter de instrução de

³³³ A interpretação protecionista da tarifa Alves Branco leva em conta que: “Com a sua política econômica Alves Branco pretendia: a) estimular a criação das indústrias nacionais; b) obrigar a Inglaterra a modificar a sua tarifa sobre o açúcar brasileiro, base mesmo de nossa vida econômica; c) criar novos mercados de trabalho; d) aumentar a receita do país” Em: BASTOS, Humberto (1948) *A economia brasileira e o mundo moderno*, São Paulo: Livraria Martins Editora, p. 108. *Apud* LIMA, Heitor Ferreira (1976) *História Político-Econômica e Industrial do Brasil*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, p. 263.

³³⁴ LUZ, Nícia Vilela (1978) *A luta pela industrialização do Brasil*, São Paulo: Editora Alfa-Ômega, p. 51.

³³⁵ SIMONSEN, 1973, p. 15.

mão-de-obra, algumas escolas de ensino técnico foram fundadas ainda no período imperial³³⁶. Em 1875, foi fundado o Asilo dos Meninos Desvalidos (que apresentava ofício a garotos de 6 a 12 anos), no Rio de Janeiro (em 1894 passou a chamar Instituto Profissional). Esses meninos seriam “recolhidos”, “disciplinados” e “vacinados contra varíola”. Em 1883, foi criada a Casa São José e no ano seguinte a Escola de Ingênuas. Em 1898, criação do Instituto Profissional Feminino. A quantidade de alunos registrados de todos esses entes é ínfimo, não sendo representativo da mão-de-obra juvenil nesses primeiros momentos da indústria brasileira³³⁷. De qualquer forma foram experiências que desenharam a formação profissional da mão-de-obra juvenil e infantil.

Simonsen trabalha com a ideia de que esta década 1880-1890 tenha sido o primeiro surto industrial no Brasil. Tem-se em conta que há um crescimento de prosperidade em todo o mundo, principalmente após 1885³³⁸, quando a crise estrutural do capitalismo de 1873 já havia sido superada em alguma medida. O Brasil também conseguiu ter nesse período um crescimento vultoso de produção e exportação de café.

Entre 1880 e 1884 foram fundadas 150 indústrias, já entre 1885 a 1889, 248 sendo que na proclamação da República o Brasil tivesse 636 indústrias, em que 10% eram de produtos químicos e 3% de metalurgia. Imensa parte produtora de bens de consumo.³³⁹ O acompanhamento dessa produção crescente necessitava de ferro:

O renovado interesse na produção de ferros e aço, criado pela Escola de Ouro Preto, estimulou uma substancial quantidade de pesquisas a respeito de novas técnicas de produção e, em 1888, foi estabelecido o primeiro alto-forno desde os fracassos do início do século. A usina, chamada Esperança, foi construída por três empresários, Joseph Gerspacher, Amaro da Silveira e

³³⁶ O histórico do aprendiz, apontado no primeiro capítulo, é a base também deste processo de incorporação da mão-de-obra infantil e juvenil para o Brasil do início da industrialização; sendo, inclusive, antiga a tentativa de estabelecer o ensino profissional no país. Teve características extra estatais, muitas vezes, e acompanhou o desenvolvimento industrial brasileiro. A importante pesquisa de FONSECA, Celso Suckow da (1961-62) *História do Ensino Industrial no Brasil*, 5 v., Rio de Janeiro: scp, mostra que o ensino industrial a partir de um ou outro incentivo germinou ao sabor de necessidades prosaicas alheias ao planejamento econômico do Império. Em 1827, a Comissão de Instrução da Câmara, que organizava o Ensino Público no país, incluiu a obrigatoriedade da aprendizagem de costura e bordado para meninas (v. 1, p. 128). Em 1854, Pedro II criou o Imperial Instituto de Meninos Cegos, logo depois o Imperial Instituto de Surdos-Mudos, onde tinham a introdução aos ofícios (v. 1, p. 129). “Os cegos passariam a aprender tipografia e encadernação e os surdos-mudos, sapataria, encadernação, pautação e douração.” (v. 1, p. 137)

³³⁷ A escolha desses alunos aprendizes e futuros operários não se dava por algum tipo de critério ligado às necessidades da indústria ou de algum desenvolvimento pedagógico: “O ensino necessário à indústria tinha sido, inicialmente, destinado aos silvícolas, depois fora aplicado aos escravos, em seguida aos órfãos e aos mendigos. Passaria, em breve, a atender outros desgraçados.” Em: FONSECA, 1961, v.1, p. 137.

³³⁸ SIMONSEN, 1973, p. 16.

³³⁹ SIMONSEN, 1973, p. 16.

Carlos da Costa Wigg. O alto-forno utilizava carvão vegetal e tinha capacidade para seis toneladas de ferro gusa. Em 1893, os fundadores construíram outra unidade no distrito de Miguel Burnier³⁴⁰

A variação de energia também se fazia necessária. Não era para todo o surto industrial que a fonte poderia ser a base de carvão. Com a urbanização também era necessário a iluminação das cidades, sobretudo a capital. Então com a República foram criadas diversas pequenas geradoras de energia elétrica.

A primeira delas de porte razoável: 375 KW (3 máquinas de 125 KW cada) a ser instalada foi a de Marmelos, inaugurada no ano de 1889. Era uma UHE [Usina Hidrelétrica] à fio d'água aproveitando a Cacheira de Marmelo, no Rio Parnaíba, a 7 Km de Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais.³⁴¹

A circulação dentro do país ou para fora dele, tanto do café como de outros produtos, inclusive matérias-primas, requeria transporte ágil e barato. Por um lado, a telegrafia e, por outro, a estrada de ferro foram símbolos do desenvolvimento do capitalismo na Europa e nos Estados Unidos. A matéria prima desse transporte foi o ferro, o vapor e o carvão; aliados à pontualidade e a velocidade. O ferroviário foi um dos principais realizadores do movimento operário europeu. Seu deslocamento, tendo papel na valoração da mercadoria, e suas constantes mobilizações sindicais e grevistas, fizeram dessa categoria um setor estratégico do mundo do trabalho.

Em 1892, a rede ferroviária paulista ocupava 78% da malha nacional, com apenas Sorocabana, Mogiana e Paulista. A presença de grande parte das ferrovias do país impulsionaram o plantio do café (barateando o transporte para exportação) e o café abriu possibilidades para o aumento da ferrovia paulista³⁴².

A expansão ferroviária (...) teve sua maior fase de crescimento nas décadas de 1870 e 1880. Provavelmente, pelo menos uma parte do capital aplicado nas ferrovias dessa região deve ter

³⁴⁰ BAER, Werner (1970) *Siderurgia e desenvolvimento brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 79-80. Apud NEVES, Osias Ribeiro; CAMISASCA, Marina Mesquita (2013) *Aço Brasil: uma viagem pela indústria do aço*. Belo Horizonte: Escritório de Histórias, p. 44.

³⁴¹ CHUAHY, Eduardo; VICTOR, Wagner Granja (2002) *A construção e a destruição do setor elétrico brasileiro — uma análise crítica e histórica de Getúlio Vargas a Fernando Henrique Cardoso*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, p. 20.

³⁴² Era necessário encurtar as distâncias do território nacional, tanto para dar bases para o desenvolvimento econômico, como ter agilidade administrativa; principalmente após um longo período de tentativas de quebra da unidade territorial. “Em 1854 abre-se ao tráfego a primeira linha de estradas de ferro do país — os 14,5 quilômetros entre o porto de Mauá e a estação do Frágoso. A segunda, que irá ligar à Corte a capital da província de São Paulo, começa a construir-se em 1855.” HOLANDA, Sérgio Buarque de [1936] (1995) *Raízes do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras, p. 74.

saído diretamente da cafeicultura, representando uma nova oportunidade de inversão para o capital cafeeiro.³⁴³

É necessário estabelecer linhas gerais de parâmetros sobre as condições históricas que esses adultos e jovens comunistas, enquanto operários, estão inseridos na vida econômica brasileira. Essas empresas, fábricas e setores inteiros que emergem como *locus* de parte da realização do capital, onde se realiza importante parcela da luta de classes e onde estão, em grande medida, os trabalhadores que os comunistas querem levar para um engajamento maior, são resultantes de um processo de tensão entre industrialização e anti-industrialização largamente trabalhado na historiografia brasileira.

As condições em que os comunistas encontraram para crescerem suas bases a partir dos anos 1920 estão diretamente ligadas ao processo de industrialização ocorrido no Brasil num período largo, principalmente após a Abolição da escravidão até a década de 1950. Condições essas que determinam, à miúdo, as circunstâncias da formação da classe operária brasileira. Entendendo que essa “formação” ocorre sob o manto do desenvolvimento industrial.

Não está no escopo deste trabalho o trato das teses sobre os modos de produção no Brasil. No entanto, entendemos ser necessário considerar algumas das teses que desenvolveram as origens da indústria no país para contextualizar a caracterização dessa classe operária que os comunistas tentam elevar consciência.

As duas tabelas abaixo mostram o crescimento industrial entre dos censos nacionais, o de 1907 e o de 1920. Nesse período houve vertiginoso crescimento industrial e de número de operários. É com esse contingente que as greves da década de 1910 e o PCB trabalharão como base. E esse crescimento que se conta como formação numérica da classe operária brasileira que a FJCB verá o aumento do número de jovens proletários.

(Tabela 1) Dados industriais de 1907

	Nº de empresas	Capital (contos)	Força Motriz (C.V.)	Número de operários
Brasil	3.258	653.555	109.284	149.018
Distrito Federal	662	167.120	22.279	34.850
São Paulo	326	127.702	18.301	24.186

³⁴³ CANO, Wilson (2007) *Raízes da concentração industrial em São Paulo*, Campinas: Edunicamp, p. 37.

(Tabela 2) Dados industriais de 1920

	Nº de empresas	Capital (contos)	Força Motriz (C.V.)	Número de operários
Brasil	13.336	1.815.156	310,424	275.512
Distrito Federal	1.542	441.669	69.703	56.510
São Paulo	4.145	537.817	94.009	83.998

Fonte: Brasil Republicano, vol. 1, p. 214

3.2 A proletarização à brasileira da Federação da Juventude Comunista do Brasil

O 3º congresso do PCB terá por linha política a ideia de “bolchevização” e as resoluções do 6º Congresso da IC. Como vimos, no período de tentativa de restabelecimento da saúde de Lênin e após o seu falecimento, a luta política entre projetos distintos para os destinos da URSS e da revolução mundial se agudizou. A trinca Stálin, Kamenev e Zinoviev, que se apresentava como “guardiã da tradição bolchevique”³⁴⁴, formava um polo em contraponto, a priori, às diversas oposições que se constituíam por todo o território soviético. Estas tinham caráter regional e se unificaram ao longo no biênio 1926-1927, numa Oposição Unificada³⁴⁵. Dessa ideia de “tradição bolchevique” que deriva a referência de “bolchevização”.

A luta interna, no Comitê Central do PC (b) da URSS, assumiu uma multiplicidade temática sem precedentes. Era programática, política, tática, estratégica, nacional, internacional; envolvia forma, conteúdo e método revolucionários e se apresentou com violência e importantes consequências para o movimento comunista internacional. Um possível contrapeso que poderia tender para o lado de Stálin foi lançar a sua política como continuadora da revolução de outubro. A síntese que se extraiu dessa elaboração foi a tentativa de reaproximação e volta aos valores subjetivos da época da derrubada do velho regime na Rússia, a “bolchevização”. Como afirma Hájek, a “bolchevização”:

“não se apresentava como uma linha política e muito menos era um impulso para a atividade concreta dos partidos singulares: tratava-se de uma palavra de ordem

³⁴⁴ HÁJEK, Milos (1988) A bolchevização dos partidos comunistas, Em HOBBSAWM, E. *História do Marxismo* vol. 6, 2ª Edição, São Paulo: Paz e Terra, p. 198.

³⁴⁵ BROUÉ, Pierre (2007) *História da Internacional Comunista*, Tomo I, São Paulo: Sundermann, p. 570.

muito genérica — nem podia ser diferente —, que oferecia um amplo leque de possibilidades para decisões políticas.”³⁴⁶

A solução pela “bolchevização” era uma resposta incompleta para diversos tipos de questões; era a solução para diversos tipos de problemas e se impunha com grande dubiedade. Não foi um conceito restrito a um significado e nem tinha um conteúdo delimitado. Foi a marca de identidade de determinado conteúdo político. Essa identidade, mesmo que negada, assumia formas de orientação, regra, receita, modelo; principalmente nos partidos comunistas da periferia do sistema da IC.

Podemos ver a advertência de Zinoviev no 5º Congresso da IC (17 de junho a 18 de julho de 1924) sobre a “bolchevização”:

A bolchevização não deve ser entendida no sentido de transferência mecânica da experiência russa para o partido alemão e os outros partidos. [...] Bolchevização significa firme vontade de lutar pela hegemonia do proletariado, significa ódio ardente à burguesia, aos líderes contrarrevolucionários da socialdemocracia, ao centrismo e aos centristas, aos semi-centristas e pacifistas, a todos os abortos da ideologia burguesa. Bolchevização é a criação de uma organização compacta, monolítica e fortemente centralizada, que supera amigavelmente as divergências em suas filas, como nos ensinou o companheiro Lênin. Bolchevização é a marxismo em ação, é dedicação à ideia da ditadura do proletariado, à ideia do leninismo”.³⁴⁷

A lista de procedimentos se colocou acima da arquitetura e engenharia do partido comunista, o de novo tipo. Fazendo, dessa forma, um atalho aparentemente pedagógico, simplório e reduzido do funcionamento da organização revolucionária. A busca do comportamento de *vanguarda da vanguarda* e outros superlativos relativizaram o papel da política e da análise da realidade concreta não só da URSS, como da IC e dos países que continham PCs.

Impunha-se a necessidade de dar contornos mais enfáticos à ideia de “bolchevização”, pois além do embate entre tendências, o ciclo revolucionário aberto no fim da Grande Guerra, havia se encerrado com a derrota final da revolução na

³⁴⁶ HÁJEK, M. (1988, p. 201).

³⁴⁷ Apud: *Pjatyi vsemirnyj Kongress Kommunistitchesgo Internatsionala, 17 ijunja — 8 ijulja 1924 g. Stenografitcheskij*, Moscou-Leningrado, p. 482-3. Em HÁJEK, Milos (1988) A bolchevização dos partidos comunistas, Em HOBSBAWM, E. *História do Marxismo* vol. 6, 2ª Edição, São Paulo: Paz e Terra, p. 198.

Alemanha, em 1923. A tática e a estratégia elaboradas por Lênin, para o período de ascensão revolucionária, estavam obsoletas. Era necessário reelaborar novas táticas para esse novo momento.

Com atraso e enviesada, a ideia de bolchevização chega com o força ao Brasil após o 6º Congresso da IC (e 5º da IJC) direto para a realização, como vimos, do 3º Congresso do PCB; e imediatamente depois do conclave dos “adultos”, entre 5 e 8 de janeiro de 1929, foi fundada a Federação da Juventude Comunista do Brasil (FJCB). A soma da palavra “Federação” alinhava a organização juvenil comunista brasileira a certa orientação da IJC e se coadunava com o nome das organizações semelhantes na maioria dos países. Lá estiveram presentes delegados das cidades de São Paulo (1), Santos (1) Ribeirão Preto (1), Sertãozinho (1), Vitória (1), Rio de Janeiro (5), Niterói (5) e representantes dos estados do Rio Grande do Sul (1) e Pernambuco (1), 17 no total³⁴⁸. E a ordem do dia tratou de nove pontos: Eleição da mesa e das três comissões (Esportiva, Sindical e Anti); relatório do 3º Congresso do PCB (Américo Ledo³⁴⁹); relatório do 5º Congresso do KIM (Leôncio); Pioneiros; relatório das zonas; esportes e organizações de massa; sindicatos; trabalho anti-imperialista, antimilitarista e perigos de guerra; e eleições.³⁵⁰

Mesmo com um representante pernambucano e outro gaúcho, o congresso de fundação da FJCB — sucedâneo do trabalho realizado já há um lustro — se mostrou enraizado apenas em São Paulo e Rio de Janeiro. De alguma forma o trabalho juvenil transcorria próximo ao desenvolvimentos das fábricas. Isso se mostra na eleição do Comitê Central da FJCB, são 17 integrantes, sendo 12 operários. O relatório das zonas aponta que o ímpeto de construção da organização juvenil comunista fora do eixo industrial é recente. Indica também que o próprio PCB ainda não havia absorvido a orientação de organizar jovens em torno de um organismo próprio. Por outro lado os dados objetivos também se colocavam como óbice: alto índice de analfabetismo, falta de conhecimento teórico e as dimensões continentais do país³⁵¹.

Astrojildo, conforme anuncia o relatório, sob o codinome de Américo Ledo faz o informe do 3º Congresso do PCB enfatizando a situação política e econômica do Brasil, explica a necessidade da luta anti-imperialista, da agitação e a arregimentação de

³⁴⁸ Relatório dos trabalhos do 1º Congresso da Federação da Juventude Comunista do Brasil (1929), p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1010]

³⁴⁹ Um dos muitos codinomes de Astrojildo Pereira.

³⁵⁰ Relatório dos trabalhos (1929), p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1010]

³⁵¹ Relatório dos trabalhos (1929), p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1010]

grandes massas de trabalhadores. E neste ponto explicita-se os contornos da tática adotada no 3º Congresso:

“(pequena burguesia, camponeses, pequenos lavradores, trabalhadores do campo, operários industriais) dentro do Bloco Operário e Camponês, necessidade de arregimentação do proletariado do campo e da cidade no seio do PC e da bolchevização do Partido.”³⁵²

A prioridade para o crescimento das fileiras partidárias estava na busca dos trabalhadores em geral, proletários, e isso se desdobrava na elaboração do trabalho juvenil dos comunistas, também. Ressaltou-se a necessidade de “penetração nos campos” e “fortificação da JC”.

O relatório da FJCB cita que Astrojildo “referiu-se ainda à questão da ‘oposição’”. Referência rápida e sem alarde para o primeiro fenômeno de cisão dos comunistas. E ao final do informe de Astrojildo votou-se a concordância da FJCB com as resoluções do 3º Congresso do PCB.

Basbaum, informou àquele plenário as resoluções do 5º Congresso do KIM, do ano anterior. Fez um panorama do “desenvolvimento mundial a JC”, situou sobre o papel da América Latina na revolução mundial e trouxe a notícia de adesão daquela FJCB à IJC. O relançamento da organização juvenil comunista adequava-se com aquele congresso de fundação às resoluções da instância mundial.

No geral as resoluções se repetiam como em momentos anteriores: a necessidade de expandir a organização, agitação, educação, sindicatos, esportes e demais organizações de massa; a luta anti-imperialista e antimilitarista, pioneiros, camponeses, flutuação do trabalho das células e “ligação com o PC”. Anunciam ali o órgão de massa *O Jovem Proletário*, a seção no jornal *A Classe Operária* de responsabilidade dos dirigentes da FJCB e, por fim, um boletim interno de “autocrítica, educação e informação”.

Tratou-se de se formar seções juvenis nos sindicatos para conseguir emplacar as reivindicações características da juventude na plataforma de reivindicações sindicais. Essas seções deveriam dar organicidade à relação dos jovens operários com os sindicatos. E essas seções juvenis sindicais, por fim, teriam uma ligação com os núcleos do Partido nos sindicatos. Aponta-se uma arquitetura de funcionamento dessas instâncias já mais madura do que a dos anos anteriores.

³⁵² Relatório dos trabalhos (1929), p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1010]

A pauta do esporte proletário também foi valorizada. Refirmou-se a necessidade de se criar a Federação Nacional de Esporte Proletário, criar as seções de esporte proletário nos sindicatos e disputar o controle dos “clubs de rua ou esquinas”. O esporte proletário estava dando bons frutos, até se fez um relatório anexo ao relatório do congresso de fundação da FJCB. A presença de Américo Ledo reforça a orientação do 3º Congresso do PCB.

Para o cumprimento das resoluções de ambos conclaves, fez-se uma reunião logo depois. Ali deu-se consequência a alguns dos pontos deliberados. O primeiro é o que vinha se arrastando desde outubro, pelo menos, a dívida financeira que a organização juvenil tinha para com o partido, devido a empréstimos para viagens, consignação de compras de revistas e jornais. A dívida foi anulada, pois caso contrário a JC inviabilizaria suas atividades, apenas, sanando dívidas com o partido. O outro ponto de resolução da reunião é o partido enviar uma circular às células sindicais para que reforça-se o empenho desses comunistas em ajudar a desenvolver o setor juvenil de em cada uma das células. Nesse sentido “Jeremias”, quem fazia o relato para a direção partidária, colocou a certeza de “que uma carta, neste sentido, enviada pela JC às diversas regiões não teria o mesmo efeito de uma que o fosse por intermédio da comissão central de organização.”³⁵³

Uma semana depois (17/2) já havia uma dupla de Federações estaduais de Esporte Proletário; uma no Rio de Janeiro e outra no Rio Grande do Sul. Esta passou a ser uma das principais atividades da FJCB. Esse novo movimento nasce do caráter espontâneo que havia, já alguns anos, dos trabalhadores organizarem pequenos grupos, clubes, times, campeonatos em torno de alguns esportes que requeriam dispêndios de custo. Eram o lazer e a diversão que passavam ao largo de qualquer tipo de discussão política.

Aos poucos as igrejas, as direções das fábricas e o sindicalismo amarelo fizeram movimento de cooptação desses grupos recreativos para estabelecer pontos de contato com grupos de trabalhadores. Mas para além, e mais importante, que a cooptação política, a preocupação de empresários, autoridades e sindicalistas amarelos com os esportes dos trabalhadores, pois crescia a preocupação em torno da higiene da cidade. O crescimento das cidades em todo o mundo, por conta do aumento do número de fábricas

³⁵³ Ata do Comitê Central Restrito (Comissões e Presidium) de 10 de fevereiro de 1929, p. 6. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0422]

(volume e tipos de detritos novos) e urbanização crescente com a segunda revolução industrial, passou a ser uma preocupação do movimento operário como um todo e em particular, do movimento comunista internacional. A própria IC tinha seu departamento *Sportintern* que tratava especificamente do esporte proletário; com importante intersecção entre a IJC e a Internacional Sindical Vermelha.

A professora Cláudia Emília Aguiar Moraes comenta o livro *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*, de Ricardo Lucena apontando que:

“no contexto do desenvolvimento das cidades e da progressiva mudança nas relações sociais, a emergência das práticas esportivas figuraram [*sic*] como elemento de (re)adaptação dos indivíduos ao espaço urbano modificado. Segundo o autor, na rede de interdependências cada vez mais ampla e complexa, tecida por essa nova disposição social, estava a tensão da luta entre as diferentes classes sociais pela identidade entre si e pela distinção em relação aos outros. Isso significou a demarcação de uma nova postura da elite econômica que adotou o esporte como elemento de expressão da busca pela diferenciação social. Nessa direção, a distinção cultural, a escolaridade e o agrupamento de pessoas com o mesmo status econômico foram alguns critérios de diferenciação. Além disso, como o esporte era uma prática social herdadas das influências europeias, tornava-se, então, mais uma peça do arsenal simbólico que marcou as diferenças socioculturais entre as classes. Então, fatores, como identidade social e educação, segundo Lucena, caracterizaram a visão dos primeiros praticantes do esporte no Brasil, são singulares afirmações, tais como as que só enxergam ser possível praticar algum esporte pessoas com o mesmo nível educacional.³⁵⁴

O esporte proletário é o lazer proletário no escasso tempo de descanso do trabalho, da busca de emprego, dos afazeres domésticos, do biscate. As circunstâncias são as colocadas pelos bairros proletários, sem elaborações dos espaços e condições para além das possibilidades dos próprios trabalhadores (não havia estádios, quadras, as estruturas dos clubes burgueses, equipamentos públicos nem privados, para a realização do esporte e do lazer).

O lazer proletário, sobretudo a prática deste ou daquele esporte, era espaço e momento privilegiado para a aglutinação de trabalhadores e familiares. Uma oportunidade para a antessala da catequização, para a elevação de consciência e outras cooptações políticas ou religiosas; ou seja, uma injeção de fatores que propiciavam o

³⁵⁴ MORAES, Cláudia Emília Aguiar (2007) *Esporte proletário: uma leitura da imprensa operária brasileira (1928- 1935)*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, p. 32-33.

diálogo com e entre trabalhadores. Por essas características, nessa cena se dava também a disputa política, o que levou os sindicatos, independentemente das inclinações políticas de suas direções, a criarem departamentos esportivos em suas estruturas. Pulularam também diversos grupos esportivos e de recreação ligados aos trabalhadores. Por exemplo, um deles, o Centro de Jovens Proletários instituído pela JCB, é fruto desse tipo de atividade nos bairros operários. Alia a atividade esportiva e a atividade cultural, tendo em diversos de seus artigos, no Estatuto, a referência ao tema esportivo:

Artigo 1º (...) §3º - Desportivamente:

- a) Organizando quadros de vários ramos do desporto (ginástica, basquetebol, voleibol, futebol, peteca, corrida, natação, etc);
- b) Designando associados competentes para dirigir esses quadros;
- c) Realizando excursões e pic-nics com números desportivos, instituindo, sempre que for possível, prêmios entre os associados vencedores com o fim de incentivar o gosto pelos desportos;
- d) E para maior progresso desportivo contribuir para a fundação da Federação Desportiva Operária do Brasil.

(...) Artigo 15º - Ao diretor esportivo compete:

- a) Direção de todo o departamento esportivo do Centro;
- b) Organizar um regulamento interno que deverá ser aprovado pela C.E. [Comissão Executiva];
- c) Organizar os vários quadros desportivos;
- d) Organizar o programa desportivo nos festivais, pic-nics etc,³⁵⁵

O Centro de Jovens Proletários tem por recorte etário aqueles que estão entre: “15 e 25 anos sem distinção de sexo, cor, nacionalidade, confissão, credo político ou religioso, desde que esteja de acordo com os presentes estatutos.”³⁵⁶ Ou seja, o documento jurídico e de regramento também tinha a intenção de se projetar como um programa político. Cada um dos encarregados, seja artístico, ou desportivo tem de apresentar um relatório trimestral; o que mostra — pelo menos no regramento — dinâmica frenética da organização.

Em abril de 1929, o encarregado por Esporte Proletário da FJCB enviou um relatório onde historia o trajeto do esporte proletário no Brasil, coloca suas dificuldades e pontua o embate político que se dá entre a burguesia e o proletariado no em torno da luta política no âmbito do esporte:

Notamos que nestes últimos tempos, os trabalhadores, vêm se mostrando um tanto interessado pela questão social, atendendo, destarte, a palavra de ordem da vanguarda do proletariado.

³⁵⁵ *Estatutos do Centro de Jovens Proletários*, p. 6 e 9. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1017]

³⁵⁶ *Estatutos do Centro de Jovens Proletários*, p. 12. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1017]

Devemos acentuar, que o reboque da classe capitalista: - a pequena burguesia, segue-lhe os passos, com a única diferença que é a seguinte: - a classe capitalista, além de aproveitar financeiramente o operário, deturpa-lhe a mentalidade, e ainda não permite a colaboração deste na diretoria do clube ou em qualquer outra instância, a pequena burguesia permite não só a colaboração, mas, até se empenha em formar clubes de operários, impingindo-lhes a sua mentalidade, prejudicando desta forma os interesses genuinamente proletários.³⁵⁷

O dirigente esportivo comunista continua o seu relato apontando que a burguesia atrai os trabalhadores com grandes eventos esportivos, estádios, cobertura pela imprensa, investindo capital; em contraposição ao esporte proletário. Por contraposição, Moraes afirma que:

A tarefa de proletarização do esporte permitiu/exigiu do movimento operário a construção de uma percepção do que eles chamam de esporte burguês e a elaboração de críticas contra esse momento. O fenômeno esportivo era visto pelo movimento proletário, ao mesmo tempo, como um forte mecanismo/dispositivo de exploração e alienação e como meio possível de propagar os ideais proletários, fomentando a união dos trabalhadores, ou seja, “(...) o esporte [foi] um meio de luta conta o capital”³⁵⁸

A tradição anarquista do movimento operário brasileiro sempre repeliu qualquer tipo de esporte, seja ele proletário ou burguês. O principismo anarquista ensejou uma forma dos trabalhadores militantes encararem esse tipo de competição como uma variação de exploração. Mas, principalmente, a partir do final da década de 1920 essa percepção sofreu um giro. Nesse sentido, para travar essa luta de conteúdo esportivo:

(..) é que a Juventude Comunista resolveu o seguinte: fundar em todos os sindicatos seções esportivas as quais já se acham em bom funcionamento. (...) Os festivais esportivos proletários, organizados pela vanguarda do proletariado podem-se contar pelas vitórias que estes representam para os trabalhadores conscientes do Brasil. O primeiro, que se realizou no dia 16 de setembro de 1928 foi um magnífico festival, puramente operário; a ele compareceram vários pequenos clubes e todos os departamentos esportivo dos sindicatos.³⁵⁹

³⁵⁷ *Relatório do encarregado esportivo da J. Comunista do Brasil*, de 8 de abril de 1929, p.1. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1011]

³⁵⁸ MORAES (2007, p. 85)

³⁵⁹ *Relatório do encarregado esportivo da J. Comunista do Brasil*, de 8 de abril de 1929, p. 1-2. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1011]

A primeira demanda desse novo campo de luta seria instituir os clubes e os campeonatos para disputar a atenção dos trabalhadores. Outro desafio seria — sem perder a direção dos departamentos esportivos dos sindicatos — instituir maioria para a fundação da Federação dos Esportes Proletários

Em carta manuscrita assinada pelo Encarregado para Esportes Proletários do CC da FJCB (Garcia) e pelo Secretário Geral do CC da FJCB (Leôncio Basbaum) endereçada ao Secretariado Sul Americano da Internacional Juvenil Comunista³⁶⁰ — em pomposo papel timbrado da Federação dos Esportes Proletários do Rio de Janeiro — são noticiadas algumas iniciativas concernentes às resoluções congressuais e de conferência. A primeira é que foi instituída uma Comissão Nacional de Esportes com os encarregados do trabalho esportivo do partido e da organização juvenil comunista. Apresentam por um lado o crescimento no número de organizações esportivas, clubes e por outro a dificuldade de engajar esses jovens trabalhadores esportistas recém recrutados na dinâmica necessária de produção de campeonatos e disputas internas com outros setores dentro das federações esportivas. Há também uma denúncia: a “reação” invadiu a sede da Federação dos Esportes Proletário do Rio de Janeiro e assaltou os materiais (aparentemente uniformes e artigos esportivos), o que atrasou o início do campeonato. No Rio de Janeiro a Federação tem diversas modalidades para participar de competições: futebol, basquetebol, pingue-pongue, atletismo ligeiro, artes cênicas, inclusive com seções femininas.

O ano de 1929 segue com o desafio da ampliação da organização juvenil comunista em paralelo às perspectivas de eleição presidencial no ano seguinte, crise do café, embate entre os imperialismos etc. Essas e outras tantas pautas estiveram presentes nas diversas correspondências e reuniões preparatórias para a 1ª Conferência Comunista Latino Americana. A perspectiva de realização de uma conferência regional só de países classificados, no 6º Congresso da IC, como coloniais e semicoloniais, exigiu dos dirigentes regionais da IC um esforço nunca realizado de síntese teórica e política; que deveria além de seguir as orientações gerais da IC e do seu congresso, também as diversas demandas nacionais. Estas seriam levadas para o SSA-IC através de reuniões com os dirigentes nacionais para depois serem somadas, consideradas e sintetizadas ao diagnóstico continental.

³⁶⁰ Carta a “*Camaradas e irmãos do S. Sul Americano da Internacional Juvenil Comunista*”, de 5 de agosto de 1929. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1012]

Os rumos dessa síntese estavam dentro da lógica aprovada no 6º Congresso da IC. Além de terem reuniões que envolvessem a política geral como um todo, também houve diversas iniciativas das áreas de atuação. No setor juvenil, por exemplo, além de do fortalecimento do SSA-IJC em torno de “Pierre” (Zajari Rubinovitch) também foi lançado, a partir de janeiro, o *Correspondencia Juvenil Latino Americana — Boletín del Secretariado Sudamericano de la IJC*³⁶¹, uma versão juvenil de *La Correspondencia Sudamericana*. Houve também uma Conferência Sindical e, assim como, a 1ª Conferência Comunista Latino Americana deram maiores contornos ao:

Deslanche para uma nova fase da expansão comunista no Novo Continente. Com estes eventos, a IC consolida novos conceitos ideológicos e impõe a liderança do Bureau Sul-Americano. Ainda mais, coincidência da política radical de classe contra classe e o controle do aparelho central comunista na América Latina não são mero acaso. E é dentro do espírito dessa intencionalidade de Moscou que podemos entender os motivos da crítica feita ao PCB e, posteriormente, as mudanças que a CCE brasileira vai sofrer no decorrer de 1930. O cerne restritivo levantado pela IC vai ser a questão da aplicação tática do Bloco Operário e Camponês e os limites da ação sofridos pelo PCB.”³⁶²

Realizada entre 1º e 12 de junho de 1929, a 1ª Conferência Comunista Latino Americana, teve o tema juvenil como um de seus principais. Os delegados trataram, como capítulos da tese geral, da situação internacional e os perigos de uma possível guerra; da luta anti-imperialista e as táticas dos partidos comunistas na região, das questões sindical, camponesa, feminina, juvenil e das raças; das ligas anti-imperialista, das questões de organização e da estrutura do SSA-IC.

O ponto sobre as juventudes comunistas, “Projeto de teses sobre as tarefas do Partido no movimento juvenil”³⁶³ — a seguir um resumo dos tópicos trabalhados —, foi dividido em sete partes que tratam dos mais variados temas que envolvem desde a importância do trabalho comunista juvenil; suas tarefas no continente; a conquista da juventude trabalhadora; até a relação com os jovens pequeno burgueses, intelectuais; e a crítica às organizações juvenis através da leitura de seus defeitos e debilidades.

Aprofundaram a necessidade de organizar essa camada social que desempenha importante papel na produção e como será a penetração das organizações no campo.

³⁶¹ Interrompida em agosto, quando passa a ser uma seção dentro de *La Correspondencia Sudamericana*.

³⁶² CARONE, Edgard (1989) *Classes sociais e movimento operário*, São Paulo: Editora Ática, p. 270.

³⁶³ *La Correspondencia Sudamericana* nº 15 de agosto de 1929, Buenos Aires, p. 33-37. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

Como variar formas e métodos de trabalho para ampliar as organizações antimilitaristas e anti-imperialistas; sendo necessário a preparação dos futuros quadros dirigentes para os partidos comunistas.

Para tanto, segundo as teses, a juventude comunista latino-americana precisa estar preparada para tomar parte nos movimentos revolucionários de massas contra o imperialismo e o latifúndio. Conquistar junto com os comunistas “adultos”, com massiva propaganda e organização, a direção dos rumos e a hegemonia da luta revolucionária. Estabelecer as reivindicações imediatas da juventude trabalhadora e construir Ligas Camponesas com departamentos juvenis para atrair os jovens mais conscientes do campo. E onde houver organizações de massas que sejam organizados os departamentos juvenis para que se tenha um canal de transmissão com a Juventude Comunista de cada país.

A lógica colocada é de que a empreitada de conquista dos jovens trabalhadores era tanto difícil quanto necessária, para conquistar a classe operária como um todo. E que há uma naturalização da exploração que passa desde o aparato estatal, passando pelas escolas e pelos movimentos desportivos, pois a burguesia atrai os jovens em organizações pretensamente culturais para garantir o seu regime exploração.

O documento considera que a expressão mais elevada do movimento revolucionário juvenil — pequeno-burguês e intelectual — foi a “reforma universitária” que teve conflagração em 1918, mas que está, no período da 1ª Conferência, em pauta, num processo de desagregação. A reforma, explica o documento, se desagrega por conta da falta de rumo e influência dos ideólogos das burguesias nacionais. As federações juvenis comunistas devem denunciar esse caráter reacionário, mas considerar que há elementos anti-imperialistas nessa luta.

Ainda foram tratadas as experiências das federações juvenis comunistas, sobretudo suas deficiências. O diagnóstico apresenta que a maioria do efetivo das organizações juvenis comunistas do continente é composta por jovens trabalhadores. A consciência destes acabou por evitar o “verbalismo anti-imperialista” carente de sentido revolucionário posto por outras organizações pequeno burguesas. O documento reafirma a citação da resolução da IJC que “não é necessário basear-se nas organizações estudantis e revolucionárias para criar nossas organizações”, mas é necessário apoiar-se na juventude trabalhadora do campo e da cidade.

Sobre os problemas foram enumerados, como síntese das debilidades da organização juvenil comunista, como um todo, no continente: a da debilidade numérica; o baixo nível ideológico; a carência de quadros dirigentes; a inadequação no trato com os jovens (repetição mecânica dos métodos partidários)³⁶⁴; falta de ajuste das políticas para as características de juventude de países semicoloniais (o que enfraqueceria tanto as questões de organizações antimilitaristas e anti-imperialistas); trabalho insuficiente entre os jovens trabalhadores do campo e entre militares; pouca influência entre as categorias profissionais mais fundamentais para o desenvolvimento do capital; pouca campanha contra as organizações juvenis burguesas (sobretudo as desportivas); e baixa capacidade de alargar influência para círculos mais amplos.

Também trataram sobre a luta contra os adversários políticos dos comunistas: a socialdemocracia, a pequena burguesia corrompida, a ideologia nacionalista reacionária, trabalhistas, católicos, reformistas e os anarco-sindicalistas. Pois esses são, em potencial, aliados táticos do imperialismo.

Por último dos pontos das teses sobre o trabalho juvenil na América Latina foi tratado as vinculações políticas e orgânicas entre partido e federações juvenis comunistas. O papel dos dirigentes partidários é fundamental, segundo o documento, para fortalecer e ajudar o movimento juvenil. Essa proximidade deve acontecer das instâncias superiores às bases, sob discussões regulares. No ambiente extrapartidário, os dirigentes devem ajudar os jovens nas seções juvenis dos sindicatos, nas organizações desportivas, ligas anti-imperialistas etc. E imputa uma palavra de ordem organizativa: “ao lado de cada organização e célula do Partido, uma juvenil.”³⁶⁵

Esse é um compacto resumo das teses sobre o trabalho juvenil dos comunistas na 1ª Conferência Comunista Latino Americana³⁶⁶. O documento como um todo foi aprovado com uma artificial unidade, já que o esforço de se criar uma síntese continental passou por cima de especificidades dos partidos comunistas em cada país; sob a alegação de que todos estavam conceituados como semicoloniais.

³⁶⁴ Um erro crasso para a elaboração de Lênin que diz sobre os “modos”, “caminhos”, “formas” e “circunstâncias” diferentes da organização dos comunistas “adultos”.

³⁶⁵ *La Correspondencia Sudamericana* nº 15 de agosto de 1929, Buenos Aires, p. 37 [ASMOB — CEDEM/UNESP]

³⁶⁶ *La Correspondencia Sudamericana* nº 15 de agosto de 1929, Buenos Aires, p. 33-37 [ASMOB — CEDEM/UNESP]

Em 12 de junho de 1929 houve uma reunião em Buenos Aires para dar prosseguimento as tratativas da “Questão brasileira”. Os presentes³⁶⁷ tratam com centralidade a questão tática nucleada nas eleições presidenciais do ano seguinte. Não há diálogo. A direção regional da IC chama os dois representantes do PCB para um enquadramento estrutural. É uma intervenção arbitrária no método e no conteúdo político; uma violência política. Humbert-Droz apresenta a pauta delimitada apenas nas eleições; e Costa expõe a necessidade de considerarem uma chapa com a pequena burguesia e Luiz Carlos Prestes à frente, à luz de uma discussão mais ampla sobre a situação política e econômica do país. A reação dos dirigentes da IC é intimidadora e, aparentemente, orquestrada por uma tentativa de domar e intervir na direção do PCB.

Três dias depois (15/6) outra reunião com Rossi, Pierre e Codovilla pela direção do SSA-IC com os brasileiros Casini³⁶⁸, Leôncio Basbaum e Gubinelli³⁶⁹. Sem Costa, nem Humbert-Droz, a discussão fica aparentemente menos violenta, mas o enquadramento persiste. Em suma, aos olhos do SSA-IC, o PCB deve lançar candidato próprio, o BOC periga se tornar um instrumento anti-PCB e, para que isso não aconteça, o partido deve ampliar sua influência e direção sobre o BOC. O programa eleitoral do *Bloco* deve ser feito pelo partido. E as tratativas com Prestes deve ter deste a “adesão incondicional”.

Dessas duas reuniões uma passagem demonstra a falta de materialidade na análise da parte dos dirigentes da IC. Com teor quase carola, Jules Humbert-Droz (Luis) proclama: “Me parece que nosso Partido, frente à situação atual do Brasil, não tem fé na vontade revolucionária das massas”. O pretenso diálogo, que contém essa passagem, mostra a força da intensão para moldar os fatos à luz das vontades, dirigidas por interesses outros — que não o de entender o processo político brasileiro.

Em relatório de reunião de 25 de outubro de 1929, aponta a:

agudização entre imperialistas americanos e ingleses, a grave crise do café, a luta interna da burguesia nacional, a agravação dos descontentamentos populares que causaram as explosões revolucionárias de 1922-24, tudo isso são fatores que colocam o Brasil em uma situação de perspectivas revolucionárias e que o

³⁶⁷ Costa (é possível que seja João da Costa Pimenta), Gubinelli (Mario Grazini), Luis (Jules Humbert-Droz), Rossi (Egídio Gennari), Pierre (Zajari Rubinovitch) e Víctor Codovilla. Os dois primeiros membros do PCB. *Conversación con los delegados del Brasil sobre el problema de táctica*. 12 de Junho de 1929. Referência para os codinomes Em: JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor (2015) *América Latina en la Internacional Comunista, 1919-1943. Diccionario Biográfico*, Santiago: Ariadna.

³⁶⁸ Casini no *Diccionario* de Víctor e Lazar Jeifets aparece apenas com a referência da reunião em Buenos Aires em 15 de junho de 1929.

³⁶⁹ *Reunión del día 15 de Junio de 1929*. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0080]

Partido não poderia nunca perder de vista sob pena de ser depois arrastado a reboque pelos acontecimentos.³⁷⁰

Essa reunião é uma espécie de minuta das resoluções feitas em reunião do Plenum dias antes. Na verdade foram duas reuniões. Uma feita no âmbito partidário e outra da FJCB. Dentre as pautas, a quebra da bolsa de Nova Iorque semanas antes era vista como o desenrolar da leitura conjuntural feita desde o 2º Congresso do PCB (1925). As teses de *Agrarismo e Industrialismo*, de Octávio Brandão, com apoio e impulsionamento de Astrojildo Pereira era, ainda, o grande prisma de análise dos fenômenos internacionais e nacionais. Confluíam largamente, para a análise feita então, diversos fenômenos sob o guarda-chuva da luta de classes internacional e o PCB e a FJCB fizeram um “estudo das características de um próximo movimento, suas possibilidades e suas causas, e o meio de preparar o Partido e as massas para ele.”³⁷¹

O entendimento da crise tinha suas bases econômicas e políticas. Entendiam, naquele momento, que o desenvolvimento técnico havia aumentado como nunca a produção (mesmo a de antes da guerra). E a corrida por novos mercados gerava uma desestabilização e aumento das contradições internas do capitalismo. A solução para os imperialistas, imaginavam os comunistas, estaria numa nova guerra onde os países coloniais e semicoloniais, seriam instados a atacar a URSS e destruir o movimento revolucionário.

Isso se dava com contornos bem nítidos na América Latina, por exemplo, pela ação das “burguesias nacionais” — como o documento relata. Sendo o Brasil um importante palco para o desenrolar dessa cena da política internacional imperialista. Um trecho do relatório sintetiza a leitura feita e desenvolvida nessa segunda metade da década de 1920:

No Brasil essa luta encontrou as suas bases nas divergências internas da burguesia principalmente aquelas concernentes à questão do café. A Aliança Liberal representante da política da não valorização do café, portanto o imperialismo americano e a Concentração conservadora (Julio Prestes) partidária da política da valorização do café e de do Instituto do Café que é financiado e protegido pelo imperialismo inglês.³⁷²

³⁷⁰ *Federação da Juventude Comunista do Brasil* — 25 de outubro de 1929, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1013]

³⁷¹ *Federação da Juventude Comunista do Brasil* — 25 de outubro de 1929, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1013]

³⁷² *Federação da Juventude Comunista do Brasil* — 25 de outubro de 1929, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1013]

Ou seja, “Na luta presidencial o Partido Comunista não pode estar ao lado de nenhuma das duas correntes pois seria estar ao lado de um dos dois imperialismos.”³⁷³

Este é o segundo período que antecede uma eleição presidencial após a fundação do PCB. Em 1922, a eleição havia sido semanas antes do conclave de 25-27 de março — antes do início do longo estado de sítio. Já na eleição que vence Washington Luís, em 1926, não houve participação direta dos comunistas³⁷⁴ (apesar de já existir um embrião do Bloco Operário em Santos, no estado de São Paulo), pois o PCB diante da luta sindical contra os anarquistas e parte dos amarelos, suas tentativas de se estabelecer à luz das orientações da IC e do seu 2º Congresso, escapar das investidas da repressão e por conta, principalmente do estado de sítio, não havia se encaixado na vida política ordinária do país, como acontecerá nas próximas eleições.

O documento anuncia para os próximos dias o 1º Congresso do BOC (que vai se realizar bem diferente do programado e sob intensa violência policial) onde se “apresentará candidatos para presidente e vice-presidente da República bem como para deputados e senadores federais para todos os estados onde tivermos organização do partido ou do BOC.”³⁷⁵ Nesse momento, outro documento que corria à mão desses jovens comunistas era o projeto de resolução programática do congresso do BOC que dava bases para a participação dos comunistas e seus aliados nas eleições do ano seguinte e:

³⁷³ *Federação da Juventude Comunista do Brasil* — 25 de outubro de 1929, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1013]

³⁷⁴ “A abstenção nas eleições de 1926 também pode ser compreendida como um resultado das resoluções do II Congresso do PCB, nas quais transpareceria uma visão de que ao partido, como portador da “verdade operária” e titular dessa “reserva de domínio”, não era necessário exercê-las de modo contínuo e permanente diante da sociedade, bastavam apenas as críticas ao governo feitas por intermédio da sua imprensa. Tal postura (...) aliás, foi alvo das críticas feitas por Palmiro Togliatti, que muito insistiu, como forma de estabelecer tal ponte, na apresentação e difusão de um programa concreto de reivindicações políticas e reivindicações econômicas imediatas. Na carta em que tais críticas foram feitas, o comunista italiano, apesar de ter ciência da apresentação de um programa que coincidia com o que propunha, fez questão de reiterar a importância do tema, talvez por temor de que o programa dos comunistas brasileiros, lançado para o 1º de Maio, acabasse esquecido logo depois da data comemorativa. Em: KAREPOVS, Dainis (2006) *A classe operária vai ao parlamento — O Bloco Operário e Camponês do Brasil (1924-1930)*, São Paulo: Alameda, p. 45-46. Nessa correspondência citada por Karepovs, Ercoli (Palmiro Togliatti), ainda, se preocupa incessantemente com a organização dos “camponeses”, a luta contra o “feudalismo”, e por uma organização de uma confederação nacional de trabalhadores. Diz que é necessário organizar as massas “contra as leis de exceção (estado de sítio) que impedem o desenvolvimento de uma atividade política das massas (...) pela introdução e respeito das liberdades políticas elementares. Mas vocês não devem esquecer que palavras de ordem política geral são apenas parte do programa.” Carta *Au CC du PC du Brésil*, Ercoli (Le secrétariat du l’IC pour les pays de langue espagnole): Ercoli; p. 5. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0160]

³⁷⁵ *Federação da Juventude Comunista do Brasil* — 25 de outubro de 1929, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1013]

Outra questão importante definida no I Congresso do BOC foi a escolha dos candidatos da legenda. Manteve-se a orientação de apresentar “candidaturas operárias” e para o cargo de presidente e vice optou-se por deixar isto cristalino por meio da escolha dos nomes do marmorista Minervino de Oliveira e do ferroviário Gastão Valentim Antunes. Era a primeira vez na história do Brasil que trabalhadores disputariam estes cargos.³⁷⁶

O Programa do BOC continha 87 pontos que versava por diversos temas; desde a concepção do que era *Bloco*; seus objetivos táticos e estratégicos; a conceituação de burguesia e proletariado; explicação sobre o imperialismo; sua luta por anistia; reconhecimento da URSS; sobre legislações sociais e contra as investidas da reação; redução de impostos para os trabalhadores; reforma monetária; habitações populares; educação; voto secreto; reivindicações de soldados e marinheiros; sobre a tática de ser “a favor da classe média”; um longo trecho sobre a questão agrária; sobre os índios; sobre os partidos políticos, a sucessão presidencial de 1930 e a revolução brasileira. Dentro desses imenso rol programático o BOC apresenta suas reivindicações sobre a juventude junto com as pautas das mulheres. Revela, assim, sua disposição de hierarquia de pautas; dentre essas:

46) O Bloco Operário e Camponês do Brasil defende as seguintes reivindicações especiais da juventude e das mulheres proletárias: 1º - O aumento dos salários; 2º - O dia de 6 horas de trabalho, no máximo; 3º - A proibição do trabalho para os menores de 14 anos; 4º - A proibição do trabalho nas indústrias perigosas e insalubres (vidro, fósforo etc); 5º - 15 dias de férias, de 6 em 6 meses; 6º - A proibição dos “serões; 7º - O direito de voto aos maiores de 18 anos; 8º - Para trabalho igual, salário igual; 9º - A redução da aprendizagem ao máximo de 2 anos; 10º - O salário de acordo com o custo de vida.³⁷⁷

Esse tópico do programa estava de acordo com as reivindicações que eram trabalhadas nos departamentos juvenis dos sindicatos e o que a JCB e a FJCB haviam elaborado até então, a partir da luta concreta e das orientações da IJC. Sendo alguns pontos históricos do movimento juvenil de trabalhadores há décadas ou da própria tradição do movimento sindical brasileiro.

³⁷⁶ KAREPOVS, Dainis (2001) *A esquerda e o parlamento no Brasil: o Bloco Operário e Camponês (1924-1930)*, Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação do Professor Doutor Edgard Carone; p. 608

³⁷⁷ KAREPOVS (2001), p. 660-661.

O relatório da reunião do 29 de outubro também se debruça sobre “os perigos de direita”, onde se demarca os receios de cisões e “desvios que tendem a perturbar a marcha revolucionária do partido”. Isso se refletia no diagnóstico de opiniões divergentes ou aparentemente divergentes que se pronunciavam, mas que não havia chegado “ainda a constituir verdadeiras correntes” internas. E para, em tese, combater esses perigos era necessário crescer numericamente a FJCB; então a palavra de ordem levantada para esse crescimento foi de “Mil aderentes até 1930”. O Secretário Geral que assina o relatório inclina uma digressão que considera:

Claro está que esta palavra de ordem não manifesta apenas a nossa vontade de aumentar os efetivos da nossa organização nem apenas a necessidade de fazê-lo, mas também a existência de condições concretas que o permitem. O estado de miséria das massas, principalmente da juventude dos campos, a situação de crise econômico-política, com grandes perspectivas de um movimento armado são os principais fatores objetos para a realização da nossa palavra de ordem. A comissão de Organização dividiu proporcionalmente as tarefas e cada Região ou Zona para o recrutamento. Por isso dizemos que o eixo principal do nosso Plenum é Pela conquista dos Mil Aderentes.³⁷⁸

Essa possibilidade de crescimento se apoia em uma proporcional campanha de Agit-prop estendida tanto nas diversas bases como nas fábricas e oficinas onde há diversos níveis de trabalho dos jovens comunistas. Para tanto foi decidido também que aumentasse para 10 mil a tiragem do órgão oficial da FJCB, o jornal *O Jovem Proletário*. Os temas ainda tratados versavam sobre as áreas: os trabalhos *Anti*, os frutos da *Semana da Juventude Proletária* (realizada um mês antes) e as questões sindical, esportiva e agrária. Essas questões, táticas e estratégias, devem ser, na orientação do Secretário Geral,

traduzidas em linguagem clara para o jovem da fábrica e do campo. Elas não devem ser conhecidas apenas pelos membros da Juventude. É necessário interessar nelas também os jovens dos sindicatos, dos clubes esportivos, conhecimento de toda a juventude organizada e desorganizada (...) ³⁷⁹

³⁷⁸ *Federação da Juventude Comunista do Brasil* — 25 de outubro de 1929, p. 2. Grifo do original. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1013]

³⁷⁹ *Federação da Juventude Comunista do Brasil* — 25 de outubro de 1929, p. 3. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1013]

Em 1º de novembro, Basbaum envia uma carta³⁸⁰ para Russildo Magalhães (Rus)³⁸¹, que estava na Rússia, em que lhe concede credencial para participar em nome do CC da FJCB da reunião do CC da IJC que se realizaria em breve. A ideia era estabelecer um canal direto com a instância superior sem que houvesse o intermédio regional, do SSA-IC. Faz ser conhecido o “resumo das resoluções do 2º Plenum do nosso CC [da FJCB] realizada [*sic*] há pouco e cujas cópias enviamos junto.”³⁸²

No mesmo dia Basbaum envia uma carta³⁸³ aos brasileiros que se encontravam em Moscou para credenciar Russildo para a reunião do CC da IJC, aproveitando para enviar os relatórios da situação da FJCB. Fez uma ponte para Russildo com Américo Ledo (Astrojildo Pereira) “para auxiliar a intervenção” de Rus. Essa foi uma forma de envolver outros dirigentes (principalmente os que se encontravam em Moscou) para conhecerem as resoluções sobre as questões juvenis. E envia as mesmas resoluções.

Basbaum estava entendendo — e deixou em suas memórias — que a proletarização que guiava as resoluções do movimento comunista latino americano estava enviesadas e era isolacionistas — levava a organização juvenil comunista para longe das massas e do processo político que elevava as consciências dos jovens trabalhadores³⁸⁴. A proletarização aprovada:

(...) tinha apenas um sentido romântico: proletarizar-se significava, segundo alguns, abandonar hábitos burgueses, só fumar cigarros baratos, andar mal vestido (...) até mesmo tomar banhos diários era um resquício pequeno-burguês capaz de afetar a ideologia proletária do Partido.³⁸⁵

³⁸⁰ *Carta de Leôncio para “Camarada Rus”*, de 1º de novembro de 1929. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1014]

³⁸¹ Russildo Magalhães nesse momento tinha 22 anos, negro de família operária, era da construção civil e membro do sindicato desde 1927. Aderiu à JCB em 1928 e ascendeu ao CC da FJCB em 1929, quando participou em Buenos Aires de reuniões que trataram da “Questão brasileira” com o Secretariado Sul Americano da IC. Estava estudando, desde maio de 1929, na Universidade Comunista de Trabalhadores do Oriente (KUTV), e lá ficou até 1931. Seu codinome na universidade era “Lesov”. JEIFETS (2015, p. 414).

³⁸² *Carta de Leôncio para “Camarada Rus”*, de 1º de novembro de 1929. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1014]

³⁸³ *Carta de Leôncio para “Caros camaradas”*, 1º de novembro de 1929. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1015]

³⁸⁴ Cabe aqui ressaltar que a leitura feita pelos comunistas brasileiros das resoluções do 6º Congresso da IC e da 1ª Conferência Comunista da América Latina teve um apelo, sectário, de extremismos, superficial, propagandístico (sem considerar as realidades continental e nem a brasileira para estruturar sua tática), com pouca capacidade de projetar a ampliação de suas alianças. Entendiam aquele processo como se apenas a classe operária “pura” e sozinha poderia dar consequência à revolução levando a um isolamento político, transformando assim o PC numa proto-seita formada por membros dimensionados por dogmas, um gueto político. Ao mesmo tempo que há a preparação da mudança substantiva da direção. Uns afastados, outros ascendem a postos elevados, na maioria das vezes sem condições políticas, teóricas, ideológicas e de experiência de direção partidária.

³⁸⁵ BASBAUM, Leôncio. *Uma via em seis tempos*, São Paulo, Editora Alfa Ômega, 1976, p. 75.

A atitude de tornar internacionais as características positivas do Partido Bolchevique resultou no que tem sido considerado a Bolchevização dos partidos comunistas. Isto é, considerar as qualidades que levaram àquele partido a uma revolução vitoriosa na Rússia, para o interior da construção da concepção de partidos comunistas em todo mundo. Seriam abolidas as ideologias pequeno-burguesas da vida interna partidária colocando em evidência o caráter proletário (daí a proletarização) da construção partidária tanto na sua composição social quanto na moralidade.

A prática da bolchevização do PC do Brasil foi um obreirismo — este entendido como vulgarização da ideia de proletarizar o partido.

A política obreirista provoca graves resultado, com consequências negativas para a direção do PCB, pois acentua valores idealizados sobre a virtude do militante. Ao defenderem a nova posição, os militantes do PCB confundem o fato de o indivíduo pertencer à classe operária com o de representar as virtudes ideais da classe proletária. Daí a ideia de que, para ser militante proletário, é preciso ser de origem proletária ou se identificar fisicamente com o proletariado, usando a mesma roupa, mantendo exteriormente a mesma aparência etc. Comunista não é só um indivíduo que luta pela transformação da sociedade, mas a transformação se fará unicamente por aqueles que pertencem à classe operária. Daí a aparência ser elemento de valor, que transmuta o indivíduo no ser ideal proletário.³⁸⁶

Inúmeras atividades massivas aconteceram para aumentar a capilaridade da organização. A “Semana dos 3 ‘L’” (LÊNIN, Karl LIEBKNECHT e Rosa LUXEMBURGO) seria, como foi a Semana da Juventude Proletária em setembro de 1929, uma série de comícios, organizados pela FJCB, em portas de fábricas elevando as figuras revolucionárias e defendendo a URSS. Internamente foi feito em tom de propaganda parágrafos contendo pequenas referências biográficas para que o conjunto dos militantes da FJCB pudesse conhecer os revolucionários, tendo assim, um papel educativo voltado para os jovens trabalhadores:

Por isso, para comemorar a morte destes três grandes lutadores, instituímos a Semana dos 3 ‘L’ (Lenine, Liebnecht e Luxemburg), que será de 17 de janeiro próximo a 23 do mesmo mês. A “SEMANA DOS TRÊS L” deve ser bem preparada de modo que durante a semana, todos os dias se realizem comícios nas portas das fábricas e nos bairros operários, reuniões especiais das células com

³⁸⁶ CARONE, 1991, p. 55.

simpatizantes e operários sem partido, distribuição de manifestos contendo as nossas palavras de ordem, recrutamento (...).³⁸⁷

Neste período por conta da instabilidade política — por ajustes de representação e participação dos mais diversos atores políticos —, das prisões feitas pelo governo provisório e da insuficiente presença do PC do Brasil nas massas populares e operárias; o número e a qualidade dos quadros dirigentes desse partido era bastante pequeno. A necessidade, à luz da proletarização, de continuar conduzindo as atividades dos comunistas fez com que assumissem a direção, operários que não tinham esta carga de experiência. Dentro da lógica de proletarização do partido, operários “autênticos” iniciaram um período de extrema radicalização do PC que teve trágicos desdobramentos.

A análise no processo revolucionário da América Latina foi feita no 6º Congresso da IC nas intervenções de Bukharin, Ricardo Paredes, Humbert-Droz e Travin. Veem um continente monolítico, não consideram as particularidades nacionais de formação política, econômica, social, cultural e histórica de cada país. A resolução é muito parecida com a para Índia e China, pois a isso se deve à abstração levada com pouca materialidade em que considera os países do continente latino americano serem compostos por países coloniais ou semicoloniais. Leva-se em conta muito profundamente a generalidade do modo de produção e tão pouco a ideia de formação econômico e social dos países. Sendo os PCs destas localidades, então:

os únicos que podem levar as massas à revolução. E, para isso, o *novo curso* impõe a unidade do movimento sindical, não unidade pela unidade, mas a ‘concentração de forças organizadas com a intenção de tornar mais eficazes os combates de classe do proletariado’³⁸⁸.

Ao mesmo tempo em que as resoluções do 2º Pleno sectarizavam na construção da política, tinham a perspectiva de abrir as possibilidades de movimento juvenil comunista a ponto de terem como a “campanha mil aderentes”³⁸⁹ à FJCB que dariam maior corpo ao trabalho. Apesar da política sectária ansiavam por construir uma organização mais enraizada na sua base social. A contradição entre a leitura enviesada

³⁸⁷ Carta de “o delegado do CC da FJCB”, para “Caros Camaradas”, de início de 1931. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1050]

³⁸⁸ *Apud* CODOVILLA, Victorio. *Que es El Tercer Período?*, Montevideu, s/d, p. 30-36; In: CARONE, Edgard (1989) *Classes Sociais e Movimento Operário*, São Paulo: Ed. Ática, p. 257.

³⁸⁹ *Circular sobre o 2º Plenum do CC da FJCB*, de 25 de outubro de 1929, assinado pelo Secretário Geral, p. 2. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1013]

da realidade nacional e as perspectivas de crescimento da FJCB foi nesta fase o principal problema de desenvolvimento orgânico da organização juvenil.

Para ser tão grande e influente, a FJCB teria que se apresentar de forma mais massiva aos jovens trabalhadores, elaborar bandeiras de luta, propagandear seus princípios, filiar jovens que já estivessem na luta social da juventude e educar ideologicamente esses novos aderentes para que pudessem ser reprodutores desta ação dando maior musculatura à entidade. Para alcançarem o sucesso do desafio, um instrumento de propaganda se faz mais do que necessário e desde o congresso já se tinha:

medidas concretas de como as células podem executar um ativo trabalho de propaganda nos seios das fábricas e nos campos. Falou-se muito ainda acerca dos pequenos jornais de fábrica como está fazendo o Partido. (...) *O Jovem Proletário* — Este será [o] órgão central da nossa organização. (...) Achou-se ainda a necessidade de aumentar sua tiragem ficando resolvido que se fizessem todos os esforços para que o último número deste ano tivesse 10 mil exemplares.³⁹⁰

Além da aproximação da juventude trabalhadora através de bandeiras que melhorassem as condições, diminuíssem horas diárias de trabalho e aumentasse os salários, a FJCB planejou dar investimento político para o trabalho antiimperialista, antimilitarista e na luta contra a guerra visando o reerguimento da Liga Antiimperialista, assim podendo dar mais fôlego à sua sessão juvenil. Mas esse trabalho ficou por este momento concentrado em soldados e marinheiros sem ter tido uma capilaridade maior entre estudantes e jovens trabalhadores.

Na virada de novembro para dezembro, Basbaum faz outro relatório e agora com um ponto novo: a “situação geral da classe trabalhadora e da juventude proletária”. Onde se referenciam nos últimos meses sobre a situação social dos trabalhadores brasileiros, sobretudo a juventude. A s primeiras linhas do documento, se posiciona como um tipo de conteúdo que até então era raro nas elaborações da organização juvenil comunista e começará a ser mais presente:

A juventude trabalhadora é diretamente tocada por essa situação aflitiva das massas, não apenas pelo começo da racionalização na indústria existente, mas principalmente pelo regime de semi-escravidão e semi-servidão reinante nos latifúndios. Aí o jovem começa a trabalhar aos 8 anos de idade, de sol a sol, sem salário, quase sempre trabalhando com a família, outras vezes executando trabalhos como assalariado. As condições de trabalho são as piores

³⁹⁰ *Circular sobre o 2º Plenum do CC da FJCB*, de 25 de outubro de 1929, assinado pelo Secretário Geral, p. 2. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1013]

possíveis, higiene, instrução primária, proteção ao trabalho, já são muito precárias nas cidades, onde o jovem trabalha na indústria. No campo essas condições faltam completamente. Podemos avaliar em 40% o número de jovens trabalhadores na indústria, havendo empresas, como fábricas de tecidos onde a maioria é constituída de jovens. No campo, entretanto essa porcentagem é muito maior pois cada família tem [de] 3 a 4 filhos e todos eles trabalham já desde os primeiros anos. Essa situação de miséria é a condição subjetiva [sic] de uma nova explosão revolucionária, pra onde caminhamos levados pela grave crise por que atravessa o Brasil.³⁹¹

Há uma tentativa crescente de caracterizar a situação social da juventude. São números baseados na empiria, em geral, mas que ajudam na elaboração e na argumentação das resoluções e orientações. Revela-se aos poucos um quadro social da juventude brasileira, com centralidade no jovem trabalhador — seja da cidade ou do campo.

Esse diagnóstico é colocado no documento de Basbaum como a conjuntura que serão trabalhados os impulsos de desenvolvimento da organização juvenil comunista. Faz um rápido balanço por uma pequena tabela* do crescimento numérico da JCB/FJCB onde apresenta os marcos da atividade política e o aumento de aderentes. Em menos de um ano e meio o salto foi de surpreendentes 500%.

Data	Marco político	Nº
Junho de 1928	Partida do delegado brasileiro ao 5º Congresso do KIM	60
Outubro de 1928	Volta do delegado brasileiro do 5º Congresso do KIM	80
Janeiro de 1929	Congresso de Fundação da FJCB	120
Julho de 1929	1ª Conferência Latino Americana das FJCs	200
Outubro de 1929	2º Plenum do CC da FJCB	300

**Relatório Geral da Federação da Juventude Comunista do Brasil* [arquivado em 9 de dezembro de 1929], assinado por Leôncio Basbaum — Secretário Geral da FJCB. p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1016]

Mesmo com as dificuldades que iam desde os problemas financeiros para gerar materiais de comunicação, até o tamanho continental do Brasil que impossibilitava, muitas vezes, a comunicação e a ágil orientação política, a FJCB entre outubro de 1928 e outubro de 1929 teve um aumento significativo de seu efetivo concentrados no eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Aumentou também sua influência para estados como Paraíba, Ceará e Alagoas, que mesmo com poucos aderentes em janeiro de 1930.

³⁹¹ *Relatório Geral da Federação da Juventude Comunista do Brasil* [arquivado em 9 de dezembro de 1929], assinado por Leôncio Basbaum — Secretário Geral da FJCB. p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1016]

O relatório de Basbaum segue com os detalhes das localidades — ainda não se havia apresentados dados com esse nível de detalhamento. As células, como desde o início, se desenvolvem a partir das cidades, onde estão as indústrias, principalmente.

Desde o começo da nossa organização temos trabalhado para que ela fosse constituída a base de células. Com muitos tropeços de inexperiência e ainda com alguns defeitos essa base existe em todas as Zonas onde possuímos mais de 10 membros: Região do Rio (compreende o Rio de Janeiro, Petrópolis e Niterói); São Paulo (São Paulo, Santos, Ribeirão Preto, Sertãozinho, Batatais); Campos, Porto Alegre, Vitória; Recife. Em outras Zonas apenas alguns elementos: Mossoró, Fortaleza, Catanduva, Cruzeiro.³⁹²

Outro dado* importante que foi apresentado no relatório de Basbaum, a composição social do efetivo da FJCB, são números de base empírica, como tendência, mas que ajudam a dar dimensão na composição da organização juvenil comunista. Abordamos essa tendência da composição social tendo como volume do efetivo na cidade e não o contrário, no campo, onde estava a grande maioria da população e dos trabalhadores brasileiros. Ou seja, diante do número de operários os comunistas eram minoria — menor ainda o número dos jovens comunistas — e perante a população brasileira, então, eram um efetivo ínfimo.

Setor	%
Operários industriais	85%
Trabalhadores do campo e camponeses	5%
Empregados no comércio	5%
Estudantes	5%

* *Relatório Geral da Federação da Juventude Comunista do Brasil* [arquivado em 9 de dezembro de 1929], assinado por Leôncio Basbaum — Secretário Geral da FJCB. p. 2. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1016]

Assim como a própria composição social do PCB, a da FJCB está quase que completamente concentrada nas cidades. A soma dos setores urbanos é 95%. E como o próprio Basbaum aponta, é um efetivo que precisa aumentar nas minas, estradas de ferro, fazendas de café; e na cidade é necessário crescer na indústria básica, pois a FJCB está presente nas oficinas e fábricas secundárias. E as dificuldades são postas:

Nossa orientação tem sido justamente penetrar aí, mas existem dificuldades de várias ordens. Vejamos no campo, nas fazendas

³⁹² *Relatório Geral da Federação da Juventude Comunista do Brasil* [arquivado em 9 de dezembro de 1929], assinado por Leôncio Basbaum — Secretário Geral da FJCB. p. 1-2. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1016]

de café. Nossa literatura é em grande parte inútil, ainda que tenhamos é insuficientíssima. Quando o colono é estrangeiro, não conhece o português; quando é nacional, raramente sabe ler. A propaganda oral também é difícil porque é proibido entrar nas fazendas que são verdadeiros feudos.³⁹³

Segue o relatório apresentando as dificuldades que se apresentam para a FJCB. Basbaum repete algumas que Luís Peres havia apresentado pouco antes de deixar a tarefa de dirigente juvenil comunista, três anos antes. Dentre elas a financeira, já que a contribuição viria dos próprios membros da FJCB, mas estes são pobres, trabalham e ganham pouco. O partido também não podia subvencionar a organização juvenil. Outra é a dificuldade de construir uma corrente política num país de tamanho continental e com poucas vias de acesso às diferentes regiões, com serviço postal e passagens de trem caros.

Outro problema apresentado por Basbaum é o tipo de literatura para apresentar à militância. Por um lado parte do efetivo é analfabeto ou alfabetizando; por outro existem os jornais *A Classe Operária* e *O Jovem Proletário*, que são insuficientes para formar a militância. Às “vezes aparece alguma literatura em espanhol e existe o ABC do

³⁹³ *Relatório Geral da Federação da Juventude Comunista do Brasil* [arquivado em 9 de dezembro de 1929], assinado por Leôncio Basbaum — Secretário Geral da FJCB. p. 2. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1016] Em relatório de alguns meses depois essa preocupação se apresenta com contornos mais definidos: “Nossos camaradas não têm nenhuma leitura marxista, nem leninista etc. No Brasil não existem livros dessa natureza. De fora não chegam nem sequer um só livro. Poucos são os camaradas que leem, trabalham na prática não tendo nenhuma capacidade para a orientação ideológica. (...) Não temos todavia nenhum material do último Congresso Juvenil realizado em Moscou.” Em: *Situación de la juventud proletaria del Brasil*, p. 4. s/d, provavelmente de meados de 1930 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1020]. Afora o elitismo intelectual da opinião do relator que emprega a ideia de que trabalhador “prático” não tem “capacidade de orientação ideológica”, há flagrante problema de fluxo de materiais, pois o último congresso juvenil foi realizado há um ano e meio e não chegou à direção da FJCB suas resoluções e outros materiais; e nem o SSA-IJC solucionou o problema. Por fim, a afirmação de quem no Brasil não existem livros dessa natureza não se confirma. Já desde a década anterior, mesmo que edições de tiragem tímidas, foram publicadas diversos manuais e obras de Lênin. Em 1920, *A luta pelo pão, de Lênin*, Rio de Janeiro (sem casa editora — scp). Em 1923, Octávio Brandão traduziu, pela primeira vez editado no Brasil, do francês, publicado em fascículos no jornal *Voz Cosmopolita*, o *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels — editado no ano seguinte pelo PCB em Porto Alegre; no mesmo ano o jornal *Voz Cosmopolita*, Rio de Janeiro, editou em livro o trabalho de Brandão *Rússia proletária* com um vistoso desenho único que tomava a capa e a contracapa feito pelo pintor simbolista, cartunista e ilustrador Miguel Capllonch (que adornava vários jornais anarquistas); neste mesmo ano, de autoria de Lênin, foi publicado *O cidadão e o produtor*, Pernambuco (scp). Em 1926, *Agrarismo e industrialismo*, de Octávio Brandão com o pseudônimo de Fritz Meyer. Em 1927, o PCB publicou o manual *ABC do Comunismo*, de Nicholai Bukharin e Evgeni Preobrajensk, Rio de Janeiro; e em 1929, também publicado pelo partido, *Abre teus olhos*, de Octávio Brandão, Rio de Janeiro. Em 1930, *O marxismo*, de Lênin, São Paulo (scp); *A revolução brasileira* de Afonso Schmidt — com o pseudônimo de Moacir Marques — São Paulo (scp); e *Os dez dias que abalaram o mundo*, Lux, Rio Grande do Sul. Sendo, a partir dessa lista incompleta, uma desinformação afirmar que no “Brasil não existem livros dessa natureza.” Outros várias obras foram publicadas como é possível constatar em CARONE, E. (1986) *O marxismo no Brasil (das origens a 1964)*, Rio de Janeiro: Dois Pontos Editora, p. 185-187.

Comunismo, de Bukharin que “apesar de ser um livro elementar é ainda um pouco pesado para os nossos jovens.”³⁹⁴ Ele aventava de que fosse produzido por eles mesmos algum material escrito, que fosse “‘bastante elementar’ com tarefas práticas (trabalho de células, sindical etc) mas à vista das dificuldades para editar, os projetos caem antes de serem aprovados”³⁹⁵. Afora que não recebiam material de outros países “em língua estrangeira útil”. Por “útil” Basbaum quis se referir, principalmente o italiano — pois a grande massa de trabalhadores que estavam no eixo Rio-São Paulo eram oriundos da Itália, mas recebiam da IC e da IJC muitas publicações em francês espanhol e até russo, inglês e alemão. Havia o problema também dos materiais que os organismos internacionais enviavam não eram em sua imensa maioria em português:

A IC resolveu, ainda por ocasião do 6º Congresso, editar algumas obras em português. Ainda não o fez por várias razões. Mas mesmo quando o faça [*sic*] não servirá completamente para a juventude, pois nós precisamos [de] alguma coisa de especial para os jovens e sobretudo para os jovens do Brasil.³⁹⁶

Das dificuldades, ainda, a próxima que aparece no relatório é sobre o trabalho *antimil*. Um jornal (que não é dito o nome) era distribuído entre soldados, marinheiros e policiais militares numa tiragem de três mil exemplares. Mas com a polícia tendo um mapa mais preciso das gráficas e máquinas de prensa vai ficando mais perigoso editar jornais para esse público, pois os donos das gráficas têm menos simpatia por jornais desse tipo do que jornais de caráter sindical.

Já o trabalho de esporte proletário deslança, mas poderia deslançar mais se não fossem as dificuldades do tamanho do país e falta de dinheiro. A última, segundo o relatório, reunião latino-americana que tratou do tema “lançou a palavra de ordem de Spartakiada Latino Americana”, ou seja, uma olimpíada continental de esportes proletários. A FJCB, diz Basbaum, que está propagandeando o evento, mas precisa de recursos do Sportintern para seguir adiante.

³⁹⁴ *Relatório Geral da Federação da Juventude Comunista do Brasil* [arquivado em 9 de dezembro de 1929], assinado por Leôncio Basbaum — Secretário Geral da FJCB. p. 3. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1016]

³⁹⁵ *Relatório Geral da Federação da Juventude Comunista do Brasil* [arquivado em 9 de dezembro de 1929], assinado por Leôncio Basbaum — Secretário Geral da FJCB. p. 3. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1016]

³⁹⁶ *Relatório Geral da Federação da Juventude Comunista do Brasil* [arquivado em 9 de dezembro de 1929], assinado por Leôncio Basbaum — Secretário Geral da FJCB. p. 3. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1016]

Sobre *O Jovem Proletário*, diz o relatório, que segue alguma constância no período entre edições e tiragem. É mais distribuído do que vendido, pois o público de destino não tem recursos para comprar jornais. Sob ilegalidade da FJCB e falta de recursos o tempo despendido pelos responsáveis do jornal é muito maior se fosse em condições com um número menor de dificuldades. Os recursos internacionais para o jornal, até foram aventados, mas não foi possível concretizar.

Do trabalho sindical da FJCB, o relatório teve maior intensidade com o fortalecimento da CGT (Confederação Geral do Trabalho) e a preparação de departamentos juvenis em Comitês de Fábricas de sindicatos fechados pela polícia.

Apesar de colocar abertamente sobre a concordância da linha política seguida pelo partido e a adesão a esta pela FJCB, Basbaum aponta um problema:

Nossa queixa, entretanto, parece-nos, é a queixa de todas as Fed. Juvenis: o Partido, na realidade, não compreende a importância do Problema Juvenil. Naturalmente, não nos referimos à direção, mas é que a base não está suficientemente instruída acerca desse problema. E há membros do Partido que acreditam que a nossa organização é como um clube de futebol.”³⁹⁷

Um último ponto, revelador, da situação de Basbaum e da FJCB no contexto da proletarização/ bolchevização, é citado ao fim do documento: as relações com o KIM. Num primeiro item: “Parece-nos necessário um intensificação das nossas relações pois temos estado um pouco isolados da situação internacional.” E noutro:

Para terminar queremos que o CC do KIM não veja, no fato de citarmos as nossas dificuldades, como um pessimismo da nossa parte e muito menos um pretexto para nada fazer. Ao contrário, sempre existiram essas dificuldades e sempre temos trabalhado apesar delas. Apenas o que desejamos é afastá-las e para isso justamente recorremos a IJC para que faça por nós aquilo que é necessário e possível fazer.”³⁹⁸

As dificuldades citadas por Basbaum não estão refletidas na matéria publicada em *Correspondencia Sudamericana* em fevereiro de 1930. Ali a FJCB está no “caminho da consolidação” e seu desenvolvimento rápido é explicado “perfeitamente pela situação objetiva do país.” Tem uma “base formidável” no seio da “juventude

³⁹⁷ *Relatório Geral da Federação da Juventude Comunista do Brasil* [arquivado em 9 de dezembro de 1929], assinado por Leôncio Basbaum — Secretário Geral da FJCB. p. 4. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1016]

³⁹⁸ *Relatório Geral da Federação da Juventude Comunista do Brasil* [arquivado em 9 de dezembro de 1929], assinado por Leôncio Basbaum — Secretário Geral da FJCB. p. 4. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1016]

trabalhadora” que faz parte de “importante camada da classe operária” brasileira. As forças da FJCB aumentam e ela se “encontra diante dos grandes combates de classe”. Tem “influência inegável sobre numerosa camada das massas juvenis trabalhadoras”. “Participa de greves” e mesmo com dificuldades “conduz um trabalho sistemático e perseverante no exército e na marinha de guerra.” Essa é a parte elogiosa da mensagem. A matéria tem duas intenções — como parte do papel do próprio periódico —, por um lado informar o restante dos países da América Latina a situação dos mais diversos partidos comunistas; é um informativo, ou melhor tem caráter horizontal. Por outro lado é orientador dos diversos países, mas, como numa matéria como esta, ele orienta o sujeito da própria matéria.³⁹⁹

A outra parte da matéria é vertical. É o papel orientador e diretivo do periódico em relação ao sujeito da matéria. Tão característico do jornal organizador preconizado por Lênin em *O que fazer?*. Se coloca como indicativo das tarefas que a organização tem que realizar: essas condições todas de crescimento exigem “DUPLICAR SEUS ESFORÇOS, TRIPLICAR SUAS ATIVIDADES”, assim mesmo, em caixa alta, se revela a orientação e deixam opacos os elogios. E por todo o documentos aparecem, como cifras, signos, ênfases em caixa alta ou baixa que revelam a intensão da matéria. Em outro ponto, em que se realça a necessidade de buscar fortalecer o trabalho semi-legal: “e SOBRETUDO DEVEM fortalecer nossa organização ilegal”, ou seja, a parte mais difícil, mais perigosa, que necessita de atenção e cuidados especiais não está sendo desenvolvida como devia; pois, mais pra frente “nossa Federação tem tido DEBILIDADES GRANDES nos últimos tempos e especialmente no que concerne à tarefa de mobilizar as massas juvenis contra a reação.”⁴⁰⁰ Os próximos dois anos serão de críticas à FJCB por parte do SSA-IJC que acarretarão constantes mudanças de linhas, de políticas e de direções da FJCB. Uma rotatividade grande de dirigentes que não ajudou a constituir uma estabilidade na organização, ainda mais sob ataques da repressão.

No início de 1930 a FJCB enviou uma carta para o SSA-IJC (sediado em Buenos Aires) alertando que talvez, pela falta de chegada de materiais da instância superior localizada na Argentina, houvesse alguma barreira na fronteira como “importação

³⁹⁹ La juventud brasileña en lucha Em: *Correspondencia Sudamericana* nº 25 de 15 de fevereiro de 1930, p. 13. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

⁴⁰⁰ La juventud brasileña en lucha Em: *Correspondencia Sudamericana* nº 25 de 15 de fevereiro de 1930, p. 13. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

proibida”. Jeremias, “pelo Presidium”, o remetente, relata suas impressões de inação dos últimos tempos

(...) o nosso trabalho, como o do Partido passou por uma grande fase de perigosa passividade. Quase nenhuma agitação de massas nenhum trabalho intenso de propaganda nenhuma agitação em torno do programa do BOC e além disso uma maior passividade dos nossos representantes parlamentares. Uma autocrítica constante nos faz entretanto procurar sempre uma linha exata.”⁴⁰¹

A carta relata não só as dificuldades geradas pela crise econômica, após quatro meses de crise financeira estrutural que quebrava empresas e economias inteiras, mas também as de ordem política, como as greves reprimidas pela polícia e as mobilizações da Aliança Liberal que se movimentava para as eleições dos próximos dois meses. A “passividade”, dita por Jeremias, com relação ao programa do BOC mostra como estavam se dando a pauta eleitoral para os comunistas, pois:

a campanha do BOCB acabou sendo mais uma sucessão de prisões, de dissoluções de comícios e de outras arbitrariedades da repressão do que um movimento de agitação, disputa de ideias e difusão de posicionamentos. A este respeito os membros do Grupo Comunista Lenin, que defendia as posições da Oposição Internacional de Esquerda, e que agrupava parte dos militantes comunistas expulsos no último período⁴⁰²

E a sequência apontada por Karepovs sobre a análise do Grupo Comunista Lenin mostra como o PCB não estava entendendo o processo político, a candidatura comunista e o papel do partido:

Preocupando-se unicamente com o aspecto exterior da questão, a direção do P.C. não tem sabido preparar uma base séria para a realizá-lo das demonstrações de massas, guiando-se ora pela folhinha, ora por uma noção estreita de disciplina, segundo a qual é necessário “cumprir ordens”, sejam elas quais forem, bastando que tenham descido de uma instância superior. Os nossos comunistas têm resumido sua atividade no seguinte: barulho, prisões e deportações, sem nenhum resultado prático. Obra inconscientemente policial. [...] Para os dirigentes do P.C. uma demonstração pública deve realizar-se não pela necessidade que existe do proletariado demonstrar a sua consciência de classe e sim pelo simples fato de sua realização. Para eles isto basta. Haja bandeiras, dísticos pimposos, oradores entusiasmados, letrados gritantes — e tudo estará muito bem. É a política do fogo de palha. É evidente que não havendo base séria nas empresas, nunca se conseguirá nada. Os trabalhadores

⁴⁰¹ *Carta de Jeremias ao SSA-IJC*, de 3 de janeiro de 1930. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1018]

⁴⁰² KAREPOVS (2001), p. 630.

só comparecem à praça pública para demonstrar a sua consciência, se esta consciência **existe**, isto é, se eles estão fortemente organizados sindical e revolucionariamente. E que é que vemos no Brasil? Um proletariado inorganizado, a ser chamado inutilmente, por meios inadequados, à luta para a qual não foi preparado.⁴⁰³

Pelo conteúdo da campanha, o histórico de prioridades e forma que se faziam chegar às bases e as discussões realizadas entre as mais diversas instâncias de direção mostram que as críticas e divergências do Grupo Comunista Leninista têm muito fundamento. Soma-se às dificuldades impostas pelo clima antidemocrático existente nas eleições da Primeira República. As violências policiais tomaram ares de maior violência política com um tipo de ação que ainda não se havia visto em anos anteriores. Às vésperas das eleições os candidatos do BOC eram presos durante comícios ou outras ações de campanha. Como noticia o *Jornal de Recife* em 19 de fevereiro de 1930, dez dias antes do pleito, comentando a truculência do governo de São Paulo — até dias antes governado por Julio Prestes, candidato de Washington Luiz à presidência — contra a imprensa paulista e candidatos adversários:

Ainda agora, sem a menor justificativa para o seu gesto prepotente e negando a verdade, escandalosamente, à própria justiça a autoridade policial conserva, há mais de duas semanas em infecta masmorra, um estudante e três operários. São eles: Manoel Karacik, sextanista da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; João Matheus, gráfico; Antonio Brites, garçom; e Manuel Ribeiro, metalúrgico.⁴⁰⁴

Numa campanha feita entre os estudantes ligados ou sob o raio de influência da FJCB e a pedido de Raul Karacik, irmão de Manoel:

Ontem diversos estudantes foram ter com o sr. Edgard Pereira Barreto para providenciar uma intervenção mais tenaz junto às autoridades e até junto ao presidente do Estado, para que Manuel Karacik fosse posto em liberdade, pois, ao que se sabe, este moço não praticou crime que justifique a situação em que atualmente se acha.⁴⁰⁵

Edgar Pereira Barreto era o então presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito de São Paulo que ajudou na campanha de soltura. E

⁴⁰³ “O 1º de Maio e a demagogia da direção do P.C.” Em: *A Luta de Classe*. Rio de Janeiro, nº 1, 08/05/1930, p. 1. Os grifos são do original. *Apud* KAREPOVS (2001), p. 631. (Grifo do original)

⁴⁰⁴ PORTO, Américo — Contra o regime de segurança, Em *Jornal de Recife* em 19 de fevereiro de 1930 [Biblioteca Nacional]

⁴⁰⁵ O Centro Acadêmico XI de Agosto interessa-se pela soltura do estudante Manuel Karacik, Em: *Diário Nacional — A democracia em marcha*, de 6 de março de 1930. [Biblioteca Nacional]

outras notícias foram espalhadas denunciando a prisão de Manuel Karacik. Como a do jorna *A Batalha* que fez intensa campanha contra a violência policial contra os candidatos e simpatizantes do BOC:

A polícia política não se ceva apenas de nós operários, mas igualmente nos intelectuais que se colocam ao lado do proletariado. Ainda agora somos informados de que o estudante de medicina da Faculdade do Rio de Janeiro, Manoel Karacik, foi detido e depois assassinado na própria prisão em São Paulo.⁴⁰⁶

A organização fluminense de estudantes enviou um telegrama para São Paulo endereçada ao Presidente em exercício: “Presidente São Paulo. Campos Elíseos. Centro Estudantes Livres responsabiliza-vos assassínio na prisão sextanista medicina Manuel Karacik. — Comissão Executiva.”⁴⁰⁷

No dia das eleições, 1º de março de 1930, um pouco tarde — mas, provavelmente, foi quando foi possível — alguns jornais publicaram um comunicado assinado pela Comissão de Campanha Eleitoral do BOC: “Protestai contra a reação votando nos candidatos do Bloco Operário e Camponês”. Nesse texto apontam os problemas que os candidatos do BOC enfrentaram com a polícia em 14 tópicos e um resumo das candidaturas. Nesses diversos pontos de violência policial é possível ver, além da prisão de Manuel Karacik, a prisão de centenas operários apoiadores e simpatizantes do BOC, no estado de São Paulo (capital, Sertãozinho, Santos e Ribeirão Preto), proibições de comício em Belo Horizonte e prisões em Juiz de Fora, ameaças contra os dirigentes do BOC, impedimento de reuniões, apreensão do jornal *A Classe Operária*; saques e prisões de diversos candidatos ao longo da campanha, desde janeiro: José Francisco da Silva (candidato ao Senado pelo Rio); Aristides Lobo (candidato a Deputado pelo 1º Distrito de São Paulo); Domingos Braz (candidato a Deputado pelo 1º Distrito do Rio); Paulo de Lacerda preso mais de uma vez (candidato a Deputado pelo 1º Distrito do Rio); e Mário Grazzini (candidato a Deputado pelo 2º Distrito do Rio). A polícia não deixou correr a campanha, mesmo legalizada, do candidato do BOC: “(...) 2) Dissolução violenta do Congresso dos Operários Agrícolas em Ribeirão Preto e prisão

⁴⁰⁶ Como nos tempos de Torquemada — Correia notícia do assassínio em São Paulo, na prisão, do estudante Manoel Karacik, Em: *A Batalha*, 27 de fevereiro de 1930, p. 8. [Biblioteca Nacional]

⁴⁰⁷ Como nos tempos de Torquemada — Correia notícia do assassínio em São Paulo, na prisão, do estudante Manoel Karacik, Em: *A Batalha*, 27 de fevereiro de 1930, p. 8. [Biblioteca Nacional]

durante vários dias de Minervino de Oliveira, nosso candidato à presidência da República, o qual presidia o referido Congresso.”⁴⁰⁸

Minervino totalizou 720 votos e Gastão Valentim 689, uma redução em 72% a votação do BOC em comparação com a eleição de 1928.⁴⁰⁹ Por outro lado, em relatório, a FJCB apresenta números de seu efetivo e no Rio de Janeiro contabilizam 50 filiados e “no Rio Grande do Sul temos 150 membros resultados da última campanha do Bloco Operário e Camponês”. Um quarto do efetivo nacional na organização se concentrava no Rio Grande do Sul.⁴¹⁰ Um saldo orgânico das eleições, mesmo que pontual em apenas um estado.

Em carta de 5 de junho de 1930⁴¹¹, Jeremias noticia que recebeu carta de Rocha⁴¹². Explica que o problema de falta de correspondências também está ligado à falta de endereços seguros, pois já havia sido possível aferirem que a repressão praticava o extravio de cartas e pacotes. Detalha que por um lado havia aumento de influência em outras regiões por parte da FJCB, mas que num momento crítico 40% dos membros da organização estavam desempregados — dificultando o engajamento nas atividades políticas, ajuda no financiamento etc. Mostrou que parte dos dirigentes juvenis estiveram presos em algum momento durante o primeiro semestre de 1930, o que dificultou os trabalhos.

A possibilidade de ruptura institucional após o assassinato de João Pessoa e o aprofundamento da crise financeira e de absorção do café pelo mercado internacional agitaram a análise conjuntural do PCB, da FJCB e dos organismos comunistas internacionais. Uma reunião do CC da FJCB ampliado, em 28 de agosto⁴¹³, pontua alguns tópicos sobre a crise política e econômica, num sentido pré-revolucionário, em

⁴⁰⁸ “Protestai contra a reação votando nos candidatos do Bloco Operário e Camponês”, Em: *Correio da Manhã*, de 1º de março de 1930, p. 9. [Biblioteca Nacional]

⁴⁰⁹ KAREPOVS (2001), p. 643-644.

⁴¹⁰ Em: *Situación de la juventud proletaria del Brasil*, p. 3. s/d, provavelmente de meados de 1930. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1020]

⁴¹¹ *Carta a “Caros camaradas”*, de 5 de junho de 1930.

⁴¹² Provavelmente Hersh Borisovich (Schechter), nascido na Besarábia e imigrado com os pais para o Brasil, estudou em escola alemã judia no Rio de Janeiro e no “Pedro II”. Foi membro da JCB desde 1925, e participou da célula da JCB da Faculdade de Medicina, mesmo ainda estando no Secundário. Administrou o jornal *A Classe Operária* durante a segunda fase (a partir de 1928). Preso e deportado em Porto Alegre em dezembro de 1929, se mudou para Moscou, onde passou a assessorar o Secretariado da IJC. Participou das reuniões do Secretariado Latinoamericano da IC (1930-1931) e do pleno ampliado do Comitê Executivo da IJC. Foi aluno na Escola Leninista Internacional. JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor (2015) *América Latina en la Internacional Comunista, 1919-1943. Diccionario Biográfico*, Santiago: Ariadna, p. 599-600.

⁴¹³ Situação e tarefas da Federação (Resolução do CC ampliado da FJC de 28 de agosto de 1930), Em: *Boletim Interno da Federação da Juventude Comunista (Seção Brasileira da IJC)*, de 2 de outubro de 1930, p. 4-6. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1023]

que além de haver aumento da exploração contra os trabalhadores, também há maior perseguição política às organizações do proletariado. Intensificação de entidades de caráter militarista (escoteiros, por exemplo), que desenvolvem atividades de educação patriótica e fascista (tiro de guerra nas escolas, instrução militar e desfile militar de crianças). Também um aumento daquelas organizações que aglutinam jovens e crianças e transmitem direta ou indiretamente a ideologia burguesa (escolas de dança, Associação Cristã de Moços, clubes).

O documento expõe uma série de tópicos que refletem crua crítica e autocrítica dividida entre as críticas feitas ao partido e as feitas à FJCB. As críticas ao partido se resumem no geral das condições que ele apreende da realidade e como faz para, partir dessa leitura de conjuntura, implementar o seu programa. Dentre eles, a influência pequeno-burguesa aos quadros e dirigentes, falta de política justa para a conquista da massa, composição social a partir dos operários “melhor pagos, não atingindo as camadas mais miseráveis da população” e falta de orientação para as lutas revolucionárias das massas.

Da autocrítica à FJCB destacam-se “incompreensão do verdadeiro caráter da Federação”; incapacidade de trabalho voltado para os jovens, subestimação da criação e acompanhamento dos departamentos juvenis dos sindicatos, ligas e associações; subestimação do trabalho anti-militarista junto às massas; baixa capacidade de formação teórica e ideológica, agitação desvinculada da organização, dificuldade de coordenar lutas econômicas, lutas políticas e acolhimento de greves espontâneas; e passividade da direção frente a atitudes oportunistas. Para cada um desses itens uma proposta de superação que se repete dos vários documentos anteriores.

Dois pontos se mostram novos e atuais, para aquele momento da construção da FJCB. Um primeiro é o fenômeno de saídas, deserções, expulsões que começam a crescer entre, inclusive, dirigentes nacionais da entidade (“passividade frente aos oportunistas”). Outro é alguns nomes citados no documento, taxados de menchevistas, oportunistas como F.M. (Francisco Mangabeira), R.K. (Raul Karacik), M.K. (Manuel Karacik), A.B., F.C. e outros.⁴¹⁴

Apesar do *Boletim Interno* publicar, principalmente, a resolução do CC ampliado de 28 de agosto, também apresenta outras resoluções como “A todas as

⁴¹⁴ Situação e tarefas da Federação (Resolução do CC ampliado da FJC de 28 de agosto de 1930), Em: *Boletim Interno da Federação da Juventude Comunista (Seção Brasileira da IJC)*, de 2 de outubro de 1930, p. 4-6. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1023]

regiões, zonas e células”, assinada pelo Bureau Político em que se afirma que será implantada no Brasil uma “ditadura fascista militar”, após a luta entre os dois imperialismos, inglês e norte-americano. E essa luta entre as facções imperialistas se arrastará, diz o documento, por um longo tempo. Dos problemas colocados ali que afetarão a vida do proletariado, entre bloqueio de estradas e vias férreas, aumento de impostos e desemprego, também o “feriado nacional” que atrasará o salário dos operários.

Já nos primeiros meses da FJCB, então após 1929, começam a aparecer crescentemente a menção de outras organizações juvenis. Por um lado são os jovens comunistas incorporando a realidade da juventude brasileira e percebendo que não são os únicos a tentar organizar os jovens. Por outro lado existe mesmo uma atenção maior a essa parcela da população por diversos tipos de agremiações:

(...) há tempos a burguesia vem compreendendo a importância do papel da juventude operária e camponesa no movimento revolucionário e tem procurado por todos os meios organizar a juventude operária e camponesa em organizações fascistas. Temos no Rio [de Janeiro] vários agrupamentos fascistas, associações cristãs de moços, clubes de Bandeirantes, centros católicos, tiros de guerra e organizações militares de jovens operários e camponeses etc.⁴¹⁵

A variedade de organizações juvenis é grande e chama a atenção a menção de grupos fascistas que aparece em outras partes do documento: “o movimento fascista no Brasil se desenvolve dia a dia”. E detecta que “até hoje não iniciamos nenhum trabalho de desagregação destas organizações.”⁴¹⁶ Ao mesmo tempo apontam que existe num “Grupo Israelita” uma seção juvenil influenciada pela FJCB.

Essa construção de orientações que visavam fazer a organização juvenil se desenvolver poderia ser testada na Jornada Mundial da Juventude Operária a ser realizada em 5 de setembro “numa grandiosa demonstração mundial” em que a IJC articularia manifestações em dezenas de países. No Brasil seria a oportunidade da FJCB apresentar sua plataforma de reivindicações imediatas. E assim o fez:

(...) Pela jornada de 7 horas para os operários adultos e de 6 horas para os operários jovens! Para os jovens e mulheres, salário igual para trabalho igual! Para os menores trabalhadores,

⁴¹⁵ Em: *Situación de la juventud proletaria del Brasil*, p. 5. s/d, provavelmente de meados de 1930. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1020]

⁴¹⁶ Em: *Situación de la juventud proletaria del Brasil*, p. 5. s/d, provavelmente de meados de 1930. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1020]

2 horas por dia de aprendizagem pagas pelos patrões! Abaixo a exploração feudal dos menores trabalhadores! (...) ⁴¹⁷

Semanas depois, em panfleto dirigido “Jovens trabalhadores! Soldados e marinheiros!” de 25 de outubro, a FJCB denuncia o golpe da Aliança Liberal e pede “Organizemos conselhos de fábrica e campo!, Abaixo o golpe fascista!, Pelo aumento de salários!, 6\$000 diários para cada desempregado!, Contra a educação fascista e militar!, Pelo governo operário e camponês!” ⁴¹⁸ Na mesma toada foi publicado um manifesto onde outras palavras de ordem complementam:

Organizemos os nossos Comitês de desempregados nos bairros e nos pontos de concentração, ao lado dos nossos irmãos que estão trabalhando e sustentemos nossas reivindicações!, Pelo auxílio de 2\$500 diários a cada jovem desempregado!, Pela passagem grátis de transporte, para arranjar emprego!, Pela diminuição das horas de trabalho, para dar trabalho aos desempregados com aumento de 30 por cento nos salários!, Para trabalho igual, salário igual! ⁴¹⁹

Como componente da bolchevização, a autocrítica se tornou uma atitude de apresentação dos problemas, sem limite para os critérios de quem deva ser o interlocutor desse exercício crítico. Com isso, a FJCB vai se colocando num poço de mágoas e erros. O PCB e a SSA-IJC instrumentalizaram a tentativa de autocrítica dos membros da FJCB com fins alheios à autocrítica. Uma organização de jovens que exercita a baixa estima coletiva, que está distante dos jovens operários ⁴²⁰, apartada de suas congêneres estrangeiras, isolada pelo núcleo adulto da sua matriz política e ideológica, fazendo uma leitura enviesada da realidade e sem uma agenda de atividades programadas tem dificuldades de retomar o caminho para o qual foi criada.

⁴¹⁷ A Jornada Mundial da Juventude Operária Em: *A Classe Operária*, nº 97 de 27 de agosto de 1930, p. 1 [ASMOB — CEDEM/UNESP]

⁴¹⁸ Panfleto *Jovens trabalhadores! Soldados e marinheiros!*, de 25 de outubro de 1930, assinado pelo Birô Político da Federação da Juventude Comunista. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1027]

⁴¹⁹ Manifesto *Aos jovens trabalhadores sem trabalho!*, de novembro de 1930 assinado pela Federação da Juventude Comunista. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1028]

⁴²⁰ Um motivo detectado que leva ao esvaziamento das organizações de massas, como o Centro de Jovens Proletários do Rio de Janeiro, é a falta de sensibilidade/habilidade para transformar a entidade numa atividade aprazível para a juventude, interessante, que valesse a pena conviver com seus membros e ir às sedes: “nossas assembleias começavam tarde e quase sempre se transformavam em reuniões pesadas para os jovens sem partido que assistiam às mesmas. (...) Fazíamos [na sede] discussões pessoais e de desmoralização dos nossos defeitos pessoais, mais que discussão política. Não tínhamos uma seção desportiva. Nenhuma diversão a não ser a biblioteca que era o que mais interessava aos associados.” Em: *Situación de la juventud proletaria del Brasil*, p. 5. s/d, provavelmente de meados de 1930. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1020]

Após as críticas feitas de forma clara e velada por parte do SSA-IJC, uma atividade foi feita pela FJCB, que não havia sido feita no ano anterior: a efeméride da revolução russa, que faria em novembro de 1930, treze anos. Em carta direcionada às direções regionais, de zona e células, pede-se que organize uma campanha em torno do aniversário de 7 de novembro e também contra a exploração das massas juvenis. O tom pretensamente autocrítico é pouco emulador: “Todas as campanhas de que temos tido iniciativa tem, de um certo modo, terminado em fracasso, não tomando quase nunca um caráter verdadeiramente nacional”, entre outros problemas. Mas agora neste 7 de novembro, devem mostrar que compreendem “praticamente esses erros e a necessidade de abandoná-los, tomando com antecedência as medidas necessárias, ligando a campanha com a situação do país e as lutas cotidianas das massas juvenis, mobilizando-as para a luta e pelas reivindicações.”⁴²¹

Em carta de novembro de 1930, endereçada aos membros da FJCB da região de São Paulo, o Birô Político apresenta um quadro em que militantes comunistas, à revelia de resoluções e direções, participaram espontaneamente de manifestações que saudaram a ascensão da Aliança Liberal em outubro de 1930. A leitura que a direção da FJCB faz é que com a greves daquele mês mostrou-se: “o que o proletariado esperava da ‘revolução’”. Faz um apelo aos militantes paulistas para retornarem:

às vossas fileiras, onde criticando os erros passados, e apoiados em uma linha proletária mais firme e com planos mais concretos, poderemos caminhar e desenvolvermos, com métodos de trabalho verdadeiramente juvenis⁴²², para a construção de uma Federação de Jovens Comunistas.⁴²³

⁴²¹ *Carta sobre 7 de novembro*, sem data, mutilada com apresentação de apenas um página. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1029]

⁴²² Vê-se que, pelo menos até aqui, não há nada que explique o que significa esse “verdadeiramente juvenis”. Não há um jovem que elabore na monta necessária o que difere a organização juvenil da partidária e nem um adulto suficientemente consciente do papel da juventude comunista para o aumento da influência do partido. Não se absorveu e nem elaborou sobre a parte juvenil da construção da revolução preconizada pelos comunistas. A falta de clareza e profundidade do significado da particularidade da organização juvenil alimentará as dificuldades de enraizamento e desenvolvimento da FJCB. A concepção que se teve até aqui é que a juventude era elemento de agitação, parte da estrutura partidária. Sem dúvida que o é tanto agitação como parte do todo, mas aqueles quadros não haviam entendido que a política e a organização juvenil criam uma dinâmica que deve ser considerada à luz do projeto e à luz da conjuntura. Sem isso é burocratização, palavras vazias de agitação. Num relatório sem data que provavelmente foi destinado ao SSA-IJC há um trecho que mostra consciência mínima sobre esta situação: “Falta em geral uma compreensão nítida da situação pela qual atravessamos, sendo este um dos fatores que tem influído muito para a passividade que até há pouco se apoderou da nossa Federação.” Em: *Situación de la juventud proletaria del Brasil*, p. 3. s/d, provavelmente de meados de 1930. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1020]

⁴²³ *Carta a todos os membros da região de São Paulo*, de novembro de 1930, assinado pelo Birô Político. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1030]

Com os últimos meses de crises políticas e econômicas, lutas intensas, os comunistas tentavam se inserir com suas pautas no grande tabuleiro da política nacional. Entre forças políticas que se mobilizaram antes, durante e depois das eleições de março, as campanhas dos governadores, as forças que estiveram nos bastidores das negociações de parte a parte, surgiam as reivindicações e a forma de compreensão desses fenômenos de uma força política pequena e pouco enraizada. A compreensão era de quem estava de fora, que não tinha a mínima condição de incidir no rumo dos acontecimentos. Parte disso se reflete em duas perguntas que o próprio documento faz e tenta, sem êxito, responder:

Como porém participar da luta de forma independente, sem que sua ação se reverta a favor dos “revoltosos”? Como realizar a ação de massas? Está claro que ela só se pode realizar no terreno das lutas econômicas, das reivindicações imediatas das massas exploradas. Contra a baixa dos salários, pelo pagamento pontual, contra o desemprego, reivindicações especiais para os jovens, mulheres, negros e índios etc⁴²⁴

Os comunistas selaram a sua ausência do processo político daquele momento enquanto tropeçavam num rosário de princípios alheios à realidade brasileira, sem influir sobre o operariado, sem ajuda externa, sem capacidade de leitura da realidade e projeção estratégica; passando por um processo interno que consumia tempo e energia; e que corroía a mútua confiança mínima que deveria existir numa organização que se pretende paramilitar.

O clima de perseguições internas que já havia contagiado o PCB também se apoderou da FJCB. O militante Altamiro fora expulso, sob acusação de esquerdismo e Francisco Mangabeira abandonou, sendo acusado de direitismo; os dois eram da Direção Nacional. A vida política da FJCB era intensa com atividades de porte razoável, para o seu grau de influência, mas que nas suas contradições da construção orgânica, não aproveitavam as conquistas, como podemos perceber na carta de Casemiro — que não deixou de marcar posição com relação à depuração pela qual passavam os comunistas:

Mesmo com movimentos vitoriosos, os camaradas muitas vezes não sabem tirar todas as vantagens para conservar os resultados das vitórias. Vemos que não fizemos nada para conservar a vitória dos gráficos de São Paulo, não aproveitamos as vitórias

⁴²⁴ “A todas as regiões, zonas e células”, pelo Bureau Político da FJCB *Em: Boletim Interno da Federação da Juventude Comunista (Seção Brasileira da IJC)*, de 2 de outubro de 1930 p.2. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1023]

dos padeiros no Rio [de Janeiro]. A nossa organização deve transformar-se em uma organização de massas. Para isso é necessário diariamente estar à frente das lutas econômicas e políticas da juventude operária. Demonstrar entusiasmo e dedicação, colocar-se decididamente à frente dos acontecimentos, tomar a direção, ganhar assim a confiança das massas (...). Porém o cumprimento dessas tarefas exige uma luta contra todos os elementos oscilantes e oportunistas, que todavia não tem a franqueza de declara-se fracos, mas que se opõe disfarçadamente à linha justa e precisa seguida pela heroica Internacional. Contra esses hipócritas cabe [a] nós lutar impiedosamente, combatendo todas as suas tendências, legalistas e oportunistas, limpando a nossa sessão do KIM deste entulho.⁴²⁵

Outro depoimento é constatado no *Boletim Interno* de fevereiro de 1931 tratando das expulsões por desvios e deserções. Aqui se confirmam as expulsões de Manuel Karacik, Raul Karacik, Francisco Mangabeira, Adão Nascimento, Benigno Rodrigues Fernandes, entre outros; e Pery, autor do texto, alerta e explica em detalhes até desnecessários os motivos do desligamento:

Camaradas, tudo isto prova que a expulsão de Benigno e outros não foi uma expulsão administrativa como querem que seja, mas uma expulsão política com graves consequências para a nossa Federação que ainda não se libertou da ideologia burguesa (...). Lutemos com todas as nossas forças contra os oportunistas, liquidacionistas do movimento revolucionário, plinistas⁴²⁶, prestistas, etc.⁴²⁷

A luta diária dos jovens comunistas fez com que se construísse uma plataforma de reivindicações cada vez mais apurada do que a do início, quando praticamente não a possuíam. Houve, pois, um enorme desenvolvimento dessa plataforma, em quantidade e qualidade, do início para a metade dos anos 1930 que, expressando o momento, se circunscreve assim:

Contra as guerras imperialistas e pela defesa da União Soviética; Pela transformação das guerras imperialistas em guerras contra a burguesia; Pelo reconhecimento da União Soviética para termos trigo e gasolina mais baratos; Contra a compra de aviões para ajudar os flagelados do nordeste; Contra o aumento dos impostos para não encarecer o custo de vida; Por 1 Kilo de pão mais 4\$ diários para os jovens desempregados; Pelo aumento de salários para enfrentar a carestia; Pela

⁴²⁵ Carta de Casemiro à direção da FJCB, de 19 de setembro de 1930. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1022]

⁴²⁶ Plinistas são os companheiros de Plínio Mello, membro dirigente da corrente trotskista no Brasil.

⁴²⁷ Artigo *Pela unificação da FJC*, de Pery Em: *Boletim Interno da FJCB*, de fevereiro de 1931, p. 4. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1024]

diminuição das horas de trabalhos para dar lugar aos desempregados; Nenhuma rebaixa nos salários; Liberdade de reunião e de imprensa para as organizações de classe do proletariado, liberdade dos militantes operários presos e deportados; Contra o governo de fome e de miséria da Aliança Liberal; Pelo governo operário e camponês.⁴²⁸

Esta ainda se mistura sobremaneira com a plataforma do PC do Brasil, tem pouca identidade juvenil e é extensa e densa demais para a compreensão de um jovem trabalhador da cidade ou do campo no início dos anos 1930. Mas se apresenta como um termômetro importante para analisar a capilaridade da FJCB, seu amadurecimento político e capacidade de falar para grandes massas, como projetavam.

A preocupação de diminuir a flutuação de membros e começar a compor uma direção mais estável passava pela formação política e ideológica desses jovens dirigentes. No *Boletim Interno* de fevereiro de 1931, a última página foi reservada para esse desenvolvimento teórico dos militantes. Ali se apresentou um “Questionário para um curso rápido de capacitação” em apenas uma página. Na verdade um roteiro para aulas composto por nove conjuntos de temas e questões que “deve servir de base não só para cursos gerais como também para cada célula ou grupo de camaradas. Nos números seguintes do *Boletim* iremos publicando o material de respostas a cada um desses pontos.”⁴²⁹ As duas primeiras e a de número sete tratam de política e economia geral, todas as outras tratam de questões partidárias, seja da vida interna do PCB, seja da própria FJCB.

Pouco antes da publicação desse *Boletim Interno* o Birô Político havia se reunido e traçado um planejamento para os próximos dois meses. São oito pontos bem alentados de atividades e responsabilidades⁴³⁰. E a matéria principal é para agitação em torno da defesa da URSS, contra o pacifismo e propaganda do Plano Quinquenal.

Uma preocupação permanente ora aumenta, ora diminui é a relação entre partido e organização juvenil. Em reunião de meados do ano foi, através do “acompanhamento e do controle”, diagnosticada “anormalidade que se nota nas relações entre as organizações do Partido e da Juventude em todo o país. Esta anormalidade se deve da

⁴²⁸ Carta de “O delegado do CC da FJCB”, para “Caros Camaradas”, de início de 1931. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1050]

⁴²⁹ *Boletim Interno da FJCB*, de fevereiro de 1931, p. 5. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1024]

⁴³⁰ Alguns deles são organização, agitação e propaganda, sindical, antimilitar, político, esportivo, outras formas de trabalho de massas e recrutamento. Colocam metas de aderentes, de organizações, de retomada de contatos, de regiões a serem investidas, mas o documento não explica como que será feito esse trabalho. *Boletim Interno da FJCB*, de fevereiro de 1931, p. 3-5. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1024]

incompreensão, de um lado, do caráter e da finalidade das organizações juvenis e, por outro lado, do menosprezo da juventude como força revolucionária.” Essas conclusões ensejaram algumas propostas para melhor “acompanhar e controlar” as instâncias da organização juvenil. Uma modificação se fez no organograma partidário para responder a uma pergunta: “Como o partido poderá efetivamente controlar a linha [política] da juventude”? E deu-se como solução: “dedicar atenção à organização juvenil, manter um núcleo de membros jovens no trabalho da Juventude, que devam ser e recrutados sistematicamente entre o efetivo da Federação”⁴³¹. Sem que seja desfeita a relação que se dá de instância para instância horizontalmente, da base até a alta direção. Essa é a origem de como será essa relação de cooptação para o Comitê Central um grupo de jovens que será uma correia de transmissão e ligação entre as organizações partidária e juvenil.

No conjunto de documentos consultados percebe-se claramente que há uma mudança qualitativa e quantitativa no que diz respeito à elaboração sobre o processo político do país. O marco no tempo desse aumento da preocupação sobre as questões conjunturais está em torno de março e outubro de 1930 e a motivação está também no resultado do acompanhamento do BSA-IC. Em meados de 1931, o órgão dirigente continental enviou como resultado de um longo processo de análise e elaboração — após diversas reuniões e trocas de correspondências duas alentadas *Tesis del Bureau Sudamericano sobre la situación del Brasil y las tareas del Partido Comunista*⁴³²; e, quase que ao mesmo tempo, o SSA-IJC enviou a *These do Bureau Sula-Americano da Internacional Juvenil Comunista à Federação da Juventude Comunista do Brasil*⁴³³.

São duas elaborações política e organizativa muito parecidas tendo as ênfases diferentes, a tese do BSA-IC é mais geral e trata das questões partidárias como um todo e a tese do SSA-IJC tratam das questões juvenis.

Compõe o documento do BSA-IC uma longa apreciação da situação econômica do país, sua crise a partir da diminuição da exportação do café e algumas das diferenças entre os setores da classe dominante em luta, com foco na contradição entre imperialismos (inglês e americano) e as diversas composições de forças políticas que se

⁴³¹ Circular a todos os [ilegível] do Brasil sobre a direção ideológica das organizações juvenis, de 11 de julho de 1931, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0449]

⁴³² *Tesis del Bureau Sudamericano sobre la situación del Brasil y las tareas del Partido Comunista*, de meados de 1931 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0096]

⁴³³ *Tese do Bureau Sula-Americano da Internacional Juvenil Comunista à Federação da Juventude Comunista do Brasil*, a publicação é de maio de 1932, mas o texto foi elaborado em novembro de 1931. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1046]

opõem ao PCB. Consta também do agravamento da situação social, sobretudo das massas trabalhadoras, como desdobramento das crises. E a grande parte do documento aborda as questões intrapartidárias, sua política e sua organização.

Dentro da lógica da proletarização e da política de classe contra classe estabelecida no 6º Congresso da IC, procura-se entre os militantes comunistas tendências do que se chama desvio de esquerda ou desvio de direita. O primeiro se manifesta no “sectarismo, nas tendências ‘golpistas’, nas frases ultrarradicais, na falsa apreciação do golpe de outubro, como uma revolução-democrático-burguesa no julgamento do caráter ‘democrático’ da ‘Constituinte’” Além da falta de compreensão do papel que pode jogar as reivindicações imediatas e o papel do campesinato na luta revolucionária. Colocam ainda que há um equívoco em transformar a proletarização numa luta contra os intelectuais em geral.⁴³⁴

Já os desvios de direita são caracterizados pela subestimação do proletariado no processo de revolução democrático-burguesa, na dependência ideológica da pequena burguesia, na passividade política, subestimação da proletarização, medo das massas, desprestígio do trabalho juvenil, medo em se apresentar como membro do partido. O BOC não é referenciado diretamente mas está subsumido na repulsa, enquanto direitismo, “os blocos — às vezes não oficiais com os chefes pequeno burgueses fascistas”, com “caudilhos de toda índole”.

E a orientação dada pelo BSA-IC é se desvencilhar dos dois tipos de desvios. Desenvolve essa “linha revolucionária” levando em conta que a linha de entendimento que houve sobre o “golpe de outubro de 1930” foi desvio de direita, pois ali o PCB considerou, segundo o documento, que poderia ser um processo de revolução democrático-burguesa⁴³⁵. Segue apresentando a Constituinte como pouco estimada pelas massas de trabalhadores e que se deve usar da sua tribuna para “desmascarar o caráter contrarrevolucionário da Constituinte” e com “toda fora o partido deve conquistar o direito de lançar sua própria lista de candidatos, formando a frente única

⁴³⁴ *Tesis del Bureau Sudamericano...* de meados de 1931, p. 9 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0096]

⁴³⁵ “A opinião que a Aliança Liberal faria um governo democrático estava bastante difundida no Partido. Essa ilusão se esfumou quando foram presos nossos camaradas, fuzilaram os militantes ‘rebeldes’, uma grande quantidade de operários e camponeses, assim como alguns burgueses opositores do governo federal. (...) Nos preparativos precedentes ao golpe de estado, os camaradas do partido organizavam o movimento operário (greves etc.) em favor da Aliança Liberal, a condição de que esta, uma vez no poder, asseguraria a legalidade do PC, lhe dando o direito e a possibilidade de difundir sua literatura.” Em: *Tesis del Bureau Sudamericano...*, de meados de 1931, p. 9 e 12 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0096]

das grandes massas”.⁴³⁶ Também é necessário derrotar as concepções *putschistas* que levam ao imobilismo, pois graça ser dito entre os militantes, nesse momento, segundo o documento que “é mais fácil fazer uma insurreição do que uma greve”. E para derrotá-lo é preciso levar em conta as reivindicações imediatas das massas trabalhadoras.

Pede que o PCB combata mais o fascismo e defenda melhor a URSS. É necessário se tornar “um verdadeiro partido bolchevique” se livrando dos resquícios pequeno-burgueses advindos da origem anarquista e deixar de “subestimar o significado da luta contra o trotskismo”, o “prestismo”, “miguelcostismo” e as correntes social-fascistas. E resistir à influência de Juarez Távora, João Alberto, Pedro Motta Lima, Reis Perdigão e outros. A orientação para o trabalho sindical visa a construção das frações comunistas; ligação estreita com as massas através de suas reivindicações políticas e econômicas imediatas; formação de Comitês de fábricas; e aplicação da política frente única. Esta não deve ser com diversos tipos de organização revolucionárias e reformistas, mas sim com a massa de trabalhadores. E o PCB deve ter hegemonia dentro da frente única.

Relata a tese que haveria militantes comunistas que dariam orientações que se não deveria “de nenhuma forma resistir à polícia e a todo preço realizarmos manifestações pacíficas’ tendo um que haveria dito “Jesus sofreu e triunfou, nós sofreremos e triunfaremos”. E dessa forma se perdeu muitos militantes para as prisões. E cada vez que um é preso, um trabalho é deixado de se realizar, enfraquecendo o partido.

É preciso também, afirma o documento do BSA-IC, ir ao interior para realizar o trabalho entre os trabalhadores do campo. Construir sua plataforma de reivindicações imediatas; discutir, estudar e elaborar as questões da revolução agrária; que se “edite literatura especial para os camponeses, tendo em conta a enorme quantidade de analfabetos”. Dada a formação do povo brasileiro de mestiços e negro, sendo das parcelas mais cruelmente exploradas do país, é necessário um trabalho específico dos comunistas para eles. O BSA-IC diz que o PCB não conhece a especificidade desse trabalho e que não há nenhum índio no partido: “o partido menospreza o recrutamento

⁴³⁶ *Tesis del Bureau Sudamericano...* de meados de 1931, p. 11 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0096]

dos operários negros e índios. (...) não compreende e nem reconhece o problema racial no Brasil. A igualdade formal das raças é interpretada como se fosse efetiva, real.”⁴³⁷

Sobre o trabalho juvenil, apesar de o SSA-IJC elaborar um documento próprio, as orientações gerais constam também neste documento. Se faz necessário assim, pois: “O partido presta muito pouca atenção no trabalho da juventude (...) não praticam a ajuda sistemática necessária aos órgão da juventude”. E com a falta desse acompanhamento “a organização juvenil do Brasil se caracteriza por seu sectarismo”, o que contribui a ser insuficiente o trabalho de massa. Constata-se presença de ideologias vanguardistas, prestistas, trotskistas, aliancistas, pois há maior facilidade das ideologias penetrarem nos grupos juvenis. Os quadro são formados muito lentamente de forma débil. E a grave constatação de que a passagem da militância juvenil para a adulta não tem acompanhamento⁴³⁸; esse é um dos principais objetivos da organização juvenil comunista.

Sobre a organização infantil — que também constará no documento do SSA-IJC — diz-se que o partido “menospreza o trabalho” entre as crianças proletárias. Da mesma forma a FJCB tem dado pouca atenção, sem ainda ter elaborado uma plataforma de reivindicações. Getúlio Vargas implantou obrigatoriedade de ensino religioso nas escolas e nem o partido, nem a FJCB se pronunciaram, não houve campanha.⁴³⁹

Com relação à organização das mulheres trabalhadoras, a instância continental afirma que o “partido dedica uma atenção muito restrita” com elaboração insuficiente das reivindicações imediatas. A única comissão feminina existente, em São Paulo, tem dedicação limitada, “apenas com as companheiras de partido e as mulheres dos afiliados”. O número de mulheres nas fileiras partidárias é “ínfimo” e a ausência nas direções é “uma situação anormal”.⁴⁴⁰

Outros assuntos foram tratados no documento do BSA-IC como o trabalho antimilitarista, questões de organização, campanhas de emulação e recrutamento,

⁴³⁷ *Tesis del Bureau Sudamericano...* de meados de 1931, p. 20 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0096] O trecho continua com “O partido deve tratar de conquistar a confiança da massa de negros e índios através da demonstração, dos feitos, de que o Partido Comunista é o único partido capaz de organizar as lutas pela autodeterminação, pela liquidação dos privilégios dos “brancos” e a devolução das terras roubadas pelos colonizadores.”

⁴³⁸ *Tesis del Bureau Sudamericano...* de meados de 1931, p. 20-21 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0096]

⁴³⁹ *Tesis del Bureau Sudamericano...* de meados de 1931, p. 22 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0096]

⁴⁴⁰ *Tesis del Bureau Sudamericano...*, de meados de 1931, p. 22 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0096]

estrutura de organização, comissões auxiliares, proletarização, imprensa, o trabalho da própria direção, o trabalho ilegal, formação de quadros, trabalho entre os imigrantes, a relação com a instância continental de direção e as tarefas imediatas, que de sete pontos, um deles é “normalizar a direção do trabalho juvenil”.

Logo depois a FJCB recebeu a *Tese do Bureau Sul Americano da Internacional da Juventude Comunista à Federação da Juventude Comunista do Brasil*, de novembro de 1931,⁴⁴¹ que aponta as “principais fraquezas, erros e desvios; traça a linha justa”. O documento é a resolução do 3º Pleno do SSA-IJC que se realizou especialmente para tratar da “situação e as tarefas” FJCB. Faz uma leitura conjuntural do Brasil muito parecida com o documento enviado pelo BSA-IC e coloca a organização juvenil comunista brasileira compromissada com a resistência à ofensiva capitalista “através da luta das massas operárias e camponesas, sob a direção do PC pelo Brasil Soviético.”

O documento considera grande a importância dos jovens e crianças proletários, pois o número desses trabalhadores é imenso, sendo uma parte importante da produção para o capitalismo como um todo; 20% dos operários são de jovens que tem entre 14 e 18 anos — obviamente que dependendo da categoria essa porcentagem aumenta ou diminui, sendo esta a média colocada. Se considerar um alargamento, pouco mais ou pouco menos, dessa faixa etária, então, aumenta a porcentagem do contingente de jovens e crianças proletários. Volume de trabalhadores que nunca teve “uma legislação social que protegesse a juventude da exploração semi-feudal”.⁴⁴²

As condições em geral de trabalho da juventude são um pouco mais precárias. Uma jornada que varia, média, de oito a dez horas para os operários (antes de 1930) e “de sol a sol” para os trabalhadores rurais. Estes, por vezes, não recebem salários. As escolas se fecham e aumenta o número de jovens analfabetos. Para o operariado em geral o aumento da jornada e a diminuição dos salários é uma realidade. O fechamento de diversas fábricas e setores inteiros trouxe dificuldades para o movimento sindical realizar greves, já que o desemprego, que já era uma realidade, só tende a aumentar. Os jovens da cidade acabam por ter que ajudar em casa e precisam deixar os estudos. Os do

⁴⁴¹ Que tem um epígrafe coerente com a relação entre as organizações partidária e de juventude (pelo menos desde o 3º Congresso): “A Federação da Juventude Comunista é um organização política de massas e de combate, subordinada à linha política do PC que luta sob a direção deste pela aplicação de sua linha dentro do setor em que atua — dentro das amplas massas juvenil exploradas e oprimidas das cidades e dos campos.” *Tesis del Bureau Sudamericano...*, de meados de 1931 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1046]

⁴⁴² *Tese do Bureau Sul Americano...* de novembro de 1931, p. 14-15. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1046]

campo precisam acompanhar a família nos despejos de fazendas, trocando de cidade a todo momento e, às vezes, indo para as grandes cidades tentando alguma possibilidade de sobrevivência.

Segundo o documento, cresce o número de movimentos paredistas que têm os jovens como parte importante do efetivo de grevistas. Houve também movimentos rurais que envolviam jovens em regiões de graves conflitos como os de áreas comandadas pelo cangaço e na região do Contestado. Essas sublevações que têm jovens, segundo esta resolução, precisam ser de interesse da FJCB. A organização juvenil comunista brasileira “opera muito lentamente, não guardando nenhuma relação com as condições objetivas.”⁴⁴³

A perseguição e a ilegalidade são instrumentos que a reação utiliza para barrar o crescimento da FJCB e ajudar na fascistização da massa juvenil. Para isso também contribuía a legislação sindical que impede a criação de departamentos juvenis nos sindicatos; que, ao lado da militarização, permitem a circulação e incentivam a absorção de ideias e organizações reacionárias entre a juventude.

A Tese à FJCB esta deveria se preocupar com a fascistização desde o fato da própria FJCB, que na ilegalidade foi obrigada a desenvolver suas tarefas de forma clandestina; até a oficialização, nas escolas do ensino militar, os “tiros de guerra”, os clubes escotistas, os clubes burgueses que realizavam extensa educação ideológica, a Federação da Juventude Trabalhadora, ligada ao Partido Trabalhista etc. Também é citada, como um alvo burguês a ser combatido, a revista “Brasilidade” que, conforme constatavam, tinha um conteúdo estritamente juvenil e que pertencia à juventude trabalhista do então Partido Trabalhista. A outra forma a fascistização da juventude brasileira acontecia por meio da religião, principalmente católica, onde o:

Ensino religioso se intensifica atualmente entre as massas juvenis, com o decreto do governo, instituindo o seu ensino obrigatório nas escolas primárias e secundárias. A igreja, ‘em nome da pátria, de Deus e da ordem’, lutam [sic] pela manutenção dos privilégios dos imperialistas, dos feudais e dos burgueses, e pela conservação das condições escravagistas das massas da juventude trabalhadora.⁴⁴⁴

Do ponto de vista interno e além de todas estas dificuldades, a cisão dos comunistas no fim da década de 1920 — por conta das opiniões sobre os rumos da

⁴⁴³ *Tese do Bureau Sul Americano...* de nov. de 1931, p. 16. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1046]

⁴⁴⁴ *Tese do Bureau Sul Americano...* de nov. de 1931, p. 19. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0116]

União Soviética e do movimento comunista internacional e que aconteceu na maioria dos partidos comunistas, inclusive no Partido Comunista da União Soviética — gerou tendências que tinham um parecer sobre a realidade brasileira diferente dos membros do partido; assim o BSA-IJC alertava a FJCB que:

Os elementos trotskistas, chefiados por Plínio Mello, Aristides Lobo, João da Costa Pimenta e outros traidores do proletariado, consideram o golpe de Estado de Outubro de 1930, organizado pela Aliança Liberal, com o apoio e controle dos imperialistas americanos, como uma revolução democrático burguesa.⁴⁴⁵

Diante dessa realidade, a situação da FJCB foi caracterizada em sete pontos: é um pequeno grupo sem um raio de influência maior que os próprios membros da organização; está atrasada em relação à compreensão dos fenômenos políticos e sociais que tangem a juventude; não tem uma política específica para a juventude; não conseguiu se constituir em grande parcela do território nacional e contém disputas regionais internas; muita debilidade dos quadros, inclusive das direções; não consegue detectar as diversas tendências políticas no seio da massa e por isso sofre penetração de várias delas; e padece de desvios de esquerda e de direita.

As duras críticas da instância continental de direção são acompanhadas, segundo o documento, por tarefas e soluções para esses problemas. O centro da tática oferecida à FJCB pelo SSA-IJC é o crescimento numérico: “conquista da maioria da juventude trabalhadora e criação de uma verdadeira Federação de massas”. Mas para isso ser possível são necessárias diversas modificações. Será preciso a compreensão dos jovens comunistas que essas tarefas não podem ser executadas de forma burocrática: “não se pode dar solução mecânica a um problema político”. É preciso organizar lutas de oposição a Getúlio Vargas, criar uma plataforma de reivindicações juvenis, sanear a organização dos elementos do vasto leque pequeno-burguês. Outro quesito se faz importante, a autocrítica⁴⁴⁶ e a correção dos desvios; e para isso é necessário compreender quais são esses desvios e qual é a “linha justa”. E para isso organizar as

⁴⁴⁵ *Tese do Bureau Sul Americano...* de nov. de 1931, p. 20. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1046]

⁴⁴⁶ Para o “partido de novo tipo” a disciplina rigorosa é um dos pilares da construção partidária. Lenin discorre sobre a ideia de autocrítica mostrando que “a atitude de um partido político diante de seus erros é um dos critérios mais importantes e seguros para a apreciação da seriedade desse partido e do cumprimento *efetivo* de seus deveres para com a sua *classe* e as *massas* trabalhadoras. Reconhecer francamente os erros, pôr a nu as causas, analisar a situação que os originou e discutir cuidadosamente os meios de corrigi-lo é que caracteriza um partido sério; nisso consiste o cumprimento de seus deveres; isso significa educar e instruir a *classe* e, depois, as *massas*.” LENIN, V. I. (2004) *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*; São Paulo, Ed. Anita Garibaldi, p. 69-70.

lutas, estudando suas questões, motivações, preparar jornais, fazer agitação, convencer os jovens trabalhadores e que a FJCB protagonizasse essas lutas.

É preciso, pois, aplicar a política da frente única. E aqui se revela de forma mais detalhada a tática proposta. É a frente única oriunda ainda do 3º Congresso da IC, que — traduzida para a realidade brasileira pelos representantes do SSA-IJC — tem por objetivo construir a frente que tem os comunistas na dianteira e massa de trabalhadores acompanhando. E as outras forças à reboque dessa composição. A experiência mostrou em diversos momentos que a nem a massa acompanharia e nem as outras forças deixariam os comunistas atuarem sozinhos. Essa equação levou sequencialmente à FJCB culpabilizar as outras organizações (com os mais diversos adjetivos: social-fascistas, fascistas, pelegos, amarelos, contrarrevolucionários e todos os epítetos que couberam sob o guarda-chuva de pequeno-burgueses).

Esse pesado trabalho de base que se faz necessário para a frente única, proclamada, passa necessariamente por uma dinamização da vida política das células de empresas, já que estavam aí o maior contingente tanto da FJCB como da própria parcela jovem da classe operária. A organização juvenil comunista brasileira não poderia mais ter nessas células a tão comum inatividade política, pois é nessa instância que se realiza a materialidade da vida militante; é ali que:

Devem estudar constantemente a situação dos jovens, dar sua palavra diante de cada acontecimento, organizando o trabalho sindical na empresa, lutando contra os adversários, desenvolvendo as organizações do SVI [Socorro Vermelho Internacional], da Liga Anti-imperialista, editando manifestos e volantes, tirando regularmente um jornal de fábrica, defendendo os interesses dos jovens operários, organizando as suas lutas.⁴⁴⁷

Essa teria que ser uma pauta a ser tratada diretamente pelo Comitê Central da FJCB, na opinião do SSA-IJC.

Mas para isso se tornar viável é necessário a constante preparação da direção e de novos quadros. E os problemas desta pauta não podem ser resolvidos de um dia para o outro, são política de formação de quadros e direções (central e regionais) que levam tempo. Nessa questão estão inseridos os problemas tanto da parte teórica como as questões políticas e de organização. É necessário “organizar cursos” e “pequenas escolas”; e também “ajuda-los no trabalho de cada dia, para poderem vencer as dificuldades (...)” Isso “exige uma ampla discussão dos problemas que se impõem à

⁴⁴⁷ *Tese do Bureau Sul Americano...*, de nov. de 1931, p. 36. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1046]

Federação. Com insultos e expulsões mecânicas, criou-se no seio da Federação uma situação intolerável e as divergências e desvios continuam a manifestarem-se [*sic*] de uma ou de outra forma”.⁴⁴⁸

Essa “vira-volta” como o SSA-IJC chama o conjunto de modificações que a FJCB tem de realizar, afunila, necessariamente para o movimento sindical juvenil, as reivindicações econômicas: “Sem encarar resolutamente esta tarefa, a Federação não se orientará com decisão para transformar-se numa organização de massas e de combate, nem, tampouco, conquistará a maioria da juventude trabalhadora.” Seria preciso a FJCB abandonar a formulação das “reivindicações modelos” e envolver a massa para formular em conjunto a plataforma imediata. Isso passa por criar a seção juvenil da Confederação Geral do Trabalho do Brasil. Esta deve ser composta não só por “comunistas, como também, os operários sem partido”.⁴⁴⁹ Notemos que não se coloca a possibilidade de inserção de outras correntes políticas de matizes do pensamento político da época.

Com o aumento crescente do desemprego a orientação é de fazer trabalho específico também com os jovens que buscam seus meio de vida. Subsídio, albergues, alimento, serviço médico, vestimentas, são alguns dos itens de reivindicações sugeridos para essa parcela de jovens. Também ganha centralidade a luta contra as modificações nas leis sindicais que restringem a possibilidade de criação de departamentos juvenis nos sindicatos.

Outra pauta foi compreender o trabalho antimilitarista como potencial de amplas parcelas juvenis. Não era possível colocar o problema da guerra imperialista como motivação dessa pauta. A questão do possível conflito internacional que poderia colocar a vida em risco, no front, de número grande de trabalhadores vertidos em soldados; ou que essa poderia ser uma guerra que colocaria a pátria dos trabalhadores em retrocesso, não era a melhor forma de iniciar o convencimento da juventude para a luta antimilitarista. Gerações inteiras de extensas camadas populares consideravam as forças armadas como um meio de sobrevivência. O exército ou o sacerdócio era no imaginário popular uma forma de não sucumbir à seca, à fome, à pobreza. Luta contra a militarização usando de argumento abstrato não faria muito sentido para esses jovens. O argumento deveria partir das questões concretas como diminuição de soldo, supressão de licenças e condições de sobrevivência nos navios e nos quartéis.

⁴⁴⁸ *Tese do Bureau Sul Americano...*, de nov. de 1931, p. 38. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1046]

⁴⁴⁹ *Tese do Bureau Sul Americano...*, de nov. de 1931, p. 39. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1046]

Mas a campanha também deveria se pronunciar contra a militarização da sociedade como um todo: “fazer, também, entre as massas da juventude trabalhadora lutando contra a militarização da juventude operária e camponesa”. Para isso a FJCB deve “criar uma comissão nacional para o trabalho antimilitarista, comissão que deve trabalhar sob o controle dos órgãos de direção da JC e do PC.” Esse trabalho deve ser desenvolvido entre soldados e marinheiros também, sem que se confunda isso com “prestismo”.⁴⁵⁰

Com efeito, o trabalho que talvez tenha tido maior sucesso foi o “anti-mil”. Já que desde 1929 o PCB havia criado o Comitê Militar Revolucionário para preparar os militares de baixa patente para a “terceiro ciclo de revoltas” — o primeiro fora o levante de Copacabana de 1922 e o segundo, o levante de 1924 em São Paulo e Rio Grande do Sul que teriam sido a gênese da Coluna Prestes-Miguel Costa. Para Vianna o que de alguma forma havia de democrático e progressista estava ligado aos tenentes, sendo que:

Havia também um ambiente propício à receptividade do trabalho do partido nas Forças Armadas: o entusiasmo com o tenentismo e principalmente com a Coluna Prestes era imenso, ao mesmo tempo que as decepções com o movimento de 1930 faziam voltar as esperanças de continuação das lutas (...).⁴⁵¹

Durante a “luta armada” entre a oligarquia paulista e o governo Vargas em 1932, por exemplo, a FJCB fez uma investida sobre os “soldados e marinheiros” levantando três bandeiras: “Pela abolição da humilhante continência fora dos quartéis! Pela melhoria da boia! Pelo direito de andar à paisana nas horas de folga como os oficiais!”⁴⁵²; na tentativa de atrair esses setores de baixa patente.

Uma das pautas mais difíceis de se realizar é a das massas infantis operárias. As condições objetivas dessa parcela de trabalhadores é incontestável. O trabalho infantil é dos mais exploradores e massacrantes, o que leva o trabalho de organizá-los a mais uma dificuldade — afora a própria questão etária. A resolução orienta que a “Federação deve traçar um programa de reivindicações para os meninos proletários que compreenda os aspectos econômicos, políticos e culturais da infância explorada.” Dentre elas “a luta

⁴⁵⁰ *Tese do Bureau Sul Americano...*, de nov. de 1931, p. 43-44. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1046]

⁴⁵¹ VIANNA, 2007, p. 76.

⁴⁵² *Panfleto Soldados e Marinheiros!*, distribuído em 1932 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1098]

contra o analfabetismo, contra a influência religiosa, a educação militarista”. E que a FJCB deve organizar a Federação Infantil Comunista:

A falta de atenção para com o movimento infantil comunista é um aspecto da política sectária da Federação. (...) A luta pela defesa da Infância operária e camponesa contra a exploração semi-feudal da mesma deve ser o eixo para a organização da Federação Infantil Comunista.⁴⁵³

Foi orientado aos jovens comunistas que construíssem uma plataforma de reivindicações para os meninos proletários e teria de ser construída uma imprensa infantil que desse conta de atividades desportivas, culturais, recreativas fazendo com que se criasse uma geração de futuros jovens comunistas preparados, e com experiência mínima, para a vida militante.

A falta de preparo desses militantes, de tradição de um movimento juvenil comunista no Brasil e de identidade juvenil para a atuação da FJCB fez com que a organização tivesse apenas uma retórica juvenil para a atuação juvenil dos comunistas. Não era uma organização juvenil comunista, mas sim uma organização comunista, assim como o partido, que tinha jovens. Nos anos 1950, quando persistiam os mesmos erros, esse fenômeno foi chamado de “partido de calças curtas”.

Seguindo a tendência de todo o continente, o BSA-IJC orientou à FJCB a fortalecer o esporte proletário, pois é uma oportunidade de “encontrar formas semilegais de trabalho permanente entre as massas”. Nesse sentido seria necessário evitar dois desvios, formas prejudiciais ao trabalho, que grassavam com muita facilidade: “um que pretende retirar-lhe todo o aspecto político de classe para ‘facilitar’” o trabalho entre os jovens trabalhadores e o outro de “conteúdo completamente sectário, [que] reduz os clubes operários a pequenos núcleos de jovens completamente desligados das amplas massas.” A finalidade dos comunistas neste trabalho é desenvolver “um meio para que possa estender e organizar o trabalho revolucionário entre as massas da juventude trabalhadora.⁴⁵⁴

A capilaridade social que a FJCB deveria perseguir era ampla, densa e complexa envolvendo trabalhos entre jovens negros e índios “lutando por suas reivindicações como raças oprimidas” Pois “é preciso fazer uma política especial, que, além dos

⁴⁵³ *Tese do Bureau Sul Americano...*, de nov. de 1931, p. 45. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1046]

⁴⁵⁴ *Tese do Bureau Sul Americano...*, de nov. de 1931, p. 46-47. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1046]

problemas que existem, em geral, para todos os trabalhadores está o problema racial, que constitui o aspecto fundamental.”⁴⁵⁵

Havia também a orientação sobre o trabalho entre as jovens mulheres. Diagnostica-se que existe um número pequeno de mulheres nas fileiras da FJCB. Reverter essa situação passa por dar mais atenção a isso desenvolvendo plataformas de reivindicações imediatas, clubes culturais em que se ofereçam cursos de trabalho, “criação de quadros femininos” nas direções. E, por fim, é dito na resolução que a “luta contra os preconceitos pequeno-burgueses e a influência religiosa devem ser conduzidas paralelamente entre as mulheres.”⁴⁵⁶

Diante da comum violência policial em comício, greves e demais atividades a FJCB deveria organizar, como mostra a documentação, a luta pela legalidade da Federação e de todo o movimento revolucionário. Eles deveriam conquistar o poder por luta armada e legalizar a organização juvenil, o PCB e o movimento revolucionário. Para que os riscos diante das manifestações fossem diminuídos a FJCB teria de:

(...) organizar a resistência física pela legalidade da nossa Federação e pela defesa das reivindicações imediatas dos jovens operários. Para começar, cada região deve formar grupos com os companheiros mais decididos, para defender os nossos oradores nos comícios, defender as nossas palavras de ordem, resistir às prisões e exigir pela força a legalidade de todo o movimento revolucionário.⁴⁵⁷

As teses através das quais o BSA-IJC orienta os trabalhos da FJCB mostram qual é o estado da arte da organização juvenil do PCB nos idos de 1931. Colocam os detalhes de um diagnóstico sobre a realidade da juventude trabalhadora e de sua organização comunista. Mostram, além disso, as perspectivas que a IJC tinha para seu trabalho na sessão brasileira evidenciando erros e acertos. Conclui tal documento que:

É preciso realizar uma ampla discussão à base desse documento, não só no CC como também em toda a escala da Federação, de alto a baixo; discussão essa que deve terminar com a elaboração de planos de trabalhos concretos para cada organização.⁴⁵⁸

Tais teses serviram para que fosse repensada a atuação juvenil dos comunistas brasileiros. Mas as resoluções do 3º Congresso do PCB e do 6º Congresso da IC davam contraditoriamente o teor político sem que isso interferisse no conteúdo ideológico do

⁴⁵⁵ *Tese do Bureau Sul Americano...*, de nov. de 1931, p. 48. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1046]

⁴⁵⁶ *Tese do Bureau Sul Americano...*, de nov. de 1931, p. 49. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1046]

⁴⁵⁷ *Tese do Bureau Sul Americano...*, de nov. de 1931, p. 51. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1046]

⁴⁵⁸ *Tese do Bureau Sul Americano...*, de nov. de 1931, p. 53. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1046]

que deveria ser a forma de desenvolvimento da FJCB. Na prática se lançou ideias de fortalecer a organização, mas sem que houvesse um amálgama coerente para que se colocasse em prática as novas diretivas. Isto é, a retórica era de amplitude e a ação continuava sendo das mais sectárias.

Um balanço que relata a aplicação dessa política orientada pelo SSA-IJC ajuda a compreender o impacto das resoluções da direção continental. Em relatório apresentado pelo “Camarada Arnaldo” no SSA-IJC em 24 de maio de 1933 é apresentado um panorama do recrutamento e que entre 1930 e 1931 há um crescimento; e em 1932 uma diminuição significativa. Essa diminuição de aderentes, muito provavelmente, é fruto, ainda, da política anterior. O longo relatório é apresentado por um militante brasileiro, Arnaldo (Jaime Ferreira). Abre com uma análise econômica mais profunda que todas as outras feitas pela FJCB. Faz uma análise política das causas e consequências da “luta armada” de São Paulo contra o governo federal em julho-setembro de 1932; coloca este último como o evento político mais significativo dos últimos tempos e a constituinte como a principal pauta política do momento atual.

Em 1932 a FJCB não participou da insurreição paulista entendendo-a como “uma guerra civil feudal-burguesa” da oligarquia paulista que havia perdido espaço político pós o levante de 1930 e o reajuste da classe dominante na partilha do poder central. A palavra de ordem da FJCB foi expressou a tática anacrônica empregada durante o conflito armado, muito parecido com o que Lênin defendia em Zimmerwald. Deveria a FJCB, através de ações próprias:

(...) com a realização de alguns comícios nas portas de fábricas, e com o trabalho de agitação, por meio de manifestos, bandeiras com palavras de ordem [para] ‘transformar a guerra civil feudal-burguesa em uma luta contra a fome e a reação’.⁴⁵⁹

As causas e desdobramentos do conflito armado de 1932 residiam na aparência sobre uma nova Carta Magna que pudesse amparar os fenômenos novos, a partir do rearranjo de forças políticas no governo central, da crise estrutural do capitalismo, da decadência do café. Em torno disso a FJCB e o PCB entenderam que a Constituinte “seria um instrumento oportunista de facções da classe dominante na sua luta pelo retorno à hegemonia política”, como afirma Carone.⁴⁶⁰ Mas o relatório do “Camarada

⁴⁵⁹ *Informe da Federação Juvenil Comunista do Brasil apresentada pelo camarada Arnaldo no Secretariado da América do Sul e do Caribe do Comitê Executivo da IJC em 24 de março de 1933*; p. 15. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1057]

⁴⁶⁰ CARONE, 1991, p. 81.

Arnaldo” deixa uma pequena brecha em que se flexibiliza a opinião dos comunistas sobre o processo constitucional, considera um sentido para participarem do pleito:

Porém como a Constituinte já foi convocada oficialmente a FJC acompanhou o PC na mudança de sua tática, que nos permite trabalhar para garantir a participação do PC nas eleições da mesma, como um meio de melhor poder mostrar as massas trabalhadoras o caráter reacionário, da Constituinte e a inutilidade da mesma na solução dos problemas mais imediatos dos trabalhadores das cidades, e das massas camponesas, pobres.⁴⁶¹

A repressão contra os jovens comunistas se intensificava e durante o conflito armado registrou-se diversas prisões. A tendência crescente da repressão à FJCB já era possível perceber desde o fim do ano anterior, no 14º Aniversário da revolução russa, quando a polícia perseguiu e prendeu um militante da FJCB, na Praça da Concórdia, em São Paulo; e no Rio de Janeiro num comício na Estação da Central: “a polícia intervém atirando contra a massa e contra um dos oradores, o camarada João Alencar, jovem operário tecelão de 22 anos apenas e secretário da FJCB”,⁴⁶² morrendo na hora. Nas campanhas dos três últimos anos houve um aperfeiçoamento das perseguições, prisões e criminalização dos comunistas⁴⁶³:

Dezenas de deportações dos membros dirigentes do PC e FJC para o estrangeiro e para os trabalhos forçados nas Ilhas Fernando de Noronha, Colônia Correccional de Dois Rios etc., se leva ao cabo pelo atual governo feudal-burguês. Os assassinatos de militantes revolucionários se repetem nas prisões e nas

⁴⁶¹ *Informe da Federação Juvenil Comunista do Brasil... de 24 de março de 1933 p. 23.* [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1057]

⁴⁶² *14º aniversário da União Soviética*, Em: *A Classe Operária*, nº 07, de 10 de novembro de 1931, p. 3 [ASMOB — CEDEM/UNESP]

⁴⁶³ Isso coincide, como por exemplo no estado de São Paulo, com o início do funcionamento do DEOPS, desde a sua fundação; e o aparelhamento e aperfeiçoamento do Penitenciária do Estado que “proporcionou a montagem de uma série de serviços burocráticos e de uma variedade nunca vista de procedimento de análise, estudo e registro de informações sobre a vida do preso, suas características físicas, sociais e mentais. Essa profusão de material proveniente da observação ‘científica’, produzida no seu interior, aliada à preocupação em projetar a PE [Penitenciária Estadual] como uma prisão modelar, imporiam uma nova situação. (...) As ‘soluções’ para o mundo do crime só podem então surgir com as observações cuidadosas, milimétricas, que são elaboradas pelos médicos, psiquiatras e instrutores da Penitenciária. Neste sentido, a proposta de criação do Instituto de Criminologia vem consagrar esse papel central que a prisão ocupa naquilo que Foucault denominou arquipélago carcerário.” SALLA, Fernando (1999) *As prisões em São Paulo 1822-1940*, São Paulo: Annablume/Fapesp, p. 308. Essa “cientificidade” do crime comum chegará às polícias políticas com um pouco de atraso e aos poucos. Na primeira metade da década de 1930 a ideia de informação sobre os comunistas passa a ser utilizada num crescente que faz aumentar a importância do trabalho ilegal do PCB, forçando-o a amadurecer os meios clandestinos de atuação — mas só se tem essa percepção após muitas prisões, perseguições, torturas, assassinatos, perdas de aparelhos e gráficas e deportações.

manifestações de ruas. Os antigos aparelhos de repressão ao comunismo se aperfeiçoaram, e se criam outros novos (...)⁴⁶⁴

Duas novidades do relatório de Arnaldo são apresentadas para além das expectativas do SSA-IJC, o primeiro é a constatação de que até 1931 a FJCB não havia desenvolvido nenhum trabalho específico para o movimento estudantil. Mesmo com a antiga JCB ter tido vários estudantes na sua direção, o foco central era o trabalho entre jovens operários. Já há mais de um ano que

Alguns jovens comunistas estudantes base de um trabalho preparatório organizassem no Rio de Janeiro a Federação Estudantil Vermelha [sic], com a adesão de uns 80 estudantes pobres, de vários colégios e faculdades. Desde o início de sua fundação, na Federação Estudantil Vermelha, sempre dominou uma forte corrente sectária no que se refere a organização das lutas pelas reivindicações dos estudantes pobres e apolítica no que se refere à luta contra a militarização da juventude e contra a reação e a guerra imperialista.⁴⁶⁵

Arnaldo afirma que “este sectarismo e este apoliticismo foi em parte já superado sob a base de uma ampla discussão no núcleo Estudantil”, o que provavelmente seja apenas na aparência, pois (desde o nome da organização) a sua tática de crescimento e suas bandeiras se mostram muito próximas, entendemos, da agitação feita em torno dos jovens operários, do que dos jovens estudantes, mesmo que pobres. A Federação Vermelha de Estudantes (FVE) logo de início teve em suas campanhas militantes presos e perseguidos⁴⁶⁶. Chegou à 200 membros, num primeiro momento, e fez o primeiro desenho de reivindicações estudantis dos comunistas brasileiros. Angariou quadros de algumas faculdades dos cursos de Direito e Medicina, contou com alguns militantes de

⁴⁶⁴ *Informe da Federação Juvenil Comunista do Brasil... de 24 de março de 1933 p. 8.* [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1057]

⁴⁶⁵ *Informe da Federação Juvenil Comunista do Brasil... de 24 de março de 1933 p. 26.* Grifos do autor. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1057]

⁴⁶⁶ A perseguição foi intensa e em fins de novembro de 1932, uma delegação — sobretudo de universitários — da FVE fez uma visita à redação do jornal *A Manhã* para pedir ajuda, pois “a FVE fora varejada pela polícia na rua do Carmo, onde tinha a sua sede. Sem teto, sem luz, sem fé, sem Deus, sozinha, a Federação foi-se aboletar no Clube Carioca de Boxe, gentilmente cedido pela sua diretoria. Aí novamente receberam intimação para desinfetar o beco, não sabendo, agora, assim, onde poderão efetuar suas reuniões. Vinham, por isso, em comissão pedir o apoio deste grande arrotativo (...)”, *A Federação Vermelha de Estudantes*, Em: *A Manhã* nº 47, de 3 de dezembro de 1932, p. 5. [Biblioteca Nacional] Dias antes a entidade enviou ao *Diário Carioca* “o seguinte telegrama, relativo à violências praticadas contra um colega em Recife: RECIFE, 19 — (DC) — Solidários Federação Vermelha Estudantes, protestamos violências cometidas colega Álvaro José Abreu, da Esquerda Sindical Universitária”, *Universitários de Recife protestam contra violências cometidas com um colega*, Em: *Diário Carioca*, nº 1.316 de 22 de novembro de 1932, p. 3. [Biblioteca Nacional]

escolas secundárias — inclusive com luta em defesa de normalistas⁴⁶⁷ —, com o destaque para um efetivo do Colégio Pedro II. Desenvolveram a luta pela promoção por média e presença em detrimento da inadimplência.⁴⁶⁸ No momento do relatório de Arnaldo havia-se editado o primeiro número de seu jornal *Luta Estudantil*.⁴⁶⁹

A outra novidade é que até meados de 1932 a FJCB não havia conseguido desenvolver nenhum trabalho em torno da infância proletária. A partir de julho desse ano passou a discutir a pauta e havia chegado, até a redação do relatório, a dois grupo de

⁴⁶⁷ Numa mini-reforma educacional feita pelo Ministro Francisco Campos, acabou por inépcia dilatando o curso das normalistas de seis para nove anos com aulas das 7h às 16h. O curso normal do Instituto de Educação, pago, nessas circunstância teve mobilização de pais e alunas. Fizeram um manifesto pedindo apoio de outros setores da sociedade e conseguiram. A “Federação Vermelha de Estudantes, instituição poderosa, lançou um manifesto fazendo sua as causas das normalistas”. Além dos problemas curriculares um professor de ginástica “um capadócio qualquer, sem moral, que desrespeita as moças e se aproveita do cargo para ofender o seu pudor”. A resistência levou: “a diretoria do Instituto de Educação abriu inquérito administrativo, alegando (pasmem leitores!), que as moças queriam sublevar a ordem!!! (...) Aberto tal inquérito foram presos alguns alunos e expulsas duas alunas, sumariamente.” Em: *O brio da mulher brasileira*, Em: *Correio do Paraná*, nº 142 de 3 de novembro de 1932, p. 3 [Biblioteca Nacional] No início de outubro houve “um *meeting*, que se realizou defronte da Escola Normal, *meeting* esse que terminou com a prisão de alguns estudantes, suspeitos de estarem propagando ideias extremadas. Posteriormente, novos rumores chegaram cá fora, ainda relativamente ao fato, divulgando-se mesmo boletins firmados pela Federação Vermelha de Estudantes e endossado pelo Comitê do Instituto de Educação.” *Onde o mestre severo vê, alarmado, o surto perigoso das ideologias exóticas*, Em: *Diário da Noite*, nº 838, de 19 de outubro de 1932, p. 1 [Biblioteca Nacional] Em seguida, o Ministro da Justiça recebeu o seguinte telegrama: “Sr. Ministro da Justiça — Ministério — Federação Vermelha Estudantes protesta prisão acadêmicos cariocas Zolito Reis, José Netto, recolhidos Ilha Grande, pretensão crime ideias avançadas — (a) Romeu Lacerda, 1º Secretário.” Entre os presos também se encontrava Aloysio Vasconcellos. *Pela liberdade dos estudantes presos*, Em: *Diário Carioca*, nº 1.278 de 8 de outubro de 1932, p. 4. [Biblioteca Nacional] Dias depois, 24 de outubro, a FVE havia feito uma reunião onde foram “estabelecidas providências a favor da readmissão imediata das normalistas suspensas do Instituto de Educação, por decisão arbitrária da sua diretoria. A Federação Vermelha de Estudantes convida os Diretores das escolas e todas as organizações de estudantes a se fazerem representar. Pela FVE — [(a)] O Comitê pró-readmissão imediata das normalistas Izis Hauer e Déa Lacerda.” *Uma reunião de estudantes amanhã*, Em: *O Jornal* nº 4.288 de 23 de outubro de 1932, p. 18. [Biblioteca Nacional]

⁴⁶⁸ Em reunião foi apresentada a plataforma: “1) Promoção imediata no curso secundário e superior dos estudantes que tiverem obtido médias anuais graus superiores a 3,5 no conjunto ou 2 por matéria; 2) Promoção imediata de todos os estudantes que tiveram comparecido a um terço de aulas práticas nas escolas superiores ou secundárias; 3) Adiamento das aulas até 15 de janeiro para os estudantes que não tiveram média nem frequência para que, mediante o comparecimento às aulas este período serem promovidos independentemente de exames; 4) Questão da promoção dos estudantes em atraso com as tesourarias de suas escolas; Questão do fornecimento de cadernetas de reservistas por decreto este ano; e 6) Posição dos estudantes em face do movimento pró-promoção por média ou frequência dos estudantes de outros estados.” *Promoção por média ou frequência — uma reunião de estudantes sobre esta questão*, Em: *Diário Carioca*, nº 1.311 de 16 de novembro de 1932, p. 2 [Biblioteca Nacional]

⁴⁶⁹ *Informe da Federação Juvenil Comunista do Brasil... de 24 de março de 1933 p. 26-27.* [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1057] A FEV entra em conflito com os integralistas, como afirma o trabalho de Raisa Marques: “A tensão entre integralistas e comunistas ficou mais clara quando analisou-se os jornais *Luta Estudantil* e *Jornal Centelha*, de 1933, ambos organizados pela Juventude Comunista. Eles trazem manchetes como ‘O que é integralismo?’, ‘Porque a FVE sofre reação?’ e conclamam os estudantes a se organizarem: ‘conquistemos a escola, Colegas! Através da luta independente pela conquista dos direitos façamos nossa educação revolucionária’” Em: MARQUES, Raisa L. de Assis (2015) *Do espontâneo ao organizado: O papel da Juventude Comunista no processo de construção da União Nacional dos Estudantes (1935-1938)*, Dissertação de mestrado, Universidade Salgado de Oliveira, p. 51. A referência está em *Jornal Centelha e Luta Estudantil*, 1933. Doc. Panfletos. DESPS/RJ. APERJ.

crianças proletárias de fábricas de vidro, fósforo e têxteis. Ao todo são 40 meninos que iniciam um movimento de Jovens Pioneiros no Brasil.⁴⁷⁰ O relatório de Arnaldo reflete um amadurecimento da FJCB, mesmo com posições sectárias e ainda com uma prática distante dos objetivos, principalmente no que tange o sectarismo.⁴⁷¹

No segundo semestre de 1932, realizaram a Semana Anti-Guerreira a partir de 23 de agosto, data de aniversário do assassinato de Sacco e Vanzetti (anarquistas italianos que caíram numa armadilha da polícia estadunidense e foram condenados à cadeira elétrica). E logo após a Semana Internacional da Juventude Proletária que foram marcadas por:

(...) reivindicações imediatas dos jovens operários e camponeses com as reivindicações imediatas dos soldados e marinheiros, na luta contra a guerra civil feudal-burguesa no Brasil, contra a fome e a reação, contra a guerra imperialista de assalto à União Soviética e pela defesa dos Sovietes Chineses.⁴⁷²

Tem-se a preocupação com a imagem que a FJCB teria nessas atividades, através de seus oradores. Nessas ocasiões far-se-ia um momento de prova para o militante que teria tarefas de propagandear as ideias da organização. Esses militantes teriam de ser “combativos”:

⁴⁷⁰ *Informe da Federação Juvenil Comunista do Brasil... de 24 de março de 1933* p. 26-27. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1057]

⁴⁷¹ Em carta do Comitê Regional da FJCB de Pernambuco, de 7 de janeiro de 1932, o problema é referido de forma autocrítica: “A tendência sectária que parece ser um *cancrio mortal* dentro das organizações juvenis, teve um sério combate sobre os camaradas do CR que alguns são representantes dela em várias formas e camaradas da base que estão ligados mais estreitamente com as massas. Verificou-se que se cumpriu as tarefas traçadas pela Conferência de Ativos, mas de uma forma mecânica não correspondendo com o programa da CAMPANHA DA EMULAÇÃO REVOLUCIONÁRIA, pelo contrário diminuiu o recrutamento e em algumas células de empresas e de residência o trabalho diário deixou de ser realizado de acordo com as tarefas do momento especial de cada fábrica, bairro, em que ficamos isolados das massas juvenis.” Grifo nosso. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1047] No mês seguinte, outra carta, agora de um membro da comissão de organização, ainda preocupado com: “O decréscimo que vem sofrendo a JC em Pernambuco, muito mal tem nos recomendado perante os nossos camaradas de outros estado, e para que não nos seja dado o qualificativo de maus cumpridores do dever, devemos trabalhar mais. Quando assumimos o encargo de dirigirmos os jovens trabalhadores, preparando-os para a luta de amanhã, não foi para ficarmos na posição em que nos encontramos (...)” Em: *Federação da Juventude Comunista do Brasil — Recife, 5 de fevereiro de 1932 — Comitê Regional de Pernambuco* [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1048] Essa comparação com outros estado, provavelmente, se refere à campanha de emulação revolucionária. Dias depois o Secretariado Regional da FJCB de Pernambuco convoca uma conferência regional para março, que tem como um dos motes conferir o andamento da campanha de emulação, mas que “passados 33 dias sem que se tenha recrutado nem a terça parte dos jovens que temos de recrutar; é digna de crítica essa posição tomada por nós. Tudo isso é o resultado do sectarismo criminoso em que temos nos deixado ficar até hoje (...)” Em: *Circular — Recife, 13 de fevereiro de 1932 — assinado pelo Secretariado Regional* [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1048]

⁴⁷² *Circular a todas as células, zonas e Comitês Regionais da FJCB, sobre as campanhas de 23 de agosto (assassinato de Sacco e Vanzetti) a Semana Anti-Guerreira (23 de agosto a 30) e Semana Internacional da Juventude Proletária (7 a 15 de setembro)*, de 10 de agosto de 1932, p. 2. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1051]

(...) capazes de assegurar, através da luta pela conquista das reivindicações imediatas das massas juvenis trabalhadoras, a aplicação da linha política do Partido Comunista entre as mesmas. É necessário combater com bastante força a concepção muito difundida entre nossas fileiras, de que para falar aos operários é preciso ‘bonitos’ discursos. Para falar em comícios de portas de fábricas é preciso simplesmente conhecer em primeiro lugar a situação dos jovens operários das fábricas, e saber ligar a luta por suas reivindicações imediatas com as nossas palavras de ordem gerais (...).⁴⁷³

Aos poucos foi-se percebendo a impossibilidade de transformar a guerra civil entre São Paulo e o governo Getúlio numa guerra revolucionária. A palavra de ordem gira para: “Transformemos a guerra civil feudal-burguesa numa luta contra a fome e o desemprego — e pela liberdade de todos os presos políticos por questões sociais”. Já no início do mês de agosto, num manifesto (de quatro páginas) da FJCB pede o fim da luta armada:

Esta guerra civil feudal-burguesa nenhum benefício irá trazer para os trabalhadores jovens e adultos, para os camponeses, soldados e marinheiros. Quer vença Izidoro, quer vença Getúlio e seus comparsas, a exploração e o desemprego aumentarão. (...) Abaixo a guerra civil feudal-burguesa!⁴⁷⁴

As mudanças na política e nas orientações, colocadas sobretudo pela instância superior continental levaram, inevitavelmente às mudanças da direção da FJCB. Em carta enviada ao SSA-IJC é informado dessas mudanças: “Como Secretário do CC Provisório, os envio este informe a título provisório, afim de que os camaradas estejam a par de nossa situação e a marcha dos nossos trabalhos.”⁴⁷⁵ Essa reorganização do novo CC partiu da responsabilidade de, entre outros, “Nelson”⁴⁷⁶, que apresenta uma proposta de divisão de materiais para sete localidades que dão uma ideia de como estava o desempenho da FJCB. Segue um quadro*:

Localidade	Jovem Proletário	Tese do SSA-IJC
Rio de Janeiro	1.000	200
Pernambuco	1.000	300
Paraná	100	50
São Paulo	1.000	300
Campos (RJ)	100	60

⁴⁷³ *Circular a todas as células...* p. 3. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1051]

⁴⁷⁴ Manifesto *Jovens operários, camponeses, soldados e marinheiros*, de agosto de 1932, assinado pelo Comitê Central da FJCB, p. 2 e 4. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1045]

⁴⁷⁵ Carta a “Caros camaradas” da Federación Juvenil Comunista del Brasil (sección de la Internacional Juvenil Comunista, Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1932, assinado por “El CC provisório de la FJCB”, p. 1 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1052]

⁴⁷⁶ Provavelmente Jaime Ferreira, que também tem o codinome Arnaldo. JEIFETS (2015, p. 889).

Vitória	50	20
Rio Grande do Sul	50	20
Direção partidária	250	100

* Carta a “Caros camaradas” da Federación Juvenil Comunista del Brasil (sección de la Internacional Juvenil Comunista, Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1932, assinado por El CC provisório de la FJCB, p. 1 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1052]

São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco continuavam sendo os principais locais de desenvolvimento dos trabalhos da FJCB. Tinham um núcleo de quadros próprios (possível saber pelo número de teses do SSA-IJC e uma soma de militantes de base e área de influência algumas vezes maior.

E a composição social do novo CC, segundo a carta, tem: “dois estudantes de medicina, um intelectual, cinco operários) 3 metalúrgicos, um marítimo e um da construção civil) — todos os operário desempregados”; mantém assim, alto índice de trabalhadores, como desde antes. Essa composição para a anterior não tem, apesar de dois estudantes, grandes mudanças. Segue a composição do CC anterior: “dois têxteis, um marceneiro, um ferroviário, um da construção civil, um metalúrgico, um sapateiro, um marítimo, um garçom, um da indústria química (fósforo)”⁴⁷⁷

Mas mesmo com essa composição de maioria de operários podemos ver, como narra a carta de Pablo⁴⁷⁸ que mostra o choque que ainda há entre a instância nacional e a continental; e mesmo com uma nova composição de direção alguns problemas não foram solucionados:

Uma das principais características da Federação, é seu completo desligamento das fábricas, das quais quase não existem células de empresa, o que dificulta muito o trabalho da Federação. Como já informei a vocês em cartas anteriores, o problema da criação de uma direção capaz de aplicar a linha, representa um dos problemas fundamentais para nós neste momento. Durante toda a luta armada, o único elemento em que temos certa garantia foi o camarada Nelson (J.) e apesar de todos os nosso

⁴⁷⁷ Carta a “Caros camaradas” da Federación Juvenil Comunista del Brasil (sección de la Internacional Juvenil Comunista), Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1932, assinado por El CC provisório de la FJCB, p. 1 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1052]

⁴⁷⁸ Pablo é pseudônimo de um integrante do SSA-IJC. Pode ser tanto John Piccolly quanto Carlo Codevilla. Piccolly, estadunidense em 1907, tinha descendência italiana. Era operário metalúrgico e estudou em escola pública em Milwaukee. Foi membro da JC daquele país desde 1926, quando atuou no sindicato. Foi da IJC em 1931, do SSA-IJC em 1932 e foi estudar na ELI em 1933. Mas Pablo pode ser também Carlo Codevilla, italiano em 1900, em família de comerciantes. Ingressou na juventude socialista em 1914. Trabalhou e estudou na Escola de Superior de Comércio. Na primeira metade da década de 1930 trabalhou no BSA-IC. JEIFETS (2015, p. 157; 518; 549-550).

esforços e ajudas, ele na prática atualmente resistia à linha (...) não devemos duvidar do seu trabalho fracionista (...)”⁴⁷⁹

A Manifestação de 15 de setembro com o intuito de apresentar as reivindicações imediatas das organizações de massa, sobretudo a FJCB, acontece após uma onda de prisões no Rio de Janeiro, principalmente depois da manifestação de 23 de agosto. Entre as bandeiras econômicas e políticas, contra o imperialismo e o latifúndio, também reivindicam: “pela liberdade dos jovens José Maria de Souza, Brasilino Ferreira, Antônio de Oliveira, Luiz Ribeiro e demais presos proletários, por lutar contra a fome e a reação”⁴⁸⁰

Concomitante ocorreu o 2º Pleno da FJCB que prepara uma conferência nacional. A resolução indica que, após as modificações do CC, a relação entre organização juvenil nacional e instância continental está mais branda: “Com o auxílio do BJSa [o mesmo que SSA-IJC] e do PCB, a JC tem melhorado muito. Tem tentado pôr em prática a verdadeira linha, tem feito [*sic*] grandes passos para a sua proletarização e politização, para a ida às fábricas, entre os soldados etc.”⁴⁸¹

Derivado desse 2º Pleno foi aprovada uma Resolução sobre o trabalho sindical juvenil que aprovou sete tarefas; 1) Concentrar forças nas principais empresas e indústrias; 2) Desenvolver um plano de trabalho; 3) Criar e fortalecer as seções juvenis dos sindicatos; 4) criar oposições revolucionárias juvenis nos sindicatos dirigidos pelos amarelos; 5) realizar trabalho específico entre jovens trabalhadores negros e índios; 6) criar comitês de jovens desempregados para elaboração de reivindicações imediatas e organização desse efetivo; e 7) criar as Seções Sindicais Juvenis da Confederação Geral do Trabalho do Brasil. E mantiveram a tática de frente única, fazendo aliança com a massa de trabalhadores.⁴⁸²

Também derivado do 2º Pleno uma Resolução sobre o trabalho entre meninos proletários. Discutiram as condições de trabalho — como o crescimento do número de trabalhadores de 6 e 7 anos que ganham a vida como jornaleiros, operários em indústrias de vidro, fosforo e vendedores de rua, varredores, engraxates, catadores,

⁴⁷⁹ Ao KIM (de uma carta enviada “por el compañero Pablo”), de 31 e outubro de 1932, p. 1-2. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1053]

⁴⁸⁰ Panfleto *Jovens! Operários e camponeses, soldados e marinheiros*, de setembro de 1932 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1096]

⁴⁸¹ *Resolução do 2º Pleno do CC da FJCB sobre a situação do país e sobre a situação e as tarefas da Juventude Comunista do Brasil*, do segundo semestre de 1932, p. 8 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1100]

⁴⁸² *Resolução sobre o trabalho sindical juvenil*, 1932, p. 1 e 3 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1101]

entregadores —; o crescimento do movimento de escoteiros (*boy-scouts*); a farsa do Código de Menores. Nas fazendas fazem parte das condições de trabalho de seus pais. Os adultos são contratados com a garantia que levarão seus filhos, desde pequenos, para ajudar na lavoura. O movimento de pioneiros que crescia vertiginosamente nesse momento na URSS serve de referência para as experiências de outros países: “Só na União Soviética, os meninos proletários gozam de todas as regalias!” Resolvem criar a Organização de Jovens Pioneiros que deverá estar subordinada à FJCB.⁴⁸³

Também houve resolução sobre o trabalho de esporte proletário que se resumiu em seis pontos: 1) Consolidar os clubes já criados; 2) propagandear a Federação de Esportes Proletários; 3) criar seções esportivas nos sindicatos; 4) diversificar as atividades dos esporte proletário para os trabalhadores do campo e crianças, variar também as atividades inserido jogos de damas, xadrez, ginástica, ping-pong etc; 5) inserir militantes da FJCB em clubes de adversários; 6) assim que houver um número mínimo de clubes sob a direção da FJCB convocar conferências regionais para chamar a conferência nacional e criar a Federação de Esportes Proletários do Brasil.⁴⁸⁴

A reunião termina com um rol de tarefas em perspectiva, um plano que orienta metas proporcionais para cada estado onde há FJCB organizada*.

Regiões	Recrutamento de operários	Células de empresas	Clubes esportivos	Seções sindicais juvenis	Pioneiros grupos a organizar	Assinatura de <i>O Jovem Proletário</i>	Células no campo	Curso de capacitação	Jornais de célula de fábrica
São Paulo	50	3	4	2	2	50	3	2	4
Pernambuco	50	3	4	2	2	50	3	2	8
Campos	35	2	2	1	2	35	2	2	3
Paraná	6	1	-	-	-	6	-	1	1
Rio Grande do Sul	20	2	1	1	1	20	1	1	1
Bahia	Formar um grupo								
Alagoas	10	1	1	-	-	10	-	1	1
Sergipe									
Paraíba	25	2	2	1	1	25	1	1	2
Pará	15	2	1	-	-	15	-	1	1
Maranhão	Formar um grupo								
Ceará	10	1	-	-	-	10	-	1	1
Espírito Santo	20	1	-	-	-	10	1	1	1

⁴⁸³ Resolução sobre o trabalho entre meninos proletários, 1932, p. 2 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1102]

⁴⁸⁴ Resolução sobre o trabalho esportivo, 1932, p. 3 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1101]

Rio de Janeiro	75	6	3	2	3	75	4	3	7
Rio Grande do Norte	Formar um grupo								
Piauí	Formar um grupo								
Minas Gerais	5	1	-	-	-	5	-	1	1
Total	321	**	**	9	11	**	**	17	**

*Plano Nacional de Trabalho até a Conferência Nacional da FJCB (3 meses) [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1104] ** Não foram apresentadas somas.

Houve uma busca de melhora na relação com a instância continental, sendo que no último ano houve também diversos esforços de sistematizar as demandas e orientações, robustecendo a plataforma de reivindicações imediatas das diversas áreas, a tentativa de dar coerência às pautas e seus entrelaçamentos, a adequação da linha política com a tática e a divisão de tarefas. A impressão que essas resoluções passam é que existe um esforço de nacionalização das orientações internacionais, no que se refere à adequação da linha geral abstrata com o meio em que será executada — real, concreto.

A IJC fez uma grande comemoração do 26º aniversário do Congresso de Stuttgart (1907). Por sua vez, o SSA-IJC fez um panfleto conjunto das Federações da Juventude Comunista da América do Sul, em que fazem “um apelo a todos os jovens operários, camponeses, soldados e estudantes, que até hoje formara nas fileiras da ‘esquerda’ burguesa e da socialdemocracia para a realização de uma vasta ação de Frente Única”. Nele é chamada uma manifestação para comemorar a fundação da ISJ:

As JJCC da Argentina, Brasil, Chile e Uruguai, por ocasião da 19ª Jornada Internacional da Juventude trabalhadora se dirigem aos jovens explorados do Continente, incitando-os a juntar-se a luta contra a guerra e a reação. A guerra e a reação — a matança das massas laboriosas, o cerceamento de seus direitos, ofensiva sangrenta contra as suas condições de existência: é esta a realidade da América e do mundo.⁴⁸⁵

O SSA-IJC muda radicalmente a partir daqui a tática, passa agora a incorporar os estudantes com um propósito mais largo ou como indicam “vasta ação”, inclusive com a possibilidade dos que se identificavam com outras matrizes ideológicas e políticas como a socialdemocracia e a “‘esquerda’ burguesa”. O lócus dessa tática também se alarga nas suas possibilidades: “fábricas, nas oficinas, nas fazendas, nos quartéis, nas escolas”; apesar desses lugares já terem sido mencionados antes, a

⁴⁸⁵ *Contra guerra e a reação*, de agosto de 1934 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1058]

novidade está no deslocamento da prioridade da fábrica para um conjunto de prioridades em que consta esses vários cenários juvenis das lutas de classes.

3.3 A abertura na concepção do trabalho juvenil comunista, o CNJPEP e o fim da FJCB

As mudanças destes últimos três anos ocorridas nas leituras e táticas tanto da FJCB, quanto do PCB tiveram como contexto o Brasil do pós tomada da Aliança Liberal em 1930 do poder da República. Período este em que o Brasil sofreu o impacto da crise de 1929, tendo o café como o principal setor da tribulação.

A situação objetiva da classe operária, em particular da juventude, dificultou a ação do PCB e da FJCB. Grassou nesse momento o desemprego e, principalmente, a redução de salários e a substituição de trabalhadores adultos qualificados por jovens aprendizes.⁴⁸⁶ Além disso também aumentou o “corpo de investigadores internos” de empresas e fábricas que intensifica a fiscalização para a geração de multas, suspensão, desconto por danificação de matéria-prima, máquinas e ferramentas. Esse ambiente decorrente da crise político e econômica complicava o desenvolvimento do trabalho político de conscientização dentro e fora das fábricas. Apesar de um favorecimento das condições objetivas, havia complicações nas condições subjetivas do angariamento de possíveis novos aderentes às organizações comunistas.

O crescimento desses impeditivos de aproximação com operários aprendizes facilitava o desenvolvimento da política que lançava um chamado mais amplo de juventude para lutar contra o imperialismo e o militarismo. Diante das modificações táticas da IC, os reflexos na FJCB foram imediatos. A atuação desta organização nos anos de 1934 e 1935 girou paulatinamente para uma tática que, diante dos perigos de uma nova guerra e da adesão de centenas de milhares na Ação Integralista Brasileira (AIB), voltou-se para a implementação da nova linha política; dessa forma, era necessário ter um diálogo com outros setores juvenis. O PCB realizava o mesmo giro, mais devagar do que a organização juvenil e com mais dificuldades de se desvencilhar de alguns cacoetes ocasionados pela bolchevização.

⁴⁸⁶ O relato em fins de 1934 “Na indústria têxtil — 5.000 a 6.000 réis e os aprendizes levam 2 a 3 meses sem ganhar; Cantareira — 3.000 a 4.000 réis; Leopoldina — 5.000 em 9 horas e trabalho noturno; fósforo — 1.800 a 2.000 réis. Nos campos os que estão sujeitos a contratos trabalham por casa e comida e nos Engenhos de açúcar por 400 a 600 réis.” Em: *Informe sobre a Federação da Juventude Comunista e da Juventude Trabalhadora*, de 14 de novembro de 1934, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1061]

Esse giro se reflete nas três preocupações desta dissertação: 1) sobre a composição social da organização juvenil comunista; 2) sobre a tática que ela vai usar para poder realizar o seu programa — e os procedimentos iniciais da implementação da sua política —; e 3) na relação que ela terá com o Partido Comunista. Não havia tido até aqui um ponto de viragem tamanho que mudasse dessa forma a política e a organização juvenil comunista. Houve, sim, combinações de mudanças como a relação com o PCB (no geral, crescentemente mais estreita) e fechamento da tática; ou algum desses somados à incorporação de estudantes, mesmo que houvesse um princípio de caráter mais proletário. É a primeira vez que areja-se possibilitando abertura de um maior leque de setores juvenis; maior autonomia da organização juvenil em relação à partidária; e alargamento da tática que conduz a sua política.

Entre o 5º e o 6º Congressos da IJC a política geral do movimento comunista internacional e a conjuntura (tanto no aspecto político, como no econômico) haviam, como vimos, dado uma guinada. O mesmo é possível ser dito com relação ao Brasil. Novos grupos políticos derrotaram setores da oligarquia que tradicionalmente havia comandado o país, inaugurando um novo período da própria República. Esse rearranjo de grupos políticos não rompeu com a lógica do capital, mas diferenciou-se daquela adotada até a década anterior. E essa conjuntura que passou por diversas modificações num curto período de tempo, também fez o PCB e a FJCB se modificarem.

Em reunião preparatória da 1ª Conferência Nacional do PCB, em 3 de junho⁴⁸⁷, Bangu propôs que a luta antimilitarista e por reivindicações econômicas necessita de uma ofensiva na FJC. Noutra reunião preparatória para o mesmo conclave, em 16 junho de 1934⁴⁸⁸, a exposição de Bangu atenta que o trabalho juvenil se encontra com entusiasmo, já “Mário” aponta que existe um sentimento antimilitarista na juventude, apesar dela se dirigir aos quarteis para vencer a miséria. As questões da organização juvenil se tornam mais facilmente pauta da organização partidária. Mas essa não foi a principal pauta juvenil na 1ª Conferência Nacional do PCB, em meados de julho de 1934. A comissão que tratou da questão juvenil foi composta por Mário, Juca, André, Bangu e Martins; tiveram que sistematizar, em grande medida, as

⁴⁸⁷ *Reunião do Birô Político (PCB — S. da IC)*, de 3 de junho de 1934, p. 4. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0462]

⁴⁸⁸ *Ata da reunião do Birô Político do PCB (S. da IC)*, de 18 de junho de 1934. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0463]

informações sobre a luta interna na FJCB⁴⁸⁹. E tomar algumas providências trocando parte de dirigentes juvenis. Em novembro, a FJCB em documento faz um balanço:

Na Conferência Nacional do PCB realizada em julho de 1934 estiveram presentes 8 jovens (...). Foi bastante discutida a situação da juventude trabalhadora e a situação orgânica e política da FJC e seu sectarismo frente aos crescentes movimentos juvenis, o PCB que vinha discutindo com a direção Nacional da FJC sem resultado, tomou medidas de organização (...). A elevação de novos elementos à direção Nacional, a assistência diária do PCB no secretariado, no BP, no CR do Rio, há melhorado muito nosso trabalho de levantamento da Federação.⁴⁹⁰

Pari passu a FJCB estava envolvida com diversos movimentos, sobretudo Rio de Janeiro e São Paulo, que unificavam forças políticas outrora rivais e que punham como centro do alvo de suas investidas o fascismo e o integralismo. A tática gestada nos últimos meses era posta à prova na prática.

Em outubro 7 de outubro de 1932, como expressão brasileira do antiliberalismo reacionário, do pós crise de 1929, foi fundada a Ação Integralista Brasileira (AIB) no Teatro Municipal, em São Paulo. A organização conformou, de forma mais acabada, uma polarização política, ideológica e programática que se espalhou por todo o país. Tornou-se uma pilar dos polos em contradição. A data é um marco político, pois a elaboração à direita com viés nacionalista, anticomunista, militarista, extremamente católica e com profunda identidade e aberta simpatia aos movimentos de extrema direita europeus já vinha pululando. Entre os seus principais quadros estavam Gustavo Barroso (Chefe das Milícias), Miguel Reale (Chefe do Departamento Nacional de Doutrinas) e o ideólogo Plínio Salgado (Chefe Nacional). Tinham como símbolo a letra grega Sigma, usada como referência à somatória na matemática.

É para se destacar que a AIB nos dois primeiros anos de atuação se enraizou em todo o território nacional ganhando membros e adeptos de todas as idades, profissões, organizando comitês/ núcleos numerosos, chegando rapidamente a um efetivo de centenas de milhares. Em seus documentos, fotos e relatos contém sempre um número grande de jovens e crianças de ambos os sexos espalhados por dezenas de cidades. Por outro lado, apesar do “movimento voltar o seu discurso às categorias juvenis já em 1932

⁴⁸⁹ *Conferência Nacional do PCB (S. da IC)*, 8 a 16 de julho de 1934. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0391b]

⁴⁹⁰ *Informe sobre a Federação da Juventude Comunista e da Juventude Trabalhadora*, de 14 de novembro de 1934, p. 4. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1061]

e ao longo dos primeiros anos de existência legal do movimento, destaca-se que, antes de 1934, não há indícios da existência de ações direcionadas especificamente para a juventude”⁴⁹¹

No ponto mais alto, até então, de polarização entre integralistas e antifascistas, no fim do primeiro semestre de 1934, foram organizados diversos atos públicos de caráter antiguerreiro⁴⁹². Nesse período também constituiu-se o Comitê Estudantil de luta Contra a Guerra, a Reação e o Fascismo que reunia diversos setores estudantis de caráter anarquista, comunista, socialista e trotskista.⁴⁹³ Essa composição, que tempos antes seria impossível de conceber, acompanhou a versão geral do Comitê Nacional de luta Contra a Guerra, a Reação e o Fascismo que preparava um período de diversas manifestações para os próximos meses.

Em 23 de agosto de 1934 foi realizado o 1º Congresso Nacional contra a Guerra Imperialista, a Reação e o Fascismo, no Rio de Janeiro — no Teatro João Caetano —; como desdobramento do 1º Congresso de Amsterdã (Contra a Guerra e o Fascismo) dirigido por, entre outros, Willi Münzenberg, Romain Rolland, Máximo Gorki e Henri Barbusse. Logo em seguida houve dois atos políticos importantes: em 15 de setembro o 1º Congresso Estudantil contra a Guerra Imperialista, a Reação e o Fascismo e uma semana depois (22/9) o Comitê Estudantil de Luta Contra a Guerra e o Fascismo organizou um grande comício na praça da harmonia.

Enquanto do lado antifascista se fazia diversas manifestações, os integralistas estavam organizando um ato para celebrar o aniversário de dois anos (portanto em 7 de

⁴⁹¹ SANTORUM, Andrelise Gauterio (2018) *Fascismo à brasileira: juventude e imprensa como instrumentos de doutrinação da Ação Integralista brasileira (1932-1937)*, Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, p. 117n.

⁴⁹² A Frente Única Antifascista (FUA) já vinha sendo organizada desde o ano anterior com importantes adesões e feitos, o “seu espectro político ia da esquerda tenentista, passando pelos socialistas brasileiros, e italianos, e chegando aos ‘trotskistas’. Os anarquistas não aderiram formalmente, mas deram apoio político. A única força política importante da esquerda que não participou da fundação foi o Partido Comunista do Brasil (PCB)”. Em CASTRO, Ricardo Figueiredo de (2007) *A Frente Única Antifascista (1933-1934)*, Em: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Org.) *As esquerdas no Brasil — a formação das tradições 1889-1945*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 435. A propaganda feita pelas organizações da FUA foi um importante gesto de unidade que levou ao aprofundamento da consciência da necessidade de frente antifascista. Dentre essas organizações havia o Grêmio Universitário Socialista que reunião estudantes ligados ao Partido Socialista paulista.

⁴⁹³ “O Comitê Estudantil de luta Contra a Guerra, a Reação e o Fascismo lança a todos os estudantes um apelo no sentido de prepararem desde já por meio de amplas assembleias em suas escolas ou sociedades, teses antiguerreiras e antifascistas para serem apresentadas na ‘Conferência Regional Estudantil de luta Contra a Guerra, a Reação e o Fascismo’ a ser realizada por iniciativa deste Comitê a 15 de julho. O Comitê convida a todos os estudantes sem distinção de crenças religiosas ou tendências políticas a tomarem posição diante do perigo iminente da Guerra e da feroz avançada Reação Fascista” Em: *Jornal do Brasil* de 28 de julho de 1934, p. 14.

outubro de 1934) da AIB. Programaram uma demonstração (manifestação, passeata, ato político) que subiria a Av. Brigadeiro Luís Antonio, em São Paulo, e iria até a Praça da Sé. A primeira grande marcha integralista com seus membros vestidos com camisas verde-oliva que os tornaram identificáveis à época. Uma manifestação já havia sido experimentada como ato político no ano anterior e tinha reunido grande número de integralistas. A manifestação comemorativa do primeiro biênio da AIB possuía como inspiração a marcha dos fascistas na Itália, em outubro de 1922, que impulsionou Mussolini ao poder.

A larga miríade de organizações de esquerda — que já vinham se organizando sob a pauta da oposição a um possível conflito armado de proporções internacionais — ao saberem da manifestação em comemoração ao aniversário da AIB passaram a organizar um impedimento da demonstração integralista. Um dos organizadores desse contra ato, Eduardo Maffei, deixou em suas memórias uma composição de forças que ali estavam. Segundo ele os comunistas eram mais numerosos, seguido dos socialistas, anarquistas, trotskistas e sindicalistas avulsos. Pelo PCB, então:

compareceram Joaquim Câmara Ferreira, Hermínio Sacchetta, Arnaldo Pedroso d’Horta, Noé Gertel, Miguel Costa Jr., Igyno Ortega, Fernando Cordeiro, Leonor Petrarca, eu [Eduardo Maffei], Luisinha [Luisa Marcelino Branco], Eneida de Moraes Costa, pelo CC (...) ⁴⁹⁴

Arnaldo Pedroso d’Horta era um dos principais dirigentes da FJCB em São Paulo — Secretário Regional — e Luisa era uma estudante secundária de 15 anos, junto com Joaquim Câmara Ferreira, Noé Gertel, Miguel Costa Jr., o próprio Maffei que marcavam a presença juvenil na preparação da reunião. Destaca-se a presença de mulheres, inclusive, como a representante do CC do PCB, a escritora Eneida de Moraes.

Em suas memórias Maffei aponta dificuldades do diálogo entre partes da composição da frente única, sobretudo entre “trotskistas” e “stalinistas” que foi interrompida por lúcida explanação dos motivos que os juntavam ali feita por Edgard Leuenroth, por outros anarquistas, seguidas por João Cabanas. Segundo o memorialista a unidade se fez como num “passe de mágica” após a fala incisiva do líder anarquista que enfatizou a necessidade de barrarem o evento integralista.

Amalgamado o efetivo da frente única, passaram aos detalhes da ação político-militar que iniciou pela divisão de trabalhos entre dois grupos, um civil e outro militar.

⁴⁹⁴ MAFFEI, Eduardo (1984) *A batalha da Praça da Sé*, Rio de Janeiro: Philobiblion, p. 76.

O primeiro trataria da mobilização popular e o segundo traçaria os posicionamentos e daria as orientações militares. Uma primeira ação foi tentar a autorização da polícia para realizar uma manifestação antifascista para o mesmo dia e no mesmo local; não houve autorização, mesmo antes do deferimento do pedido dos integralistas. Junto com Roberto Sisson e Euclides Bopp Krebs, João Cabanas articulou membros da força policial que estariam do lado do impedimento dos integralistas, organizou a distribuição de armas e munições de forma inteiramente clandestina e traçou as posições que cada organização envolvida ficaria na Praça da Sé e seus arredores⁴⁹⁵.

No dia sete de outubro, um domingo, logo de manhã os integralistas já estavam apostos na parte baixa da Av. Brigadeiro Luis Antonio, contavam em torno de 10 mil. Na Praça da Sé estavam populares, transeuntes e integralistas que adornavam o palco diante da Catedral que Plínio Salgado, e outros dirigentes da AIB, iriam discursar. Dos milhares em marcha, apenas em torno de 500 entraram na Praça que foi submetida a fogo cerrado contra os integralistas. A orientação militar de Miguel Costa era “Atirar nas camisas verdes!” Os atiradores antifascistas, vários integrantes da FJCB, impediram o comício da AIB, Plínio não discursou e o feito desencorajou outras marchas integralistas pelo país⁴⁹⁶. O saldo de sete mortos dezenas de feridos foi estampado nos jornais de todo o país durante a semana que se iniciava. Do lado dos antifascistas fora morto com um tiro na nuca, dentro de um café, o estudante de direito, 22 anos e militante da FJCB, Décio Pinto de Oliveira.

A morte do estudante se tornou um símbolo da luta antifascista e seu enterro no dia seguinte foi um ato político antifascista; em que estiveram presentes representantes das forças políticas que organizaram o impedimento do ato integralista e diversos

⁴⁹⁵ MAFFEI, 1984, p. 76-81

⁴⁹⁶ O lado integralista também tem sua versão do ocorrido: “Passará a 7 de outubro o 3º aniversário da tragédia da Praça da Sé. Atestando irrefutavelmente tanto a existência como a inominável covardia dos bolchevistas até então encapotados, o infausto acontecimento provou também que se levantará uma outra força poderosa, com ânimo bastante, não só para irritar e descobrir como esmagar definitivamente a hidra moscovita. Tombaram os mártires do Sigma. Seu sangue, porém, fertilizou [sic] a terra brasileira. E pouco tempo depois uma floresta imensa de braços verdes se erguia por todo o território da pátria numa possante afirmação de vontade e fé. Avolumou-se rapidamente o Movimento Integralista. E num crescendo ininterrupto se foi assenhorando dos corações e das inteligências. Despertando os indiferentes. Animando os tíbios. Vencendo os obstáculos. E caminhando incoercivelmente para a Vitória que está hoje mais perto do que pensam os nossos adversários. Recordando o heroísmo dos que selaram com o sangue a sua fé integralista reafirmamos o propósito de levar a cabo, embora com sacrifício, a gloriosa tarefa de salvar o Brasil fazendo dele um Grande Império Cristão!” Em: revista *Anauê!*, outubro de 1937, p. 28.

membros da FJCB. A propósito do funeral foi distribuído um comunicado de um “Comitê Estudantil Independente contra a Guerra, a Reação e o Fascismo”.⁴⁹⁷

Dias depois, 14 de outubro, um comício na Gávea, no Rio de Janeiro, terminou em tiroteio e um militante da FJCB, o cartunista Tobias Warchawsky, desaparecido. Seguiu-se enxurrada de matérias nos principais jornais de Rio de Janeiro e São Paulo que levaram ao despiste de uma possibilidade de Tobias ter sido assassinado por um colega de quarto e não pela polícia. Mas as evidências não corroboravam como afirma o *Diário Carioca* de 9 de novembro de 1934: “As suspeitas do Chefe de Segurança Pessoal estão em desacordo com as provas colhidas pela Polícia Científica” (p. 2). Sobre Tobias Warchawsky como aponta Carone:

o estudante é da Juventude Comunista, e um dia, em outubro de 1934, ele some e é encontrado morto, dias depois, em um bosque perto da cidade do Rio de Janeiro: o corpo está semidecomposto e as suspeitas recaem sobre os integralistas e a polícia. Esta, no entanto, nada faz para elucidar o caso. O Socorro Vermelho, órgão de ajuda humanitária às famílias dos presos políticos, pede comissão de inquérito, quer que o Congresso Nacional faça um levantamento sobre a morte do estudante. Todo esforço mostra-se inoperante.⁴⁹⁸

Os dois militantes da FJCB que foram mortos tornaram-se mártires da luta antifascista no Brasil. Os panfletos lembravam o caso em outras circunstâncias: “Honremos a memória de Décio Pinto Oliveira, impedindo o desfile integralista!”:

Foram os integralistas, macomunados com a Polícia Especial do Rio, que assassinaram, no dia 7 de outubro, o jovem estudante comunista Décio Pinto de Oliveira. Foram os integralistas que organizaram no Rio o Comitê Anti Grevista, de furadores de greve, quando nossos companheiros lutavam por mais um pedaço de pão.⁴⁹⁹

Esse clima acirrado da luta contra os integralistas demandava uma entidade mais organizada por parte da FJCB. O relatório de reunião realizada logo depois aponta que

⁴⁹⁷ “O Comitê Estudantil Independente de Luta contra a Guerra, a Reação e o Fascismo convida a todos os estudantes, ginasianos e universitários, conservatorianos, profissionais e comerciários a que suspendam hoje suas aulas e compareçam ao enterro do jovem antifascista Décio Pinto de Oliveira, acadêmico de Direito tombado nos sangrentos acontecimentos de ontem, vítima das balas da polícia especial do Rio de Janeiro enviada a São Paulo com o fim de garantir e fazer número nas hostes integralistas. Este mesmo convite é dirigido ao proletariado em geral. O jovem Décio Pinto de Oliveira era também empregado no comércio e pertencia ao quadro do sindicato respectivo. Para acompanhar os restos mortais desse idealista, portanto, é justo que compareçam igualmente os seus colegas de classe. O féretro será inhumado no Cemitério São Paulo às 13 horas, saindo da avenida São João, 1.101.” Em: *Correio de São Paulo* de 8 de outubro de 1934, p. 2.

⁴⁹⁸ CARONE, 1991, p. 186

⁴⁹⁹ Panfleto *Ódio e repúdio aos assassinos de Décio Pinto de Oliveira*, s/d, da FJCB, zona de Santos. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1087]

nesse fim de 1934 a FJCB tem 520 militantes ativos e aproximadamente 600 “desgarrados”. As principais regiões que têm direções são São Paulo, Rio de Janeiro, Campos e Pernambuco onde o relatório também aponta os números de células, as empresas em que atuam.⁵⁰⁰ Como perspectivas imediatas a direção da FJCB, ainda provisória, se coloca alguns desafios:

Penetração nas empresas, criação de organização de massa, clubes esportivos, cultural [*sic*] etc. Participação ativa e diária nas organizações adversárias. Frente única com organizações adversárias. Baseando no plano de concentração Rio, São Paulo, Pernambuco. No campo criar nossos organismos nas Fazendas e usinas de café e açúcar. Ligarmos com o cangaceiros e com os índios. Formação de quadros. Recrutamento. Formação da direção Nacional.⁵⁰¹

Essa abertura se reflete também na adesão de Luiz Carlos Prestes ao PCB, apesar de ter sido uma imposição da IC. A entrada deste adversário de alguns anos sai como uma pequena nota em *A Classe Operária*⁵⁰². Antes, ainda, Prestes já havia assinado artigo de quase uma página⁵⁰³ no mesmo jornal, que denota uma aproximação.

Sem dúvida há uma mudança na qualidade de concepção do trabalho juvenil dos comunistas a partir da viragem de 1934. Perceberam que a tática antiga fazia com que a FJCB se transformasse numa seita de garotos que não tinha ligação real com a juventude trabalhadora e estudantil e não podiam educá-la no espírito da luta de classe existente no Brasil. Avaliam que era insipiente o entendimento do processo revolucionário no país “(...) dando margem à luta de grupos, em nossas fileiras, reduzindo nossa federação a grupos de jovens comunistas isolados em várias

⁵⁰⁰ Os Comitês Regionais do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Pernambuco têm sete membros que se reúnem uma vez por semana, um secretariado composto de três membros que se reúne três vezes por semana. Sendo que no Rio são nove células de empresas: Lloyd Brasileiro, Central do Brasil, Arsenal da Marinha, Leopoldina, Cantareira, Light Bond, Cruzeiro, Lamas e Cerâmica. Há um grupo de Pioneiros com 45 crianças. Em São Paulo são Maria Ângela (têxtil), Souza Nosquezes (metalurgia), Juta Santana e São Paulo Reivel. No interior paulista há células em Lençóis, Bauru, Lins e Araçatuba. Em Pernambuco têm células na Great Western, Pernambuco Tramway Bondes, além de células de rua e no interior do estado. Além dessas a FJCB tem células também em Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Paraíba, Maranhão, Rio Grande do Sul, Pará, Ceará e Campos.

⁵⁰¹ *Informe sobre a Federação da Juventude Comunista e da Juventude Trabalhadora*, de 14 de novembro de 1934, p. 6 e 7. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1061]

⁵⁰² Com o seguinte texto: “A filiação de Luiz Carlos Prestes ao PCB — Por absoluta falta de espaço, deixamos de publicar neste número o manifesto do PCB (s. da IC) sobre a filiação de Luiz Carlos Prestes ao Partido Comunista do Brasil.” Em: *A Classe Operária* nº 169, de 12 de setembro de 1934, p.4. Na edição seguinte (nº 170) de 3 de outubro, também não foi publicado. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

⁵⁰³ O Exército Vermelho em 1934, Em: *A Classe Operária*, nº 164, de 1º de agosto de 1934, p. 3. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

regiões”⁵⁰⁴. Além de pobre também a concepção do trabalho dos comunistas entre a juventude. Responsabilizavam também o PC do Brasil sendo:

consequência de seu próprio sectarismo impossibilitava o desenvolvimento da JC. O Partido não compreendia a JC como ampla organização de massas e transformava a JC em um apêndice do Partido.⁵⁰⁵

Ao mesmo tempo terão o desafio de delimitar a amplitude tanto para que haja governabilidade da frente como que se possa, mesmo que abstraindo ao máximo, deixar claro os pilares políticos do objetivo da frente. A FJCB passa a conclamar sua política para uma diversidade maior de jovens. Tenciona-se sair da elaboração de frente única contra a burguesia onde era a organização juvenil com os trabalhadores que formava a frente; e se impõe uma diversificação de setores juvenis em que aparecem, daqui pra frente, não mais os setores de classe mas as caracterizações por profissão ou outras. No caso do balanço do final de 1934 são os índios e cangaceiros. Este último consta como uma novidade. Índios já haviam sido citados e seguem sem um planejamento específico para os jovens indígenas.

Em panfletos do fim de 1934 — em que se chama uma greve geral depois de apresentar situação de fragilidade social dos jovens trabalhadores e reverses da situação democrática e da soberania do país — o esforço de aumentar o círculo de diálogo dos jovens comunistas fica evidente como se vê neste vocativo do chamado:

Jovens camaradas:
Anarquistas, comunistas, socialistas, trabalhistas, integralistas, e nacional evolucionistas! Católicos, espíritas e protestantes! Sem distinção de cores, raças ou nacionalidades⁵⁰⁶

Noutro panfleto, de dezembro, não se realiza a amplitude, pois os pilares apresentados tendem à sectarização. Então, por um lado amplia-se no chamamento de setores abertamente adversários, mas os conclama para defender suas bandeiras mais fechadas. Eis o trecho do panfleto: “A FJCB chama a toda a juventude explorada e oprimida do país a organizar a luta pelas suas reivindicações econômicas e políticas mais imediatas, contra a fome e a reação, contra as guerras imperialistas e os golpes armados (...)”. Poderia, para garantir coerência com o panfleto de outubro, ter terminado

⁵⁰⁴ *Informe do c. Marques no VI Congresso da IJC, ano 1935*, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1005]

⁵⁰⁵ *Informe do c. Marques no VI Congresso da IJC, ano 1935*, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1005]

⁵⁰⁶ “Pela greve geral”, outubro de 1934. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1062]

por aí, mas continua: “(...) pela defesa da União Soviética, dos Sovietes Chineses e da China Colonial.”⁵⁰⁷ Há contradição indissolúvel em chamar jovens trotskistas ou mesmo anarquistas e fazer com que eles também façam a defesa da União Soviética ou as tentativas de revolução na China; ou seja não cabem na mesma frente. Ainda a FJCB, apesar de mais flexível que anteriormente, se pauta por uma imposição de suas bandeiras no ambiente de outras forças políticas.

O outro polo da conflagração política do ano de 1935 foi a Aliança Nacional Libertadora (ANL) que confluíu ex-tenentes descontentes com os rumos da revolução de 1930, antifascistas avulsos, nacionalistas progressistas etc. Foi feito o seu lançamento em 30 de março de 1935, no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro. O contexto de nascimento da ANL está em parte na Assembleia Nacional Constituinte de 1933-34 que levou nacionalistas militares e civis a formarem um grupo que revitalizassem ideias oriundas dos tenentes que foram escanteadas com o exercício do poder após o levante vitorioso de outubro de 1930. Sua organização é mencionada num discurso do deputado Gilberto Gabeira, de 17 de janeiro, que afirmou a ANL “coordenará este vasto movimento, eco de todo passado revolucionário do Brasil, na conquista dos direitos democráticos”.⁵⁰⁸ Em São Paulo é noticiado que em 28 de janeiro foi fundada a Aliança Nacional Libertadora⁵⁰⁹. A tentativa de reuniões com esse nome já vinha de dias, como mostra a coleção do jornal carioca *Diário da Noite* desses da última semana; que faz desse nome conjunto de informações que remonta o fim do ano anterior. Independente das tentativas, foi feito em fevereiro de 1935, um Manifesto-Programa e elegeu-se uma comissão provisória para a ANL.

Dela faziam parte militares e civis, entre eles Hercolino Cascardo, militar revoltoso desde 1924; Roberto Sisson, da marinha e com contatos com o PCB; Amorety Osório, capitão do Exército, ligado a Luís Carlos Prestes; Benjamin Soares Cabello, jornalista gaúcho; Francisco Mangabeira ex-integrante da FJCB; Caio Prado Jr.,

⁵⁰⁷ “Para onde vai o Brasil?”, de dezembro de 1934. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1063]

⁵⁰⁸ FONSECA, Victor Manuel M (1986) *A Aliança Nacional Libertadora na Legalidade*, Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da UFF, Niterói, mimeo., p. 20-21. *Apud* VIANNA, Marly de Almeida Gomes (2007) *1935 — sonho e realidade*, Expressão Popular, São Paulo, p. 139.

⁵⁰⁹ “Acaba de ser fundada em São Paulo a Aliança Nacional Libertadora. Seu chefe, segundo se afirma, é o sr. Luiz Carlos Prestes. São Paulo, 28 (AM) —Acaba de ser fundada nesta capital a Aliança Nacional Libertadora, cujo manifesto foi hoje publicado pelo Diário da Noite. Nesse documento, a novel agremiação, que, segundo diz, não tem cor política ou religiosa, concita todos os brasileiros a lutarem em prol da emancipação do país, livrando-o das garras da agiotagem internacional. Segundo os dizeres do manifesto em apreço, o seu chefe é o capitão Luis Carlos Prestes, o famoso “condottiere” da coluna revolucionária de 1924.” Em: *O Jornal* de 29 de janeiro de 1935, p. 2.

historiador; Manuel Venâncio da Paz; Moesias Rolim, capitão do Exército; Maurício de Lacerda, deputado socialista ligado aos tenentes; Almachio Diniz, socialista histórico; Francisco Giraldes, do Partido Socialista; entre outros. Na fundação:

o então estudante Carlos Lacerda propôs o nome de Prestes para a presidência de honra da entidade, sugestão aprovada por delirante aclamação. Imediatamente governo e integralistas se uniram no combate à frente. No dia 4 de abril, menos de uma semana depois do seu lançamento, o Congresso aprovou a Lei de Segurança Nacional, cuja a primeira aplicação, a 24 do mesmo mês, foi contra o jornal *A Pátria*, um dos poucos que apoiava a ANL⁵¹⁰

O PCB não participou da fundação e nem sentiu os primeiros desdobramentos da ANL. Mas ainda em meados de 1935 orientou a participação individual de seus militantes e jogou papel importante no seu desenvolvimento inclusive tendo como presidente de honra Luis Carlos Prestes. No órgão oficial dos comunistas, *A Classe Operária*, é possível ver que:

O Partido Comunista do Brasil (S. da IC), único partido revolucionário do proletariado, já explicou amplamente por que apoia a ANL. O partido não adere e nunca aderirá à ANL. O partido está de acordo com as reivindicações constantes do programa da ANL e retirará seu apoio, desmascarando perante o proletariado e as massas populares o papel contrarrevolucionário ou fascista da ANL ou de qualquer outra organização semelhante, se ela deixar de defender as reivindicações e interesses das massas. (...) É nessas condições que o Partido continuará dando o seu apoio à ANL, esclarecendo sempre a distância que existe entre esta organização e o Partido.⁵¹¹

A FJCB, assim como PCB, orientou seus militantes a participarem da ANL em núcleos juvenis e daí construir a luta antifascista, anti-imperialista e anti-latifundiária como é possível perceber no discurso do “camarada Marques” ao 5º Congresso da IJC:

Na Aliança [Nacional Libertadora] participam dezenas de milhares de jovens, em suas manifestações e comícios, nos diretórios e núcleos da Aliança junto com os adultos, e também existem núcleos juvenis da Aliança nas fábricas, escolas, sindicatos, bairros, etc., dos quais participam jovens de todas as camadas e tendências. Nas lutas dirigidas pela Aliança, pelas liberdades democráticas, contra o integralismo, a juventude está sempre à frente como em São Paulo, Petrópolis onde em consequência do choque com a reação houve jovens mortos, e dezenas de feridos.⁵¹²

⁵¹⁰ VIANNA, 2007, p. 162.

⁵¹¹ *A reunião da Aliança Nacional Libertadora no Teatro João Caetano*, Em: *A Classe Operária* de 10 de abril de 1935, p. 06. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

⁵¹² “*Informe do c. Marques no VI Congresso da IJC, ano 1935*, p. 5. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1005]

Os três meses em que a ANL teve legalidade constituiu mais de 1.500 núcleos, em que no Rio de Janeiro eram mais fortes, tendo a cidade 50.000 filiados e apenas Petrópolis 2.500. Em São Paulo também teve força, assim como no Rio Grande do Sul⁵¹³. Tinha organização vertical e constituiu instâncias setoriais em que absorveu a União Feminina do Brasil em núcleos femininos e a FJCB também jogou peso para a construção dos núcleos de juventude da ANL.

O Secretário da FJCB nesse momento é Ivan Pedro de Martins que estuda na Faculdade Nacional de Direito, foi recrutado — em 1933 — pela escritora Eneida de Moraes, que passou o contato para o Dr. Campos da Paz que o colocou em conversa com Carlos da Costa Leite. Eneida, como está descrito nas memórias de Ivan, ficou impressionada com um discurso que o jovem fizera em homenagem ao professor Leônidas de Rezende num evento na universidade. Eneida estava na articulação de forças políticas que levará à Batalha da Sé (representando o CC), em São Paulo, recrutou meses antes Pedro Pomar, em Belém (PA); e agora está no auditório da Faculdade Nacional de Direito (RJ) como uma “olheira” de jovens comunistas. Ivan retrata assim: “Uma voz rouca me disse da cadeira de trás: ‘— Menino, depois quero falar com você, não vá embora sem eu falar com você.’ Era Eneida de Moraes. Eneida, só, maravilhosa lutadora revolucionária (...) — ela continua — ‘Sou comunista e acho que você precisa conversar conosco.’”⁵¹⁴

A direção de Ivan Pedro de Martins teve maior necessidade de ampliar o diálogo e alianças para envolver outros setores juvenis e de elaborar uma base programática comum da juventude como um todo (segundo a ideia que vem sendo gestada há anos de “reivindicações imediatas”). Essa conjunção de situações e demandas levou ao evento que tentaria envolver toda a juventude: o 1º Congresso Nacional da Juventude Proletária, Estudantil e Popular, o CNJPEP — que também se encontra referênciado como Congresso da Juventude Brasileira. É a partir de janeiro-fevereiro de 1935 que o CNJPEP começam a aparecer notícias e documentos. No entanto foi em dezembro passado (1934), no 1º Ativo de Concentração Nacional da FJCB que foi deliberada “a realização de um Congresso da Juventude Proletária, Estudantil e Popular”.⁵¹⁵

⁵¹³ VIANNA, 2007, p. 163.

⁵¹⁴ MARTINS, Ivan Pedro de (1994) *A flecha e o alvo — a intentona de 1935*, Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, p. 73-74.

⁵¹⁵ *Relatório do CC da FJCB*, de junho de 1935, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1064]

E durante as primeiras semanas do ano foram feitas articulações que levaram às primeiras reuniões. O *Correio Paulistano* publicou uma carta da Comissão Pró 1º Congresso Regional da Juventude Proletária, Estudantil e Popular de São Paulo, do dia 4 de fevereiro de 1935, em que se denuncia que 30 jovens foram ilegalmente presos por ocasião da quarta reunião preparatória do CNJPEP em São Paulo. Inclusive duas menores de idade Elza Guedemk (16) e Luiza Branco (14) aluna da Escola Padre Anchieta, que participou da Batalha da Sé, meses antes. A polícia impediu a reunião — convocada pelo mesmo jornal no dia 31 de janeiro (p. 12) — da sexta-feira anterior (1/2/35) por ser preparatória de um suposto “congresso comunista” e a comissão organizadora explicou no mesmo veículo que não se tratava disso, mas: “simplesmente de um Congresso que coordene todas as camadas da população, afim de assentar as bases de uma ação comum pelos seus direitos específicos (...) não só discutirá teses referentes à juventude, como promoverá conferências, excursões, torneios esportivos”.⁵¹⁶

É de se notar que o nome do congresso não abarca a lista enorme de categorias, profissões, religiões, setores específicos de jovens, como vocativo de panfletos e manifestos; e que vinha sendo descrita quase como a própria analogia da ampliação tática. Sintetizou-se em três adjetivos que buscam abarcar um número maior dentre os setores que se enquadram no núcleo da tática antifascista e de uma estratégia revolucionária. São 1) os jovens trabalhadores, de identificação e origem proletárias; 2) são os estudantes, que se identificam com uma parcela de novos militantes da FJCB e que se aproximaram dessa militância pela tática antifascista ou pela luta antimilitarista, anti-imperialista ou mesmo anti-latifundiária — mas também os estudantes pobres da, ainda, esqualida malha educacional brasileira; e 3) os de origem popular, de segmentos mais pobres, os desempregados, de famílias mais humildes. Esta faixa populacional nomeada reflete uma grande parte da juventude naquele momento.

Além da base reivindicatória, o congresso nacional teria como fim uma organização nacional juvenil geral, que abarcasse diversos setores sociais e políticos da juventude, mas que também tivesse possibilidade de atuação dos jovens comunistas. Essa participação não seria fácil, pois o ambiente de atuação com outras forças políticas gerava tensão, e por outro lado o giro tático da FJCB não poderia ser repentino, pois

⁵¹⁶ “A polícia ainda não deu liberdade aos estudantes presos na noite de sexta-feira”, Em: *Correio Paulistano* de 5 de fevereiro de 1935, p. 1. [Biblioteca Nacional]

poderia prejudicar a governabilidade interna. Dessa forma foi necessário que o CC da FJCB colocasse alguns parâmetros — inclusive para salvaguardar o próprio congresso — e uma participação quase clandestina como mostra o panfleto intitulado “Jovens do Brasil! À População do Rio!”:

Todos que estão contra o Congresso sabem e os que não estão devem saber que o Congresso da Juventude Brasileira, não é um congresso comunista. E vamos frisar bem: 1º) A Juventude Comunista tem seu programa definido muito claro — ela é um organismo partidário. É um organismo da classe proletária da Juventude. Segue as diretivas da Internacional Juvenil Comunista. Visa ao lado do P. Comunista, a tomada do poder pelo proletariado. (...) Enquanto o Congresso da Juventude Brasileira luta nacionalmente pela libertação do país das influencias dos imperialistas até aí o apoiamos. (...); 2º) A própria linha da [F]JCB difere essencialmente do Congresso — ele é uma frente única de Jovens. (...) Aos jovens congressistas o nosso apoio. Não aderimos ao Congresso. Ele é por si uma demonstração da combatividade dos jovens. Participarmos dele seria provocar sua ilegalidade. (...) O nosso programa é mais avançado. (...) Vamos além, queremos o estado socialista.⁵¹⁷

É enquanto organização política que a FJCB não adere ao congresso, mas existe a participação dos jovens comunistas orientada pela FJCB. A organização se resguarda se preservando e preservando o CNJPEP. E sem se diluir no ambiente de frente, mostra que o apoio é político, deixando espaço para que outras organizações possam também participar. Além disso, há também a segurança, pois a presença da FJCB pode ser um chamariz repressivo, como vinha acontecendo já desde o ano anterior.

A primeira data que foi marcada para a etapa nacional, ou seja, quando se imaginava ser depois de todas as etapas estaduais previstas, foi para 15 de abril — logo depois do lançamento da Aliança Nacional Libertadora. As dificuldades nos estados de realizarem o congresso — sobretudo a contra-campanha feita pelos jornais, pelos integralistas e pelos infiltrados — fez com que se marcasse e remarcasse a plenária nacional por diversas vezes. Numa das tentativas malogradas, em 22 de junho, saiu a seguinte notícia: “Não se reuniu conforme fora anunciado o CNJEP (...). A polícia que compareceu numerosa ao local, onde se deveria reunir o congresso, afirma que não impediu a reunião, tendo apenas fiscalizado os arredores, para impedir que os

⁵¹⁷ Panfleto *Jovens do Brasil! À População do Rio!*, s/d, assinado pelo Comitê Regional da FJCB do Rio (S. da IJC). [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1089]

congressistas entrassem armados.”⁵¹⁸ Mas jornalistas presentes afirmaram que a polícia impediu a continuidade da reunião.

As etapas estaduais foram anunciadas no início, com adiantada organização em São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. No então Distrito Federal é que se teve maior movimentação em torno do Congresso, já que ali se realizariam tanto a etapa daquela unidade da federação como a etapa nacional. Alagoas também teve mobilização em torno do CNJPEP, assim como, Maranhão que foi a etapa foi detida por uma onda de boatos que envolvia o próprio governador.

A etapa paulista, de início estava marcada para 24 de março para seguir com a seguinte ordem do dia: “1) situação da juventude proletária e popular de São Paulo; 2) movimento sindical juvenil; 3) esportivo; 4) cultural e estudantil; 5) infantil; 6) feminina; 7) a guerra imperialista e o fascismo.”⁵¹⁹ A reação ao CNJPEP em São Paulo é constante e efusiva: “Dirige os trabalhos Miguel Costa Filho, e desnecessário será dizer que este Congresso é única e exclusivamente comunista... preparamo-nos.”⁵²⁰

Em Pernambuco os preparativos para a etapa estadual do 1º CNJPEP, que deveria ter acontecido em 15 de agosto, contou com uma carta de apoio dos intelectuais assinada por, entre dezenas de outros, Gilberto Freyre e Rubem Braga. Por parte das bancadas reacionárias, na Assembleia Legislativa houve pedidos para que o governador exonerasse os funcionários do estado que tivessem apoiado a etapa pernambucana do Congresso. Na carta, os intelectuais avaliam o conclave por seu aspecto propositivo:

O Congresso estudará e colocará na ordem do dia o exame das diferentes condições de vida nos vários pontos do país. À margem de qualquer ideologia o que se vai procurar fazer é um trabalho de grande valor mediato e histórico: o levantamento honesto da situação da juventude brasileira.⁵²¹

Em Alagoas o etapa estadual foi marcada para 13 de agosto, mas depois de duas vezes impedido pela polícia foi realizado em 21 de outubro com oposição de um grupo de estudantes que não se sentiam contemplados com a finalidade do Congresso.⁵²²

⁵¹⁸ “Não se reuniu o congresso da juventude proletária”, Em: *Correio de São Paulo* de 24 de junho de 1935, p. 2. [Biblioteca Nacional]

⁵¹⁹ “Primeiro congresso da juventude proletária”, Em: *Correio de São Paulo* de 7 de janeiro 1935, p. 2. [Biblioteca Nacional]

⁵²⁰ “Associação Jornalística Católica – noticiário – Congresso da Juventude Operária Estudantil”, Em *A Cruz*, de 3 de março de 1935, p. 6.

⁵²¹ “Primeiro congresso nacional da juventude – apoio dos intelectuais”, Em: *Diário da Manhã* (PE) de 18 de junho de 1935, p. 11. [Biblioteca Nacional]

⁵²² “Ainda o congresso da juventude”, Em: *Diário de Pernambuco* de 1º de novembro de 1935, p. 5. [Biblioteca Nacional]

Houve intensa mobilização em Maceió em que foram envolvidos os estudantes do Liceu Alagoano, Colégio Diocesano, Ginásio Santos Dummont, Escola Normal, Escola Profissional Feminina; além dos gazeteiros, Sociedade Educativa das Mulheres, Federação pelo Progresso Feminino, Associação Cívica e Cultura Feminina, Centro de Cultura Profissional. Denunciam em panfleto “as perseguições descobertas no Liceu Alagoano, feitas aos estudantes por elementos sem a menor dose de conhecimento pedagógico” e a situação social dos jovens daquele estado que “roídos pelas piores doenças, seminus, subalimentados, pedindo tostões e levando descomposturas, sofrendo o triste resultado do desenvolvimento do seu complexo de inferioridade, derrapando para o vício, para o roubo, para a miséria completa”⁵²³

No Maranhão a reunião preparatória de 19 de agosto foi invadida pela polícia. A Comissão regional preparatória enviou ao governador do estado, Dr. Achilles Lisboa, um telegrama com protestos “veementemente conta tal violência, crentes não foi com o vosso apoio se completou tal ato coação contra mocidade patriótica idealista nossa terra.”⁵²⁴ A partir de então a polícia “descobriu” um plano de assalto ao trem pagador que faria o trecho São Luis-Teresina, para financiar a propaganda vermelha, o CNJPEP e uma terceira parte do dinheiro seria dividido entre os comunistas assaltantes.⁵²⁵ O governador enviou telegramas para todo o país vangloriando sua gestão pelo desbarate do assalto e criminalizando o CNJPEP.

No geral, o evento teve um regimento interno (instruções) que na sua edição baiana autorizava os jovens até 25 anos de idade.⁵²⁶ A participação deveria ser por organização de base (comitês de organização do Congresso em escolas, fábricas, usinas, faculdades) e que cada uma delas poderia ter até 10 representantes. A participação poderia ser com na discussão presencial ou mesmo com apresentação de “teses” ligadas aos problemas econômicos, políticos, sociais ou culturais da juventude brasileira seguindo as normas de:

⁵²³ *Convite* do Comitê pró-Congresso da Juventude Estudantil, Popular e Proletária, de 1935 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1069]

⁵²⁴ “A Aliança Nacional Libertadora”, Em: *O Imparcial* (MA), de 20 de julho de 1935, p. 4. [Biblioteca Nacional]

⁵²⁵ “A quadrilha era comunista”, Em: *Pacotilha* (MA) de 29 de fevereiro de 1936, p. 2. “Terrível golpe comunista frustrado peça polícia no Maranhão”, Em: *O Estado* (SC) de 3 de março de 1936, p. 1. “Trama sinistra urdida pelos comunistas”, Em: *O Imparcial* (MA), de 29 de fevereiro de 1936, p. 8. [Biblioteca Nacional]

⁵²⁶ Aqui há uma modificação no conceito de jovem. O que no início da década de 1930 era até 21 anos, este evento passa a considerar até 25.

a) respeito absoluto a todos os credos políticos ou religiosos, e a todas as raças e nacionalidades; b) basear-se de preferência em fatos concretos, reais (dados comprobatórios, estatísticas, etc, etc.); c) não exceder a 10 folhas de papel datilografado.⁵²⁷

Esta etapa baiana do CNJPEP estava programada para ser feita em cinco dias, sendo que no último seriam eleitos os delegados da etapa nacional, como nas demais etapas estaduais. E a concentração de inscrições estava no Centro Acadêmico da Faculdade de Direito. No dia 10 de junho foram eleitos os delegados regionais baianos para a etapa nacional do CNJPEP, são eles: “Edson Carneiro (estudante); Renato B. Moraes (operário) e Lygia Lemos (professora).”⁵²⁸

No material de mobilização, dentro dos parâmetros contra o latifúndio e o imperialismo, é possível encontrar uma despreziosa conjuntura das condições juvenis colocando que a:

juventude proletária não encontra trabalho e, quando tal acontece, esse trabalho se realiza nas mesmas condições do trabalho dos adultos, e com o mesmo número de horas de trabalho, é pago pela metade. (...) A juventude estudantil, encontra pela proa a limitação das matrículas, as taxas exorbitantes, o emprego das medidas mais torpes afim de dificultar a educação e a instrução. A juventude popular não está em melhores condições. Falta de instrução primária, sem higiene, sem perspectiva de futuro, mal alimentada, mal vestida, sofrendo a sífilis, exposta ao alcoolismo, e ao crime, explorada por todas as camarilhas de políticos despudorados — a juventude popular do país se encontra num verdadeiro beco sem saída.⁵²⁹

Na propaganda e na mobilização do Congresso foram trabalhados elementos dos problemas cotidianos da juventude brasileira que estão presentes desde as fases anteriores do trabalho juvenil dos comunistas, mas que aparecem agora noutra roupagem — enquanto alguns dos problemas se apresentam da mesma forma. Outros elementos aparecem como novidades, mostrando a evolução da leitura da análise dos problemas juvenis e na forma de conceber a organização juvenil comunista. Apesar de

⁵²⁷ Panfleto *1º Congresso da Juventude Proletária, Estudantil e Popular da Bahia*, de maio de 1935, assinado pela Comissão Provisória Organizadora do Congresso: Édison Carneiro, E. Assemany, Aydano do Couto Ferraz, José Borba Tourinho e Paulo Barretto de Araujo. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1075]

⁵²⁸ “O primeiro congresso da juventude brasileira”, Em: *Gazeta de Notícias* (RJ) de 11 de junho de 1935, p. 3. [Biblioteca Nacional]

⁵²⁹ Panfleto *Tudo pelo 1º Congresso da Juventude Proletária, Estudantil e Popular da Bahia!*, de maio de 1935, assinado pela Comissão Provisória Organizadora do Congresso: Edson Carneiro, E. Assemany, Aydano do Couto Ferraz, José Borba Tourinho e Paulo Barretto de Araujo. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1074]

relativamente extenso vale a pena colocar o trecho das reivindicações do programa-tese do Congresso para melhor analisar o evento, a mobilização e como a FJCB participa:

a) melhoria imediata dos salários de todos os jovens trabalhadores, seja nos campos, nas fábricas, nos escritórios; b) diminuição do tempo de trabalho, afim de dar aos jovens, tempo para estudo sem sacrifício de saúde; c) imediata aplicação da lei de 8 horas nos campos e lugares em que estiver sendo fraudada; d) instrução primária verdadeiramente gratuita, com doação de material escolar aos alunos pobres, além de alimentos e roupas. Serviço médico [e] dentário gratuito; e) Diminuição imediata das taxas de ensino secundário e superior; f) proteção aos estudantes pobres secundários e superiores, aos jovens artistas e cientistas, dos intelectuais sem recursos por meios de subvenções diretas do governo; g) criação de centro de estudos, escolas, cursos de aperfeiçoamento técnico, científico e artístico — por parte do governo e das grandes empresas; h) nacionalização do ensino, afim de não existir o comércio de ensino como hoje em dia. Ensino leigo; i) liberdade de pensamento e reunião; j) criação de comissões fiscais, nas escolas, nas fábricas, nas fazendas e usinas afim de manter o cumprimento dessas medidas. Nessas comissões estão incluídos os diretores estudantinos nos cursos secundários, democratização do ensino; k) lutar contra a militarização da juventude, contra a infiltração fascista, contra a guerra e a reação, contra o imperialismo, contra o latifúndio e pelas liberdades democráticas; l) formação dum ampla organização jovem nacional, encarregada de levar a cabo as decisões do Congresso e trazendo como escopo a formação dum espírito juvenil único capaz de levar toda a mocidade brasileira à vanguarda que lhe compete no cenário nacional.⁵³⁰

É possível encontrar neste programa o primeiro documento caracterizado com elementos da política pública de juventude no Brasil, feita pela juventude; portanto diferente dos “códigos de menores” — já que estes, além de serem feitos no parlamento à revelia da participação juvenil tinham abrangência da infância e pouco elaborado para os que são menores e não são crianças.

A documentação sobre o CNJPEP mostra que a preparação do evento foi feita com uma divisão de instâncias nacional, estadual, municipal e por regiões de atuação como escolas e fábricas. Diferente de momentos anteriores pede-se a participação da:

heroica e combativa mocidade brasileira de ambos os sexos, sem nenhuma distinção de ideologias, para tratarmos de nossas aspirações, pelo nosso futuro, pelo futuro do nosso querido Brasil.⁵³¹

⁵³⁰ Panfleto *Aos nossos companheiros jovens!* s/d, assinado pela “Comissão Organizadora”. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1072]

⁵³¹ Panfleto *“Jovens operários e operárias da Cruzeiro*, assinado por “um grupo de jovens operários da Cruzeiro, aderentes ao 1º Congresso da Juventude”, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1068]

Mostrando assim que o anterior e confuso leque de forças políticas apontado fora considerado com a nova tática “apto” à participação da defesa do Brasil contra o latifúndio, o imperialismo e o fascismo tão crescente no país. São chamados à responsabilidade de participação ao Congresso os jovens soldados, marinheiros, ferroviários, transviários, tecelões, bancários, comerciários, telefonistas, pequenos comerciantes, funcionários públicos, estudantes, católicos, espíritas, protestantes, ministerialistas, anarquistas, comunistas, socialistas, trabalhistas, nacional evolucionistas, intelectuais pobres, artesãos, policiais militares, bombeiros, fuzileiros, camponeses, patriotas e, cabem aqui de forma especial, os “jovens integralistas iludidos”.

Fora toda a mobilização do evento que se deu de forma ampla, com outras forças políticas e jovens de estigma ideológico variado a FJCB fazia sua agitação de forma independente lançando materiais próprios. Assim não haveria uma descaracterização da FJCB, durante os preparativos do Congresso, dentro da frente única juvenil.

A disputa da FJCB com os integralistas ia a ponto de trabalhar as contradições internas da Aliança Integralista Brasileira (AIB) (já que, segundo a documentação, havia certa migração de jovens da AIB para as fileiras do CNJPEP) e aliciar os jovens que vacilavam com a atuação daquela organização, denunciando os “chefes integralistas” suas atitudes violentas e sua caracterização fascista.

O governo de Getúlio usou do pretexto de fechamento da ANL, diante da possibilidade dos ecos do “5 de julho”. A organização construiu núcleos por todo Brasil e reuniu em volta de si mais de 100 mil aderentes. Na ilegalidade perdeu apoio e ficou em sua maioria com núcleos isolados e contingentes nos quartéis.

Três dias depois, do fechamento da ANL, em reunião já marcada anteriormente na sede do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Rio de Janeiro para dar continuidade à organização do CNJPEP foi, como estava se tornando rotina, invadida pela polícia e presa uma militante comunista, de 17 anos, romena, judia, Genny Gleiser. Era a única estrangeira e foi a testa-de-ferro da situação que se armou em seguida. Os simpatizantes dos regimes fascistas alegavam que o Brasil sofria o perigo de um complô judaico-bolchevista e a prisão da jovem comunista pôde encaixar na história de conspirata.

Genny saiu da Romênia com a irmã, Berta, para se juntar ao pai, Motel Gleiser, depois do suicídio da mãe e se afastar de uma onda antissemita que crescia na Europa. Chegou ao Rio de Janeiro em 1933 e foi só para São Paulo para trabalhar como operária têxtil, provavelmente quando se tornou membro do PCB, atuando na FJCB. Trabalhou em escritório e se mudou para o Rio de Janeiro, novamente.

Quando foi presa na reunião seu quarto de pensão foi revirado e foi noticiado que encontraram diversos materiais do CNJPEP. Em poucos dias todos foram soltos, menos Genny. O caso inundou as páginas de jornal, foi fichada como se tivesse 18 anos e ficou quarenta dias desaparecida.⁵³² No Dops alegavam que ela havia sido solta junto com os outros e assim a mantiveram sequestrada por mais de um mês.

O CNJPEP não conseguia mais a força mobilizadora do início do ano. As etapas estaduais conseguiram algum êxito, mas a nacional foi desbaratada pela polícia por diversas vezes, se contarmos as reuniões preparatórias. Junto com o fechamento da ANL, o sequestro de Genny Gleizer, a enxurrada de matérias nos jornais que ligavam o Congresso a estes eventos a uma conspiração internacional e um número grande de presos políticos, fizeram com que o CNJPEP finalizasse sua organização em um ato político de agravo à Genny Gleizer e contra a sua deportação, em 9 de outubro. Pela organização do Congresso falou Ivan Pedro de Martins, além de Maria Lacerda Moura, Carlos Lacerda e Francisco Mangabeira; e foi aprovada uma moção.⁵³³

Em fins de novembro, o PCB numa tentativa de tomada do poder por via armada, insurrecionou em dias diferentes quartéis em Natal (RN), Recife (PE) e Rio de Janeiro, embora sem apoio do movimento sindical, juvenil e popular desses lugares. A derrota militar foi iminente e a reação do governo violenta. Perseguição, clandestinidade, prisões, torturas e dificuldades de continuar com a perspectiva de

⁵³² Foi apenas “em 19 de agosto, o jornalista Danton Gomes do *Correio Popular* descobriu que a garota estava jogada numa das celas da cidade e conseguiu fazer a primeira entrevista com ela. Assim ele descreveu o encontro na sua matéria: “De repente, uma jovem graciosa, de fisionomia quase infantil, abrindo caminho entre as demais detentas que, curiosas, haviam se aproximado da janela, mostrou por entre as grades de ferro o seu rosto simpático. Era Genny. (...) – ‘Ah! o senhor é repórter? Então me faça a caridade de dizer que estou presa aqui. Hoje estive lendo nos jornais que todos me procuram, mas ignoram o meu paradeiro’”. O segredo estava desfeito.” BUONICORE, Augusto (2014) *O caso Genny Gleizer: a garota judia e comunista deportada por Vargas*, Em: *Portal Grabois*: <https://www.grabois.org.br/cdm/artigos/135370/2015-08-07/o-caso-genny-gleizer-a-garota-judia-e-comunista-deportada-por-vargas> Acesso em 13 de fevereiro de 2021.

⁵³³ “Nos, do povo carioca, presentes à sessão Congresso da Juventude e em nome de milhões de brasileiros que exigem a liberdade de Genny Gleizer, vimos protestar perante as autoridades do país contra o ato violento da polícia expulsando Geny e clamar em nome do povo brasileiro pelo cancelamento do decreto de expulsão!”, Em: *Diário da Noite* de 10 de outubro de 1935, p. 9.

realizar a etapa nacional do CNJPEP. A FJCB iniciou um período de dificuldades de atuação sendo necessário o recolhimento dos militantes para a atuação de resistência estritamente partidária. Até que meados de 1936⁵³⁴, quando em reunião do Comitê Central o PCB extinguiu a Federação da Juventude Comunista do Brasil.

⁵³⁴ DULLES, John W. Foster (1985) *O Comunismo no Brasil*, São Paulo: Ed. Nova Fronteira, p. 128-129.

Considerações finais

Existe uma visão utilitarista muito comum na historiografia sobre os partidos comunistas, dentre eles o PCB, em que a juventude e suas organizações comparecem ao percurso da história partidária como um apetrecho. Durante décadas de estudos essa faceta da vida partidária esteve ou completamente subordinada como um reflexo da atuação dos comunistas ou ausente, sem que se encontrasse menção, e, menos ainda, que discorresse sobre a sua trajetória, suas personagens, sua política, suas demandas e dificuldades. As siglas e os nomes das organizações muitas vezes são trocados por aquela que retomará as atividades juvenis dos comunistas no Brasil, a União da Juventude Comunista (UJC) — após o ano de 1947. E as duas primeiras décadas ficam sem receber quaisquer considerações — salve, como já dito, algumas poucas exceções.

No entanto, vários dos quadros dos mais importantes da trajetória desse partido — e da esquerda brasileira — passaram pela JCB e pela FJCB. Alguns deles são Carlos Marighella, Mário Lago, Joaquim Câmara Ferreira, Maurício Grabois, Ivan Pedro de Martins, Valdivino Loureiro, Arnaldo Pedrosa d’Horta, Leôncio Basbaum, Francisco Mangabeira, dentre tantos outros⁵³⁵. Esses que tiveram essa formação política, desenvolvendo o trabalho juvenil partidário, não só participaram de lutas em defesa das demandas juvenis de seu tempo — o fizeram e é um aspecto importante dessa militância — mas também chegaram à idade adulta com um amadurecimento político diferente daqueles que não passaram pela organização juvenil comunista. Não só no Brasil, em outras partes do mundo é possível listar dirigentes, parlamentares, quadros de seus países, que tiveram militância juvenil no período tratado neste trabalho, como: Karl Liebkecht, Leopold Winarsky, Arthur Jauniaux, Leon Troclet, Henriette Roland Holst, Inessa Armand, Willi Münzenberg, Angelica Balabanoff e tantos outros. A organização juvenil comunista, socialista, socialdemocrata foi escola de política de várias gerações.

O tema se elevou ao desenvolvimento da categoria “juventude comunista” mesmo sem ter sido, ainda, exaustivamente trabalhado por pesquisadores de formações e disciplinas diversas. Dadas suas características expostas neste trabalho foi possível afirmar que o tema teve/tem atributos para se tornar objeto de pesquisa. A grande quantidade de material e informações dispersos fez com que fosse necessário historiar

⁵³⁵ Nas próximas décadas será crescente o número de quadros da política brasileira formados no trabalho juvenil comunista.

experiências anteriores e sistematizar — primeiro em descrição — para apresentar o panorama do tema. Dessa forma, iluminar essas duas organizações, JCB e FJCB, nas décadas de 1920 e 1930 e também no CNJPEP, analisando o trabalho dos comunistas entre a juventude foi o que se propôs este trabalho. Foi necessário buscar as origens desse aspecto da construção partidária e quais foram os seus pilares. Não encontramos outra evidência da inserção da juventude nas lutas de classes que não fosse aquela a partir da extrema exploração do trabalho pelo capital. Concluímos, a priori, que a partir do desenvolvimento da maquinaria durante a segunda revolução industrial foi o momento de inclusão do proletariado juvenil e infantil na produção. Derivaram daí, de início, as demandas e reivindicações que amadureceram esse setor para as lutas de classes.

Encontramos o tripé que embasou as primeiras organizações juvenis socialistas com os impulsos da exploração do trabalho, a luta antimilitarista e as reivindicações ligadas à educação. Três preocupações que estão ligadas ao desenvolvimento do capitalismo, ao surto de crescimento urbano e às possibilidades civilizatórias. Um ponto alto, comemorado por décadas, foi a fundação de uma articulação internacional juvenil, sobretudo ainda na Europa, em 1907. A luta pela paz e pelo impedimento de um conflito armado de proporções internacionais foi importante tônica. Viu-se que o desenvolvimento das lutas socialistas após a Grande Guerra esteve junto com o caminhar da revolução russa; não de forma natural ou tendencial, pois foi uma arquitetura e uma engenharia políticas concebidas — sob tensão de luta entre projetos e visões diferentes — derivadas da criação de um partido mundial que tinha um departamento juvenil, a IJC.

As atribuições desta organização (ou departamento) no entorno da crise de 1929 (pouco antes e pouco depois) fizeram uma leitura enviesada da realidade, cometeu erros, não apenas ela, como a IC, também. E já um tanto tarde, após a subida de Adolf Hitler ao poder, depois de dezenas de países terem sido hegemonzados por forças políticas de extrema direita, a elaboração do partido mundial dos comunistas pretendeu rivalizar à altura com o fenômeno do nazi-fascismo. O 6º Congresso da IJC (1935), o último, tentou articular as necessidades de derrotar uma potência militar, política e ideológica a partir de uma atração de forças sociais e políticas populares de variados matizes. A abertura de possibilidades de alianças gerou páginas antológicas da história do movimento comunista internacional.

Até a fundação do PCB, no Brasil não havia se experimentado as organizações políticas juvenis de caráter proletário ou socialista — muito devido à falta de tradição socialdemocrata e de uma industrialização iniciada já no auge da segunda revolução industrial europeia. Afora o movimento estudantil — tradicional e elitizado desde, pelo menos, o início do Império —, só mesmo algumas tentativas muito embrionárias e efêmeras que os anarquistas criaram.

Mas é desde o estatuto aprovado no congresso de fundação do PCB, que comparece, ainda em traços de garatuja, as “juventudes comunistas” como um projeto a se realizar. Os primeiros passos com muita dificuldade, sem foco, nem norte para onde trilhar essa nova faceta da militância, tão alheia e diferente do acumulado no movimento sindical ou nas lutas anarquistas. Não havia experiência pela qual se basear — as mais próximas estavam na Argentina e Chile — e a orientação da IJC ainda era muito insipiente, pois o Brasil ainda não comparecia no mapa estratégico da IC. O tamanho do território e falta de compreensão da importância do trabalho juvenil por parte da totalidade dos dirigentes comunistas (poucos entendiam a especificidade e a importância).

Uma primeira tentativa, a Juventude Comunista do Brasil (JCB), enfrentou problemas, insuficiências, incompreensões, por um lado, mas estruturou uma direção, fez atividades e teve alguma experiência de organizar alguns eventos. Desde o início se preocupou com a montagem de uma plataforma de reivindicações imediatas, tentou buscar as especificidades de uma organização juvenil diferente da organização partidária e até participou do congresso mundial de jovens comunistas em 1928.

Com a bolchevização a organização juvenil comunista se fechou e perdeu adeptos, fez expulsões aparentemente desnecessárias, mas ao mesmo tempo diversificou suas preocupações. Nesse momento já se faz sob a sigla FJCB, a incorporação da partícula “Federação” a coloca simbolicamente no rol de organizações comunistas do espectro da IJC de forma mais consolidada.

Com o giro tático em torno da luta antifascista, a FJCB recompôs sua política e sua direção. Deu mais aporte aos estudantes, mas manteve a juventude trabalhadora no centro da tática. A crescente de extrema direita empurrou a FJCB, e os comunistas em geral, para a reflexão sobre tática e estratégia. Para o movimento juvenil isso se traduziu como abertura de diálogos com outros setores políticos que atuavam entre a juventude

— já bem diferente daquela tática de frente única contra a burguesia e logo depois sua versão de classe contra classe.

Nasce dessa dinâmica o 1º Congresso Nacional da Juventude Proletária, Estudantil e Popular como um movimento elaborador de políticas afirmativas, reparatórias e emuladoras com especificidade juvenil. Não são apenas políticas públicas ou formas de absorver este setor como objeto de atenção do Estado. São reivindicações históricas dos trabalhadores em geral de cunho civilizatório, que apontam para uma sociedade alternativa à capitalista. A elaboração resultante do movimento entorno do CNJPEP ultrapassou as três reivindicações fundantes do movimento juvenil de linhagem socialdemocrata/socialista/comunista. Para além do antimilitarismo, educação e questões ligadas ao trabalho, a elaboração que se seguiu — sob direção, orientação e como parte do desenvolvimento da elaboração da juventude comunista — inseriu com mais propriedade a juventude numa realidade material concreta. Essa juventude preconizada pela juventude comunista, principalmente após o 6º Congresso da IJC, está melhor lastreada no contexto do qual ela é parte.

Ao mesmo tempo, ilustra-se com essa base histórica, por sua vez, que, a juventude comunista fez parte de um todo orgânico e que sua relação com o partido comunista foi determinada não por receita preconcebida, mas de acordo com a realidade posta. Como uma estrutura flexível a organização juvenil comunista se propôs, a partir das diretrizes do partido comunista, a levar a política do PCB para extensa parcela dos jovens trabalhadores e fazer com que houvesse efetivação de jovens trabalhadores ao partido comunista. A necessidade de contingente de jovens dentro do PCB se colocava posto por dois motivos gerais: que houvesse substituição de gerações dirigentes com o passar dos anos, ou com as perdas que o curso da luta impunha; e que era necessário fazer a luta da juventude no momento presente, pois ela constituía parte significativa da produção, tinha questões específicas que poderiam contribuir com as questões gerais dos trabalhadores e se tornava volumosa, conforme aumentava a população.

A justificativa do trabalho se reafirma após a análise feita até aqui. Os jovens foram importante parcela — no mínimo ruidosa — dos diversos conflitos no âmbito das lutas de classes desde o século XIX, pelo menos, e atravessou todo o século XX, transbordando, ainda, no século XXI. E a busca das origens desses movimentos juvenis faz parte da tentativa de entendê-los por toda extensão de décadas subsequentes. Parte dessas origens estão na linhagem socialdemocrata/socialista/comunista que foi

desenvolvida por este trabalho. Suas causas econômicas e sociais, seus reflexos políticos e organizacionais tiveram pioneiramente presentes na vida política e cultural do ocidente, como se tentou mostrar.

O tema da história da juventude, acompanhado da categoria juventude comunista, se mostrou ao fim que pode ser desenvolvido sob muitos outros âmbitos. Apesar de desenvolvimento inicial tem bibliografia afim e vasta documentação ainda longe de ser extenuada. Das coleções consultadas foi possível aproveitar apenas uma pequena parte, o que abre extenso leque de possibilidades para se trabalhar, ainda, de forma variada e por múltiplos aspectos a juventude comunista e os temas correlatos.

Temos responsabilidade por todos possíveis erros e incongruências desta dissertação e ansiamos pela possibilidade deste trabalho poder contribuir com outras pesquisas e com a reflexão sobre a participação dos jovens socialistas/comunistas na vida política e cultural do Brasil.

Fontes e referências bibliográficas

I. Documentos primários

To the Paris Students, To the Students and Young People of All Countries From the Workers of All Countries, Em:
<https://www.marxists.org/history/international/iwma/documents/1866/to-paris-students.htm>,
acessado em 18 de maio de 2020.

L'Internationale Ouvrière & Socialiste — Rapports soumis au Congrès Socialiste Internationale de Stuttgart, v. II, Note complémentaire sur le mouvement ouvrier et d'une étude sur l'organisation internationale de la Jeunesse Socialiste, 1907.

SECRÉTARIAT DE FEDÉRATION INTERNATIONALE DE LA JEUNESSE SOCIALISTE (1907) *Compte-rendu de la Première Conférence Internationale de la Jeunesse Socialiste*, Vienne: Gand Societé Coopérative “Volksdrukkerij”

Conférence Internationale des Organisations Socialistes de la Jeunesse — Copenhague 1910.

Second Conference of Socialist Juvenile Organisations — *Provisional Agenda* (1910).

RUST, William (1927) *After twenty years — The history of the Youth International*, London: House of the YCI.

YCI (1927) *A short history of the YCI*, London: YCLGB.

6th World Congress Young Communist International (s/d) *The tasks of the united front of the youth — resolutions adopted at the Sixth Congress*, Londres: YCLGB.

Cartas e circulares:

1. Carta datilografada e assinada por Abílio de Nequete e Astrojildo Pereira, em 29 de março de 1922, endereçada “Ao Comitê Executivo da Internacional Comunista” [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic- 0001]
2. de Luiz Perez à IJC, 8/08/1925. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
3. Correspondência do *Secretariado Sul Americano da Internacional Comunista de Jovens aos CC CC das Federações Comunistas de Jovens da América do Sul*, de 27 de outubro de 1926 [tradução registrada em 3/1/1927]. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
4. *Carta de Heitor Ferreira Lima para “camaradas do CE”*, de 14 de outubro de 1927. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0182]
5. de Manuel Karacik ao Comitê Executivo da IJC de 14/06/1928. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
6. *Ao Secretariado de Organização do KIM*, 7 de dezembro de 1928. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1009]
7. *Carta a “Camaradas e irmãos do S. Sul Americano da Internacional Juvenil Comunista”*, de 5 de agosto de 1929. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1012]
8. Circular sobre o 2º Plenum do CC da FJCB aos militantes de 25/10/1929. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
9. de Leôncio ao “camarada Rus” de 01/11/1929. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
10. de Leôncio aos militantes de 01/11/1929. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
11. ao SSAJ da IJC Rio 03/01/1930. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

12. Carta a “*Caros camaradas*”, de 5 de junho de 1930. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
13. de Casemiro aos militantes de 19/09/1930. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
14. *Carta a todos os membros da região de São Paulo*, de novembro de 1930, assinado pelo Birô Político. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
15. do delegado do CC da FJCB de fins de 1930.
16. Carta de “o delegado do CC da FJCB”, para “Caros Camaradas”, de início de 1931. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1050]
17. Carta do Comitê Regional da FJCB de Pernambuco, de 7 de janeiro de 1932 [ASMOB — CEDEM/UNESP]
18. Circular do Birô Político do CC da FJCB aos militantes de 10/08/1932. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
19. Carta a “Caros camaradas” da Federación Juvenil Comunista del Brasil (sección de la Internacional Juvenil Comunista, Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1932, assinado por “El CC provisório de la FJCB”. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1052]
20. *Circular a todas as células, zonas e Comitês Regionais da FJCB, sobre as campanhas de 23 de agosto (assassinato de Sacco e Vanzetti) a Semana Anti-Guerreira (23 de agosto a 30) e Semana Internacional da Juventude Proletária (7 a 15 de setembro)*, de 10 de agosto de 1932. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1051]
21. Ao KIM (de uma carta enviada “por el compañero Pablo”), de 31 e outubro de 1932. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1053]
22. *Carta sobre 7 de novembro*, sem data, mutilada com apresentação de apenas um página. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

Relatórios, informes e tese:

1. Relatório dos trabalhos do 1º Congresso da Federação da Juventude Comunista do Brasil, realizado nos 5, 7 e 8 de janeiro de 1929. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
2. Relatório Geral da Federação da Juventude Comunista do Brasil assinado por Leôncio, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
3. Relatório do encarregado do serviço da J.C. na CCE (Comissão Central Executiva) do PCB, Luiz Perez, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
4. Tese do Bureau Sul-Americano da Internacional Juvenil Comunista à Federação da Juventude Comunista do Brasil, novembro de 1931. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
5. Informe da Federação Juvenil [*sic*] Comunista do Brasil apresentado pelo camarada Arnaldo do Secretariado da América do Sul e do Caribe do Comitê Executivo da IJC em 24 de março de 1933. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
6. Informe do c. Marques no 6º Congresso da IJC de 29/09/1935. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
7. Informe sobre a Federação da Juventude Comunista e da Juventude Trabalhadora de 14/11/1934. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
8. Relatório do Encarregado Esportivo da Juventude Comunista do Brasil s. d.
9. Relatório do CC da FJCB, Rio 5 de junho de 1935. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
10. *Relatório Geral da Federação da Juventude Comunista do Brasil* [arquivado em 9 de dezembro de 1929], assinado por Leôncio Basbaum — Secretário Geral da FJCB. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1016]

11. *Relatório dos trabalhos de preparação e realização do congresso constituinte do Partido Comunista do Brasil*, de Abilio de Nequete e Astrojildo Pereira, de 29 de março de 1922. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0104]
12. *Relatório trimestral do PC Brasileiro*, de Rio, 6 de janeiro de 1924, remetido ao Executivo da IC. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0143]
13. *Informe sobre a Federação da Juventude Comunista e da Juventude Trabalhadora*, de 14 de novembro de 1934. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1061]
14. *Tesis del Bureau Sudamericano sobre la situación del Brasil y las tareas del Partido Comunista*, de meados de 1931 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0096]
15. Teses e resoluções adotadas pelo III Congresso do Partido Comunista do Brasil. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0388]
16. *Situación de la juventud proletaria del Brasil*. s/d, provavelmente de meados de 1930 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1020]
17. *Reunión del día 15 de Junio de 1929*. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0080]
18. *Federação da Juventude Comunista do Brasil* — 25 de outubro de 1929, p. 1. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1013]
19. Ata do Comitê Central Restrito (Comissões e Presidium) de 10 de fevereiro de 1929. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0422]
20. Manifesto *Jovens operários, camponeses, soldados e marinheiros*, de agosto de 1932, assinado pelo Comitê Central da FJCB. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1045]
21. *Reunião do Birô Político (PCB — S. da IC)*, de 3 de junho de 1934. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0462]
22. *Ata da reunião do Birô Político do PCB (S. da IC)*, de 18 de junho de 1934. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0463]
23. *Conferência Nacional do PCB (S. da IC)*, 8 a 16 de julho de 1934. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0391b]
24. Plano Nacional de Trabalho até a Conferência Nacional da FJCB (3 meses) [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1104]
25. *Situación de la juventud proletaria del Brasil*. s/d, provavelmente de meados de 1930. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1020]
26. *Ata da reunião da CCE da JC*, de 13/12/1926. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
27. *Ata da reunião da CE da JC* de 27/3/1927. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
28. *Delegation du Brésil (Pereira)* — 6 de setembro de 1928. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1003]
29. *Ata da reunião da CCE do PCB* em 11 de novembro de 1928. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-0414]

Boletins:

1. *Boletim Interno da Federação da Juventude Comunista (Seção Brasileira da IJC)*, de 2 de outubro de 1930. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1023]
2. Boletim Interno da Federação da Juventude Comunista do Brasil, abril de 1935. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

3. *Boletim Interno da FJCB*, de fevereiro de 1931. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1024]

Resoluções:

1. Resolução sobre o trabalho sindical juvenil, s.d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
2. Resolução do 2º Plano do CC da FJCB sobre a situação do país e a situação e tarefas da [Federação da] Juventude Comunista do Brasil, s.d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
3. Resolução sobre o trabalho entre meninos proletários, s.d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
4. Resolução sobre o trabalho esportivo, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

Panfletos:

1. *Ódio e repúdio aos assassinos de Décio Pinto de Oliveira*, FJCB zona de Santos, s.d.
2. *Libertemos a Rodolfo Ghioldi y Luis Carlos Prestes* — Federación Juvenil Comunista (Argentina) s.d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
3. “Jovens do Brasil! À População do Rio!”, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
4. “Aos jovens do Brasil”, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
5. “Mocidade brasileira”, Distrito Federal, A Comissão [do 1º Congresso da Juventude] do Distrito Federal, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
6. “A toda mocidade do Distrito Federal!”, Comissão Organizadora [do 1º Congresso da Juventude], s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
7. “À Juventude Brasileira”, Comissão Organizadora do Congresso Nacional da Juventude Proletária, Estudantil e Popular, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
8. “Mais impostos!”, CC da Federação da Juventude Comunista do Brasil, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
9. “Tudo pelo 1º Congresso da Juventude Proletária, Estudantil e Popular da Bahia!”, Comissão Provisória de Organização do Congresso, Bahia, maio de 1935. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
10. “1º Congresso da Juventude Proletária, Estudantil e Popular da Bahia”, Comissão Provisória de Organização do Congresso, Bahia, maio de 1935. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
11. “A juventude do Brasil e a situação nacional”, por Ivan Pedro Martins, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
12. “1º Congresso da Juventude do Brasil”, Comissão Organizadora, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
13. “Aos estudantes mato-grossenses”, vários autores, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
14. “Aos nossos companheiros jovens!”, Comissão Organizadora, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
15. “Marinhos brasileiros”, Partido Comunista e Federação Juvenil Comunista [sic], s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
16. “Ao povo”, Aliança Nacional Libertadora, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
17. “Convite”, vários autores, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]

18. “Jovens operários e operárias da Cruzeiro”, um grupo de jovens operários da Cruzeiro, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
19. “Soldados e Marinheiros”, Comitê Regional do Rio da Federação da Juventude Comunista do Brasil, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
20. “Não aceitamos limitação às liberdades populares!”, Comitê Central da Federação da Juventude Comunista do Brasil, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
21. “Pela greve geral”, Comitê Central da Federação da Juventude Comunista do Brasil, Rio, outubro de 1934. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
22. “Aos alunos das Escolas Técnicas Secundárias da prefeitura e aos jovens em geral!”, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
23. “Paz e liberdade ao povo da Abissínia”, Bahia, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
24. “Jovens populares”, Federação da Juventude Comunista do Brasil, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
25. “Aos jovens proletários do bairro de Tamarineira”, um grupo de jovens de Tamarineira, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
26. “Jovens operários, camponeses, soldados e marinheiros”, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
27. “Militares presos”, um grupo de jovens estudantes, populares e soldados, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
28. “Irmãos de classe, os trabalhadores contra o inimigo comum, os capitalistas!”, Comitê Central da Federação da Juventude Comunista do Brasil, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
29. “A toda população juvenil trabalhadora” A todos os defensores das liberdades públicas!”, Comitê Regional de São Paulo da Federação da Juventude Comunista do Brasil, 6 de junho de 1935. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
30. “Comemoremos”, Comitê Regional de São Paulo da Federação da Juventude Comunista do Brasil, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
31. “Jovens operários e operárias da fábrica Jafet!”, Célula da Federação da Juventude Comunista do Brasil da fábrica Jafet, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
32. “Jovens! Operários e camponeses, soldados e marinheiros!”, Comitê Central da Federação da Juventude Comunista do Brasil, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
33. “Aos jovens trabalhadores da fábrica Torre de Tecido”, Célula da Federação da Juventude Comunista do Brasil da fábrica Torre de Tecido, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
34. “Soldados e Marinheiros!”, Federação da Juventude Comunista do Brasil, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
35. “Para onde vai o Brasil?”, Juventude Comunista do Brasil, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
36. “Nem que seja à bala”, Comitê Central da Federação da Juventude Comunista do Brasil, s/d. [ASMOB — CEDEM/UNESP]
37. *Contra guerra e a reação*, de agosto de 1934 [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1058]

II. Periódicos consultados

- Ação Direta* [Biblioteca Nacional]
A Batalha [Biblioteca Nacional]
A Classe Operária [ASMOB — CEDEM/UNESP]
A Cruz [Biblioteca Nacional]
A Lanterna [ASMOB — CEDEM/UNESP]
A Manhã [Biblioteca Nacional]
A Nação [Biblioteca Nacional]
A Plebe [Biblioteca Nacional]
A Razão [Biblioteca Nacional]
A Voz do Povo [ASMOB — CEDEM/UNESP]
Boletim (FJCB) [ASMOB — CEDEM/UNESP]
Correio da Manhã [Biblioteca Nacional]
Correio de São Paulo [Biblioteca Nacional]
Correio do Paraná [Biblioteca Nacional]
Correio Paulistano [Biblioteca Nacional]
Correspondencia Juvenil Latino Americana — Boletín del Secretariado Sudamericano de la IJC [ASMOB — CEDEM/UNESP]
Diário Carioca [Biblioteca Nacional]
Diário da Manhã (PE) [Biblioteca Nacional]
Diário da Noite [Biblioteca Nacional]
Diário de Pernambuco [Biblioteca Nacional]
Diário Nacional — A democracia em marcha [Biblioteca Nacional]
Diário Oficial [CDM/FMG]
Gazeta de Notícias (RJ) [Biblioteca Nacional]
International Press Correspondence [CDM/FMG]
Izquierdas
Jornal de Recife [Biblioteca Nacional]
Jornal do Brasil [Biblioteca Nacional]
Juventude (FJCB) [ASMOB — CEDEM/UNESP]
La Correspondencia Sudamericana
O Estado (SC) [Biblioteca Nacional]
O Imparcial (MA) [Biblioteca Nacional]
O Jornal (RJ) [Biblioteca Nacional]
O Jovem Proletário [ASMOB — CEDEM/UNESP]
O Protesto [ASMOB — CEDEM/UNESP]
Pacotilha (MA) [Biblioteca Nacional]
Revista Movimento Comunista [ASMOB — CEDEM/UNESP]

III. Bibliografia

ABREU, Ricardo, (2002) *75 anos de fundação da juventude comunista do Brasil*, Em: Princípios 67 p. 59-63, Anita Garibaldi, São Paulo.

ÁLVAREZ, Rolando; LOYOLA Manuel (2014) *Un trébol de cuatro hojas — Las Juventudes Comunistas de Chile en el siglo XX*, Santiago: Ariadna.

ANDREUCCI, Franco (1985) *A difusão e a vulgarização do marxismo*, Em: HOBBSAWM, Eric J. *História do Marxismo*, vol II, São Paulo: Paz e Terra.

- BABATTE, Gross (2007) *Willi Münzenberg, una biografía política*, Vitoria-Gasteiz: Ikusager Ediciones.
- BANDEIRA, Moniz; Melo, Clovis; e Andrade, A. T. (1980) *O Ano Vermelho — a Revolução Russa e os seus reflexos no Brasil*, SP, Brasiliense.
- BASBAUM, Leôncio. (1976) *Uma vida em seis tempos*. Alfa-Ômega, São Paulo.
- BATALHA, Cláudio (2009) *Dicionário do movimento operário — Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920 — militantes e organizações*, São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- BEIGUELMAN, Paula (2002) *Os companheiros de São Paulo: ontem e hoje*, São Paulo: Editora Corteza.
- BEZERRA, Gregório (2011) *Memórias*, São Paulo: Boitempo Editorial.
- BRANDÃO, Gildo Marçal (1997) *A esquerda positiva — as duas almas do partido comunista (1920-1964)*, São Paulo: Editora Hucitec.
- BRANDÃO, Octávio. (1978) *Combates e Batalhas*. Alfa-Ômega, São Paulo.
- _____ (2006) *Agrarismo e industrialismo*, São Paulo: Editora Anita Garibaldi/ Fundação Maurício Grabois.
- BRESCIANI, M. S. M. (1992) *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*, São Paulo: Brasiliense.
- BROUÉ, Pierre (2007) *História da Internacional Comunista — 1919-1943*, Tomo II, São Paulo: Sundermann.
- BUONICORE, Augusto; RUY, José Carlos (2012) *Contribuição à história do Partido Comunista do Brasil*, São Paulo: Editora Anita Garibaldi/ Fundação Maurício Grabois.
- _____ (2016) *Linhas vermelhas: marxismo e os dilemas da Revolução (Artigos e ensaios críticos)*, São Paulo: Editora Anita Garibaldi/ Fundação Maurício Grabois.
- CANALE, Dario (2012) *O surgimento da Seção Brasileira da Internacional Comunista (1917-1928)*, São Paulo: Editora Anita Garibaldi/ Fundação Maurício Grabois.
- CANO, Wilson (2007) *Raízes da concentração industrial em São Paulo*, Campinas: Edunicamp.
- CARONE, Edgard (1993) *A II Internacional — pelos seus congressos (1889-1914)*, São Paulo: Editora Anita Garibaldi.
- _____ (1989) *Classes sociais e movimento operário*, São Paulo: Editora Ática.
- _____ (1991) *Brasil — anos de crise (1930-1945)*, São Paulo: Editora Ática.
- _____ (1979) *Movimento operário no Brasil (1877-1944)*, Rio de Janeiro: Difel.
- _____ (1986) *O marxismo no Brasil (das origens a 1964)*, Rio de Janeiro: Dois Pontos Editora.
- _____ (1982) *O PCB (1922-1943)*, São Paulo: DIFEL.
- CASTRO, Moacir Werneck de (2000) *Europa 1935 — uma aventura de juventude*, Rio de Janeiro: Editora Record.
- CASTRO e CASTRO, Flávia Augusta de (1982) *Memória e história — Cristiano Cordeiro*, São Paulo Livraria Editora Ciências Humanas.
- CHUAHY, Eduardo; VICTOR, Wagner Granja (2002) *A construção e a destruição do setor elétrico brasileiro — uma análise crítica e histórica de Getúlio Vargas a Fernando Henrique Cardoso*, Rio de Janeiro: Relume Dumará.

- CLAUDÍN, Fernando (2013) *A crise do movimento comunista*, São Paulo: Expressão Popular.
- CORNELL Richard (1965) *Youth and communism — a historical analysis of International Communist Youth Movement*, New York: Walker and Company.
- DEL ROIO, José Luiz (1986) *1º de maio — cem anos de luta* (Organizado pelo Centro de Memória Sindical), São Paulo: Editora Global/ Oboré.
- _____ (2017) *A greve de 1917 — Os trabalhadores entram em cena*, São Paulo: Alameda Editorial/ Fundação Lauro Campos.
- DEL ROIO, Marcos (1990) *A classe operária na revolução burguesa — A política de alianças do PCB: 1928-1935*, Belo Horizonte: Oficina de Livros.
- DICKENS, Charles (2002) *Oliver Twist*, Tradução de Machado de Assis, São Paulo: Hedra.
- DIMITROV, Giorgui (1976) *Obras Escolhidas v. III*, Lisboa: Editorial Estampa.
- DULLES, John W. Foster (1977) *Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935)*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- DUTT, R. Palme (1964) *The Internationale*, Londres: Lawrence & Wishart LTD.
- ENGELS, Friedrich [1845] (2007) *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, São Paulo: Boitempo Editorial.
- FAUSTO, Boris (1977) *Trabalho urbano e conflito social*, São Paulo: DIFEL.
- FEIJÓ, Martin Cezar (1990) *Formação política de Astrojildo Pereira (1890-1920)*, Belo Horizonte: Oficina de Livros.
- _____ (2001) *O revolucionário cordial — Astrojildo Pereira e as origens de uma política cultural*, São Paulo: Boitempo Editorial.
- FELICE, Franco de (1984) Introdução, Em: *Fascismo, democracia y frente popular — VII Congresso da Internacional Comunista*, Coyocán: Pasado y Presente.
- FONSECA, Celso Suckow da (1961-62) *História do Ensino Industrial no Brasil*, 5 v., Rio de Janeiro: scp.
- FUČIK, Julius (1985) *Reportagem sob a forca*, Lisboa: Edições Avante!.
- GILBERT, Isidoro (2011) *La Fede — Alistándose para la revolución. La Federación Juvenil Comunista 1921-2005*, Buenos Aires: Editorial Sudamericana.
- GÓES FILHO, Joaquim Faria (1963) A tradição histórica da aprendizagem industrial, Em: *Revista do Serviço Público*, v. 95, nº 2, p. 39-52.
- GROUSSAC, Paul (1897) *Del Plata al Niágara*, Buenos Aires: Administración de la Biblioteca.
- GUANCHE, Julio Cesar (2009) *Vidas rebeldes — Julio Antonio Mella*, Querétaro: Ocean Sur
- HÁJEK, Milos (1985) A bolchevização dos partidos comunistas, Em: HOBSBAWM, Eric (1985) *História do Marxismo v. VI*, São Paulo: Editora Paz e Terra.
- _____ (1985) A discussão sobre a frente única e a revolução abortada na Alemanha, Em: HOBSBAWM, Eric (1985) *História do Marxismo v. VI*, São Paulo: Editora Paz e Terra
- HARDMAN, Francisco Foot (2002) *Nem pátria, nem patrão*, São Paulo: Editora Unesp.
- HARKIN, Shaun (2018) *The James Connolly reader*, Chicago: Haymarket Books.
- HOBSBAWM, E. (1996) *Era dos extremos*, São Paulo: Companhia das Letras.
- _____ (1988) *Era dos Impérios (1875-1914)*, São Paulo: Companhia das Letras.

- _____ (2000) *Mundos do trabalho — novos estudos sobre história operária*, São Paulo: Editora Paz e Terra.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de [1936] (1995) *Raízes do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras.
- HUGO, Victor (2012) *Os Miseráveis*, São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras.
- JEIFETS, Victor; SCHELCHKOV, Andrey A. (orgs.) (2018) *La Internacional Comunista en América Latina — en documentos del Archivo de Moscú*, Moscou/ Santiago: Aquilo-Press/Ariadna Ediciones.
- JEIFETS, Victor; JEIFETS, Lazar (orgs.) (2017) *América Latina en Internacional Comunista (1919-1943) — Diccionario Biográfico* Buenos Aires/ Santiago: Clacso/ Ariadna Ediciones.
- KAREPOVS, Dainis (2009) A Juventude Comunista do Brasil na era da Internacional Comunista, Em: *The International Newsletter of Communist Studies*, Online XV, nº 22.
- _____ (2013) *A Manhã e a “Campanha dos 50%”*, Em: Revista Perseu: São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- _____ (2010) *A Nação e a Juventude Comunista do Brasil*, Em: Cadernos AEL, v. 17, nº 19, Campinas: Unicamp, p. 183-241.
- _____ (2010) *A Federação da Juventude Comunista do Brasil na era da III Internacional*, V Jornada Nacional de História do Trabalho, Florianópolis: UFSC.
- _____ (2006) *A classe operária vai ao parlamento*, São Paulo: Alameda Editorial.
- _____ (2001) *A esquerda e o parlamento no Brasil: o Bloco Operário e Camponês (1924-1930)*, Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação do Professor Doutor Edgard Carone.
- KONDER, Leandro (2009) *A derrota da dialética*, São Paulo: Expressão Popular.
- _____ (1991) *Intelectuais brasileiros & marxismo*, Belo Horizonte: Oficina de Livros.
- KOVAL, Boris (1982) *História do proletariado brasileiro (1857 a 1967)*, São Paulo: Editora Alfa-Ômega.
- LACERDA, Felipe Castilho de (2019) *Octávio Brandão e as matrizes intelectuais do marxismo no Brasil*, Cotia: Ateliê Editorial.
- LENIN, Vladimir I. (1976) *Acerca de la juventude*, Moscou: Editorial Progreso.
- _____ (2015) *Que fazer?*, São Paulo Expressão Popular.
- _____ (1984) *Obras Completas*, tomo 26, Moscou: Editorial Progreso: River Press
- _____ (1985) *Obras Completas*, tomo 30, Moscou: Editorial Progreso
- _____ (1975) *A juventude e a revolução*, Lisboa: Iniciativas Editoriais.
- _____ (1976) *Acerca de la juventude*, Moscou: Editorial Progreso.
- _____ (2004) *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*; São Paulo, Ed. Anita Garibaldi.
- LEVI, G & SCHMITT, J. (1996) *História dos jovens*, vol. 2, São Paulo, Cia das Letras.
- LIEBKNECHT, Karl [1907] (1973) *Militarism and antimilitarism*, Cambridge.
- LIMA, Heitor Ferreira (1982) *Caminhos Percorridos*, São Paulo: Brasiliense.
- _____ (1976) *História Político-Econômica e Industrial do Brasil*, São Paulo: Companhia Editora Nacional.

- LINHARES, Hermínio (1977) *Contribuição à História das Lutas Operárias no Brasil*, São Paulo: Alfa-Ômega.
- LOPREATO, Christina da Silva Roquette (2000) *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*, São Paulo: Annablume.
- LUZ, Nícia Vilela (1978) *A luta pela industrialização do Brasil*, São Paulo: Editora Alfa-Ômega.
- MAFFEI, Eduardo (1984) *A batalha da Praça da Sé*, Rio de Janeiro: Philobiblion.
- MANDEL, Ernest (1975) *A teoria leninista de organização*, Lisboa: Editora Aparte.
- MARQUES, Raisia L. de Assis (2015) *Do espontâneo ao organizado: O papel da Juventude Comunista no processo de construção da União Nacional dos Estudantes (1935-1938)*, Dissertação de mestrado, Universidade Salgado de Oliveira.
- MARTINS, Ivan Pedro de (1994) *A flecha e o alvo — a intentona de 1935*, Porto Alegre/Cachoeirinha: Instituto Estadual do Livro/ Editora Movimento/ Editora IGEL.
- MARX, Karl (2013) *O Capital — Crítica da Economia Política, Livro I — O processo de produção do Capital*, São Paulo, Boitempo Editorial,
- _____ (2012) *Crítica do Programa de Gotha*, São Paulo: Boitempo Editorial.
- _____ (2002) *O 18 Bumário e Cartas a Kugelmann*, São Paulo: Paz e Terra.
- MARX e ENGELS (1983) *Obras escolhidas*, t. II, Lisboa/ Moscou: Edições Avante/ Edições Progresso.
- MATTOS, André L. R. de Rossi (2014) *Uma história da UNE (1945-1964)*, Campinas: Pontes Editores.
- MAZZEO, Carlos Antonio; LAGOA, Maria Izabel (org.) (2003) *Corações Vermelhos (os comunistas brasileiros no século XX)*, São Paulo: Editora Cortez.
- MAZZEO, Antonio Carlos (1999) *Sinfonia inacabada — a política dos comunistas no Brasil*; Boitempo.
- MELLO, Maurício Martins de (1981) *Memória & história — Astrojildo Pereira*, São Paulo Livraria Editora Ciências Humanas.
- MENEGHEL, Stela Maria (2001) *A crise da universidade moderna no Brasil*, Dissertação de mestrado, Campinas: Unicamp.
- MORAES, Cláudia Emília Aguiar (2007) *Esporte proletário: uma leitura da imprensa operária brasileira (1928-1935)*, Dissertação de mestrado, UFSC.
- MORAES, Denis de; VIANA, Francisco (1997) *Prestes — Lutas e autocrítias*, Rio de Janeiro: Mauad
- MORAES, João Quartim (1995) *História do Marxismo no Brasil — Os influxos teóricos, v. II*, Campinas: Edunicamp.
- MORAIS, Fernando (1985) *Olga*, São Paulo: Editora Alfa Ômega
- MOURA, Esmeralda B. B. de Crianças operárias na recém-industrializada São Paulo, Em: DEL PRIORE, Mary (2016) *História das crianças no Brasil*, 7ª Edição, São Paulo: Editora Contexto.
- NETTL, J. Peter (1969) *Rosa Luxemburgo*, Cidade do México: Ediciones Era.
- NEUMANN, Matthias (2011) *The Communist Youth League and the Transformation of the Soviet Union, 1917-1932*, London and New York: Routledge — Taylor & Francis Group.
- NEVES, Osias Ribeiro; CAMISASCA, Marina Mesquita (2013) *Aço Brasil: uma viagem pela indústria do aço*, Belo Horizonte: Escritório de Histórias.

- PACHECO, Eliezer (1984) *O Partido Comunista Brasileiro (1922-1964)*, São Paulo: Editora Alfa Ômega.
- PEREIRA, Astrojildo (1962) *Formação do PCB*, Rio de Janeiro: Editorial Vitória.
- _____ (1985) *URSS, Itália, Brasil*, São Paulo: Novos Rumos.
- _____ (1963) *Críticas impuras*, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- _____ Silvério Fontes, pioneiro do marxismo no Brasil Em: *Revista Estudos Sociais*, nº 12, Abril de 1962, Rio de Janeiro, p. 404-410.
- PERICÁS, Luiz Bernardo (2016) *Caio Prado Júnior — uma biografia política*, São Paulo: Boitempo Editorial.
- _____ (2019) *Caminhos da revolução brasileira*, São Paulo: Boitempo Editorial.
- PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln (2014) *Intérpretes do Brasil — clássicos, rebeldes, renegados*, São Paulo: Boitempo Editorial.
- PERROT, Michelle (2017) *Os excluídos da história — operários, mulheres e prisioneiros*, São Paulo: Editora Paz e Terra
- PINHEIRO, Paulo Sérgio (1992) *Estratégia da ilusão — a revolução mundial e o Brasil 1922-1935*, SP, Cia. das Letras.
- PIVALOV, Victor (1971) *The Young Communist International and its Origins*, Moscow: Progress Publishers.
- POERNER, Artur José (1995) *O Poder Jovem*, Centro de Memória da Juventude, São Paulo.
- PRADO Jr., Caio [1945] (2017) *História Econômica do Brasil*, São Paulo: Brasiliense.
- PRESTES, Anita Leocádia (2015) *Luiz Carlos Prestes — um comunista brasileiro*, São Paulo: Boitempo Editorial.
- RAGO, Margareth (2014) *Do cabaré ao lar — a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista*, São Paulo: Paz e Terra.
- RODRIGUES, Edgar (1972) *Nacionalismo e cultura social (1913-1922)*, Rio de Janeiro: Laemmert.
- ROIO, Marcos del (1990) *A classe operária na revolução burguesa: a política de alianças do PCB (1928-1935)*, Oficina de livros, BH.
- ROSE, R. S; SCOTT, Gordon D. (2010) *Johnny — a vida do espião que delatou a rebelião comunista de 1935*, Rio de Janeiro: Editora Record.
- SANTORUM, Andreise Gauterio (2018) *Fascismo à brasileira: juventude e imprensa como instrumentos de doutrinação da Ação Integralista brasileira (1932-1937)*, Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- SANTOS, Ariovaldo (2002) *Marx, Engels e a luta de partido na Primeira Internacional (1864-1974)*, Londrina: Editora da UEL.
- SAZÓNOV, V. (1986) *Lênin e “As Tarefas das Uniões da Juventude”*, Edições Progresso, Moscou.
- SEGATTO, José Antônio (1989) *Breve história do PCB*, Belo Horizonte: Oficina de Livros.
- SIMONSEN, Roberto (1973) *Evolução industrial do Brasil e outros estudos*, São Paulo: Companhia Editora Nacional e Editora da USP.
- SIMONSEN, Roberto (2005) *História Econômica do Brasil*, Brasília: Senado Federal.
- SODRÉ, Nelson Werneck (1984) *Contribuição à história do PCB*, São Paulo: Global Editora.

- THOMPSON, E. P. [1963] (2010) *A formação da classe operária inglesa — a árvore da liberdade*, vol. 1, São Paulo: Editora Paz e Terra.
- TOGLIATTI, Palmiro (1984) *La lucha contra el fascismo y la guerra*, Em: *Fascismo, democracia y frente popular — VII Congreso da Internacional Comunista*, Coyocán: Pasado y Presente.
- VENTURINI, Mariana de Rossi (2019) *Comunistas no Brasil e a emancipação da mulher: as conferências partidárias de 1956 e 2007*, Dissertação de mestrado, Campinas: Unicamp.
- VIANNA, Marly de Almeida Gomes (2007) *Revolucionários de 1935 — sonho e realidade*, São Paulo: Expressão Popular.
- _____ (Org.) (1995) *Pão, terra e liberdade — memória do movimento comunista de 1935*, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional/ Ministério da Justiça.
- VIANNA, Marly de Almeida Gomes; CARVALHO, René Louis de; CASTRO, Ramón Peña (2012) *René France de Carvalho — uma vida de lutas*, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- VINHAS, Moisés (1982) *O Partidão — A luta por um partido de massas (1922-1974)*, São Paulo: Editora Hucitec.
- VIZCAÍNO, L.; GÓMEZ, Z.; PÉREZ, A.; FERRER, C. (1987) *Apuntes para la historia del movimiento juvenil comunista y pioneril cubano*, Havana: Editora Política.
- WEBB, Sidney; WEBB Beatrice (1945) *URSS — uma nova civilização*, Rio de Janeiro: Editorial Calvino Limitada.
- WELLER, Shirley (1946) *History of the International Socialist Youth Movement to 1929*, New York: “The Young Socialist”.
- WERNER, Ruth (1987) *Olga Benário — a história de uma mulher corajosa*, São Paulo: Editora Alfa Ômega
- ZAIDAN Filho, Michel (1988) *O PCB e a internacional comunista (1922 — 1929)*, São Paulo: Vértice.
- _____ (1989) *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*, Belo Horizonte: Oficina de Livros.

ANEXO
Estatuto do Centro dos Jovens Proletários do Brasil

Capítulo I

Da denominação e dos fins

Art. 1º - No dia 15 de Novembro foi fundado nesta cidade o CENTRO DE JOVENS PROLETÁRIOS DO BRASIL agrupando todos os jovens proletários do Rio de Janeiro e arredores, sem distinção de sexo, cor, nacionalidade, profissão, credo político ou religioso, tendo por fim promover entre os seus associados uma educação *cultural, artística, desportiva e política*.

§ 1º — *Culturalmente*:

- a) criando uma biblioteca escolhida contendo obras dos maiores autores literários e científicos nacionais e estrangeiros;
- b) promovendo conferências e palestras periódicas sobre os mais variados assuntos;
- c) instituindo vários cursos para o ensino de diferentes matérias (matemática, geografia, história, línguas etc.);
- d) ensinando a ler e a escrever os seus associados analfabetos.

§ 2º - *Artisticamente*:

- a) instituindo um corpo teatral de amadores sob a direção de um associado competente;
- b) criando cursos para o ensino da música e de vários instrumentos musicais;
- c) organizando festivais com números teatrais e musicais em que tomarão parte os associados.

§ 3º - *Desportivamente*:

- a) organizando quadros de vários ramos de desporto (ginástica, basquetebol, voleibol, futebol, peteca, corridas, natação etc.);
- b) designando associados competentes para dirigir esses quadros;
- c) realizando excursões e pic-nics com número desportivos, instituindo, sempre que for possível prêmios entre os associados vencedores com o fim de incentivar o gosto pelos desportos;
- d) e para maior progresso desportivo contribuir para a fundação da Federação Desportiva Operária do Brasil;

§ 4º - *Politicamente*:

- a) fazendo propaganda pelos sindicatos entre os seus associados;
- b) apoiar e incentivar as campanhas anti-imperialistas e antifascistas, quer no seio dos trabalhadores jovens quer no seio do proletariado em geral;
- c) manter uma linha nitidamente de *classe, proletária, independente*;
- d) apoiar e colaborar nos *periódicos nitidamente proletários*;
- e) apoiar e auxiliar as campanhas do BOC e pugnando pelo alistamento dos seus associados maiores de 21 anos;
- f) apoiar e incentivar as campanhas pelo cumprimento da *Lei de Férias, do Código de Menores, lei de Acidentes no Trabalho* e pelo aumento de salários dos trabalhadores jovens em geral;
- g) apoiar e incentivar as campanhas *contra as leis reacionárias, celeradas* etc.;
- h) apoiar e incentivar a obra do Socorro Proletário;
- i) apoiar e incentivar as campanhas em prol do *reconhecimento da Rússia dos Soviets*;
- j) pugnar pelo direito de voto aos menores de 18 anos;
- k) lutar pela legalidade de uma organização verdadeiramente *política, dirigente do movimento de emancipação dos trabalhadores jovens*;

§ 5º - Os departamentos cultural, artístico, desportivo terão cada um o seu regulamento interno particular, aprovação pela CE.

Capítulo II **Da Comissão Executiva**

Art. 2º - A direção do Centro será exercida por uma Comissão Executiva [CE] de 10 membros, eleita anualmente: Secretário Geral, 1º Secretário, 2º Secretário, 1º Tesoureiro, 2º Tesoureiro, 1º Bibliotecário, 2º Bibliotecário, Diretor Artístico, Diretor Desportivo e Procurador.

Art. 3º - A CE reúne-se semanalmente com um mínimo de 6 membros.

§ 1º - Esse mínimo diminuirá no caso em que um ou mais membros estejam impossibilitados de comparecer ou por morte ou doença, viagem etc.

Art. 4º - As resoluções da CE são sempre por maioria e essas resoluções têm de ser acatadas pela minoria.

Art. 5º - As reuniões extraordinárias da diretoria podem ser convocadas pelo Secretário Geral, no seu impedimento pelo seu substituto legal, ou por três outros membros da diretoria.

Art. 6º - À CE compete cumprir e fazer cumprir os presentes estatutos.

Art. 7º - Ao Secretário Geral compete:

- a) presidir as reuniões da CE e da Assembleia ordinária e das extraordinárias até à constituição da mesa;
- b) zelar pela linha política do Centro de acordo com os Estatutos;
- c) assinar a correspondência e estar em relação com as associações operárias em geral;
- d) organizar a Ordem do Dia das reuniões da CE e das Assembleias.

Art. 8º - Ao 1º Secretário compete:

- a) ler as atas e o expediente;
- b) substituir o Secretário Geral no impedimento deste;
- c) organizar a matrícula dos associados.

Art. 9º - Ao Secretário compete:

- a) enviar comunicados aos jornais e aos associados em geral;
- b) fazer as atas
- c) substituir o 1º Secretário na ausência deste.

Art. 10º - Ao 1º Tesoureiro compete:

- a) cuidar da tesouraria e da escrituração em geral;
- b) assinar os recibos de cobrança, cartões de associados etc.;
- c) atender ao cobrador que o Centro venha a ter ao seu serviço;
- d) depositar em conta corrente num estabelecimento de crédito designado por Assembleia Geral a renda líquida do Centro não podendo ter em seu poder quantia superior a 200\$000;
- e) submeter ao visto do Secretário Geral todas as contas e ordens de pagamento bem como qualquer documento representando valor ou propriedade do Centro;
- f) fazer entrega do balancete mensal à CE 8 dias antes da Assembleia Geral;

- g) depois que a CE tomar conhecimento do Balancete ela o encaminhará à Comissão Fiscal 5 dias antes da realização da Assembleia.

Art. 11º - Ao 2º Tesoureiro compete:

- a) auxiliar o trabalho do 1º Tesoureiro;
- b) substituir o 1º Tesoureiro no impedimento deste;

Art. 12º - Ao Bibliotecário compete:

- a) organizar a biblioteca e ser responsável por ela;
- b) organizar um regimento interno para a biblioteca, que deverá ser aprovado pela CE;
- c) fornecer aos associados jornais ou livros pedidos, de acordo com o regulamento interno;
- d) organizar os vários cursos de ensino na medida das possibilidades;
- e) permanecer dias e horas marcadas pelo regulamento interno, na sede social para atender aos associados.

Art. 13º - Ao 2º Bibliotecário compete:

- a) auxiliar o 1º Bibliotecário;
- b) substituir o 1º Bibliotecário no impedimento deste.

Art. 14º - Ao Diretor Artístico compete:

- a) cuidar da parte artística do Centro;
- b) organizar um regulamento interno que deverá ser aprovado pela CE;
- c) organizar um quadro de artistas musicais e teatrais entre os associados;
- d) organizar o repertório e o programa dos festivais artísticos;
- e) organizar cursos de ensino artístico e musical, na medida das possibilidades.

Art. 15º - Ao Diretor Desportivo compete:

- a) direção de todo o departamento desportivo do Centro;
- b) organizar um regulamento interno que deverá ser aprovado pela CE;
- c) organizar os vários quadros desportivos;
- d) organizar o programa desportivo nos festivais, pic-nics etc;

Art. 16º - Ao procurador compete:

- a) ser a pessoa jurídica do Centro;
- b) zelar pelos bens do Centro;

Art. 17º - A CE apresentará a assembleia, no fim do seu ano de exercício um relatório de toda a sua atividade.

§ 1º - Os encarregados dos departamentos artístico, cultural e desportivo, apresentarão um relatório trimestral.

Art. 18º - A CE escolherá entre os associados um cobrador que prestará contas mensalmente ao tesoureiro e terá direito a 10% da cobrança a domicílio.

Art. 19º - O processo da cobrança será estabelecido pela CE reservando a mesma o direito de modifica-lo toda a vez que assim o exigirem as circunstâncias.

Capítulo III

Das comissões fiscais

Art. 20º - As comissões fiscais são nomeadas mensalmente em Assembleias Gerais.

Art. 21º - Serão constituídas de 5 membros dos quais um relator, não podendo serem reeleitos consecutivamente e sendo substituídos após o seu parecer sobre o balancete da tesouraria e a administração em geral.

Art. 22º - O Relator distribuirá trabalho entre os seus companheiros da CE e requisitará todos os documentos que necessitar não podendo porém retê-los em seu poder em prejuízo dos interesses sociais.

Art. 23º - Todos os departamentos ficam sujeitos às mesmas fiscalizações.

Art. 24º - As comissões de Inquérito funcionam por tanto tempo quanto lhe for necessário à missão a que se destinam.

Capítulo IV Das assembleias gerais

Art. 25º As Assembleias gerais ordinárias se realizarão quinzenalmente na 1ª e 3ª quinta-feira de cada mês, sendo a sua Ordem do dia publicada pelo menos três dias antes da sua realização.

§ 1º - Elas serão presididas pelo Secretário Geral ou pelo seu substituto.

§ 2º A assembleias ordinárias se efetuarão na 1ª convocação com um mínimo de 25 membros, na 2ª com 20 e na 3ª com qualquer número.

§ 3º A assembleia geral é órgão soberano do Centro e pode revogar as decisões da CE.

Art. 26º - As assembleias gerais extraordinárias podem ser convocadas em qualquer tempo;

- a) pela CE;
- b) por um abaixo assinado fixado por um mínimo de 20 sócios quites no qual venham declaradas as razões da convocação.

Art. 27º - Também serão presididas pelo secretário geral ou pelo seu substituto até a formação da mesa e publicadas em jornais pelo menos três dias antes da sua realização.

Art. 28º - Na última assembleia geral de cada ano social realizar-se-ão as eleições para a nova CE e para a 1ª CF.

§ 1º - As eleições são feitas pela colocação nas urnas do voto que é secreto e não acumulativo.

Art. 29º - As assembleias gerais podem ainda destituir um ou mais membros ou toda a CE dos seus cargos e proceder a novas eleições, sendo para isso convocada uma assembleia extraordinária.

Capítulo V Dos associados, seus direitos e seus deveres

Art. 30º - Podem ser sócios do Centro todos os jovens de 15 a 25 anos sem distinção de sexo, cor, nacionalidade, confissão, credo político ou religioso, desde que estejam de acordo com os presentes estatutos.

Art. 31º - Todos os associados quites têm os mesmos direitos e os mesmos deveres, podendo votar e ser votado.

Art. 32º - São direitos dos sócios:

- a) fazer parte dos departamentos artísticos, desportivos ou culturais do Centro de acordo com os respectivos regulamentos internos;
- b) comparecer aos festivais, pic-nics etc.;
- c) frequentar os cursos e as conferências realizadas pelo Centro.

Art. 33º - São deveres dos associados:

- a) pagar a joia de entrada de 2\$000; — Ficam isentos de joia os que ingressarem durante os meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro;
- b) pagar mensalidade de 1\$500;
 - I) Os associados sindicados pagarão 1\$000 mensais;
 - II) Deixarão de pagar mensalidades os associados que provarem desemprego ou doença;
 - III) Ficarão isentos da mensalidade os associados que conseguirem dez outros pra o Centro;
- c) Comparecer às assembleias;
- d) Submeter-se às decisões da CE e cumprir os presentes estatutos;
- e) Comunicar a CE todas as vezes que se achar doente ou desempregado, mudar de residência ou se retirar da cidade;
- f) Trabalhar com afinco pelo engrandecimento do Centro e zelar pelo bom nome do mesmo.

Capítulo VI ***Das penalidades***

Art. 34º - Todos os associados cujo procedimento for julgado prejudicial aos interesses do Centro estará sujeito a uma das penalidades seguintes:

- a) Ordem de gravidade crescente;

1º - censura particular;

2º - censura pública;

3º - suspensão por prazo determinado;

4º suspensão por prazo indeterminado;

5º - exclusão do quadro social.

§ 1º - Em caso de suspensão o associado perde todos os direitos menos o de frequentar a sede do Centro devendo continuar a pagar as mensalidades.

Art. 35º - O sócio que se atrasar três meses nas mensalidades sem justificativa, perderá os direitos de associado, readquirindo-os porém, logo que pague os atrasados.

Art. 36º - O associado que se atrasar mais de três meses sem justificativa perderá todos os direitos de associados e só os poderá readquirir mediante nova matrícula e nova joia a de entrada e pagando todos os atrasados.

Capítulo VII
Disposições gerais

Art. 37º - Só poderão ocupar cargos de secretário geral e de procurador os maiores de 21 anos.

Art. 38º - Nenhum sócio pode exercer mais que um cargo eletivo.

Art. 39º - Todo sócio tem direito de apelar para as assembleias gerais toda a vez que se julgar prejudicado nos seus direitos.

Art. 40º - Todos os associados que perderem um ou mais dias de trabalho a serviço do Centro serão recompensados de acordo com os seus salários.

Art. 41º - Os sócios que completarem 25 anos podem, querendo continuar a fazer parte do Centro.

Art. 42º - Este Centro não será dissolvido enquanto houver 20 membros que queiram sustenta-lo.

Art. 43º - Em caso de dissolução deste Centro, serão vendidos os bens, pagas as dívidas, sendo o restante entregue ao Socorro Proletário ou, no caso da não existência deste, a um sindicato operário escolhido pelo voto da maioria.

Art. 44º - Os casos não previstos nos presentes Estatutos serão resolvidos pela CE ou, quando se tratar de fatos importantes, pela Assembleia Geral.

Art. 45º - Os presentes estatutos só poderão ser reformados depois de ser essa resolução aprovada em três Assembleias Gerais consecutivas, especialmente convocadas para esse fim, não podendo entretanto as reformas atingir os fins do Centro.

Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1928
O Comitê Provisório
Jayme Ferreira
Archie Silva
Porphirio Senra
Leôncio Pereira
Altamiro dos Santos

(Aprovados em Assembleia de 21 de Dezembro de 1928)

ANEXO

Relatório Geral da Federação da Juventude Comunista do Brasil⁵³⁶

I – Situação geral da classe trabalhadora e da juventude proletária

⁵³⁶ *Relatório Geral da Federação da Juventude Comunista do Brasil* [arquivado em 9 de dezembro de 1929], assinado por Leôncio Basbaum — Secretário Geral da FJCB. [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1016]

Com o agravamento da crise agrária mundial e em particular a do café no Brasil, da situação política, e da luta entre os imperialismos, cresce a miséria das classes trabalhadoras.

A juventude trabalhadora é diretamente tocada por essa situação aflitiva das massas, não apenas pelo começo da racionalização na indústria existente mas principalmente pelo regime de semiescravidão e semiservidão reinante nos latifúndios.

Aí o jovem começa a trabalhar aos 8 anos de idade, de sol a sol, sem salário, quase sempre trabalhando com a família, outra vezes executando trabalhos como assalariados.

As condições de trabalho são as piores possíveis, higiene, instrução primária, proteção ao trabalho, já são muito precárias nas cidades, onde o jovem trabalha na indústria. No campo, essas condições faltam completamente. Podemos avaliar em 40% o número de jovens trabalhadores na indústria, havendo empresas, como fábricas de tecidos onde a maioria é constituída de jovens. No campo, entretanto essa porcentagem é muito maior pois cada família tem 3 a 4 filhos e todos eles trabalham já desde os primeiros anos. Essa situação de miséria é a condição subjetiva de uma nova explosão revolucionária, pra onde caminhamos levados pela grave crise por que atravessa o Brasil. Ela se manifesta por uma série contínua de greves, muitas dela espontâneas e portanto sem preparação. Essa situação, em vez de melhorar, ao contrário, se agrava dia a dia. As fábricas de tecido, principal indústria do, país, estão em grande número paradas, outra trabalhando apenas 3 ou 4 dias por semana, colocando o operariado em estado de fome permanente.

A recente crise do café acaba de fazer com que os fazendeiros diminuam de 40 a 50% os salários dos colonos trabalhando por contrato, e dispensam em massa os que não estão sob contrato, ao mesmo que procura concentrar forças armadas nos campos afim de garantir as suas propriedades.

II – Nossa organização – ritmo do nosso crescimento

Por ocasião do 5º Congresso da IJC, a nossa organização recém-fundada, era um grupo de 60 a 70 jovens com alguns estudantes à frente e concentrado quase todos no Rio de Janeiro.

A situação do país, a radicalização das massas, os ensinamentos trazidas do 5º Congresso, o estudo das nossas condições e o traçamento de tarefas concretas feito no nosso 1º Congresso, transformaram por completo a nossa organização em pouco mais de um ano:

Data	Marco político	Nº
Junho de 1928	Partida do delegado brasileiro ao 5º Congresso do KIM	60
Outubro de 1928	Volta do delegado brasileiro do 5º Congresso do KIM	80
Janeiro de 1929	Congresso de Fundação da FJCB	120
Julho de 1929	1ª Conferência Latino Americana das FJCs	200
Outubro de 1929	2º Plenum do CC da FJCB	300

Desde o começo da nossa organização temos trabalhado para que ela fosse constituída a base de células. Com muitos tropeços de inexperiência e ainda com alguns defeitos essa base existe em todas as Zonas onde possuímos mais de 10 membros:

Região do Rio (compreender o Rio de Janeiro, Petrópolis e Niterói); São Paulo (São Paulo, Santos, Ribeirão Preto, Sertãozinho, Batatais); Campos, Porto Alegre, Vitória, Recife.

Em outras Zonas apenas alguns elementos: Mossoró, Fortaleza, Catanduva, Cruzeiro.

III – Composição social

Setor	%
--------------	----------

Operários industriais	85%
Trabalhadores do campo e camponeses	5%
Empregados no comércio	5%
Estudantes	5%

A nossa organização, como a do Partido, está quase concentrada nas cidades. Nos campos, nas fazendas de café nas indústrias básicas, minas, estrada de ferro, nossa influência é ainda pequena.

Nossa orientação tem sido justamente penetrar aí, mas existem dificuldades de várias ordens.

Vejamos no campo, nas fazendas de café: nossa literatura é em grande parte inútil ainda que a que tenhamos seja insuficientíssima. Quando o colono é estrangeiro, não conhece o português, quando é nacional, raramente sabe ler. A propaganda oral também é difícil, porque é proibido entrar nas fazendas, que são verdadeiros feudos. O único contato que se pode ter com o colono é quando aos domingos ele vem à cidade para distrair-se um pouco. Nessas ocasiões raramente ele tem o espírito voltado para essas questões. O ideal seria falar-lhes nos locais de trabalho, e que por diferentes processos habilidosos e audaciosos vimos aos poucos conseguindo.

São dificuldades, mas que podem ser aos poucos superadas por um trabalho constante e sistemático, e audacioso. Assim é que temos muitas vezes distribuído “Classe Operária” o “Jovem Proletário” sendo quase sempre que um dos nossos camaradas leia pois eles em geral não sabem ler.

Essa é a situação quanto às fazendas de café. Nas plantações de cana, algodão, fumo, seringais etc. no Nordeste é muito pior. Não temos nenhum elemento e penetrar nesse locais é quase perigo de vida.

IV – Possibilidades e dificuldades

Existem grandes e magníficas possibilidades para o nosso desenvolvimento. É um terreno virgem de propaganda e de organização, quase nenhuma influência reformista, uma situação angustiada de miséria, um período grave de crise econômica e política que coloca o país em face de sérias perspectivas de um movimento revolucionário.

Dificuldades encontramos sempre no nosso trabalho diário. Vamos enumerar as mais importantes.

1º Dificuldades financeiras. Os jovens trabalhadores ganham muito pouco no Brasil e às vezes mesmo não podem pagar as mensalidades e se atrasam prejudicando o nosso trabalho interno.

O País muito vasto com comunicações difíceis. Há cidades importantes para onde são necessários nada menos de 15 dias de viagem marítima para se chegar lá. Para os lugares distantes temos de utilizar o Correio aéreo para a nossa correspondência de modo que grande parte de nosso dinheiro é gasto em correspondência. O resto mal dá para os manifestos que temos de editar frequentemente em face da situação em que nos encontramos.

Muitas vezes temos de enviar companheiros para algumas cidades para orientar o trabalho. Para alguns lugares mais ou menos próximos, com São Paulo (apenas 10 horas de viagem) ainda se arranja. Mas para muitas outras localidades para onde são necessários 15 a 20 dias de viagem, ida e volta, o preço das passagens é caríssimo. As zonas longínquas, Mossoró, Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul, sofrem e tem sofrido muito com esse isolamento.

Além disso, a edição de “Jovem Proletário” nos leva ainda muito dinheiro de modo que as dívidas se acumulam dificuldades enormemente o nosso trabalho. E temos vivido só das

mensalidades e do sacrifício pessoal de alguns camaradas, pois o Partido não nos dá uma subvenção.

Agora mesmo estamos em face de um problema que para nós é de extrema importância: um profissional. A situação anormal pré-revolucionária que atravessamos exige uma intensificação paralela senão superior [do] nosso trabalho. Jovens que trabalham 8 ou mais horas por dia, mal pagos e mal alimentados não podem ter capacidade suficiente para desenvolver um trabalho à altura da situação que atravessamos.

2º - Literatura. Afóra “Classe Operária”, e o “Jovem Operário”, nada há para ler e desenvolver e educar o espírito de classe dos nosso militantes. Não temos livros teóricos nem práticos em português. Às vezes aparece alguma coisa em espanhol, mas só um número limitado de camaradas pode lê-la e compreender, pois apesar da semelhança dos dois idiomas, se os nossos jovens já leem mal o português quanto mais o espanhol.

Existe uma tradução portuguesa do ABC de Bukharin, que apesar de ser um livro elementar é ainda um pouco penado para os nossos Jovens.

Poderíamos escrever alguma coisa bastante elementar assim como sobre tarefas práticas (trabalho de células, sindical etc.) mas a vista das dificuldades para editar os projetos caem antes de serem postos em aprovação.

É preciso atender ainda a que, sendo o nosso país, um país de imigração não recebemos jornais em nenhuma língua estrangeira útil. Recebemos algumas vezes jornais franceses, ingleses e argentinos. Mas são justamente os que menos interessam. Precisamos é de jornais em alemão, tcheco, polaco, lituano, italiano, japoneses etc, pois é dessas nacionalidades a maioria dos imigrantes, sobretudo para as fazendas de café.

A IC resolveu ainda por ocasião do 6º Congresso, editar algumas obras em português. Ainda não o fez, por várias razões. Mas, mesmo quando o faça, não servirá completamente para a juventude pois nós precisamos alguma coisa de especial para os jovens e sobretudo para os jovens do Brasil.

3º Trabalho anti. Nosso trabalho neste sentido é bastante desenvolvido mas ele o é mais nas forças armadas que propriamente no seio da juventude operária. No exército, na marinha, na polícia militar editamos um órgão com tiragem mensal de 3.000 exemplares. Todo o trabalho é executado sob a direção política do Partido.

É sobretudo a inexperiência que nos dificulta um pouco.

Em todo o caso o trabalho cuidadoso e constante nos vai ditando o que devemos fazer e assim, aos poucos conseguiremos a experiência que nos falta. O principal problema seria uma imprensa ilegal, pois a situação agravada não teremos onde editar aquele órgão justamente quando ele se torna mais necessário. O número de Novembro (Revolução Russa) será de 4.000 exemplares.

4º Esporte. É para nós, a ilegalidade em que nos encontramos, um dos melhores meios de organização da juventude trabalhadora. Há possibilidade de se fazer dentro de 6 ou 7 meses de um bom trabalho, a Confederação Nacional de Esporte Proletário, conforme resolução de nosso I Congresso.

Temos Federação Desportiva no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro e em Santos (paralisada). Clubes esportivos simpatizantes em São Paulo, Campos, Vitória e Pernambuco. Uma atividade bem desenvolvida e conseguiremos nosso objetivo. Mas dificuldade de ordem técnica e econômica dificultam o nosso trabalho.

A polícia, na última investida às organizações operárias, carregou também com todo o material novo, impresso, da Federação Desportiva do Rio. Isso foi um dos principais atrasos do trabalho. Não temos tido comunicação direta com o Sportintern. A última Conferência Latino Americana [de] Federações Juvenis lançou a palavra de ordem de Spartakiada Latino Americana. Estamos fazendo propaganda em torno dessa palavra de ordem.

A principal dificuldade para a fundação da Confederação Nacional é a vastidão do país e o preço caro das passagens e pensamos que talvez o Sportintern nos possa auxiliar.

5º “Jovem Proletário”. O nosso órgão central mensal tem saído mais ou menos regularmente. Sua maior tiragem foi de três mil mas a edição especial de 7 de Novembro é de 5 mil com 8 páginas. Devido à ilegalidade tem sido difícil cobrança da venda. Só nos dois últimos números começou ele a ser vendido. Desta forma as dificuldades para imprimi-lo são enormes. O Secretariado Latino Americano por ocasião do nosso I Congresso prometeu-nos um auxílio mas não foi possível fazê-lo.

De muito bom resultado seria para nós, nessa época de ilegalidade, um auxílio por uns dois meses, apenas para regularizar a sua situação econômica. Só agora foi constituída uma administração para o jornal.

O 2º Pleno do nosso CC verificou para o fim deste ano, no mais tardar em Janeiro, possibilidades de editarmos 10.000 exemplares mensais. Um auxílio para regularizarmos a sua caixa, tornaria possível o cumprimento dessa palavra de ordem.

No terreno sindical. Desenvolvemos um trabalho regular por ocasião da fundação da CGT. Traçamos várias tarefas cuja execução, entretanto foi suspensa por causa do fechamento dos sindicatos. Foram então traçados planos para organização de Comitê de Fábricas juvenis, o que se vai fazendo na medida das possibilidades.

Quanto à linha política do Partido a nossa cooperação teve sobretudo importância no último Pleno do seu CC. Mais do que nunca concorremos nessa hora para a fortificação ideológica do Partido e da Juventude. Existe uma perfeita identidade ideológica quanto à presente situação política e a linha em geral do Partido.

A nossa queixa, entretanto, parece-nos, é a queixa de todas as Federações Juvenis: o Partido, na realidade, não compreende a importância do Problema Juvenil. Naturalmente não nos referimos à direção, mas é que a base não está suficientemente instruída acerca desse problema. E há membros do Partido que acreditam que a nossa organização é como um clube de futebol.

Relação com o KIM. Parece-nos necessário uma intensificação das nossas relações pois temos estado um pouco isolados da situação internacional.

Sobretudo outras questões ter-se-á uma ideia pela circular junto sobre o 2º Pleno do nosso CC assim como pelas próprias resoluções que serão publicadas em nossa revista “Auto-Crítica” ao, lado da resolução do Partido.

Para terminar queremos que o CC do KIM não veja, no fato de citarmos as nossas dificuldades, como um pessimismo da nossa parte ou muito menos um pretexto para nada fazer. Ao contrário, sempre existiram essas dificuldades e sempre temos trabalhado apesar delas. Apenas o que desejamos é afastá-las e para isso justamente recorremos a IJC para que faça por nós aquilo que é necessário e é possível fazer.

Pelo CC

Leôncio

O Secretário Geral

ANEXO

Tese do Birô Sul-Americano da Internacional Juvenil Comunista à Federação da Juventude Comunista do Brasil

A Federação da Juventude Comunista é uma organização política de massas e de combate, subordinada à linha política do PC que luta sob a direção deste pela aplicação de sua linha dentro do setor em que atua — dentro das

amplas massas juvenis, exploradas e oprimidas das
cidades e dos campos.

Resolução Birô Político do Comitê Central da Juventude Comunista do Brasil

Esta tese data de novembro de 1931. Somente agora é que nos foi possível reproduzi-la. Apesar de já decorridos 6 meses, os fatos e acontecimentos diários têm provado a exatidão e a justeza da linha nela exposta.

É claro que a situação política do país, as relações entre grupos e partido de fazendeiros e capitalistas se modificou muito; porém a respeito das condições de vida e de trabalho da juventude trabalhadora, esta continua piorando sem cessar.

Verificamos, nestes últimos tempos, uma enorme agravação da luta entre os diversos grupos e partidos de fazendeiros e capitalistas, manobrados pelos banqueiros da Inglaterra e N.

América etc., os quais procuram, por todas as formas, tirar proveito da situação, para reafirmar as suas posições, apoiando ditaduras de fome e reação de Getúlio Vargas e seus lacaios, que estão mais ao lado dos ingleses, ou preparando novos golpes de quartéis, dirigidos por Miguel Costa e outros, que procuram apoiar-se nas chamadas “frentes únicas” dos partidos de fazendeiros e capitalistas de São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais e, sob a bandeira de “constituente”, esta nova e grosseira tapeação, preparam novos golpes de Estado fascistizadores contra as massas famintas de operários, camponeses, soldados e marinheiros. A formação das chamadas “frentes únicas” de partidos de fazendeiros e capitalistas, como a “frente única do Rio Grande do Sul”, formada com os Partidos Conservador, Libertador e Republicano; a de São Paulo, com o Partido Republicano Paulista, Democrático e outros; a formação do Partido Social-Nacionalista, em Minas Gerais, com a “união” da Legião “Liberal” e Partido Republicano Mineiro; a transformação da Legião contrarrevolucionária de Miguel Costa em Partido Popular Paulista; as constantes reuniões do Clube 3 de Outubro, no Rio, com a apresentação de interventores dos estados e com banqueiros ingleses e americanos; a volta à cena política de Arthur Bernardes, Antonio Carlos e outros, a iminência de novos golpes de quartéis contra as massas trabalhadoras, operárias e camponesas, como provam as correrias de Miguel Costa, Góes Monteiro, Oswaldo Aranha, Flores da Cunha, Pedro de Toledo e outros, ao palácio do governo, afim de “resolver” o “caso paulista”, o “caso do R. Grande”, o “caso mineiro” e outros “casos”... Como provam as diversas tentativas de golpes, levantamentos de quartéis em São Paulo e outros estados, com o nome de “conspirações comunistas” etc.

Com a palavra de ordem de “constituente” os fazendeiros e capitalistas procuram enganar uma vez mais às massas trabalhadoras, arrastá-las para os novos golpes de quartéis ao serviço dos interesses dos imperialistas americanos, os quais procuram conquistar maior posição no poder, seja por uma constituinte de fome e reação para os trabalhadores, seja por um novo golpe de estado como o de Outubro de 1930.

Junto a isso, a burguesia, os fazendeiros, vendidos aos imperialistas ingleses e americanos, franceses etc., para consolidar a ditadura de fome e reação de Getúlio Vargas, afim de arrastar as massas trabalhadoras para os novos golpes militares, para preparar, técnica e ideologicamente, a guerra contra a Rússia dos Trabalhadores e a China Vermelha, se utilizam dos chefes policiais anarquistas e trotskistas, dos chefes anarco-sindicalistas, de toda uma quadrilha dos chefes e chefetes pequeno-burgueses, civis e militares, para enganar às massas trabalhadoras e juvenis em particular, para fascistizá-las e arrastá-las em qualquer momento para os novos golpes de estado para a guerra dos imperialistas contra a Rússia Soviética. Estes elementos, junto com a imprensa burguesa, dizendo estar “contra todas as ditaduras”, não fazem mais do que atacar a ditadura do proletariado, em apoio à ditadura de fome da reação de Vargas e em apoio às constituintes ultra-reacionárias dos fazendeiros e capitalistas lacaios dos imperialistas; atacam a violência revolucionária do proletariado russo, em apoio à

violência contrarrevolucionária de um governo de fazendeiros e capitalistas, como ou sem constituinte, que prende que deporta, que fuzila aos trabalhadores jovens e adultos. Todos esses elementos, especialmente os chefes trotskistas, os quais não só combatem a Rússia Soviética, mas, ainda, sob o controle da polícia, lançam confusões na massa e procuram desorganizar o único partido de vanguarda de classe do proletariado — o Partido Comunista (Seção da IC).

Procuram criar bases do fascismo, através de sindicatos controlados pela polícia e o seu Ministério do “Trabalho”; criam novas organizações fascistas, social-fascistas e patrioteiras, ultra-reacionárias, como: “Confederação da Juventude Trabalhista”, “Frente Negra Brasileira”, “Centro Operário Católico” etc. Procuram agrupar nelas os jovens trabalhadores, criando “tiros de guerra”, esportes etc., com o fim de preparar os jovens para a defesa da ditadura sanguinária de Vargas, para os novos golpes de quartéis e para a guerra imperialista. Enquanto isso, o governo paga para queimar milhões de sacas de café em Santos; encomenda 300.000:000\$000 (trezentos mil contos!) de armamentos nas fábricas “Krupp” na Alemanha; aumenta os impostos sobre os produtos de primeira necessidade; aumenta os impostos e as taxas sobre o ensino (matrícula, exame e frequência); as fábricas são fechadas e os jovens são jogados ao desemprego, aumentando as fileiras dos desempregados; nas fábricas que ainda estão trabalhando continuam expulsando os operários adultos e pondo nos seus lugares mulheres e jovens, pagando-lhes um salário três vezes menor; continuam rebaixando os soldos e as etapas dos soldados e marinheiros; os jovens camponeses pobres e assalariados agrícolas; no sul e especialmente no Norte, morrem de fome, sem trabalho, sem receber pagamentos, sem o mínimo auxílio do Estado.

Os jovens trabalhadores, junto com os trabalhadores adultos, cansados de tanta fome e opressão se lançam cada vez mais à luta, por aumento de salários e diminuição das horas de trabalho, contra o desemprego, contra o aumento da taxa sobre o ensino etc., como o provam as últimas greves: da Light, no Rio; dos ferroviários da São Paulo Railway, a dos sapateiros, dos vidreiros e a dos tecelões etc., num total de 100.000 grevistas em São Paulo; como o prova a luta dos desempregados de Santos (em número de 1.500, 50% de jovens pediram pão e o governo deu prisões); como o provam as últimas greves de estudantes, no Rio, em São Paulo etc.

Tudo isso são fatos que provam que a massa trabalhadora procura a solução revolucionária da crise.

Diante desta situação, a FJC teve pouca ou quase nenhuma participação, o que demonstra a sua fraqueza orgânica e política, a sua desligação das massas e a necessidade da sua transformação numa organização de massas, de classe e de combate da juventude trabalhadora.

A presente tese é de uma importância considerável para toda a Federação e para a massa trabalhadora juvenil. Nela mostra as nossas principais fraquezas, erros e desvios; traça-nos a linha justa; dá-nos como tarefa fundamental a luta enérgica e decidida, pela
TRANSFORMAÇÃO DA NOSSA FEDERAÇÃO NUMA VERDADEIRA ORGANIZAÇÃO DE MASSA.

Diz-nos, ao mesmo tempo, que, sem um combate cerrado a todas as tendências pequeno-burguesas, ao sectarismo, à passividade, ao medo das lutas de massas, às tendências golpistas, as crenças em chefes etc., e sem que a Federação encabece e dirija todas as lutas dos jovens trabalhadores por suas reivindicações imediatas econômicas e políticas, ela não poderá transformar-se numa organização das amplas massas juvenis trabalhadoras.

O Birô Político do Comitê Central da FJCB chama a atenção de cada região e de cada membro da Federação para que realize em cada comitê regional, zonas, células e na própria massa, uma ampla discussão da presente tese e se elabore, à base de discussão, um plano de trabalho concreto para cada organização.

O BP faz ciente aos camaradas que, dadas as condições atuais de luta, como preparação séria de um Congresso Nacional da nossa Federação, e como um passo prévio para a transformação da nossa Federação numa organização de massas e de combate, traça para dentro de 3 meses
O RECRUTAMENTO de 1.000 NOVOS MEMBROS para a nossa Federação.

Avante, camaradas!

Pela transformação da nossa Federação numa verdadeira organização de massas, de classe e de combate da juventude explorada e oprimida!

Abaixo o sectarismo!

Jovens operários e camponeses, soldados e marinheiros: Entrai para a Federação da

Juventude Comunista!

O BP do CC da FJCB

Resolução do 3º Pleno do Secretariado Sul-Americano da Internacional Juvenil Comunista sobre a situação e as tarefas da Federação da Juventude Comunista do Brasil

I — Algumas palavras sobre a situação do Brasil

A situação econômica do Brasil, caracteriza-se nos últimos meses, pela sua constante agravamento. A crise abarca hoje, todos os ramos da produção, tanto nos campos como nas cidades. Todo o processo posterior à chegada de Getúlio Vargas ao poder caracteriza-se pelo aprofundamento da crise. O produto principal da economia do país — o café — entrou numa crise nunca vista.

O caráter semicolonial do Brasil, sua dependência econômica e financeira do capital estrangeiro — que aumenta diariamente — nos momentos da crise mundial do capitalismo, da crise econômica, não só nas colônias e semicolonias, como também nos grandes países capitalistas — Norte América, Inglaterra etc. — agravam e complicam a crise do Brasil.

A luta inter-imperialista pela exploração monopolista do país provoca a luta entre os bandos exploradores nacionais, contribuindo para acelerar a crise econômica no país, dificultando, por sua vez, a realização de algumas medidas para melhorar um pouco a situação. Sobre a base da crise econômica, em contínuo desenvolvimento da luta inter-imperialista operam-se constantemente reagrupamentos de forças políticas dos exploradores — dos senhores feudais e burgueses — (criação de um Partido Nacionalista Agrário, novas legiões “revolucionárias” etc.) como também realizam-se pactos e alianças, momentâneas, entre as diversas camadas dos bandos opressores, alianças que, definitivamente, não tem outra saída senão o agravamento da luta entre os diversos grupos de exploradores.

Todos os bandos se esforçam por encontrar saída para a situação de crise, à custa das massas trabalhadoras. Tal situação conduz a uma maior miséria das massas como, também, ao aumento da ofensiva fascista contra elas, e, especialmente, contra as suas organizações de combate — Partido, Federação da Juventude Comunista, sindicatos vermelhos etc.

Dois caminhos se fazem cada vez mais claros, na situação do país: um que segue os bandos exploradores, e que visa sair da crise, significando a racionalização [racionamento], desemprego, fome e fascismo para as massas; o outro caminho é apontado pelo Partido Comunista — o da organização da resistência das massas populares à ofensiva capitalista, o da solução revolucionária da crise, através da luta das massas operárias e camponesas, sob a direção do PC, pelo Brasil Soviético.

Paralelamente ao aumento da crise geral do capitalismo e ao aumento da onda revolucionária no setor mundial, o capitalismo só encontra uma saída: a conquista de novos mercados, uma nova divisão do mundo e o esmagamento do movimento revolucionário das grandes massas operárias e camponesas.

A ocupação da Manchúria pelo Japão com o apoio de todos os imperialismo é a prova mais evidente disso; é o começo da guerra contra a União Soviética. O Brasil já participa na

preparação ideológica e técnica da guerra contra a União Soviética e, na mesma, desempenhará um papel importante, como fornecedor de homens e matérias primas.

II — A situação e a importância das massas trabalhadoras juvenis

A crise no Brasil tem como consequência imediata o formidável aumento da exploração escravagista das massas juvenis e infantis, elevando ao mesmo tempo, o papel da juventude na produção e na luta de classes.

Existe um formidável exército de jovens e crianças proletárias que demonstra, por si mesmo, o peso da juventude na situação econômica e política do país. As cifras que as estatísticas burguesas dão para a indústria acusam em cada milhão de operários adultos, a existência de 200.000 jovens de 14 a 18 anos. Se juntarmos os menores dessa idade ainda os maiores de 18 anos, ficamos em face de uma grande massa proletária composta de jovens e crianças que será, sem a menor dúvida, decisiva nos próximos combates.

Nessas condições, a conquista da maioria da juventude trabalhadora é decisiva para a Revolução Agrária e Anti-imperialista. A conquista das centenas de milhares de jovens será, para o movimento comunista, uma garantia muito séria para a vitória, na luta contra a burguesia.

Os bandos exploradores pretendem descarregar nas costas das massas operárias e, especialmente, dos jovens e crianças, o fardo da aguda crise capitalista por que atravessa o Brasil.

As condições de vida e de trabalho das massas juvenis no país sempre se caracterizaram pelo seu aspecto escravagista: nunca existiu uma legislação social que protegesse a juventude da exploração semifeudal. Atualmente, devido à crise, a situação dos jovens e das crianças piorou enormemente.

O tempo de horário de trabalho dos jovens operários industriais calcula-se em 8 ou 10 horas diárias. Os jovens trabalhadores agrícolas, os camponeses, trabalham, geralmente, de sol a sol, e, em algumas partes, não recebem salários.

A diminuição de salários torna-se efetiva em todas as indústrias, ao mesmo tempo que aumenta a intensidade do trabalho por meio do sistema “Standard”.

Com a crise, com o fechamento das fábricas, com o trabalho parcial, com a incapacidade de absorção pela indústria dos jovens que deixam as escolas e os que são despejados do campo pela miséria, aumenta o desemprego juvenil, que se agrava, pela falta de auxílio aos desempregados por parte do Estado.

Sob o pretexto de economia, o governo de Getúlio Vargas fechou mais de 1.000 escolas, aumentando, assim, formidavelmente, a porcentagem dos analfabetos, que, mesmo antes desta medida, era bastante elevado.

Os salários dos marinheiros e soldados foram reduzidos. Roubam-lhes as licenças. Os bandos de opressores seguem uma linha categórica em face das massas: explora-la e oprimi-la cada vez mais.

III — A radicalização das massas juvenis

A ofensiva dos exploradores, as massas da juventude trabalhadora respondem com demonstrações e greves. A maioria delas surgem espontaneamente. Assim é que nos últimos tempos constatamos greves especificamente juvenis, como sejam nas fábricas de fósforo e de vidro no Rio de Janeiro e Niterói e outras empresas imperialistas.

Nas lutas dos jovens nas fábricas de tecidos do Rio de Janeiro e de São Paulo, e em outras greves de Pernambuco e outras cidades.

Registraram-se também sublevações de camponeses e de operários agrícolas nas regiões do Nordeste (cangaço), e do Contestado, entre Paraná e S. Catarina etc.

As massas se radicalizam, como consequência natural do seu grau de miséria e opressão. Mas o que deve interessar fundamentalmente à Federação da Juventude Comunista é o desenvolvimento da radicalização e o aceleração do seu ritmo.

Hoje nos achamos no fato de que o processo de desenvolvimento da FJC se opera muito lentamente, não guardando nenhuma relação com as condições objetivas.

O fato mais característico neste sentido: as lutas dos jovens operários, camponeses e soldados se produzem espontaneamente. Isto por uma parte. E, por outra, as massas juvenis, na ânsia de combater os seus exploradores, nem sempre se orientam pelas organizações revolucionárias do proletariado. Suas energias são, muitas vezes, aproveitadas pelos elementos fascistas, pelos aventureiros burgueses-feudais e pelos elementos pequeno-burgueses a serviço dos feudais e dos imperialistas.

Tal situação se verifica porque a Federação da Juventude Comunista caminha em atraso com a situação objetiva e, mesmo com o movimento iniciado pelas massas, não constituindo um fator sério e revolucionário, na situação atual, que possa modificar o curso da radicalização das massas.

Atualmente existem no Brasil, condições objetivas para grandes lutas de massas. Durante anos acumularam-se energias revolucionárias no seio das massas que já começam a explodir. Mas as massas ainda não encontraram o caminho justo de classe e, pelo desejo de solucionar a sua situação, marcham à mercê dos elementos demagógicos, fascistas, como Miguel Costa, Juarez Távora, Maurício de Lacerda etc.

IV — Como se esforçam as classes dominantes para controlar, fascistizar e utilizar as massas trabalhadoras juvenis

Os bandos opressores, afim de submeterem às massas a sua política de fome, afim de conterem o avanço das mesmas, perante o perigo da solução revolucionária da crise pelas massas populares, sob a direção do Partido Comunista, orientam-se para o fascismo, que, no período atual, se converte cada vez mais na forma clássica da dominação das classes ricas.

O processo de fascistização das massas juvenis se efetua de acordo com duas linhas centrais: a primeira caracteriza-se na luta aberta, na mais brutal reação contra as organizações revolucionárias do proletariado, reprimindo pela lei e pela força todo movimento operário classista, mantendo a FJC na mais feroz ilegalidade.

A lei de sindicalização que representa uma tentativa séria de fascistização do movimento operário, proíbe a organização das massas juvenis, não só nos sindicatos vermelhos, como também nos sindicatos amarelos.

Por outro lado, os bandos opressores realizam, sob diversos aspectos, um intenso trabalho, afim de enganar e utilizar as massas juvenis, para os seus fins fascistas. Assim é que verificamos a intensificação da militarização da juventude.

Nas escolas, por meio dos chefes militares, efetua-se o ensino militar. Por intermédio dos “Tiros de Guerra”, que criam em todo o Brasil, assim como também através das legiões “revolucionárias” organizadas por Miguel Costa, Francisco de Campos e outros elementos demagogos e fascistas. Também os clubes escotistas organizam-se nas escolas e nos bairros e propagam o espírito patrioteiro e fascista.

Além disto, existe uma formidável rede de clubes esportivos e culturais, por cujo intermédio as classes reacionárias se ligam com as massas, separam-nas da luta de classes e realizam a educação ideológica de acordo com seus interesses de classe.

Existe um grande perigo para a FJC em não apreciar o conjunto dessas organizações esportivas como organizações “neutras”, sem compreender o papel que desempenham no processo de fascistização das massas trabalhadoras. NÃO COMPREENDER QUE TODAS ESSAS ORGANIZAÇÕES PARTICIPAM D APARELHO DAS CLASSES RICAS PARA

MANTER NA OPRESSÃO AS MASSAS, IMPLICA EM CAIR EM APRECIACÕES OPORTUNISTAS MUITO PERIGOSAS.

O aparecimento da revista “Brasilidade”, no Rio, dedicada quase especialmente à juventude, como também a organização da “Federação da Juventude Trabalhadora” pelo Partido Trabalhista, por cujo intermédio se organizam escolas nos bairros operários, são demonstrações claras da preocupação da burguesia em controlar e educar no sentido fascista as massas da juventude trabalhadora.

Na fascistização das massas do Brasil os padres desempenham um papel muito importante. Estes conservam uma grande influência sobre as massas trabalhadoras não só no campo como na cidade. O ensino religioso se intensifica atualmente entre as massas juvenis, com o decreto do governo, instituindo o seu ensino obrigatório nas escolas primárias e secundárias. A igreja, “em nome da pátria, de Deus e da ordem”, dos feudais e dos burgueses, e pela conservação das condições escravagistas das massas da juventude trabalhadora.

A Federação da Juventude Comunista deve compreender o papel que, nesta ordem de coisas — na fascistização das massas — desempenham os grupos falsamente revolucionários, formados pelos elementos anarquistas e trotskistas, como também os grupos dirigidos pelos caudilhos pequeno-burgueses demagogos e aventureiros, como Miguel Costa, Juarez Távora, Maurício de Lacerda e outros, especialmente, os elementos prestistas e as partes mais “esquerdistas” da Aliança Liberal.

Muitos desses grupos e elementos se apresentam às massas trabalhadoras como defensores da URSS e “organizadores” da revolução democrática burguesa. Os elementos trotskistas, chefiados por Plínio Mello, Aristides Lobo, João da Costa Pimenta e outros traidores do proletariado, consideram o golpe de Estado de Outubro de 1930, organizado pela Aliança Liberal com o apoio e controle dos imperialistas americanos, como uma revolução democrático-burguesa. Por isso mesmo, apoiam-na e defendem o governo de Getúlio surgido da mesma, ganharam, em troca das suas traições aos trabalhadores, um posto no poder (Josias Carneiro Leão, cônsul do Brasil na Alemanha). Hoje ligado a Miguel Costa e a grupo de fazendeiros e capitalistas, para continuar a política dos banqueiros americanos, levantam a bandeira da constituinte, ao mesmo tempo que fazem a política do fascismo, para tapear e enganar as massas trabalhadoras. Opõem à luta pelo governo operário e camponês, à organização da constituinte, como uma panaceia democrática para as massas. Dizendo-se “comunistas” procuram penetrar nas bases do Partido Comunista (Seção da Internacional Comunista), para desagrega-lo, afim de melhor servir aos interesses dos seus patrões burgueses-feudais e imperialistas e preparar as bases para o fascismo.

Objetivamente, todos esses elementos desempenham, no seio das massas, o papel de agentes do imperialismo, dos feudais e dos burgueses. Criam ilusões democráticas nas massas. A luta revolucionária contra o fascismo, opõem as parlapatices sobre a democracia e a constituinte. Na realidade, o que fazem é lançar poeira nos olhos das massas, em face do crescente avanço do fascismo.

V — Situação e características da Federação da Juventude Comunista

Nas condições gerais anteriormente assinaladas, A FJC se caracteriza pelos seguintes aspectos:

- a) A FJC é um pequeno núcleo de jovens, em face de uma massa de milhões de jovens trabalhadores, vivendo em condições semifeudais. Tal situação se deve, em grande parte, à ausência de um amplo trabalho de massas da FJC. As concepções sectárias estão enraizadas no seio da Federação e impedem a realização da política das amplas massas juvenis das cidades e dos campos. Realiza-se, pelo contrário, uma política de círculo. A Federação realiza uma vida puramente interna; não se liga com a massa, nem com os seus problemas; não organiza as lutas diárias pelas

reivindicações. O pouco trabalho exterior caracteriza-se pelo seu conteúdo geral. Os materiais editados pela Federação são para ela mesma em 90 por cento.

- b) A FJC está atrasada, em relação com as condições objetivas e, especialmente, com a onda ascendente das lutas de massas. Todas as greves que se produziram no último ano, começaram e muitas terminaram sem a intervenção da FJC. Isto exprime a falta de uma política firme, de uma orientação séria para a organização das lutas e de participação nas que organizam os nossos adversários. Isto se agrava pela falta de vida política. Não se discutem e nem se apresentam às massas todos os problemas que lhes interessam diariamente. A situação e o trabalho das células de empresa revelam, neste sentido, toda a situação e a política seguida pela Federação. As células de empresas são grupos de jovens que vivem separados completamente da vida da fábrica. Não apalpm, não estudam em cada momento a situação dos meninos e dos jovens das empresas. Não dão suas palavras de ordem concretas e nem organizam as suas lutas. Nestas condições, a Federação vive fora dos acontecimentos diários e da vida das amplas massas juvenis. Por isso é que ela vegeta, não se transformando numa organização de massas e de classe.
- c) A Federação precisa de uma política juvenil. Ela ainda não soube concretizar a política do Partido, aplicando-se às condições e características das massas juvenis. Não adota formas especiais de trabalho, para ligar-se com as massas da juventude trabalhadora e mobiliza-la.
- d) A Federação ainda não se fez sentir como verdadeira organização única de caráter nacional. As tendências separatistas, fomentadas pelos grupos feudais-burgueses no seio das massas, nas diversas regiões do Brasil, penetram no seio da Federação. Elas se expressaram durante o último Pleno da Federação, no qual a região de Pernambuco não participou. A falta de uma discussão séria sobre a política seguida pela direção central da Federação, a ausência de uma autocrítica severa e construtiva, a pouca participação das regiões na elaboração de sua linha e na direção da mesma: as dificuldades do CC de ajudar as diversas regiões; todos esses fatores conduzem ao fortalecimento das tendências separatistas.
- e) A debilidade política dos quadros e, especialmente dos órgãos de direção — CC e CCRR — caracteriza também a situação interna da Federação. Isto é agravado pela falta de uma política firme no terreno da proletarização e criação de novos quadros, como também pela ausência de uma política de concentração e de organização.
- f) A grande confusão política e as diversas correntes existentes no seio das massas laboriosas do Brasil penetram na Federação e se manifestam através de diversas tendências. Todas essas tendências travam o desenvolvimento da Federação. Em face disto, não existe uma ampla e conseqüente luta contra os desvios. Não se combatem com suficiente energia os elementos que representam a ideologia pequeno-burguesa. A autocrítica não se emprega como arma diária que aproveita as experiências, que torne claro a cada jovem comunista as falhas cometidas durante o trabalho, precise e corrija, imediatamente, em cada situação concreta, a linha da Federação. Depois de cada greve e entre muitas que se verificaram neste último período, a Federação não fez a autocrítica que era necessária. A orientação para a espontaneidade tem grandes raízes em nossas fileiras. Manifestam-se de diversas formas, e especialmente, nas tendências prestistas e golpistas, as quais estão muito enraizadas em Pernambuco, no Rio e em Santos. O grande ambiente que tais tendências formam entre a Federação explica o fato de que a Federação marcha a reboque das massas e de que, até agora, não tem organizado uma só das tantas greves juvenis que se produziram nestes últimos tempos. Tais tendências acarretam o menosprezo pelas reivindicações imediatas, como também a substituição do

trabalho diário nas fábricas, entre as massas da juventude trabalhadora, afim de organizar e dirigir todas as lutas, pela orientação para os golpes de Estado, organizados à revelia das massas, por grupos de elementos audazes e valentes. Nas citadas regiões há camaradas que pensam na possibilidade da tomada do poder pelas massas, por meio de um pequeno grupo de camaradas ou com a conquista de alguns grupos de soldados. As tendências prestistas e golpistas não só dão uma falsa orientação ao trabalho diário da Federação, como também representam uma grosseira deformação da Revolução Agrária e Anti-imperialista. Não compreendem esta como todo um processo que se opera através de amplas lutas de massas dos operários, camponeses, soldados e marinheiros, pro suas reivindicações. Lutas através das quais, o Partido e a Federação devem conquistar a maioria da classe trabalhadora. Concebem-na como uma revolução feita por um núcleo de camaradas num dia determinado.

- g) As tendências direitistas também são fortes nas fileiras de Federação. Muitas vezes à moda “esquerdista”. As ilusões democráticas são fortes, especialmente em São Paulo, onde a demagogia de Miguel Costa influencia os nossos quadros. Ali os camaradas ainda não acreditam na reação e não tomam as medidas necessárias para proteger a Federação dos golpes do governo. A falsa interpretação da “revolução” de Getúlio Vargas foi considerada, mesmo por camaradas de direção, como uma revolução democrático-burguesa, interpretação muito acertadamente combatida pelo CC. Mas, ainda hoje, vemos restos da mesma na tendência de alguns camaradas que sustentam ser preciso apoiar a convocação da constituinte, porque ela “significará maior liberdade para o movimento comunista”. As tendências, a passividade que se manifestam através da formulação de “organizar primeiro e depois lutar”, tendências muito em voga em Campos e Vitória. A resistência à realização do trabalho dentro das empresas, bem como o modo de aparecer diante das massas como juventude comunista. Todas essas tendências são manifestações oportunistas.

VI — Tarefas da Federação da Juventude Comunista do Brasil

A tarefa central sobre a qual deve girar todo o trabalho da Federação, nas suas condições atuais, são: A CONQUISTA DA MAIORIA DA JUVENTUDE TRABALHADORA E A CRIAÇÃO DE UMA VERDADEIRA FEDERAÇÃO DE MASSAS E DE LUTA QUE SEJA REALMENTE UMA ORGANIZAÇÃO DE JUVENTUDE EXPLORADA E OPRIMIDA DAS CIDADES E DOS CAMPOS.

A realização desta tarefa implica uma vira-volta em toda a orientação da Federação. Não conquistaremos as massas mecanicamente. Para conquista-las necessitamos de uma política determinada. A Federação deve aparecer como a organizadora de lutas das massas juvenis contra o governo da Getulio Vargas e pela defesa das reivindicações imediatas das mesmas. Somente à medida que soubermos desenvolver a luta contra o fascismo e a fome pela solução revolucionária da crise, no país, é que conquistaremos a confiança das massas. Dentro desta linha central, a Federação deve desencadear, com grande energia, a luta contra os grupos e elementos “esquerdistas”, pequenos burgueses e demagogos. Neste sentido, diariamente, em todas as partes, aproveitando especialmente todas as lutas pelas reivindicações imediatistas, devemos conduzir a luta contra o governo e os grupos opositores. Os elementos fascistas, como Miguel Costa, Juarez Tavora, Maurício de Lacerda etc., e os prestistas, que ainda desfrutam grande influência entre as massas operárias e camponesas, utilizando-as para satisfazer as manobras imperialistas, como também para as suas lutas de grupos. Sem libertar as massas da influência de tais elementos será impossível para a Federação conquistar as amplas massas da juventude trabalhadora. Os elementos pequenos burgueses, os anarquistas e os trotskistas, desempenham o papel de impedir que as massas venham ao comunismo. Eles iludem as massas,

ligando-as ao carro dos imperialistas e dos feudais-burgueses. Tapeiam-se com a constituinte, com a “democracia” etc., impedindo o desencadeamento independente, das lutas operárias e camponesas. A luta enérgica contra todos esses elementos deve ser feita paralelamente ao trabalho da conquista das massas juvenis, que estão sob influência dos mesmos. Neste sentido, é preciso fazer, diante das massas, uma diferenciação entre os chefes traidores e fascistas e os operários que os acompanham. Será um grave erro, se a Federação, na luta contra esses elementos não fizer um claro desmascaramento dos chefes, diante dos operários enganados.

Não resta dúvida que a aplicação sobre a base da frente única tem uma importância decisiva na tarefa de organizar as lutas, desmascarar os chefes adversários e, ligar-nos com as massas e conquista-las. Através dos combates diários pelas reivindicações imediatas, temos que arrancar das massas as tendências tradicionais de golpes de quarteis. Paralelo ao nosso trabalho entre as massas, temos que desenvolver e explicar o caminho revolucionário de solucionar a crise atual, solução que terminará com a fome e o fascismo — organizará o poder dos operários, camponeses, soldados e marinheiros.

Jovens trabalhadores! CONTRA A FOME E A REAÇÃO, INGRESSAI NA FEDERAÇÃO DA JUVENTUDE COMUNISTA!

VII — A autocrítica e a luta contra os desvios

A Aplicação da linha justa exige uma ampla autocrítica no sei da Federação, bem como uma enérgica luta contra os desvios de direita e de esquerda. Toda a experiência da formação do Partido e da Federação Juvenil revelam o grande papel desempenhado pela luta contra os desvios. Foi precisamente nessa luta que se fortaleceram nossas organizações. Na situação atual, dar ao proletariado e às massas camponesas do Brasil um Partido de massas e de classe, com uma linha firme, é o fundamental.

Nesta tarefa, a Federação tem de desempenhar um grande papel. Um grande confucionismo caracterizou o movimento operário e, especialmente, o desenvolvimento do Partido. O prestígio, as tendências golpistas e um sem número de correntes “abreiristas” alheias à ideologia do proletariado trabalharam-no constantemente. Estamos em face de um infinidade de lutas de renegados, estilo Plínio Mello, que fundamentalmente se propõem dividir o movimento operário e impedir que este se transforme em um movimento independente de classe. Nesta situação, a Federação da Juventude Comunista do Brasil deve ter uma política clara e precisa. Sem tal condição, sem a luta pela linha, cuidando somente do trabalho de massas, nunca criaremos um forte organização de massa e classe da juventude trabalhadora.

Temos que compreender perfeitamente que a linha fundamental na luta contra os desvios não consiste em fazer expulsões ou condenar simplesmente esses desvios. A luta contra os mesmos deve ser conduzida paralelamente ao trabalho de convencer aos companheiros iludidos. Isto não quer dizer que não se façam expulsões, quando sejam necessárias. Mas a tarefa central deve ser sempre — convencer o conjunto da Federação para a compreensão e a aplicação da linha justa.

A LUTA CONTRA OS DESVIOS NÃO É SOMENTE UMA QUESTÃO INTERNA DA FEDERAÇÃO PELO CONTRÁRIO, A MESMA INTERESSA A TODA A JUVENTUDE TRABALHADORA.

Em cada greve, em cada demonstração, cada vez que surge um desvio, e estivermos em contato com as massas, temos que leva-los ao conhecimento das mesmas. É preciso fazer compreender às massas que esses desvios são mortais para todo o proletariado. Temos que conduzir a luta contra os desvios até às fábricas, muito embora não devamos discutir essas divergências entre as massas, da mesma maneira como se pode fazer dentro da Federação.

Temos que saber ligar a luta contra os desvios com a situação concreta dos jovens operários e com a suas lutas diárias. Na luta contra os desvios temos que colocar em primeiro

lugar a luta contra a influência da pequena burguesia, que se manifesta através das ilusões democráticas e orienta a Federação e as massas não para as lutas independentes do proletariado contra todos os bandos opressores, mas, sim, que se inclinam para os elementos “democráticos” dos diversos bandos exploradores. Todas as tendências que pretendem ocultar a Federação em face das massas e que pretendem adiar a tarefa de organização das lutas até que o movimento comunista entre numa fase de vida legal, todas essas tendências devem ser combatidas com muita energia, porque elas conduzem a Federação a ser um pequeno núcleo escolhido de jovens sem raízes e sem influências entre as massas, que impedem a transformação da Federação em uma organização de massas, devem ser postos em destaque diante de todos os aderentes da Federação, como contrárias à linha da FJC.

A popularização de caráter da FJC e o papel do Partido Comunista como vanguarda do proletariado deve ser feita amplamente, afim de destruir as concepções “vanguardistas” que ainda subsistem na Federação.

A tendência que exige dos jovens operários “uma prova de fogo” para poder ingressar na Federação vai de encontro à linha de transformação da Federação numa grande organização de luta e de educação das massas juvenis exploradas. Igualmente se devem combater as tendências que exigem “a expulsão de todos os jovens que não ingressam nos seus respectivos sindicatos”.

Semelhantes tendências exprimem o sectarismo que domina a Federação, e importa em dar uma solução mecânica a um problema político.

Os jovens comunistas não realizam o trabalho sindical, não estão inscritos nos seus respectivos sindicatos, não porque não queiram, mas, sim, porque ainda não compreendem as importância deste trabalho e como deve ser realizado. A tarefa da Federação, neste caso, não deve ser a de tomar medidas de expulsão. Pelo contrário sua linha deve consistir em expor o problema sindical de maneira tal, a convencer aos jovens comunistas da necessidade de realizar esta importante tarefa.

VIII — A Federação da Juventude Comunista deve organizar todas as lutas da juventude trabalhadora

Na sua orientação para o trabalho de massas, a Federação da Juventude Comunista do Brasil deve colocar em primeiro lugar a ORGANIZAÇÃO DAS LUTAS. Para isso, deve estudar a situação concreta da vida e do trabalho das massas juvenis exploradas, elaborando um programa de reivindicações. Sobre esta base, temos que organizar, em todo o país, um amplo trabalho de organização de massas, através de volantes, jornais, comícios, demonstrações, greves etc. Tal programa deve ser popularizado entre as massas. O mesmo deve servir para dar à Federação uma cara juvenil e sobre uma base concreta.

A luta pela defesa das reivindicações econômicas e políticas dos jovens operários e camponeses, soldados e marinheiros, deve merecer uma grande atenção por parte de todas as organizações da FJC, começando pelo CC e terminando pela última célula. O programa de reivindicações deve ser concretizado para cada fábrica, fazenda, quartel, navio etc. ASSIM SENDO, CADA ORGANIZAÇÃO DE BASE DA FJC DEVE TRABALHAR DE ACORDO COM UM PROGRAMA CONCRETO DE REIVINDICAÇÕES IMEDIATAS QUE FORÇOSAMENTE DEVE SER LIGADA COM A LUTA PELAS PALAVRAS DE ORDEM CENTRAIS DO PC.

A FJC deve saber organizar cada luta diária pelas menores reivindicações das massas, para liga-las com o problema da solução revolucionária da crise e a implantação do poder dos Soviets de operários, camponeses, soldados e marinheiros.

A FJC, para conquistar a maioria da juventude trabalhadora, deve transformar-se numa organização que não só luta pelas grandes reivindicações imediatas dos jovens trabalhadores e que aparece no terreno da luta política, cada vez que se produz um grande acontecimento, mas,

ainda, deve ser uma organização que em cada dia, em cada momento, o lugar de exploração e fora dele, organiza e dirige as lutas pela reivindicações imediatas, as mais sentidas, e pelas quais as massas se disponham a lutar.

Ao mesmo tempo que a Federação desencadeia uma luta enérgica contra as organizações adversárias, deve focalizar concretamente o problema da participação nas lutas começadas ou encabeçadas pelos nossos adversários.

A tendência de boicotar as lutas de massas iniciadas e dirigidas pelos nossos inimigos é uma expressão dos desvios sectários, que facilita as manobras dos nossos inimigos e que mantém a Federação desligada das massas. A Federação deve participar em todas essas lutas, para defender as reivindicações da juventude trabalhadora, para desmascarar os nossos inimigos e para conquistar as massas.

NA INTERVENÇÃO DOS JOVENS COMUNITAS NAS LUTAS ORGANIZADAS PELOS NOSSOS ADVERSÁRIOS, DEVEM DESTACAR BEM DIANTE DAS MASSAS O PROGRAMA INDEPENDENTE DE LUTA DO PROLETARIADO, PARA NÃO NOS CONFUNDIRMOS EM NADA COM OS AVENTUREIROS A SERVIÇO DOS IMPERIALISMOS E DOS SENHORES FEUDAIS-BURGUESES. Não participar das lutas ou não intervir e não desenvolver o programa de luta independente do proletariado é servir de instrumentos aos nossos inimigos de classe.

A FJC deve terminar com o trabalho geral que, nas condições da nossa debilidade orgânica, impede a organização das lutas e o reforçamento da nossa organização nas camadas mais importantes da juventude trabalhadora. A nossa linha deve ser: **CONCENTRAÇÃO DAS NOSSAS ENERGIAS NAS INDÚSTRIAS FUNDAMENTAIS E ONDE HAJA MAIOR QUANTIDADE DE JOVENS TRABALHADORES.**

ISTO DE NENHUMA MANEIRA DEVE SIGNIFICAR O ABANDONO DO TRABALHO NAS INDÚSTRIAS EM QUE AS CONDIÇÕES ESTEJAM MAIS MADURAS PARA A LUTA. Neste sendo, os organismos de direção devem tomar as medidas concretas de necessárias para assegurar, no terreno nacional e dentro de cada região, a realização da política de concentração. Os principais pontos que temos que atacar são Rio de Janeiro, Petrópolis e Niterói, fábricas têxteis em primeiro lugar, e logo as empresas de produtos químicos — fábricas de fósforos e vidros — em São Paulo, também fábricas de tecido, de fósforos e de vidros. Em Pernambuco, transporte, tecidos e açúcar.

IX — A tática de frente única

A aplicação da tática de frente única desempenha um papel de suma importância no desencadeamento das lutas de massas. A Federação deve aparecer diante das massas da juventude trabalhadora como organizadora da frente única, de todos os explorados contra todos os bandos de exploradores e opressores. A luta nas fábricas, nas fazendas, no exército, na marinha, nas escolas, nos bairros operários, para unir os jovens explorados numa só frente de classe, deve ser uma das tarefas primordiais no momento atual.

A FJC do Brasil deve compreender que sem a aplicação da tática da frente única ela não poderá transformar-se na organizadora e diretora dos combates de classe da juventude explorada e oprimida. Existem formas permanentes de frente única e a Federação deve desenvolvê-las em seu trabalho diário. As principais são: as seções juvenis nos sindicatos, os clubes esportivos operários, o Socorro Vermelho Internacional etc.

Ao mesmo tempo existem formas transitórias de frente única, como são os comitês de lutas que se organizam com o fim de preparar os combates pelas reivindicações dos jovens operários.

A Federação deve orientar-se fundamentalmente à realização da frente única para as fábricas, fazendas, quartéis e navios. Mas isto não significa, absolutamente, que a Federação não

possa fazer proposição de frente única às organizações de base dos nossos inimigos, desde que elas tenham em seu seio massas de jovens operários.

Nunca devemos subordinar a realização da frente única à resposta que, neste caso, nos possam dar os chefes das organizações inimigas. CADA PROPOSTA DE FRENTE ÚNICA DEVE IR ACOMPANHADA DE UM AMPLO TRABALHO ENTRE AS MASSAS. AFIM DE TORNAR CONHECIDA A NOSSA PROPOSIÇÃO E ORGANIZAR AS LUTAS, APESAR DE SEUS CHEFES TRAIADORES. A FEDERAÇÃO, EM TODOS OS CASOS, DEVE GUARDAR A SUA INDEPENDÊNCIA ORGÂNICA E POLÍTICA. PODE REALIZAR A FRENTE ÚNICA SOBRE AS BASES DE DETERMINADAS REIVINDICAÇÕES IMEDIATAS, MAS, AO MESMO TEMPO, DEVE LUTAR COMO FEDERAÇÃO DA JUVENTUDE COMUNISTA POR SEU PROGRAMA E RESERVAR-SE O MAIS AMPLO DIREITO DE CRÍTICA.

Sem pretender a hegemonia das massas, antes de apresentar a proposta de organização da frente única, a Federação deve lutar constantemente por conquistar a hegemonia de todas as lutas dos jovens trabalhadores. A Federação cometerá um grave erro, se tomar mecanicamente a tática de frente única como se fosse uma peça de ferro fundido transportável mecanicamente de um lugar para outro.

A aplicação da tática da frente única deve ser feita de acordo com as condições concreta de cada lugar. A Federação deve compreender que, para conquista a maioria da juventude trabalhadora não basta aparecer no cenário da luta política só quando existem grandes acontecimentos. Ela deverá transformar-se na organização que defende diariamente, em cada instante, as reivindicações, por menores que elas sejam, da juventude trabalhadora.

X — Mais vida política para as células de empresa

Uma das maiores debilidades da Federação é que, apesar de ter grande número de células de empresa, estas não tem vida política. Na maioria dos casos não se realiza qualquer trabalho nas fábricas. São grupos de jovens separados da vida dos jovens da empresa. A Federação deve fazer uma mudança fundamental no que respeita às células de empresas. Sem isso não terá êxito o seu trabalho.

A vira-volta a realizar deve constituir em transformar as células de empresa na base de todo o trabalho da Federação. Sem isto não teremos uma garantir para a aplicação da nossa linha política. Não só temos que dar vida política às células de empresa existentes, como todo o trabalho deve ser orientado para as empresas. Somente criando uma base dentro das empresas poderemos manter uma estreita ligação com as massas, perceber a sua situação em cada momento, formular as suas reivindicações e organizar as suas lutas. Também a necessidade de burlar a ação da política e romper a reação, impõe-nos a tarefa de penetrarmos nas grandes empresas. Nas empresas onde não existem células, devemos encarar a tarefa de bloqueá-la, até penetrarmos nelas, organizando células. Para realizar isso, temos que tomar uma série de medidas concretas. Por exemplo: criar brigadas de choque, com os melhores elementos das células de ruas para realizar esse trabalho.

A Federação não deve dispersar as suas forças, pretendendo organizar em todas as fábricas de uma região, porque, com as nossas reduzidas forças, seguindo esta linha, só faremos um trabalho disperso, sem qualquer resultado. Portanto, em cada cidades, em cada bairro, temos que concentrar nossas forças sobre as principais empresas e realizar um trabalho concreto e permanente.

As células de empresa devem ter uma vida diária, devem estudar constantemente a situação dos jovens, dar sua palavra diante de cada acontecimento, organizando o trabalho sindical na empresa, lutando contra os adversários, desenvolvendo as organizações do SVI [Socorro Vermelho Internacional], da Liga Anti-imperialista, editando manifestos e volantes,

tirando regularmente um jornal de fábrica, defendendo os interesses dos jovens operários, organizando as suas lutas.

A Federação deverá criar fortes raízes nas massas da juventude explorada das grandes empresas e conquistar a maioria da juventude trabalhadora. Desde o CC até o último aderente, devem compreender que, sem levar à prática essa tarefa referente às células de empresas, a linha e as diretivas da Federação ficarão sempre no papel e não se transformarão em potentes ações de massas.

O CC, especialmente, deve dedicar-se ao problema das células de fábricas e, como tal, prestar um auxílio concreto e positivo ao trabalho das mesmas.

XI — O problema da direção e a criação de novos quadros

Noutra parte desta resolução já se assinalou que um das maiores debilidades da Federação brasileira é a falta de uma direção nacional. Eis porque o problema de criar uma direção nacional capaz de dar à Federação uma linha combativa e revolucionária e capaz de realizar esta linha assume cada dia uma maior importância.

Cada jovem comunista deve compreender que sem a direção forte a Federação não poderá caminhar para a frente. Focalizando-se fortemente o problema de direção central, surge também nas condições próprias do Brasil (grandes distâncias, regiões separadas com problema diversos) a necessidade de criar fortes direções regionais que sejam o elo por meio do qual o CC possa dirigir verdadeiramente todas as regiões do país. Tendo em vista semelhante situação, devem tomar parte no CC camaradas das principais regiões, como também é necessário praticar o intercâmbio de camaradas entre as diversas regiões do país.

Para a criação e consolidação de uma direção central, a Federação deve lutar contra as tendências separatistas, como as que se verificaram na região de Pernambuco, ao realizar-se o último Pleno da Federação. Para criar a direção, a Federação deve seguir a linha da proletarização. No que respeita a composição dos organismos de direção, é preciso colocar neles uma porcentagem dominante de elementos operários combativos, ligados com as massas e, principalmente, com as grandes empresas.

Para o fortalecimento, quer da direção nacional, quer das direções regionais, é preciso levar as mesmas, os melhores elementos das células de empresa.

Pensar que o problema da direção pode ser resolvido em 24 horas, tomando algumas medidas orgânicas, é um grave erro, que pode ter péssimas consequências. A direção central, como os organismos de direção, podem ser enriquecidos com a inclusão dos melhores elementos operários da base. Mas não se resume nisto todo o problema da formação da direção. Isto é só uma parte dele. Semelhante tarefa é muito mais ampla. Com as medidas já assinaladas, estabelecem-se as bases materiais para a criação dos quadros e da direção. Mas eles se formarão e se consolidarão no trabalho de massa, e, fundamentalmente, nas lutas contra os desvios. Por isso é que os organismos de direção devem colocar, como um dos aspectos mais importantes do seu trabalho, a luta contra as tendências contrárias à linha da Federação.

Combatendo os desvios dos órgãos de direção, mobiliando toda a massa de aderentes contra os mesmos, abriremos o caminho da formação dos novos quadros. É preciso prestar um auxílio, uma atenção muito grande aos camaradas operários de base, que são levados aos organismos de direção. Com eles é preciso organizar cursos e pequenas escolas, afim de dar-lhes uma base teórica. Também é preciso ajuda-los no trabalho de cada dia, para poderem vencer as dificuldades e transformarem-se nos verdadeiros dirigentes.

O Pleno chama a atenção do CC para a falta de democracia no seio da Federação, pela nenhuma discussão dos documentos do SSA da IJC. Ele exige uma ampla discussão dos problemas que se impõem à Federação. Com insultos e expulsões mecânicas, criou-se no seio da Federação uma situação intolerável e as divergências e desvios continuam a manifestarem-se de

uma ou de outra forma. Na luta contra os desvios, a direção deve saber conquistar a confiança dos aderentes.

Consideramos de grande necessidade a criação de um sub-birô do CC no Norte e Nordeste, com sede em Pernambuco.

XII — Enfrentemos o trabalho sindical

A linha da realização da vira-volta implica, fundamentalmente, a orientação para um trabalho de massas. Dentro desta orientação, o problema sindical de organização das lutas pelas reivindicações econômicas é decisiva. Sem encarar resolutamente esta tarefa, a Federação não se reorientará com decisão para transformar-se numa organização de massas e de combate, nem, tampouco, conquistará a maioria da juventude trabalhadora. O movimento sindical juvenil revolucionário deve edificar-se partindo da base da luta pelas reivindicações econômicas por isto é que é preciso elaborar plataformas de reivindicações para as principais indústrias que abrangem mão de obra juvenil.

Na elaboração das reivindicações imediata, a Federação deve combater as tendências simplistas de formular “reivindicações modelos”, reivindicações que não consultam as necessidades das lutas das massas e que são estabelecidas sem que as façam participar em sua formulação.

Neste terreno, é preciso pleitear a criação da Seção Juvenil da Confederação Geral do Trabalho do Brasil.

Tal seção Juvenil deve ter um amplo caráter de massa. Na mesma, não só devem participar os comunistas, como também os operários sem partido. É preciso orientar, fundamentalmente, nosso trabalho sindical para as indústrias importantes e, dentro delas, nas que as condições para desencadeamento das lutas estejam mais maduras.

A indústria de tecidos e da química deve ser o alvo de nossa atividade sindical. É preciso encarar concretamente a criação de seções juvenis sindicais. Sua constituição deve ser o resultado de um amplo trabalho de massas, nas fábricas.

Nos sindicatos em que a Federação se proponha realizar um trabalho juvenil, devem criar-se pequenas comissões de jovens operários, comissões que devem responsabilizar-se por ditas tarefas perante o sindicato. Ligado com isso e com a organização das lutas, é preciso cuidar da realização das conferências de jovens de determinadas indústrias — tecidos, fósforos etc. Essas conferências devem se o resultado de um amplo trabalho de massas, especialmente nas empresas. As seções juvenis devem basear-se nas fábricas; por conseguinte, a criação de grupos sindicais no interior delas, deve ser a tarefa central no que respeita a organização do movimento sindical juvenil.

Em relação com isto, é preciso criar uma ampla rede de quadros sindicais, dentro das próprias empresas, que sejam a garantia para a direção do trabalho revolucionário da juventude.

Criando o movimento da juventude nas fábricas, venceremos os obstáculos da reação e organizaremos nossas seções juvenis nos sindicatos mais importantes. Além disto, devendo procurar formas auxiliares de trabalho que nos permitam manter as ligações orgânicas permanentes com as amplas massas. Daí decorre a necessidade de utilizar amplamente as formas de trabalho desportivas e culturais desenvolvidas por fábricas e localidades.

É preciso organizar a participação dos jovens em todas as greves; realizando reuniões especiais para elaborar suas próprias reivindicações, para eleger os comitês de luta, designar os delegados juvenis, formar piquetes de luta e de propaganda, especialmente dos jovens e meninos.

É preciso prestar uma grande atenção a todas as greves, afim de desenvolver as formas de trabalhos juvenis e organizar, especialmente, fortes seções juvenis sindicais, através das mesmas. Em face das greves juvenis, nossa tática deve consistir, fundamentalmente, em

batermo-nos por sua ampliação, estendendo-o à organização de frente única com ao operários adultos.

É preciso focalizar o problema sindical da juventude especialmente nos sindicatos revolucionários, os quais devem mobilizar-se na defesa e organização das massas dos jovens operários. Ao mesmo tempo, devemos desencadear, à base de fatos concretos, uma luta contra os sindicatos amarelos, organizando, também, nós que tiverem massas, os grupos juvenis de oposição revolucionária.

À medida que a Federação estabeleça um trabalho concreto em uma determinada indústria, deve organizar as frações sindicais da Juventude Comunista, que devem dirigir todo o trabalho sindical juvenil nas respectivas indústrias.

A luta contra a lei de sindicalização dos operários, que, evidentemente, desempenha um papel fascista, deve estar na ordem do dia do trabalho sindical da juventude comunista. Esta luta deve ter um conteúdo concreto. Ao mesmo tempo que mobilizarmos as massas juvenis contra as tentativas fascistas do governo, devemos pleitear as reivindicações da juventude trabalhadora e a liberdade de organização sindical revolucionária dos jovens operários.

Nas condições de um aumento crescente do desemprego, a tarefa entre os jovens sem trabalho assume uma importância fundamental. É preciso organizar uma grande campanha, para exigir do governo, da municipalidade, dos patrões, o auxílio para os jovens desempregados. É preciso exigir através de amplas mobilizações de massas, subsídios para os desempregados, albergues apropriados para os mesmos, alimentos, roupas e serviço médico especial etc.

Nos comitês de desempregados, é preciso criar comissões juvenis. É preciso, também, utilizar a imprensa dos sindicatos e da Confederação Geral do Trabalho do Brasil, para focalizar as questões juvenis, assim como é preciso esforçar-se para tirar periódicos sindicais juvenis, nas indústrias em que realizemos um trabalho efetivo.

JOVENS CAMARADAS! INGRESSAI NOS VOSSOS SINDICATOS DE CLASSE, PRA LUTAR POR VOSSAS REIVINDICAÇÕES IMEDIATAS!

XIII — Encaremos o trabalho antimilitarista como uma tarefa de massa

As condições existentes nos navios e quarteis entre as massas de marinheiros e soldados, com consequência da redução dos soldos, da supressão das licenças e uma série de outras medidas, criam ótimas perspectivas para desdobrar um grande trabalho antimilitarista. Até agora, a vontade de luta dos marinheiros e soldados tem sido aproveitada, frequentemente, pelos aventureiros a serviço dos imperialismos que a miúdo organizam golpes de Estado.

A Federação tem que dar uma clara orientação de classe à luta dos soldados e marinheiros. Ela deve ser a organizadora e diretora de todas as suas lutas. Partindo das reivindicações imediatas, devemos ligar as lutas dos soldados e marinheiros com as dos operários e camponeses, popularizando, entre eles, o caminho da solução revolucionária da crise e da implantação do governo dos soviets.

Em todo o nosso trabalho antimilitarista, devemos popularizar as nossas palavras de ordem de fraternização e organizá-la em cada caso concreto (nas greves, demonstrações etc).

O trabalho antimilitarista não deve limitar-se aos soldados e marinheiros, mas, sim, deve fazer-se, também, entre as massas da juventude trabalhadora, lutando contra a militarização da juventude operária e camponesa, sob todos os seus aspectos, nos bairros, fábricas etc. É preciso, também, focalizar o problema da luta contra os perigos de guerra, especialmente em defesa da URSS.

Atualmente, as tendências sectaristas da Federação, neste domínio da sua atividade, são muito grandes. Todo o trabalho que agora se realiza não é encarado como um problema de conjunto da Federação e do Partido. É feita como tarefa que interessa e realiza um reduzido grupo de “especialistas” e toda a atividade reduz-se aos soldados e marinheiros.

A Federação, em conjunto com o Partido, deve criar uma comissão nacional para o trabalho antimilitarista, comissão que deve trabalhar sob o controle dos órgãos de direção da JC e do PC. A orientação dirigida no sentido de um trabalho de massas não impede, pelo contrário, impõe a organização de um forte aparelho ilegal dentro e fora dos quartéis e navios. É preciso realizar um trabalho especial com os jovens operários e camponeses, nos meses que antecedem a sua incorporação ao exército.

Neste sentido, tem uma grande importância a realização de pequenas festas de despedida, organizadas nas fábricas, nos bairros e nos clubes. Temos que procurar, também, formas permanentes de ligação entre os operários e camponeses com os soldados e marinheiros. Em tal sentido, representa um papel muito importante a organização de caixas de auxílio aos soldados, nos clubes e nos sindicatos. A Federação deve ligar todo o trabalho de agitação e de organização das lutas, com a tarefa de organização de verdadeiras células da juventude comunista nos navios e quartéis.

Lutando contra as tendências golpistas, que nasce através de levantamentos de alguns regimentos, todo o problema da revolução operária e camponesa do Brasil depende também da forte luta contra as tendências que, reagindo com a ideologia puchista, concluem que “todo trabalho antimilitarista é prestismo”. Em consequência, deduzem que a Federação não deve trabalhar entre os soldados e marinheiros.

A tarefa da Federação deve ser: ampliar a sua atividade no exército, dando-lhes uma linha política revolucionária e, ao mesmo tempo que se estabeleça a luta pelas reivindicações dos soldados e marinheiros, dirigir a luta contra as falsas tendências que se manifestam dentro e fora da Federação e entre as massas dos soldados e marinheiros. A direção da Federação deve dedicar uma atenção especial ao periódico nacional antimilitarista, “União de Ferro”. Nas condições brasileiras, é também necessário publicar periódicos de navios e quartéis, bem como para determinadas zonas do país.

*SOLDADOS E MARINHEIROS! INGRESSAI NA FEDERAÇÃO DA JUVENTUDE
COMUNISTA! FRATERNIZAI COM OS OPERÁRIOS E CAMPONSEES, EM LUTA CONTRA
TODOS OS OPRESSORES!*

XIV — É preciso encarar a organização do trabalho infantil

A falta de atenção para com o movimento infantil comunista é um aspecto da política sectária da Federação. O Brasil tem atualmente uma enorme massa de meninos operários e camponeses, vivendo em condições brutais. A Federação deve rodar-se de um vasto movimento da infância explorada. Isto facilitará o trabalho de massa de toda a Federação e a própria conquista dos jovens operários. A luta pela defesa da Infância operária e camponesa contra a exploração semifeudal da mesma deve ser o eixo para a organização da FEDERAÇÃO INFANTIL COMUNISTA.

A Federação deve traçar um programa de reivindicações para os meninos proletários que compreenda os aspectos econômicos, políticos e culturais, da infância explorada. A luta contra o analfabetismo, contra a influência religiosa e a educação militarista, ligada à luta contra a exploração semifeudal dos meninos operários e camponeses deve dar-nos as bases concretas para o programa da FIC.

A Federação Infantil Comunista deve ser uma organização mais ampla do que a Federação da Juventude Comunista, mesmo sob o ponto de vista de sua organização. A base da FIC deve estar fundamentalmente nos lugares de exploração, nas fábricas, fazendas etc. Mas, ao mesmo tempo, devemos criar células infantis nas escolas.

Assim também devem integrar à FIC os clubes infantis proletários, as seções infantis que se criam em nossas organizações auxiliares, é claro que as adesões dessas organizações à FIC não é obrigatória. Em todo o caso, devemos trabalhar dentro delas, para convencê-las de

que devem fazer parte da FIC. A Federação deve criar uma imprensa de mínimos comunistas, como dedicar muita atenção às formas auxiliares de trabalho, desportivas, culturais, recreativas etc.

XV — É preciso desenvolver o movimento desportivo

Não resta dúvida que o movimento desportivo tem, para a Federação do Brasil, uma importância enorme. Por seu intermédio, poderemos encontrar formas semilegais de trabalho permanente entre as massas. Dois desvios centrais se produzem no movimento esportivo: um que pretende retirar-lhe todo o aspecto político de classe, para “facilitar” o nosso trabalho entre as massas e, ao mesmo tempo, evitar a repressão policial.

Semelhante tendência conduz à desfiguração do papel revolucionário de classe que devem desempenhar os clubes operários. A Federação da Juventude Comunista deve organizar os clubes operários não só com o intuito e praticar o esporte ou ligar-se simplesmente às massas, e sim como um meio para que possa estender e organizar o trabalho revolucionário entre as massas da juventude trabalhadora. A outra tendência que se caracteriza no trabalho desportivo é de um conteúdo completamente sectário, reduz os clubes operários a pequenos núcleos de jovens completamente desligados das amplas massas.

Esta tendência luta contra o carácter de massa que devem ter as organizações esportivas operárias e para transformá-las em grupos de jovens escolhidos. O trabalho sectário dos jovens comunistas se exprime, frequentemente, nos clubes da seguinte forma: muitos camaradas pensam que a sua tarefa não deve consistir em trabalhar nos clubes, para convertê-los em amplas organizações de massas, para fazer um trabalho esportivo no mesmo, e sim que a sua missão é ir ali de vez em quando e participar das reuniões da comissão. A Federação, encarando o trabalho desportivo, deve lutar fortemente contra estas duas tendências de direita e de esquerda que impedem o desenvolvimento efetivo do movimento esportivo revolucionário.

A FJC tem que criar suas frações em todas as associações esportivas e revolucionárias, mesmo naquelas organizações adversárias que contam com as massas de jovens operários, nas quais deve organizar o trabalho de oposição, para conquista dessas massas. A FJC deve concentrar suas forças no terreno desportivo, em cada cidade, afim de desenvolver alguns clubes como verdadeiras organizações de massas dos jovens trabalhadores que sirvam de modelos para toda a Federação, como também enforçar a organização da Federação de Esportes Proletários do Brasil.

XVI — Trabalho entre os jovens negros e índios

É preciso dedicar uma atenção especial entre os jovens trabalhadores negros e índios, lutando por suas reivindicações como raças oprimidas. Toda a Federação deve compreender que, a respeito dos negros e dos índios, é preciso fazer uma política especial, que além dos problemas que existem, em geral, para todos os trabalhadores está o problema racial, que constitui o aspecto fundamental.

Estas massas constituem uma força revolucionária muito séria, que a Federação deve aproveitar, na luta contra o imperialismo e a opressão feudal-burguesa. É preciso dedicar uma atenção especial à luta contra o “chauvinismo” branco e pela igualdade de direitos para os trabalhadores brancos, índios, para organizar a oposição revolucionária e popularizar o nosso programa. A conquista do Norte entraña, fundamentalmente, a fixação do problema dos índios e negros. A tarefa de criar quadros dirigentes entre as massas negras e indígenas desempenha um papel importante para a organização e direção de suas lutas.

XVII — Trabalho entre as mulheres

Existe um grande proletariado feminino no Brasil. No entanto, até agora, a Federação não realizou qualquer tarefa especial entre as jovens trabalhadoras e, em nossas fileiras, a

porcentagem de mulheres é muito reduzida. Isto é consequência, também de uma falta de trabalho concreto na indústria de tecidos, onde há dezenas de milhares de jovens operárias. A FJC deve liquidar esta questão imediatamente. Deve tomar medidas concretas, para realizar um amplo trabalho entre as jovens operárias e camponesas. Neste sentido, além das reivindicações próprias para as mulheres, a Federação tem que procurar formas de trabalho especiais que nos permitam ligar-nos permanentemente com esta camada da classe explorada. Neste sentido, a criação de clubes culturais, onde se organizem cursos de trabalho etc., pode constituir um meio eficaz para atrair a juventude operária feminina. A criação de quadros femininos de direção, é uma tarefa de muita importância a ser resolvida concretamente pela Federação.

A luta contra os preconceitos pequeno-burgueses e a influência religiosa devem ser conduzidas paralelamente entre as mulheres.

XVIII — O trabalho no campo

O papel que as massas de milhões de camponeses pobres e de operários agrícolas desempenham na luta revolucionária será decisivo para a sorte da revolução agrária e anti-imperialista. Num país, onde existem milhares e milhares de jovens assalariados agrícolas e camponeses na maior miséria, a FJC não tem a menor base no campo. A Federação deve encarar de vez o problema camponês e tomar medidas concretas para a realização de semelhante trabalho em algumas regiões do país. Também deve estudar as formas concretas de trabalho entre os jovens camponeses e de ligação entre os operários da cidade com a massa trabalhadora dos campos. Neste sentido, as organizações esportivas podem ser utilizadas como excelente meio para penetrar no campo e manter ligações com as massas.

A luta contra a exploração semifeudal da juventude nas fazendas e em outras explorações agrícolas devem facilitar-nos a realização de amplas lutas de massa. Nesse sentido, a Federação deve elaborar uma plataforma de reivindicações imediatas para as grandes massas de jovens assalariados agrícolas e, também, para os jovens camponeses pobres. Nas regiões onde se comece um trabalho concreto, é preciso preparar conferências de jovens camponeses. A Federação, em seu trabalho entre as massas camponesas, não só deve lutar pelas reivindicações imediatas dos jovens assalariados e dos jovens camponeses, como também precisa popularizar o programa agrário do Partido e pleitear a sua realização.

XIX — A luta pela legalidade e a formação de grupos de autodefesa

As concepções de que jamais poderemos ter legalidade para o movimento revolucionário e que a liberdade vem pela mudança dos governos “revolucionários”, ou “liberais” e que, por isso, devemos continuar trabalhando sempre ilegalmente. Tais concepções devem ser combatidas com todas as nossas forças.

A ilegalidade do movimento operário não se conquista por decretos, porém conquista-se por meio de movimentos revolucionários de massas.

No Brasil, onde há diariamente as lutas de massas (greves etc.), onde os chefes amarelos e caudilhos se cobrem com o manto da sua fraseologia, “revolucionária” —, mais do que nunca é necessário organizar as lutas pela legalização da nossa Federação. Querer romper a reação pela passividade é trair o movimento operário e enterrar a nossa Federação.

É PRECISO ORGAZNIAR A RESISTÊNCIA FÍSICA pela legalidade da nossa Federação e pela defesa das reivindicações imediatas dos jovens operários. Para começar, cada região deve formar GRUPOS com os companheiros mais decididos, para defender os nossos oradores nos comícios, defender as nossas palavras de ordem, resistir às prisões e exigir PELA FORÇA, a legalidade de todo o movimento revolucionário. A autodefesa não deve ser reduzida a um pequeno grupo de comunistas “corajosos” “valentes”, assim como não deve ser uma questão “especial”, “secreta” e “muito séria” que somente dois ou três camaradas de direção tratam o discutem. Pelo contrário. Todo o nosso trabalho deve tender a formar a autodefesa da

massa nas suas próprias lutas. E para a realização desse trabalho é necessário que o CC realize uma séria discussão desse assunto em todas as regiões, zonas, células, frações etc., e por meio desses organismos, apresente-os concretamente às massas. Nossa linha deve ser fazer compreender à massa que ela deve exigir suas reivindicações imediatas e, entre muitas, a legalidade de nossa Federação e de todo o movimento operário revolucionário, pela força e pela resistência armada.

XX — Trabalho ilegal

Nesta questão, a Federação deve fazer uma vira-volta decisiva. É preciso lutar com mais força contra as ilusões democráticas que se exprimem com mais evidência em São Paulo.

De outro lado, é preciso combater as tendências fatalistas que julgam ser fatal a condição de ilegalidade da FJC e que não obteremos a legalidade antes do dia anterior à tomada do poder pelas massas trabalhadoras. Isso não é uma coisa fatal, mas tudo ao contrário, é o resultado da relação de forças entre o proletariado e as forças dominantes.

É por isso que a Federação tem, em toda a ação de massas, a obrigação de exigir a ilegalidade da FJC. A Federação e, principalmente, os órgãos de direção, devem mudar todos os seus métodos de trabalho, baseando-se em uma maior conspiração — não é possível continuar expondo os quadros de direção — eles devem trabalhar mais ilegalmente, não participar nos comícios de rua, a não ser que sejam grandes demonstrações de massas.

É preciso organizar uma comissão especial de dois ou três camaradas de muita confiança — pouco conhecidos pela Federação — para a organização de todo o aparelho ilegal: ligações, imprensa, chaves, organização de arquivo, de reuniões dos órgãos de direção etc. Estes companheiros não se devem expor a serem presos facilmente. Em todas as regiões importantes é preciso organizar tais comissões, que devem trabalhar sob o controle dos órgãos políticos de direção, dos CC RR e CC.

JOVENS OPERÁRIOS! LUTEMOS PELA LEGALIDADE DO MOVIMENTO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO!

— CONCLUSÃO —

É preciso realizar um ampla discussão à base desse documento, não só no CC como também em toda a escala da Federação, de alto a baixo; discussão essa que deve terminar com a elaboração de planos de trabalhos concretos para cada organização.

A FJC do Brasil deve preparar desde já o seu Congresso Nacional. Tal Congresso deve ser o produto de um amplo trabalho de massas aplicando com muita audácia as resoluções do Pleno.

É preciso realizar uma ampla discussão à base dessas teses, no interior da FJC, ao mesmo tempo em que é preciso praticar a autocrítica mais severa.

Camaradas: Esperamos que a FJC do Brasil aplicará as resoluções do Pleno do Secretariado Sul-Americano da Internacional Juvenil Comunista.

JOVENS OPERÁRIOS E OPERÁRIAS!

JOVENS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS E CAMPONESES POBRES!

JOVENS SOLDADOS E MARINHEIROS!

JOVENS ESTUDANTES POBRES E INTELLECTUAIS REVOLUCIONÁRIOS!

**TODOS PARA DENTRO DA FEDERAÇÃO DA JUVENTUDE COMUNISTA! A
LUTAR CONTRA: O FEUDALISMO E O IMPERIALISMO!**

CONTRA A FOME E O DESEMPREGO!

CONTRA A REAÇÃO E O FASCISMO!

CONTRA O GOVERNO SANGUINÁRIO DE GETÚLIO VARGAS!

**CONTRA AS TAPEAÇÕES DE CONSTITUINTE DE MIGUEL COSTA E SEUS
LACAIOS!**

CONTRA OS NOVOS GOLPES DE ESTADO QUE SE PREPARAM!
 CONTRA A GUERRA IMPERIALISTA!
 DEFENDAMOS A RÚSSIA DOS TRABALHADORES!
 POR UM GOVERNO DE OPERÁRIOS, CAMPONESES, SOLDADOS E
 MARINHEIROS!

VIVA A FEDERAÇÃO DA JUVENTUDE COMUNISTA — ÚNICA
 ORGANIZAÇÃO DE CLASSE E DE COMBATEDA JUVENTUDO EXPLORADA E
 OPRIMIDA!

ANEXO
Informe da Federação da Juventude Comunista do Brasil
apresentado pelo camarada Arnaldo no Secretariado da América do Sul e do Caribe
do Comitê Executivo da IJC em 24 de março de 1933

Número de aderentes em janeiro de 1930

Estados	Números de:				No campo
Rio Grande do Sul	Aderentes	150	Células de rua	13	—
	Ativos	80	Célula de empresa	4	—
Paraná	Não tínhamos região				
São Paulo	Aderentes	110	Células de rua	14	—
	Ativos	60	Célula de empresa	5	1
Rio de Janeiro	Aderentes	150	Células de rua	10	—
	Ativos	110	Célula de empresa	8	—
Minas Gerais	Não tínhamos região				
Campos	Aderentes	50	Células de rua	6	—
	Ativos	30	Célula de empresa	2	3
Vitória	Aderentes	40	Células de rua	7	—
	Ativos	30	Célula de empresa	3	1
Paraíba	Aderentes	15	Células de rua	4	—
	Ativos	10	Célula de empresa	—	—
Alagoas	Não tínhamos região				
Pernambuco	Aderentes	30	Células de rua	3	—
	Ativos	10	Célula de empresa	—	—
Rio Grande do Norte	Aderentes	20	Células de rua	3	—
	Ativos	15	Célula de empresa	—	—
Ceará	Aderentes	60	Células de rua	5	—
	Ativos	40	Célula de empresa	2	—
Maranhão	Não tínhamos região				
Pará	Aderentes	5	Células de rua	2	—
	Ativos	—	Célula de empresa	—	—

Por este quadro podemos ver que em Janeiro de 1930 a Federação tinha 10 regiões com os seguintes dados:

Aderentes — 630 | Células de rua — 67
 Ativos — 375 | Células de empresa — 24 | Células de campo — 5
 — * — * — * —

Número de aderentes em janeiro de 1931

Estados	Números de:				No campo
Rio Grande do Sul	Aderentes	60	Células de rua	5	—
	Ativos	40	Célula de empresa	2	1
Paraná	Não tínhamos região				
São Paulo	Aderentes	180	Células de rua	10	—
	Ativos	150	Célula de empresa	10	6
Rio de Janeiro	Aderentes	170	Células de rua	8	—
	Ativos	120	Célula de empresa	15	—
Minas Gerais	Aderentes	10	Células de rua	3	—
	Ativos	8	Célula de empresa	—	—
Campos	Aderentes	60	Células de rua	5	—
	Ativos	50	Célula de empresa	2	4
Vitória	Aderentes	20	Células de rua	3	—
	Ativos	15	Célula de empresa	1	1
Paraíba	Aderentes	30	Células de rua	4	—
	Ativos	20	Célula de empresa	1	—

Alagoas	Aderentes	15	Células de rua	2	—
	Ativos	10	Célula de empresa	1	—
Pernambuco	Aderentes	130	Células de rua	8	—
	Ativos	100	Célula de empresa	10	5
Rio Grande do Norte	Aderentes	40	Células de rua	5	—
	Ativos	30	Célula de empresa	1	—
Ceará	Aderentes	70	Células de rua	6	—
	Ativos	50	Célula de empresa	2	2
Maranhão	Aderentes	20	Células de rua	3	—
	Ativos	15	Célula de empresa	—	—
Pará	Aderentes	15	Células de rua	2	—
	Ativos	10	Célula de empresa	1	—

Por este quadro podemos ver que em Janeiro de 1931 a Federação tinha 13 regiões com os seguintes dados:

Aderentes — 820 | Células de rua — 65
Ativos — 618 | Células de empresa — 46 | Células de campo — 19

— * — * — * —

Número de aderentes em julho de 1932

Estados	Números de:				No campo
	Aderentes		Células de rua		
Rio Grande do Sul	Aderentes	40	Células de rua	4	—
	Ativos	20	Célula de empresa	1	—
Paraná	Aderentes	6	Células de rua	2	—
	Ativos	6	Célula de empresa	—	—
São Paulo	Aderentes	160	Células de rua	10	—
	Ativos	90	Célula de empresa	14	—
Rio de Janeiro	Aderentes	170	Células de rua	8	—
	Ativos	120	Célula de empresa	15	—
Minas Gerais	Aderentes	12	Células de rua	2	—
	Ativos	12	Célula de empresa	—	—
Campos	Aderentes	70	Células de rua	4	—
	Ativos	50	Célula de empresa	2	2
Vitória	Aderentes	20	Células de rua	3	—
	Ativos	15	Célula de empresa	1	—
Paraíba	Aderentes	30	Células de rua	4	—
	Ativos	15	Célula de empresa	1	—
Alagoas	Aderentes	20	Células de rua	3	—
	Ativos	15	Célula de empresa	—	—
Pernambuco	Aderentes	120	Células de rua	11	—
	Ativos	80	Célula de empresa	18	2
Rio Grande do Norte	Aderentes	20	Células de rua	3	—
	Ativos	15	Célula de empresa	—	—
Ceará	Aderentes	22	Células de rua	4	—
	Ativos	15	Célula de empresa	—	—
Maranhão	Aderentes	15	Células de rua	3	—
	Ativos	10	Célula de empresa	—	—
Pará	Aderentes	15	Células de rua	3	—
	Ativos	10	Célula de empresa	—	—

Por este quadro podemos ver que em Julho de 1932 a Federação tinha 14 regiões com os seguintes dados:

Aderentes — 700 | Células de rua — 70
Ativos — 433 | Células de empresa — 31 | Células de campo — 10

— * — * — * —

Número de aderentes em dezembro de 1932

Estados	Números de:				No campo
	Aderentes		Células de rua		
Rio Grande do Sul	Aderentes	30	Células de rua	4	—
	Ativos	15	Célula de empresa	2	—
Paraná	Aderentes	8	Células de rua	2	—
	Ativos	—	Célula de empresa	—	—
São Paulo	Aderentes	100	Células de rua	10	—
	Ativos	70	Célula de empresa	3	2
Rio de Janeiro	Aderentes	150	Células de rua	10	—
	Ativos	70	Célula de empresa	3	—
Minas Gerais	Aderentes	12	Células de rua	2	—
	Ativos	12	Célula de empresa	—	—
Campos	Aderentes	70	Células de rua	4	—
	Ativos	40	Célula de empresa	2	2
Vitória	Aderentes	15	Células de rua	2	—

	Ativos	12	Célula de empresa	1	—
Paraíba	Aderentes	30	Células de rua	6	—
	Ativos	15	Célula de empresa	2	1
Alagoas	Aderentes	15	Células de rua	3	—
	Ativos	5	Célula de empresa	—	—
Pernambuco	Aderentes	100	Células de rua	12	—
	Ativos	50	Célula de empresa	5	3
Rio Grande do Norte	Aderentes	10	Células de rua	2	—
	Ativos	8	Célula de empresa	—	—
Ceará	Aderentes	10	Células de rua	2	—
	Ativos	5	Célula de empresa	—	—
Maranhão	Aderentes	10	Células de rua	2	—
	Ativos	5	Célula de empresa	—	—
Pará	Aderentes	5	Células de rua	1	—
	Ativos	3	Célula de empresa	—	—

Por este quadro podemos ver que em dezembro de 1932 a Federação tinha 14 regiões com os seguintes dados:

Aderentes — 565 | Células de rua — 62

Ativos — 310 | Células de empresa — 16 | Células de campo — 8

— * * * —

Situação econômica do país

O Brasil cujas características se expressão pelo seu caráter semi-feudal e semicolonial, cuja economia e cujas relações com o mercado exterior se apoiam fundamentalmente na produção de café; foi como todos os demais países da América Latina um campo de enorme repercussão da crise do capitalismo mundial. Esta repercussão veio agravar enormemente a crise agrária do Brasil que sempre existiu em um maior ou menor grau atingindo a todas as demais ramas da produção. O agravamento contínuo da crise econômica se expressa de uma lado pela incessante redução da exportação, pela queda dos preços dos principais produtos, que durante o ano de 1932 em comparação com o ano de 1931 teve um declínio de 24,7% na tonelagem, 14,3% no valor em contos de réis, e de 27,2% no valor de libras esterlinas. Do outro lado se expressa pelo aumento dos impostos, pelo aumento dos preços dos gêneros de primeira necessidade, e por uma maior radicalização das massas trabalhadoras e da pequena burguesia urbana e rural.

O agravamento da crise trouxe como consequência imediata para as massas trabalhadoras, um aumento formidável dos desempregados, das horas de trabalho, diminuição dos salários, que reduziu ainda mais os seus já miseráveis níveis de capacidade de consumo. As contradições entre os diferentes grupos de feudais e burgueses, e dos imperialistas, longe de atenuarem-se, se agravaram enormemente cuja manifestação mais violenta destes últimos tempos foi o desencadeamento da luta armada em São Paulo nos meses de julho-agosto e setembro de 1932. — Esta luta armada sob a máscara de “Autonomismo” e da convocação imediata da “Constituinte” dirigida pelos partidos Republicano Paulista e Partido Democrático, ambos, partidos dos grandes fazendeiros de café e de industriais ligados ao Instituto Paulista de Café, que está sob o controle das finanças inglesas teve entre as suas finalidades, a reconquista da hegemonia no governo federal perdida com a vitória do golpe de Outubro da Aliança Liberal. Pela valorização do café, e contra as taxas que pesavam na exportação do café de São Paulo.

Contra a luta armada de São Paulo, o governo federal tendo ao seu lado os setores do Rio Grande do Sul, os grandes fazendeiros de café de Minas Gerais, os grandes usineiros e fazendeiros e industriais do Norte e Nordeste sob a direção dos respectivos interventores mais ligados ao imperialismo americano mobilizou todas as suas forças possíveis afim de defender as suas posições. A convocação pelo governo da constituinte em pleno período da luta armada (agosto) visava tirar dos dirigentes de São Paulo a sua principal arma política de agitação, conquistando para si as massas populares que sob a influência dos partidos feudais-burgueses exigia a convocação imediata da constituinte. Sob a base de uma ampla mobilização militar e de uma ampla campanha demagógica foram arrastados para esta luta 200 mil homens tanto do lado de São Paulo como do lado do governo federal composto das forças armadas do país; de

intelectuais e pequeno-burgueses; de empregado no comércio; dos desempregado e semi-desempregados e das massas flageladas do nordeste.

É claro que uma grande parte destes homens arrastados a luta, pensavam resolver por este meio a sua situação de fome, porém a grande parte se encontrava seriamente influenciados pelos partidos feudais-burgueses e com grandes ilusões tanto do lado de São Paulo, como do lado do governo federal. Uma grande parte do proletariado do país, sobretudo do Rio de Janeiro e de São Paulo, se mostrou indiferente à esta luta armada, chegando inclusive em alguns casos (São Paulo) a tentar fazer greves afim de resistirem à pressão que lhes faziam alguns industriais para obriga-los a se alistarem como voluntários nas forças armadas do estado.

Terminado o movimento armado com a derrota militar de São Paulo e com a capitulação dos dirigentes do mesmo, frente ao governo federal, as contradições entre os grupos feudais-burgueses e entre os imperialistas se agravaram enormemente, acompanhado por um maior agravamento da crise econômica.

É a base desta situação que a burguesia e os feudais nacionais e estrangeiros ligados aos imperialistas procuram uma saída da crise às custas das massas trabalhadoras das cidades e dos campos.

A situação das massas trabalhadoras agravou-se terrivelmente nos últimos anos com um a redução geral dos salários que nas plantações de café atingiu 50% e nas cidades a 20%, 40% e 50%, segundo as regiões e as indústrias. O atraso dos pagamentos dos salários dos trabalhadores das cidades e dos campos em meses e anos; a substituição sistemática dos operários adultos pelos jovens de ambos os sexos; o aumento na maioria das fábricas das horas de trabalho; a não aceitação por parte de algumas empresas para trabalhar; de operários com mais de 30 anos de idade e de mulheres casadas; o crescimento dos desempregados que já atinge 2.000.000 com os trabalhadores agrícolas sem que recebam nenhum auxílio por parte do Estado; demonstram em que situação de miséria e de fome se encontram as massas trabalhadoras das cidades e dos campos no Brasil. Dentro desta situação as massas juvenis e infantis trabalhadoras são as principais vítimas. Trabalham as mesmas ou mais horas que os adultos realizando em muitos casos o mesmo serviço por um salário de 60% menos. A falta de leis que realmente proteja a juventude e a infância da exploração e opressão dos feudais-burgueses; o crescimento dos desempregados no setor juvenil; o não pagamento dos salários; a introdução em uma série de fábricas de todo um sistema de multas que reduzem ainda mais os seus já miseráveis salários; o fechamento de centenas de escolas; o aumento do analfabetismo; aumento do número de crianças que já em 1928 atingia a cifra de 5.125.055 sem nenhum espécie de assistência educativa; dão uma ideia da situação de miséria e opressão em que se encontra a juventude e a infância trabalhadora em face a exploração feudal-burguesa no Brasil. Nos campos esta exploração e opressão se realiza em uma forma muito mais vasta tomando formas feudais-escravagistas. Os jovens não conhecem horário de trabalhar; não conhecem assistência educativa; não conhecem assistência médica; recebem um salário que varia de 300 réis a 1.500 réis; não podem dispor de sua própria pessoa sem que corram o risco de serem assassinados pelos capatazes das fazendas, usinas etc.

Contra esta ofensiva dos feudais e burgueses as massas trabalhadoras das cidades e dos campos respondem com movimentos de massas cada vez mais combativos.

Assim é que com o agravamento da luta de classes, o proletariado industrial e agrícolas, as massas pequeno-burguesas urbanas e rurais responderam esta ofensiva dos feudais-burgueses com grande e cada vez mais combativos movimentos de massas. Durante todo o ano de 1931 houve 83 movimentos com um total de 112.686 participantes. Durante os cinco primeiros meses do ano de 1932 (janeiro a maio) houve 70 movimentos com um total de 134.136 participantes. Estas cifras demonstram que nos cinco primeiros meses do ano de 1932 houve mais participantes que em todo o ano de 1931. Os grandes centros proletários — Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco — foram os que mais contingente forneceram para todos estes movimentos.

Durante os 17 meses de janeiro de 1931 a maio de 1932 — São Paulo forneceu 154.000 participantes. Rio de Janeiro e Niterói 49.790; Pernambuco 9.726. A indústria têxtil 76.826, os transportes, 54.250, vindo logo a seguir os gráficos com 23.540, e a indústria de alimentação com 31.200 participantes. Nos campos do Nordeste do país o número de flagelados atinge a cifra de 1.000.000 de pessoas, os trabalhadores agrícolas, e os camponeses pobres e médios arruinados respondem a ofensiva dos feudais com movimentos isolados, que aumentam cada vez mais, tomando em certa medida um caráter de massas pelo apoio e simpatia que recebem das populações pobres. Estes movimentos que se caracterizam pelas suas formas de luta (assaltos às feiras de gêneros alimentícios, incêndios dos departamentos de várias fazendas e usinas, e mesmo nas plantações agrícolas) expressão em uma forma mais elementar o espírito de revolta que foram os movimentos grevistas e de protesto que se verificaram nestes 17 meses citados. Dentro destes movimentos, estudantis, o setor mais combativo foi as massas estudantis pobres que lutavam pela rebaixa das taxas sobre o ensino etc.

A participação cada vez maior da juventude trabalhadora na produção e nas lutas de classes.

Para se ter uma ideia da importância da juventude trabalhadora no processo da produção basta leva-se em conta as próprias estatísticas oficiais que estão longe de representar a realidade. Assim é que por elas podemos ver que de 1.000.000 aproximado de trabalhadores industriais existentes no Brasil, cerca de 200.000 são jovens menores de 18 anos, dos quais grande parte é constituída de crianças menores de 14 anos. Dos 7 milhões de pessoas que trabalham nos campos, mais de 2.000.000 são jovens e crianças. Segundo ainda as próprias estatísticas oficiais, em 1928-1929, para 2.000.000 de operários fabris (aqui entra todas as manufaturas das cidades e dos campos) 650.000 são jovens menores de 18 anos. A certas indústrias como tecidos, fósforo, vidro etc, em que a porcentagem de jovens e crianças que participam no processo de produção é relativamente muito maior. Dos 34.000 operários têxteis do Rio de Janeiro e arredores, mais de 15.000 são jovens de ambos os sexos. Na indústria vidreira para cada um adulto nela empregado há 5 ou 6 jovens e crianças. Na medida em que tem aumentado a importância da juventude trabalhadora no processo de produção, tem aumentado também a sua participação nas lutas de classes.

Nos movimentos acima citados, dos 76.826 participantes têxteis uns 60% eram jovens de ambos os sexos. Dos 54.250 participantes dos transportes, uns 15% eram jovens. Dos 23.541 participantes gráficos, uns 35% eram jovens. Dos 31.200 participantes da indústria de alimentação, uns 20% eram jovens trabalhadores. Todos esses movimentos que na sua maioria tiveram um caráter espontâneo, pela conquista de reivindicações econômicas, e em alguns casos em ligações com reivindicações políticas, terminaram em derrotas. Todos estes movimentos estão em uma desproporção profunda, entre a agudez da crise e o ascenso revolucionário. Todas estas derrotas se aplicam fundamentalmente pela desorganização do proletariado, e pela extrema debilidade do movimento comunista e do movimento sindical revolucionário.

O governo feudal burguês procura uma saída da crise por meio da entrada do Brasil na guerra Frente ao perigo de uma guerra sul-americana, provocada pela luta inter-imperialista, o Brasil se vai deslizando para a mesma como demonstram os fatos que citaremos. Assim é que o governo já enviou para a fronteira do Peru com a Colômbia, 20.000 soldados e marinheiros sob a palavra de ordem de “Defesa e garantia da neutralidade do Brasil nos conflitos sul-americanos”. Da mesma forma tem sido enviado milhares de soldados para a fronteira da Bolívia com o Paraguai. Vários foram os decretos e atos guerreiros do governo nestes últimos tempos, como sejam: A militarização da marinha mercante, o controle da Estrada de Ferro Central do Brasil pelo Ministério da Guerra, 300 mil contos gastos na compra de metralhadoras, 600 mil contos para a remodelação da marinha de guerra, um crédito de 800 mil contos para o Ministério da Guerra, compra pelo governo da usina metalúrgica de Ribeirão Preto para transformá-la em uma grande

fábrica de armas, a fabricação intensa de grandes máscaras contra os gases, nas fábricas de munição do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, a compra de uma infinidade de aviões, e projetos de construção de fábricas dos mesmos no Brasil, campanha intensa e chauvinista pela imprensa feudal burguesa etc. Todos estes fatos demonstram a perspectiva da entrada do Brasil na guerra, acompanhados com uma intensa militarização da juventude trabalhadora e estudantil, que se realiza em uma vasta escala. O uso obrigatório do uniforme e de cantos guerreiros e patrióticos nas escolas, o aumento dos tiros de guerra, a militarização de clubes esportivos, recreativos, culturais etc., a militarização intensa das massas infantis através das organizações escoteiras, religiosas etc., demonstram o trabalho intenso de nossos inimigos de classe, afim de arrastarem a juventude para a guerra.

Contra os movimentos de massas e suas organizações dirigentes; pela conquista destas massas para a guerra; o governo e os partidos feudais-burgueses desencadeiam uma intensa campanha de demagogia social e de manobras de “esquerda” acompanhada com o reforçamento da reação e do terror. Para melhor poder desviar as massas trabalhadoras do caminho da luta pela conquista de suas reivindicações; para melhor poder preparar ideologicamente as massas trabalhadoras das cidades e dos campos para a guerra, o governo reforçou consideravelmente os seus métodos fascistas de terror e reação, colocando praticamente na mais absoluta ilegalidade o partido e a Federação Juvenil Comunista, os sindicatos revolucionários e demais organizações de luta dos explorados e oprimidos. Centenas de prisões de militantes revolucionários se tem realizado nestes últimos dois anos. Dezenas de deportações dos membros dirigentes do PC e FJC para o estrangeiro e para os trabalhos forçados nas Ilhas Fernando de Noronha, Colônia Correccional de Dois Rios etc., se leva ao cabo pelo atual governo feudal-burguês. Os assassinatos de militantes revolucionários se repetem nas prisões e nas manifestações de ruas. Os antigos aparelhos de repressão ao comunismo se aperfeiçoaram, e se criam outros novos como a política especial do Rio de Janeiro. Compreendendo porém, o governo e os partidos feudais-burgueses que somente por meio da reação é impossível impedir e esmagar os movimentos de massas; procuram realiza-la com a ajuda de uma ampla campanha demagógica e de manobras de “esquerda” afim de desviar as massas trabalhadoras de suas lutas, e do caminho da solução revolucionária da crise. As chamadas leis sociais, como sejam, a lei de 8 horas de trabalho, de férias, código de menores etc., foram algumas revogadas e outras que ainda não o foram não são cumpridas pelos órgãos competentes. Ao mesmo tempo que se realiza esta ofensiva contra as poucas leis sociais conquistadas através de grandes lutas de massas, o governo realiza um trabalho sistemático para desenvolver o movimento sindical governamental. A lei de sindicalização e a criação do ministério do “Trabalho” foi o primeiro passo para criar uma base governamental no meio dos trabalhadores, tirando a juventude o direito de sindicalização para os que não tenham mais de 18 anos. O decreto criando a chamada lei de dois terços, que “obriga” a todas as empresas a ter dois terços de seus operários, nacionais, foi o segundo passo para dividir os trabalhadores entre nacionais e estrangeiros, e para dar uma base para o posterior trabalho chauvinista e patriótico de todos os inimigos de classe do proletariado, e das demais camadas exploradas e oprimidas. Em ligação com toda esta ofensiva contra os direitos mais elementares das massas trabalhadoras, o governo e os partidos feudais-burgueses em sua campanha demagógica falam em “representação das classes na constituinte” de “divisão dos latifúndios”, na “República Socialista do Brasil” que outra coisa não visa senão criar ilusões no governo e nos partidos feudais-burgueses afim de desviar os trabalhadores do caminho da luta de classes e para o caminho da colaboração de classes, e fundamentalmente sob esta base reforçar ainda os métodos fascistizantes do governo. Nossa perspectiva da situação econômica do país e da importância da juventude na situação atual. É evidente que tal situação tende-se a agravar ainda mais, na medida em que se agravará a crise econômica, e as contradições dos feudais-burgueses e dos imperialistas. Este agravamento da situação provocará novos movimentos de massas cada vez mais amplos e mais combativos, na medida em que o PC e FJC

e os sindicatos revolucionários organizarem e dirigirem estas lutas. Novos golpes de Estado se organizam pelos diferentes bandos de feudais burgueses ligados aos imperialistas; sobretudo em São Paulo donde já se fala abertamente em um revanche com a ajuda da imprensa que propaga em certa medida que São Paulo deve limpar de sua história “gloriosa” a mancha negra da derrota da luta armada de julho a setembro de 1932. É evidente também que com o agravamento da situação do Continente Sul Americano, o Brasil entrará muito em breve em guerra, para a qual já se prepara ativamente, como demonstram os fatos acima numerados. Dentro desta perspectiva da situação econômica e política, a juventude trabalhadora e as massas estudantis pobre desempenharam sem dúvida alguma um grande papel de importância política enorme que os nossos inimigos de classe não desconhecem. Assim que os feudais-burgueses desenvolveram enormemente nestes últimos tempos a sua atividade de luta pela conquista d juventude trabalhadora e estudantes pobres, através das organizações de massas esportivas, culturais, recreativas, religiosas etc. A unificação das organizações escoteiras sob uma direção única, a mobilização do cinema, do rádio, das igrejas etc. a criação de organizações juvenis de uma tendência política abertamente reacionária, como a juventude trabalhista que conta com escolas, clubes esportivos e seções juvenis sindicais; são os meios pelos quais eles lutam pela conquista das massas juvenis e infantis trabalhadoras das cidades e dos campos, e das massas estudantis pobres. Em ligação com toda esta atividade os partidos feudais-burgueses mais demagógicos na luta pela conquista da juventude trabalhadora falam e difundem a velha frase de que “A juventude pertence ao futuro”. Só isto bastaria para provar os fins de classes desta campanha.

A situação atual da Federação da JC

A Federação conta presentes com 565 aderentes dos quais uns 300 são membros ativos. Estes aderentes se encontram divididos em grupos por 14 regiões, organizados em 62 células de ruas, 18 células de empresas, e 8 células agrícolas. Entre todas as regiões da Federação se destacam como as mais importantes São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco — não somente por serem as regiões donde temos mais força orgânica, senão também por serem os centros mais industriais do país. A composição social destes 565 aderentes se dividem da seguinte forma: 20% de grandes empresas; 30% de desempregados; 8% de jovens operários agrícolas; 20% de operários de pequenas fábricas e oficinas; 10% de empregados no comércio e estudantes pobres; 12% de empregos diversos. Se compararmos os números atuais [de] aderentes, das células de ruas e de empresas, com épocas anteriores, observamos que a FJC se encontra atualmente no sentido orgânico no mesmo lugar que em 1930. Em janeiro de 1930 a FJC contava com 630 aderentes, 375 membros ativos, 67 células de ruas, 24 de empresas, e 5 células agrícolas. Em janeiro de 1931 a FJC contava com 820 aderentes, 618 membros ativos, 65 células de ruas, 46 células de empresas, e 19 células agrícolas. Em julho de 1932 a FJC contava com 700 aderentes, 433 membros ativos, 70 células de ruas, 31 células de empresas e 10 células agrícolas. Comparando este último dado com os dados de nossas atuais forças orgânicas, concluímos que a FJC aumentou o número das células de ruas, porém perdeu em relação com o ano de 1931 28 células de empresas, 11 células agrícolas e 255 aderentes. Pelo exposto nossa FJC se caracteriza por ser uma Federação de pequenos grupos sectários, dispersos, isolados das amplas massas da juventude trabalhadora e de suas lutas. Apesar de que militamos em condições de ilegalidade, não podemos negar que as condições objetivas são cada vez mais favoráveis que nos anos anteriores, como nos demonstram o crescimento dos movimentos de massas com a participação cada vez mais ativa da juventude trabalhadora. Porque perdemos então centenas de membros? Porque perdemos então dezenas de células de empresas? Isto explica fundamentalmente por todo o nosso trabalho, pela nossa orientação, e pelos nossos métodos de trabalho que analisaremos mais abaixo.

A atividade da FJC nos movimentos grevistas e no terreno sindical

A FJC nunca organizou e dirigiu propriamente uma greve dos jovens trabalhadores, e a maioria esmagadora dos movimentos grevistas destes últimos tempos passaram sem que a FJC como tal tivesse uma participação ativa nos mesmos. Em alguns movimentos grevistas como sejam: a greve dos têxteis e ferroviários em São Paulo, transviários no Rio de Janeiro, transviários e ferroviários em Pernambuco etc. — a nossa participação se limitou na intervenção individual de alguns jovens comunistas, e a FJC como tal não participou destas lutas. O trabalho realizado nestes movimentos pela Federação se caracteriza por ser um trabalho de agitação e propaganda como seja — distribuição de manifestos, comícios nas portas das fábricas etc. — afim de que os jovens trabalhadores grevistas nos escutassem porém sem uma perspectiva de um sério trabalho de organização das lutas. Poucas foram as vezes que a FJC durante estes movimentos realizou um sério trabalho de recrutamento. Nós não realizávamos durante estes movimentos reuniões de jovens grevistas, não discutíamos com os mesmos as reivindicações concretas que lhes interessavam etc. As palavras de ordem lançadas por nós durante estes movimentos tinham um caráter geral como seja — 6 horas de trabalho para os jovens trabalhadores de ambos os sexos sem redução dos salários; 4 mil reis diários para cada jovem trabalhador desempregado, pago pelos patrões e pelo Estado; para trabalho igual, salário igual etc. Outro aspecto de nosso mau trabalho é que nós nunca organizamos durante estes movimentos comissões de jovens grevistas, eleitos pelos mesmos, ao lado dos comitês de greves, dirigidos pelos operários adultos. Mesmo nos comitês de greve dirigidos pelos comunistas, como o comitê dos ferroviários em São Paulo, donde tínhamos três jovens operários, um dos quais membros da FJC, não soubemos organizar a combatividade dos jovens operários que participavam no dito movimento, através de uma orientação firme e justa da nossa parte. Até hoje nenhum trabalho sério que mereça este nome foi realizado por nós entre os desempregados, apesar de que temos dentro de nossas próprias fileiras 30% de desempregados. É sem dúvida que toda a nossa atividade demonstra que não temos uma orientação para a organização e direção das lutas pela conquista das reivindicações econômicas e políticas mais imediatas das massas juvenis trabalhadoras das cidades e dos campos. Nós não compreendemos realmente o papel da FJC nas lutas grevistas. Um dos fatores que muito tem concorrido para esta desorientação, é sem dúvida alguma a subestimação oportunista da luta pela conquista das reivindicações imediatas econômicas dos jovens explorados e oprimidos pelos feudais e burgueses. Dentro da FJC há uma série de concepções oportunistas frente a este problema que se manifesta da seguinte forma: “Que a massa trabalhadora nada quer” “Que é mais fácil organizar uma insurreição do que uma greve” “Quanto pior melhor, isto é, que a massa acabará se revoltando quando a situação para elas forem insuportáveis”. Estas desviações direitistas e espontaneístas tem sido combatidas dentro de nossas fileiras pela direção central e pelas direções regionais mais fortes; porém a atividade prática da FJC demonstra que elas ainda não foram liquidadas entre nos. Outro aspecto da falta de uma orientação justa em nossos métodos de trabalho, é a apesar de que já tivemos uma ampla ligação com as principais fábricas e empresas imperialistas do país, não conhecemos concretamente as condições de vida e de trabalho dos jovens operários as mesmas. Nunca estudamos seriamente as reivindicações que realmente possam mobilizar as amplas massas juvenis trabalhadoras na luta pela conquista das mesmas. Na FJC existem setores (São Paulo e Rio de Janeiro) que resistem sob os mais variados pretextos o trabalho nas fábricas e para as fábricas. É claro que a orientação do Comitê Central dado às células de empresas para que realizem dentro das mesmas um trabalho “audacioso e aberto” muito contribui para perda destas 28 células de empresas, e para o pretexto da não realização de um sério trabalho de organização nas fábricas, usinas, empresas imperialistas etc, por parte de alguns setores da FJCB. O Comitê Central em geral e eu em particular não compreendíamos que tal organização para a ação de nossas células de empresa só poderia levar a organização para o abismo. Nós não compreendíamos ainda as formas de organização ilegal nas fábricas em ligação com o trabalho legal realizado pelas células de ruas etc. e esta não

compreensão tem dificultado seriamente a luta ideológica contra esta resistência oportunista de trabalhar nas fábricas e para as fábricas, usinas, empresas imperialistas etc.

A não orientação para a organização e direção das lutas contribui de uma maneira muito séria para a subestimação do trabalho sindical. A maioria dos aderentes da FJC se encontram desligados dos seus respectivos sindicatos. Todo o nosso trabalho no terreno sindical desde 1930, até hoje, consiste na criação de um departamento juvenil no sindicato dos padeiros em Pernambuco, que se desorganizou com o respectivo sindicato pela reação, e não criação de um departamento infantil no sindicato dos tecelões em São Paulo. Em ligação com o nosso trabalho sindical devíamos ter realizado — o que não temos feito — um sério trabalho de massas afim de combater a lei de sindicalização, como uma lei reacionária que proíbe a sindicalização dos jovens menores de 18 anos. Não organizamos nenhuma greve ou demonstração de protestos contra a mesma lei. Todo o nosso trabalho nesse sentido consiste em protestar e mostrar o caráter reacionário desta lei perante os jovens operários por meio de manifestos, comícios etc., porém sem procurar organizar os efeitos destas agitações para uma ação concreta contra o ministério do “Trabalho”. Desde 1930 que praticamente não existe mais a comissão juvenil na Confederação Geral do Trabalho do Brasil. Nos poucos sindicatos revolucionários que atualmente ainda existe. Nós não procuramos organizar as oposições revolucionárias sob a base da organização dos núcleos juvenis ao lado dos núcleos dos camaradas adultos.

A Federação JC frente a luta armada de São Paulo (julho e setembro) e frente a Constituinte

Frente de luta armada de São Paulo, a FJC em suas regiões mais importantes respondem com a realização de alguns comícios nas portas das fábricas, e com um trabalho de agitação, por meio de manifestos, bandeiras com palavras de ordem, pinturas nas paredes etc., porém, desligado de um sério trabalho de organização. A palavra de ordem central lançada pelo CC durante a luta armada foi “Transformarmos a guerra civil feudal-burguesa em uma luta contra a fome e a reação”. Durante todo o período que durou a luta armada não tentamos organizar e realizar uma mobilização efetiva dos jovens trabalhadores através de organizações de greves e demonstrações pela conquista das reivindicações econômicas e políticas mais sentidas pelas mesmas massas juvenis, afim de as levarmos a uma luta efetiva e conseqüente contra a reação e contra os feudais-burgueses ligados aos imperialistas, tanto do lado de São Paulo, como do lado do governo Federal. A maioria de nossas células como tais pouco fizeram, pela debilidade da direção central, direções regionais e de base, que não compreendiam a necessidade de uma mobilização efetiva de todos os nossos aderentes para a realização de um sério trabalho de massas. Em São Paulo, a região foi quase que inteiramente destruída, com as prisões que ali se verificaram, sendo que uma parte com a ajuda dos elementos provocadores que militavam nas fileiras da FJC e do PC e a outra parte porque a região cometeu o grave erro de realizar naquele período pic-nic de 40 pessoas, entre as quais se encontravam muitos membros ativos e mesmo dirigentes da mesma região. O trabalho realizado por nós juntos às forças armadas, consistiu de um lado em obter deserções individuais de soldados das fileiras do exército, e de outro lado, em enviar material antimilitarista para o “front” donde se batiam as tropas federais e Paulistas. A nossa palavra de ordem central para os soldados era: “Soldados e marinheiros! Fraternalizai-vos com os operários e camponeses” “Operários, camponeses, soldados e marinheiros! Utilizai as armas que vos oferecem os vossos exploradores e opressores e lutai por vossas reivindicações mais imediatas!” A nossa orientação para a realização das deserções individuais de soldados das fileiras do exército demonstrou sérias desviações “pacifistas” que se manifestou praticamente no seguinte caso concreto. “Viajava em um trem da Central do Brasil, vários camaradas, entre os quais encontrava-me eu com destino a uma reunião. Neste trem viajavam também alguns soldados do norte que foram recrutados pelo governo federal como “voluntários”. Conversamos com eles durante algum tempo, sobre a forma em que foram recrutados, e sob que condições

vinham lutar ao lado do governo Federal. Obtidas as respostas necessárias, procuramos explicar aos ditos soldados em uma forma mais compreensível para eles, quem eram os grupos que se batiam tanto do lado de São Paulo, como do lado do governo Federal. Procuramos nos explicar qual devia ser o dever de um soldado consciente frente aqueles que a burguesia chamava de inimigos etc. Assim passou-se 40 minutos e dentro em pouco tínhamos que desembarcar, e os soldados não se mostravam muito convencidos da justeza de nossas palavras. Então raciocinamos da seguinte forma: A deserção individual de soldados, e mesmo coletiva não está dentro de nossa linha política, porém estes jovens operários agora transformados em soldados ao serviço de seus próprios exploradores irão morrer estupidamente nos campos de batalha, e por conseguinte, seria mais justo fazê-los desertar das fileiras do exército.” Como estamos tratando de desvios cometidas ou manifestadas durante a luta armada de São Paulo, convém também salientar que alguns camaradas da base da FJC manifestaram sérias ilusões nos Perrepistas e Democráticos, pensando que com a vitória do golpe armado de São Paulo, teríamos mais “liberdade” etc. Em São Paulo, como tivéssemos aparecido dentro das fileiras da FJC e do PC alguns elementos provocadores, e como os nossos camaradas não compreendiam de quem deviam realizar uma mobilização de toda a FJC e de todo o PC para a realização de um sério trabalho de massas contra a provocação e os provocadores, um camarada dirigente propôs à direção do PC na dita região que se devia dissolver o PC e a JC nessa região, e reorganizá-la novamente, porém excluindo todos os elementos provocadores e suspeitos de agentes da política em nossas fileiras. Tal desvio de direitistas foi seriamente combatida pelo CC do Partido e da FJC, porém a mobilização de toda a base FJC e do PC para a luta contra a provocação não se realizou e nem se realiza. É por não ter até agora a FJC e o PC mobilizado toda a base para lutar contra a provocação e os provocadores. É por não ter até agora dado a esta luta um caráter de massas que a FJC e o PC oferecem ainda um campo aberto aos provocadores. A luta armada de São Paulo mais uma vez demonstrou a fragilidade de nossas organizações de base e de direção, a sua extrema fraqueza política e ideológica.

A Federação JC na luta contra a Constituinte

Na luta contra a Constituinte a FJC trabalha ao lado do PC, afim de desmascarar o caráter reacionário da mesma, como uma arma dos feudais e burgueses para desviar as massas trabalhadoras do caminho da luta de classes, e da solução revolucionária da crise, para o caminho da colaboração de classes e para legalizar a reação contra as organizações revolucionárias e seus órgãos dirigentes. Este trabalho para desmascarar o caráter reacionário da Constituinte se realiza através de manifestos, bandeiras, jornais, pinturas nas paredes e conferências de jovens simpatizantes. Porém como a Constituinte já foi convocada oficialmente a FJC acompanhou o PC na mudança de sua tática, que nos permite trabalhar para garantir a participação do PC nas eleições da mesma, como um meio de melhor poder mostrar as massas trabalhadoras o caráter reacionário, da Constituinte e a inutilidade da mesma na solução dos problemas mais imediatos dos trabalhadores das cidades, e das massas camponesas, pobres. Neste sentido, em dezembro de 1932, as diretivas do CC da FJC já estavam prontas para serem enviadas às regiões. E a FJC também tem sem manifestado mais abertamente, porém a prática na luta contra a Constituinte demonstra até que ponto estas ilusões estão arraigadas em nossas fileiras.

A Federação JC frente a guerra imperialista e o seu trabalho antimilitarista

Até julho de 1932, muito pouco se tratava na FJC da luta contra a guerra imperialista. Uma série de desvios de direitistas difundidas em nossas fileiras, muito tem contribuído para a subestimação deste problema. Dentro do quadro destas desvios, as mais frequentes e mais fortes são as seguintes: “Que a guerra não é imediata”; “Que se vier a guerra, virá a revolução mundial”; “Que a Rússia é suficiente[mente] forte para enfrentar todo o mundo capitalista”. O problema central que estava ultimamente sempre na ordem do dia do CC era justamente o

problema da luta contra a guerra imperialista. Nos comitês regionais, somente no do Rio de Janeiro foi este problema discutido; e assim mesmo em uma forma muito insuficiente. Em geral o nosso trabalho contra a guerra consiste em um trabalho de agitação verbal e por escrita, nos comícios, manifestos, jornais etc. As nossas palavras de ordem centrais têm sido: “Abaixo a guerra imperialista!” — “Pela defesa da União Soviética!” — “Pela fraternização dos soldados e marinheiros nos campos de batalha” etc

Nós até agora não temos organizado nenhuma ação concreta contra a guerra imperialista como seja: impedimento do envio de tropas, de produção e transporte de armas, greves e demonstrações de massas contra a guerra imperialista etc. O CC da FJC deu diretivas para todos os comitês regionais concentrarem todos os nossos esforços para a realização do nosso trabalho nas empresas que jogam papel decisivo na guerra e para a guerra. Em uma discussão no CC do Partido da carta do BSA da IC sobre a guerra fui pessoalmente acusado de subestimar a luta contra a guerra e incluso de organizar ações fracionistas, por ter exigido que em vez de discussão sobre o problema da guerra em geral, se passasse a discutir o que devíamos fazer concretamente junto à base para orientá-la para a luta contra a guerra. Em dita reunião critiquei as debilidades do PC e propondo menos discussões pessoais e mais trabalho na base. Criticado pelo secretariado do CC do PC reconheci como agora repito que havia de minha parte uma separação praticista entre a política e o trabalho concreto, porém não concordo, e não estou convencido que esta minha divergência implica em uma ação fracionista. Não obstante as condições cada vez mais favoráveis o trabalho antimilitarista realizado pela FJC marcha para trás. No trabalho antimilitarista da FJC houve dois períodos. Um em que uma grande parte de nossos membros se orientavam individualmente para o trabalho antimilitarista entre os soldados e para os soldados. Porém como esta tendência foi qualificada de “golpista” e “prestista” a FJC pulou de um polo a outro. O outro período, o período atual em que até há pouco tempo tínhamos na comissão técnica um jovem do CC. Atualmente na dita comissão não temos nenhum jovem, e o trabalho antimilitarista dentro das forças armadas se realiza unicamente pelo CC e sob o seu controle. O trabalho antimilitarista de massas nunca foi realizado por nós e, nem mesmo pelo PC. Vários tem sido os movimentos espontâneos de soldados, com certa influência da agitação e propaganda antimilitarista do PC verificados nestes últimos dois anos, que demonstram até que ponto domina o descontentamento entre os mesmo e o grau de capacidade de luta destes soldados por suas reivindicações. Desde 1930 que tanto a FJC como o PC não conseguiu organizar um movimento de soldados para a luta por suas reivindicações.

A Federação JC no terreno esportivo

A Federação nunca teve um movimento esportivo organizado sob a base de uma Federação nacional de esportes proletários. Em 1929 houve tentativas de unificar os diferentes clubes esportivos que tínhamos na região do Rio de Janeiro, sob nossa direção ou sob nossa influência, com a criação de uma federação de esportes proletários. Atualmente contamos com alguns clubes esportivos sob nossa direção e influência em algumas regiões como Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco etc. Nestes clubes não temos fração organizada e são clubes relativamente fracos.

A Federação no movimento estudantil

Até 1931 a FJC não realizava nenhum trabalho de organização entre os estudantes pobres. E a FJCB não compreendia a importância do papel que o movimento estudantil representava já naquele ano. E a medida em que agravou a crise econômica no País, o movimento estudantil foi adquirindo também uma importância cada vez maior na luta contra a ofensiva feudal-burguesa, e contra as guerras imperialistas.

O CC na luta para tirar da FJA o sectarismo que a dominava frente ao problema estudantil, conseguiu que alguns jovens comunistas estudantes, a base de um trabalho

preparatório organizassem no Rio de Janeiro a Federação Estudantil Vermelha, com a adesão de uns 80 estudantes pobres, de vários colégios e faculdades.

Desde o início de sua fundação, na Federação Estudantil Vermelha, sempre dominou uma forte corrente sectária no que se refere a organização das lutas pelas reivindicações dos estudantes pobres, e a política no que se refere à luta contra a militarização da juventude e contra a reação e a guerra imperialista.

Este sectarismo e este apoliticismo foi em parte já superados sob a base de uma ampla discussão no meio estudantil, e sob a base de um controle direto do CC com este núcleo. Durante os movimentos estudantis verificados em Outubro, Novembro de 1932 a Federação realizou uma agitação de reivindicações imediatas para os estudantes pobres, que em certa medida deram bons resultados.

Apesar de uma fraqueza na capacidade de organização destas lutas, a sua atividade nesse período foi o suficiente para demonstrar o caráter de classe dominante das organizações reformistas, católicas, ligadas diretamente com a polícia, que dirigiam estes movimentos através de seus diretórios.

A sua débil atividade no movimento estudantil foi também o suficiente para que a reação se fizesse sentir com toda a sua força sobre a parte mais consciente dos estudantes pobres organizados na Federação Estudantil Vermelha. A sua sede foi invadida e destruída por grupos de estudantes ricos, católicos, reformistas, com a ajuda direta da polícia. Algumas prisões foram efetuadas dos estudantes mais ativos e demais aderentes da Federação E. V. são constantemente perseguidos.

É já na base da luta contra a reação e pelas reivindicações imediatas dos estudantes pobres que a FEV mesmo atuando em condições semilegais conseguiu aumentar o seu efetivo para 200 membros, e superar em parte o sectarismo que a dominava. A FEV conta com vários grupos organizados nas Universidades de medicina e de direito e em algumas escolas de curso secundário, entre os quais se encontram o Colégio Pedro II que é um dos mais importantes no Rio de Janeiro.

A FEV editou também o primeiro número do seu periódico com o título “Luta Estudantil”, que indubitavelmente muito contribuirá para a organização de uma potente Federação Estudantil Vermelha, que será sob sua direção revolucionária e baluarte na luta pela conquista das reivindicações imediatas das amplas massas estudantis pobres condenadas a abandonarem o estudo pelas dificuldades que lhes impõem o governo federal burguês.

A Federação JC no terreno infantil

A FJC até junho de 1932 não tinha realizado nenhum trabalho no setor infantil. Este sectarismo se explica antes de tudo pela subestimação do problema infantil e de sua importância para o movimento revolucionário na luta pela conquista da maioria da juventude e da infância trabalhadora, para a revolução e para o comunismo. De julho de 1932 a Federação começou a dar os primeiros passos para sair do círculo sectário frente ao problema infantil, organizando na região do Rio de Janeiro, 2 grupos de crianças entre os quais alguns que trabalham em fábricas de vidros e de fósforos e de um grupo nos sindicatos dos tecelões em São Paulo. O total que compõem estes grupos são de uns 40 meninos e sua atividade não corresponde ainda às suas finalidades. O plano da FJC realizado em outubro de 1932 discutiu este problema, traçou tarefas concretas para a FJC que levadas à execução prática, sem um grande passo à frente na luta pela organização de um forte movimento de pioneiros e da organização da suas lutas por suas reivindicações próprias e mais sentidas.

A Federação frente às organizações juvenis adversárias

Neste setor de nosso trabalho, nós não temos realizado nenhum trabalho no interior dessas organizações. Toda a nossa seção se limita a um desmascaramento por meio de manifestos, jornais etc.

Que fatores impedem a realização um trabalho de massas

É natural que a fraqueza política e ideológica das direções regionais e mesmo da direção central tem sido um dos fatores principais da não realização de um trabalho de massas. Porém na minha opinião pessoal o fator decisivo reside no fato de que a FJC não tem uma linha política justa. A falta de um trabalho coletivo, a falta de confiança na capacidade da direção pela base, a falta de autoridade da direção sobre a base, que se manifesta na falta de confiança nos dirigentes da FJC muito tem contribuído para o estado sectário em que se encontra a FJC neste momento. Apesar de que nessas direções regionais e mesmo a direção central possua uma maioria proletária, está longe de representar uma direção firme e conseqüente na luta pela transformação da FJC sectária em uma organização de massas e de combate da juventude trabalhadora. Isto se explica porque a maioria dos membros que compõem estas direções, são aderentes com menos de 1 ano na FJC e muitos dos quais desempregados, sem nenhuma experiência e conhecimento sobre as formas de realizar as suas tarefas. O divórcio da direção central com a base, que se manifestou no fato de que a maioria do CC até dezembro de 1932 não atuava propriamente em uma célula, pela qual fosse responsável, demonstra até que ponto se encontra a ligação da direção central com a base da região em que atua. A maior parte das regiões não aplicam as diretivas da direção central, quer seja por resistência, quer seja por incompreensão da importância dos problemas nela pleiteados. Uma das debilidades mais sentidas na FJC é a falta de quadros. A FJC procura resolver este problema através de cursos, reuniões de ativos, e colocando os jovens operários mais combativos nas suas direções afim de que os mesmo se capacitem o mais rapidamente possível através da compreensão dos problemas fundamentais da FJC. Se pode dizer que na FJC não existe propriamente um trabalho coletivo, e muito pouco se faz realmente para ajudar os companheiros não preparados. O espírito de “grupos” é muito difundido em nossas fileiras e mesmo no PC. Eu mesmo reconheço que algumas vezes me encontrava sob influência deste ambiente, porque não compreendia o quanto este espírito de “grupos”, é favorável ao trabalho fracionista dos inimigos de classe do proletariado. Um dos motivos que muito tem contribuído para a fomentação deste espírito de “grupos” SEM DÚVIDA ALGUMA A NÃO REALIZAÇÃO DE UM TRABALHO DE MASSAS E PELA REALIZAÇÃO DE LUTA IDEOLÓGICA EM UMA FORMA ABERTA. Dentro da FJC e do PC se acusava por qualquer um motivo um camarada de “direitista” “trotskista” “fracionista” “oportunista” etc., sem analisar cada caso concreto e sem ligar a luta ideológica com um trabalho de massas. Na luta contra o praticismo e pela politização de nossa Federação, o Comitê Central compreendendo o quanto esta concepção é prejudicial ao desenvolvimento de nosso trabalho, procura resolver este problema com a realização das reuniões de ativistas, donde se discuta os seguintes problemas desde o ponto de vista político na medida de nossas capacidades. “O que é o trotskismo” “Nossas tarefas na luta contra a guerra imperialista” “situação da FJC e suas tarefas” etc.

É evidente que o próprio núcleo dirigente da FJC não conhece todos os métodos justos para a aplicação da linha justa, quando surge diariamente uma série de problemas em nosso trabalho diário. O núcleo dirigente compreende que a linha justa é a luta de massas contra a guerra imperialista, que a linha justa é a transformação da atual FJC sectária em uma FJC de massas, que a linha justa é a realização de uma luta ideológica de massas contra as desvios de direita e de esquerda que impedem a realização do nosso trabalho; porém os métodos que aplicamos não tem e nem podem permitir que possamos obter resultados positivos na conquista destas finalidades. Em resumo, o trabalho nas fábricas e para as fábricas não são o centro de nossas atividades. As células de empresas não tem uma vida própria e nem sequer são o centro

da vida da FJC. A incompreensão da situação que atravessamos, e o papel das massas juvenis trabalhadoras em geral e da FJC em particular na situação atual; o sectarismo e a tendência para a espontaneidade que se manifesta na teoria de “quanto pior melhor” que “brevemente virá a revolução na Alemanha, que provocará a revolução mundial” a capitulação oportunista e frente às dificuldades; a influência dos nossos adversários em nossas fileiras, que se manifestou com a passagem de uma jovem tecelã comunista em São Paulo para o Clube 5 de Julho e com a resistência e passividade de um camarada na realização das tarefas da FJC nas oficinas do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro sob a direção de um tenente, demonstram o estado em que se encontra a FJC na situação atual. A FJC não fez conhecer por toda a base e por todas as regiões estes casos concretos que demonstram a influência de nossos inimigos em nossas fileiras.

A FJC em geral e a direção em particular não realiza um aluta ideológica de massas contra os partidos adversários e em particular contra os que mais demagogia realizam.

A imprensa juvenil comunista, editada pelo CC

“O Jovem Proletário”, depois de um período de oito meses que não aparecia, reapareceu somente no mês de maio de 1932 com um número de 2 mil exemplares. Depois da tiragem deste número de “O Jovem Proletário” reapareceu novamente em princípios do mês de setembro de 1932 com a tiragem de 4 mil exemplares. A base deste número o CC conseguiu regularizar a tiragem de “O Jovem Proletário” com saída dos seguintes números.

10 de setembro: Número dedicado à campanha da semana internacional da juventude trabalhadora, com 5 mil exemplares de 6 páginas cada um.

1 de outubro: Número de 5 mil exemplares com 6 páginas.

1 de novembro: Número dedicado ao aniversário da revolução Russa com 5 mil exemplares de 8 páginas cada um.

O número correspondente ao mês de dezembro estava para sair, somente em meados de janeiro deste ao por acúmulo de trabalho na imprensa. Em total, com referência a “O Jovem Proletário”, temos o seguinte quadro. Número de exemplares impressos desde abril de 1932 até princípios de janeiro de 1933:

Exemplares impresso 21.000

Exemplares vendidos 15.000

Com referência aos demais trabalhos de imprensa o CC editou um série de manifestos num total de 30.000 e 10.000 selos de parede.

O Pleno do CC realizado em 23, 24 de outubro de 1932

A Federação JC ou melhor o CC que se encontrava desligado com a maioria das regiões, em outubro de 1932, conseguiu ligar-se com as mesmas com a realização deste plano. Nele compareceram 1 delegado de São Paulo, 3 de Campos, 1 de Vitória, 1 de Pernambuco, 1 da Paraíba, 1 de Friburgo (estado do Rio de Janeiro), 5 da região do Rio de Janeiro, 9 membro do CC, e 2 do PC. Em total, haviam no Pleno 30 camaradas.

A ordem do dia deste Pleno foi a seguinte:

Ordem do dia do Pleno da FJC

1) Situação nacional e internacional e luta contra a guerra imperialista e pela defesa da URSS.

Informe do PC

2) Situação da FJC e tarefas da FJC na luta contra a guerra.

3) Lutas econômicas e trabalho sindical

4) Organizações de massas:

a) Esportiva

b) Estudantil

- c) Pioneiros
- 5) Preparação da próxima conferência nacional e elaboração de um plano de choque para os próximos 3 meses
- 6) Eleição do CC da FJC

A discussão destes pontos se realizaram em um forma relativamente satisfatória, com a intervenção da maioria dos camaradas presentes, que em certa medida contribuíram com suas experiências para a elaboração das tarefas que deviam ser traçadas pelo Pleno para a FJC.

Este Pleno elegeu um CC com 26 camaradas, incluindo nele representantes da maioria das regiões da FJC. Destes 26 camaradas foi escolhido um birô político com 11 camaradas que por sua vez escolheram um secretariado de 5 camaradas que se reúnem 2 vezes por semana. Depois da realização deste pleno se nota uma certa atividade para a luta pela transformação da FJC sectária em uma FJC de massas. Assim é que foram tomadas medidas para reorganizar as comissão juvenil da CGTB. Também se tomou medidas afim de se realizar cursos pelas principais regiões da FJC. Na luta contra a guerra imperialista também se nota alguma atividade, pois foi criado no Rio de Janeiro 3 comitês de fábricas anti-guerreiros e se trabalhava para a realização de conferências juvenis anti-guerreiras.

Devemos assinar que o êxito fundamental da FJC nestes últimos tempos foi a constituição de um CC que oferece mais garantias para a realização das tarefas traçadas pelo pleno e o aparecimento regular de “O Jovem Proletário”. O pleno também traçou medidas afim de se concentrarem as nossas forças nas industrias fundamentais e das regiões mais importantes, como sejam: Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco.

ANEXO

Informe do c. Marques no VI Congresso da IJC a. 1935⁵³⁷

29.9.1935

Camaradas,

A Federação da Juventude Comunista do Brasil organizada em 1927, apesar da existência no país de uma situação favorável, não conseguiu ainda transformar-se em uma ampla organização juvenis de massas. A causa fundamental e o sectarismo que nos leva a copiar os mesmos métodos de trabalho, as mesmas formas de organização do Partido Comunista dando à Federação um caráter vanguardista, de um partido de jovens. Não compreendemos que a JC é uma organização política de educação da juventude trabalhadora, e que para isto é necessário penetrarmos onde se encontram as largas massas juvenis, e dar amplas formas de organização aos jovens sem partido para que junto com estas massas possamos educa-las no espírito da luta de classes. Por outro lado, a incompreensão do caráter da revolução em nosso país de suas etapas, das forças que participam principalmente na primeira etapa, impedia que a JC abarcasse ampla capas da juventude. E, em consequência deste sectarismo e incompreensão dos nossos próprios problemas e de uma nova situação que criava em nosso país, nos isolávamos das massas juvenis, reduzindo-nos a uma seita, dando margem à lutas de grupos, em nossas fileiras, reduzindo a nossa Federação a grupos de jovens comunistas isolados em várias regiões.

Também não podemos diminuir a responsabilidade do partido, pois em consequência de seu próprio sectarismo impossibilitava o desenvolvimento da JC. O Partido não compreendia a JC como uma ampla organização de massa e transformava a JC em um apêndice do Partido.

No entanto, a situação é muito favorável porque as condições de vida, de saúde, e de cultura da nova geração no Brasil é de extrema miséria. A ofensiva crescente sobre sua situação econômica e política, social e cultural toma várias formas. Trabalho de 9, 10 e 12 horas por dia; redução constante nos salários; pagamento em vales; os jovens substituem e realizam trabalho

⁵³⁷ [ASMOB — CEDEM/UNESP — ic-1005]

dos adultos por 3/4 menos nos salários, pagam multas, são suspensos pela mínima falta, sofrem várias formas de castigos corporais, principalmente no campo; fecham-se escolas, reduz-se o número de matrículas, aumentam os preços dos materiais escolares, aumentam os preços nos transportes; são proibidos de organizarem-se, de se reunirem, de votarem e de serem votados; militarizam as escolas, organizam tiros de guerra, onde a juventude é obrigada a comprar até uniformes etc.

Claro que diante do crescente empobrecimento da juventude, que vendo desaparecer diariamente os seus direitos, sem nenhuma perspectiva em seu futuro, havia de despertar em si o desejo de luta por uma nova ordem social, onde tivesse saúde, instrução e liberdade. E os inimigos bem compreenderam a importância e a força da juventude, quando se dispusesse lutar pelos seus direitos e, enquanto uns procuram desviar os jovens, através da organização da juventude trabalhista, clubes, etc., os imperialistas e seus agentes nacionais, organizando tiros de guerra, organiza e arma os integralistas (fascistas) etc. É precisamente com o nosso sectarismo e a incompreensão dos problemas da juventude (seus direitos e desejos de jovens), que permitimos que os sanguinários chefes fascistas e os elementos mais reacionários do clero arrastassem grandes capas da juventude para seus bandos reacionários.

Eu vou deter-me mais sobre o integralismo e católicos porque são estas organizações que mais rapidamente se desenvolvem e merecem nossa atenção especial. O integralismo se desenvolve à base de grande demagogia anti-imperialista e chauvinista e isto precisamente há encontrado apoio entre os jovens ainda inexperientes das lutas políticas, isto não só pela situação de miséria das massas juvenis arrastadas pelas promessas tentadoras dos fascistas, mas também pela vontade de luta da juventude pela libertação da pátria oprimida pelo imperialismo. O integralismo tem sua base fundamental entre a juventude pequeno-burguesa e artesã, mas também entre alguns setores proletários. Eles estão organizados em núcleos provinciais, municipais e nos bairros, onde realizam conferências, etc. tinham até pouco tempo organizadas suas milícias armadas e uniformizadas, com as quais realizavam concentração, paradas. Os industriais fascistas ameaçam de expulsão a todos os jovens que não adiram ou que lutem contra o fascismo. Segundo declaração do chefe nacional Plínio Salgado eles contavam organizados em todo país, 400 mil integralistas.

Atualmente com a formação da frente nacional anti-imperialista e em vésperas de lutas armadas decisivas, os integralistas vendo a debandada em suas filas e, para reforçar a reação do governo sanguinário de Getúlio mudam de tática, dissolvem aparentemente as brigadas de choque armadas, mandando os elementos mais reacionários para a polícia especial e polícia política, e organizam escolas físicas e clubes esportivos para a preparação física e ideológica de soldados para a reação. Entre a juventude católica havíamos subestimado este trabalho, pois que o próprio sectarismo em nossa linguagem nos afastava destes jovens, quando o clero tem grande influência sobre a juventude principalmente entre os jovens camponeses. Este ano foi realizado um congresso católico, onde participaram o alto poder eclesiástico e elementos feudais ligados à Igreja. Neste congresso especial atenção foi dada à juventude, sendo organizada a Federação da juventude católica para ambos os sexos; a Federação das jovens estudantes católicas; a Federação dos jovens operários católicos; a Federação dos aspirantes, e a juventude católica para menores de 8 a 14 anos.

A direção destas organizações é nomeada diretamente pelo clero, não permitindo eleições para os postos dirigentes. De seu programa de ação imediata consta a realização de uma série de conferências inclusive conferência sobre o integralismo, luta contra a literatura revolucionária, e contra a Aliança Nacional Libertadora, financiada por Moscou, segundo dizem eles etc. Utilizam as missas para discursos contra o comunismo, nas regiões que tem sindicatos católicos, os padres exercem uma verdadeira espionagem entre as massas, pois vão de casa em casa para saber se são casados, se confessaram etc. A Federação da juventude trabalhista, está organizada à base de escola, clube, teatro etc.; não é uma organização nacional; existe em Rio,

Minas, mas em outras regiões mesmo nos pueblos onde existe o partido trabalhista não existe juventude.

Mas apesar desta luta, os inimigos não conseguiram impedir e desviar a juventude da luta pelas suas reivindicações.

Nos movimentos grevistas de 1934/35, onde as greves do proletariado empurrou para a luta camadas populares, constatou-se a grande participação e combatividade da juventude; nas greves econômicas e políticas. Mas também constatamos que enquanto o partido que participou e dirigiu estas greves via não só aumentar sua influência, triplicando seus membros, a JC que participou e participa nestas greves, embora francamente, não consegue desenvolver-se e nem ao menos acompanhar o desenvolvimento do partido, não passando seus efetivos de 1.500 membros. A organização da ANL organização de frente nacional anti-imperialista, onde participam milhões de massas populares, em luta contra o imperialismo e o feudalismo, pela libertação do país e do povo brasileiro, veio mais uma vez demonstrar a rápida politização e o desejo de luta da juventude. Na Aliança participam dezenas de milhares de jovens, em suas manifestações e comícios, nos diretórios e núcleos da Aliança junto com os adultos, e também existem os núcleos juvenis da Aliança nas fábricas, escolas, sindicatos, bairros etc., dos quais participam jovens de todas as camadas e tendências. Nas lutas dirigidas pela Aliança pelas liberdades democráticas, contra o terror e o integralismo a juventude está sempre à frente como em São Paulo, Petrópolis, onde em consequências do choque com a reação houve jovens mortos, e dezenas de feridos.

Em novembro de 1934 quando falava em uma manifestação contra a guerra e o fascismo o jovem comunista Tobias Warchaviski, houve um conflito com a polícia ficando dois jovens mortos, dezenas de feridos e o nosso camarada preso, sendo barbaramente assassinado na polícia. E os bárbaros, para ocultarem o seu crime, abandonaram o corpo na floresta, sendo encontrado depois em completa decomposição.

O assassinato destes jovem comunista indignou a todo o povo do Brasil. Organizou-se uma comissão popular de inquérito para apurar este bárbaro crime e em poucos dias esta contava já com o apoio de mais de 100 mil pessoas, desde organizações operárias, pequeno-burguesas e intelectuais até de grupos burgueses descontentes com o governo e a sua política de terror. E esta frente única contra o terror e por justiça, foi uma grande experiência para a organização da Aliança Nacional Libertadora.

A organização desta ampla frente nacional anti-imperialista, anti-feudal e com a eleição do camarada Prestes, nosso herói nacional para presidente honorário da ANL, o chamado que o mesmo fez à juventude para ocupar seu posto na luta pela libertação do povo e da pátria e contra a vergonha do fascismo e da barbárie fascista que os integralistas querem impor ao Brasil... e também a melhor linguagem com que nos dirigimos aos jovens integralistas, mostrando o caráter reacionário e imperialista de seus chefes, há provocado verdadeira debandada nas hostes integralistas (fascistas) e dezenas de jovens passam para a Aliança, fazendo alguma declaração pública desmascarando o fascismo, apelando para os jovens iludidos despirem os uniformes, e virem para os núcleos juvenis da Aliança, muitas sedes integralistas já foram até fechadas etc.

A organização desta ampla frente nacional libertadora, e a participação nesta organização das amplas camadas de várias tendências da juventude, demonstrava na prática que a JC não podia continuar como grupos sectários isolados destas massas juvenis, portanto estava praticamente planteado a necessidade de nova forma de organização, novos métodos de trabalho, que pudessem agrupar os milhões de jovens em todo o país, em defesa de seus direitos (saúde, cultura e liberdade). E nossos camaradas embora com debilidades e incompreensão de como começar esta difícil tarefa, como utilizar as possibilidades legais que oferecem o movimento nacional libertador, eles se atiram nesta luta começando pela preparação da organização de um congresso nacional da juventude brasileira de onde deverá sair a nova organização nacional da juventude.

Para iniciar a preparação deste congresso, foi organizada uma comissão nacional provisória, na qual participam jovens comunistas e jovens que participam nos diretórios e núcleos juvenis da ANL. Dirigindo esta comissão está o nosso camarada Ivan Pedro Martins, que é um verdadeiro caudilho das massas, nas manifestações e marchas da ANL. Sua voz ardorosa em defesa dos direitos da juventude, há mobilizado milhares de jovens em todo país. Ainda a pouco, quando de volta de uma marcha da ANL ao norte do país; foi alvo no Rio de Janeiro de uma grande manifestação por parte da juventude. Isto é uma das garantias do grande êxito a realização deste congresso. Esta comissão sobre a plataforma de convocação de um congresso nacional para organizar a frente única da juventude proletária, estudantil e popular, começou a propaganda entre as amplas massas juvenis. Foi organizado um programa dos direitos da nova geração do Brasil, o qual se resume em saúde e cultura e liberdade. É um programa amplo, que toca nos direitos e nas reivindicações das amplas camadas da juventude e há mobilizado milhares de jovens em todo o país em torno deste programa. Foram organizados núcleos de jovens para a preparação do congresso, nas fábricas, sindicatos, escolas, bairros, campo etc., realizam-se conferências, lutas pela adesão das organizações juvenis ao congresso etc.

Existem núcleos organizados com 15 e 30 jovens, como o da faculdade de direito que conseguiu a adesão ao mesmo [menos] de mais 3 diretórios estudantis. Estão aderidos ao congresso dezenas de clubes esportivos, culturais, associações femininas, diretórios estudantis, seções juvenis, sindicatos etc., e conta com o apoio de centenas de intelectuais, frentes negras, centro de cultura moderna, Federações sindicais e sindicatos individuais. Para garantir a maior participação da juventude, melhor organização das reivindicações, e democraticamente escolherem os delegados ao congresso nacional trabalha-se para a realização de Congressos estaduais. Assim realizou-se legalmente o congresso no estado da Bahia, onde participaram mais de 2.000 jovens de todas as camadas e tendências, e no qual se obteve bastante êxito. No estado de São Paulo onde a reação é mais forte e a polícia encarcerou 40 jovens na primeira reunião preparatória, luta-se para a ampliação do trabalho de massa para a realização legal do Congresso. Assim, realizou-se um pic-nic onde participaram 600 jovens. E depois, convocaram uma reunião preparatória do Congresso, para um campo de esporte aderido ao mesmo comparecendo 2.000 jovens. Isto demonstra que a juventude enfrentando toda a reação, há atendido e compreendido a necessidade da frente única para a defesa de seus direitos.

No Rio de Janeiro, Paraná, na primeira reunião preparatória foram presos os delegados e dispersas as massas juvenis à bala e gases. E o Congresso que deve ser ilegal, e que se realizava em agosto foi transferido em consequência do terror desencadeado contra a juventude. Mas apesar das dificuldades e a reação, luta-se com entusiasmo para a realização desta ampla frente única da juventude brasileira, que jogará um papel importante na revolução nacional libertadora no Brasil. Agora mesmo, apesar de toda a reação, milhares de estudantes de colégios e escolas superiores, realizaram sob nossa direção, uma vasta frente única, e grande demonstração de ação comum em torno da consigna de baixa de 50% nos transportes, materiais escolares, matrículas etc. A polícia do Rio assaltou a demonstração a tiros, gases lacrimogêneos e cassetetes, o que não só fortaleceu a frente única estudantil no país, como provocou protestos de todas as classes sociais. Respondendo ao golpe da reação, organizaram e realizaram nova manifestação, e esta já com o caráter de luta contra o terror e pelas liberdades democráticas. O reforçamento desta frente única estudantil já se faz sentir, os estudantes de São Paulo com a mesma consigna dos 50%, contra a reação etc., apesar de proibidos pela polícia realizam uma grande demonstração.

O início deste amplo trabalho de massa nos deu possibilidade de melhorar e ampliar nossa imprensa, pois além do órgão central da JC ilegal, conseguimos tirar um jornal legal sob o controle da comissão que prepara o Congresso e vários jornais de escola e revistas.

O Congresso em via de se realizar em encontra por isso grandes perspectivas para que dele saia uma vastíssima organização nacional juvenil de massas. A juventude brasileira como

todo o povo do Brasil aderirá com entusiasmo a luta pelos seus direitos, por suas liberdades, roubadas pelo imperialismo e seus agentes nacionais.

As grandes tarefas traçadas pelo VII Congresso Mundial da Komintern para o trabalho comunista no setor juvenil e as tarefas que agora discutimos no sentido de unificar a juventude em uma só Internacional juvenil comunista podem, pois, ser com rapidez executadas no Brasil; se nós soubermos agir e trabalhar.

Com grandes êxitos camaradas, já iniciamos esta tarefa, compete-nos agora corrigir nossos erros e debilidades anteriores, e dar amplas e variadas formas de organização de base desta nova organização que se pretende organizar; chamar à luta pelos direitos da nova geração brasileira, a todos os jovens e suas organizações que não estão aderidos ao congresso. A condição semicolonial e semifeudal do nosso país, favorece nele a organização de uma frente única de mais larga amplitude, visto como a luta atual do povo brasileiro contra as imposições do imperialismo e a reação terrorista interessa não só aos milhões de jovens operários, camponeses e pequeno-burgueses, como ainda a própria juventude burguesa nacional-reformista e democrata.

Como devemos e podemos aplicar as tarefas citadas em nosso país? Que tipo de organização juvenil de massas deve sair do congresso que se prepara?

Penso, camaradas, que tal organização deve romper de uma vez com o nosso tradicional sectarismo. Essa organização não deverá ser nem sequer um organização de operários, camponeses e estudantes, e sim, como diz toda propaganda do congresso, uma organização juvenil popular, que reúna a todos os jovens de todas as tendências políticas ou religiosas que desejem a liberdade, o progresso, o bem estar e a cultura da juventude e que queiram lutar contra a escravidão da pátria pelo imperialismo. Nesse sentido, a nova organização juvenil deve lutar para ampliar a frente única, atraindo todos os jovens que não participaram e não participam da mesma. Em linguagem de camaraderia e clara dirigir-se aos jovens católicos, negros, trabalhistas etc., também como amigos; esclarecendo por todos os meios aos jovens integralistas a política reacionária, imperialista, guerreira dos chefes fascistas, separando os chefes das massas que os seguem em sua maioria composta de jovens, grande parte dos quais devemos e podemos atrair para a nova Federação.

Também não se deve esquecer a importância do trabalho entre as massas juvenis recrutadas e sorteadas para o serviço militar, entre os jovens que servem já no Exército e entre os reservistas já saídos do Exército e que receberam a instrução militar. Nós já temos executado, junto com o Partido, grande trabalho nas forças armadas. A nova organização juvenil deverá continua-lo, alargando-o e melhorando-o, dentro da linha geral de que falamos. Também já temos penetrado com êxito na União Feminina, vasta organização de mulheres que a polícia acaba de fechar por suas ligações com a ANL e por suas atividades em defesa dos direitos especiais das mulheres do Brasil. Temos que procurar uma forma ampla e permanente para a organização dos jovens camponeses, setor que nosso trabalho é muito fraco.

Uma tarefa importante cabe, nesse sentido, a nós da Juventude e do Partido Comunista, a de participar nessa organização com audácia e sem nenhum sectarismo, realizar a educação das mais largas camadas de jovens no espírito da luta de classes.

Para realizar tal tarefa, penso em primeiro lugar que a nova organização não pode ter a mesma estrutura orgânica que hoje tem a nossa juventude. Julgo que ela deverá repousar sobre clubes, esportivos, recreativos, culturais, organizações juvenis em escolas, fábricas, fazendas, bairros, quartéis, navios, em clubes juvenis esportivos, culturais, recreativos, instrutivos nos sindicatos etc., como uma forma mais atrativa, para a permanência dos jovens nos sindicatos — substituindo-se pro eles as atuais sectaríssimas seções sindicais juvenis existentes.

Em segundo lugar, nós não devemos imaginar que o fato de termos tido a iniciativa dessa organização, quer dizer que ela deva ser logo uma organização de massa. Ela deve aparecer como uma organização independente, sem nenhuma tendência política partidária

exclusiva. Será um trabalho nosso justo dentro dela, e cada dia, e a cada hora, que nos permitirá na base da própria experiência das massas juvenis, educa-las e conquista-las para a nossa linha, para a revolução.

De que forma será este trabalho? Os comunistas devem saber empurrar a massa de jovens e suas organizações aderidas a nova Federação à lutar por suas reivindicações mais sentidas, à luta contra a reação, o imperialismo e pelas liberdades democráticas, aparecendo dentro dela como os mais dedicados e corajosos defensores dos direitos da nova geração. Devemos fazer a Federação organizar cursos e escolas de capacitação dos seus quadros, escolas e clubes de esportes e de leitura, conferências instrutivas, festivais etc. Devemos mudar nossa linguagem, aprender a falar às camadas juvenis menos avançadas, sem ferir seus sentimentos religiosos, seus preconceitos etc. Em terceiro lugar, penso que as atuais células e seções juvenis do comunistas devem se transformar em organizações de base a que me referi, e dentro destas organizações se deve realizar o trabalho de educação desta juventude contra o imperialismo, o fascismo e pela paz, reforçando assim o sentimento internacionalista da juventude.

Camaradas, julgo que dessa forma, e diante das grandes e imediatas tarefas que o movimento revolucionário no Brasil exige da juventude, e, que depende em grande parte da frente única de toda a juventude brasileira, poderemos realizar o trabalho de educação das amplas camadas da juventude brasileira, e conduzi-la à missão que lhe cabe nas lutas revolucionárias que se anunciam em nosso país.